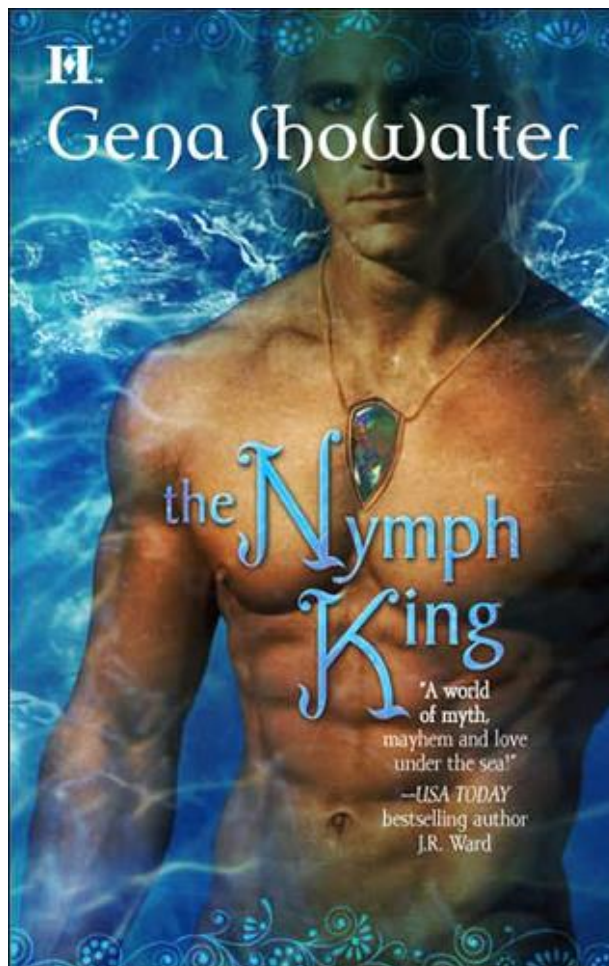


O Rei Nymph

Atlantis - 3
Gena Showalter



Equipe TIAMAT - WORLD

Disp em espanhol: Guardian Secrets

Envio e Tradução: Gisa

Revisão/Formatação: Joelma

Revisão final: Mayara

Arte/logo: Suzana Pandora



By Suzana Pandora

Entrem em um mundo mítico de dragões, demônios e Nymphs... entre em um mundo de misteriosa sedução e poderosa magia... entre em Atlantis.

Ele é Valerian, o mais misterioso sedutor já criado. Ele abraça cada aspecto de sua sensualidade, revelando-a em seus eróticos poderes. Nenhuma mulher pode resistir a seu potente encanto... até topar com a cínica Shaye Holling da época moderna da terra. A fome de Valerian por Shaye é profunda como a alma... ela é para ser oferecida aos seus homens...

Enquanto Shaye clama não querer nada que ver com o poderoso senhor da guerra cujo toque é igual ao fogo, sente-se inexplicavelmente atraída por ele. Sob o arrogante guerreiro há um complexo e poderoso homem. Um homem a quem está achado difícil resistir...





III Gena Showalter

Comentários

Revisora Joelma: *para quem, como eu, gosta de livros onde o mocinho é o típico machão assumido que viveu uma vida devassa com várias mulheres mais que quando encontra sua amada morre de ciúmes dela e faz de tudo para ganhar seu coração, este é um livro indicado.*

Revisora Mayara: *o mocinho é mais do que um machão assumido. É um machão assumido e mandão. A mocinha o deixa louco e luta com ele com unhas e dentes. É um livro bem divertido cheio de homens sexys e com uma mocinha bem cínica. Vocês vão adorar.*

King

"A world
of myth,
mayhem and love
under the sea!"

—USA TODAY
bestselling author
J.R. Ward



CAPÍTULO 1

Atlantis

Ao amanhecer, Valerian, o Rei dos Nymphs, desembaraçou-se da mulher nua que dormia a seu lado... só para descobrir que suas pernas estavam entrelaçadas com outras duas mulheres nuas, que dormiam.

Com um sonolento sorriso, voltou a se recostar na suavidade da cama, os escuros fios de cabelo feminino caindo em cima de seu ombro. Sedosos cachos vermelhos flutuavam sobre seu estômago, entrelaçando-se com graça com as mechas loiras de outra mulher. A satisfação ronronava dentro dele.

Só havia quatro mulheres na residência, e as quatro eram deliciosamente humanas. Completamente sexuais. Cativantes. Há algumas semanas, justo depois que seu exército tomou o controle daquela fortaleza, as mulheres entraram acidentalmente através de um portal que as conduziu do mundo da superfície. Os deuses deviam ter sorrido para ele uma vez ontem porque três delas encontraram a maneira de meter-se em sua cama.

Ele sorriu lentamente, e seu olhar fixo viajou sobre as saciadas belezas que dormiam tão pacificamente ao redor dele. Eram altas, voluptuosas e bronzeadas, com rostos que roçavam os limites que iam de audazmente valente a claramente encantadora.

Seja qual fossem suas aparências, não se preocupava. Amava as mulheres. Amava seu poder sobre elas e não se envergonhava disso. Nem se arrependia. OH, não. Ele desfrutava. Degustando-as. Saboreando-as.

Devorando-as.

Embora nenhuma em particular tivesse sido mais que um delicioso passatempo particularmente, ele adorava cada deliciosa plegada delas. Sua doce brandura, seus gemidos entrecortados. Seus sabores decadentes. Adorava a maneira como as pernas delas se apertavam ao redor de sua cintura, ou cabeça, e lhe dava boas-vindas ao paraíso, permitindo a ele um gentil deslizamento ou uma dura penetração, qualquer que fosse a preferência do momento.

Enquanto estava ali deitado, a luz se desprende como magros dedos do teto de cristal, acariciando tudo o que tocava e banhando suas companheiras em uma neblina de brilhantes sombras e brilhante luminosidade. O desejo perfumou o ar, quase evidente em seu embriagador aroma. O calor irradiou de cada um dos corpos femininos, tecendo um casulo perigosamente sedutor ao redor deles.



Sim, levava uma doce, doce vida.

As mulheres só tinham que olhar para Valerian para desejá-lo. Cheirar sua erótica e sedutora fragrância para se prepararem para seu prazer. Ouvir sua voz rouca, tão rica quanto o vinho para despir-se. Sentir uma só carícia das pontas de seus dedos para gozarem repentinamente uma e outra vez e rogar por mais. Ele não se gabava disso; era simplesmente um fato.

Nesse momento a mulher com os cabelos do corvo se moveu e descansou sua pequena e delicada mão, em seu peito. Janet? Gail? Não tinha certeza de seu nome. Na realidade, não podia recordar nenhum de seus nomes. Elas eram corpos, em uma longa fila de muitos corpos prazerosos nos quais encontrava distração; fêmeas que tinham escolhido com impaciência deixá-lo entrar.

— Valerian — ofegou a de cabelos escuros, em uma deliciosa súplica.

Sua expressão permanecia suave pelo sono, mas sua mão começou um lento deslizar e rodeou seu membro, acariciando-o de cima a baixo, despertando-o da sonolência.

Sem lhe dar sequer uma olhada, ele se estendeu para baixo e enlaçou sua mão na dela, acalmando seus movimentos e levando seus dedos aos lábios para um casto beijo. Ela tremeu e ele sentiu como seus mamilos se endureciam contra seu flanco.

— Esta manhã não, doçura — disse ele, falando a língua nativa dela. Havia lhe custado as duas últimas semanas completas, mas finalmente tinha dominado com fluidez seu estranho idioma. Quando que ele o entendeu, era como se alguma parte dele sempre o tivesse sabido. — Em alguns minutos, devo me pôr em marcha. Necessitam de mim em outro lugar.

Tanto quanto gostaria de ficar e perder-se em outra hora, ou duas, de tal deliciosa libertinagem, seus homens o esperavam na areia de treinamento. Ali, os ajudaria a afiar suas habilidades com a espada e a vencer a frustração que se abatia sobre eles tão ferozmente todos aqueles dias. Esperando que suas sempre presentes necessidades carnis ficassem esquecidas enquanto se preparavam para a guerra que ele sabia pendia no horizonte.

Guerra. Suspirou. Já que seu exército conquistou aquele palácio o roubando dos dragões, dragões já fracos por sua batalha anterior com os humanos, a guerra era inevitável. Ele tinha aceitado isso. Mas agora seus homens estavam debilitados. Entretanto, não pela batalha. Eles estavam fracos por causa do sexo. E isso era inaceitável.

O contato sexual ajudava suas mentes e corpos a conservarem a força. Era assim no caso dos Nymphs. Talvez devesse ter trazido as mulheres



nymphs com eles para aquele palácio. Mas para mantê-las a salvo, ele as obrigou a permanecer para trás. Não esperava ficarem separados delas por tanto tempo.

Já que a batalha inicial tinha terminado, ele tinha convocado suas mulheres ali. Infelizmente, não tinham chegado e não havia nenhum rastro delas nas Cidades Interior ou Exterior. A preocupação crescia diariamente dentro dele. Tinha enviado um batalhão de homens para buscá-las, com ordem de matar a qualquer um que pudesse as ter machucado. Para infortúnio daquele inimigo, a ira de um Nymph era algo terrível.

Apesar de sua preocupação, não duvidava que se as mulheres, que necessitavam de sexo tão desesperadamente quanto os varões, tivessem encontrado casualmente um grupo de homens, teriam terminado em uma orgia. Entretanto, isso não ajudaria seus homens.

—Hmm, é tão gostoso — sussurrou a mulher morena a seu lado. — Estar perto de você é melhor que fazer amor com qualquer outro homem.

—Sei, doçura — respondeu Valerian distraidamente.

Sem o final da abstinência de seu exército em vista, deveria se sentir culpado por seus excessos de ontem à noite. E teria se sentido culpado, se tivesse sido ele que convocasse as mulheres ali. Mas elas o seguiram, rasgando suas roupas e passando suas línguas sobre cada polegada de sua carne antes que ele pusesse um só pé no quarto.

Realmente, tinha tentado enxotá-las e enviá-las aos seus homens, mas as mulheres o atacaram com ferocidade. Que mais podia ter feito se não aceitar o oferecimento? Qualquer outro homem, com um membro completamente funcional, o que era o caso, faria o mesmo.

Talvez, depois da sessão de treinamento, sugerisse outra vez a esses deliciosos petiscos que encontrassem outros amantes.

—Sei que tem que ir, mas... estou morrendo de vontade de tocar em você, Valerian. — Os cílios negros revoaram timidamente, e a mulher com o cabelo da cor do corvo fez um biquinho com os lábios. Ela se apoiou no cotovelo, colocando seus exuberantes seios em linha direta com seus olhos—. Não me diga não — ela suplicou, riscando com a ponta do dedo ao redor de seu mamilo. — Você cuidou de mim maravilhosamente ontem à noite. Deixe-me cuidar de você agora.

Do outro lado dele, suas companheiras espreguiçaram-se.

—Mmm — suspirou a dos cachos vermelhos. — Bom dia.

A outra se espreguiçou como um gatinho contente, emitindo um baixo e rouco ronrono. Quando se levantou pouco a pouco até sentar-se, suas



despenteadas mechas douradas caíram sobre seus ombros. Quando a olhou, sorriu lenta e sedutoramente.

— Bom dia — arrastou as palavras, o sono tingindo sua voz.

— É fabuloso — disse a ruiva, seus olhos azuis claros se abriram amplamente ao recordar a satisfação.

— Como está... doçura? — Outra vez ele tentou recordar seu nome, mas não pôde. Deu de ombros. De qualquer forma não era importante. Para ele todas eram “doçura”. — Amanheceu, e é hora de todo mundo voltar para seus deveres.

— Não nos mande embora. Ainda não — disse a morena. Seu fôlego quente abrasou seu ouvido um momento antes que sua língua estalasse e passasse sobre a curva de sua face esquerda. — Deixe-nos provar — Beijou sua mandíbula — “outra vez” — mordiscou sua garganta —, você.

De repente três conjuntos de mãos e seios estavam por toda parte dele. Quentes, e ambiciosas bocas o chupavam. Úmidos e necessitados centros femininos esfregavam-se contra ele. O aroma do novo desejo flutuando pelo ar da cama, o envolvendo.

— Só estar perto de você faz que me desespere por gozar — ofegou uma.

— Sempre sabe o que quero inclusive antes que eu saiba — ofegou a outra. — Não posso ter o bastante de você

— Sou viciada em você — ofegou a terceira. — Morrerei sem você.

Os gemidos e gritos de prazer ressoavam em seus ouvidos, a insaciável luxúria feminina as tornava frenéticas por seu toque. Um feroz calor aqueceu seu próprio sangue, revigorando-o como só o sexo podia fazê-lo. Às vezes, quando a necessidade o dominava, via-se reduzido a um estado anormal, possuindo suas amantes com uma intensidade tão selvagem que se satisfaria melhor no campo de batalha.

Agora era uma dessas vezes.

Com um grunhido, abriu a boca e aceitou o beijo de alguém, suas mãos enredaram-se nos cabelos e na doce fragrância da pele. Talvez se unisse aos seus homens para o almoço...

Clang. Woosh. Clang.

O suor gotejava descendo pelo peito nu de Valerian, realçando e rodeando seus músculos reunindo-se em seu umbigo quando balançou a espada, interceptando de repente o pesado metal da arma levantada de seu opositor.



Broderick cambaleou para trás e caiu sobre seu traseiro, lançando sujeira em todas as direções. Um pouco disso salpicou as polidas botas de Valerian.

— Levante-se, homem — ordenou quando Broderick permaneceu no chão,

— Não posso — ofegou seu amigo.

Valerian franziu o cenho. Essa era a quarta vez que Broderick caía no chão durante sua sessão de treinamento, e só estavam praticando há uma hora. Geralmente tão forte e poderoso quanto o próprio Valerian, a debilidade de Broderick hoje era desconcertante.

A culpa que antes tinha conseguido negar ganhou vida. Deveria ter enviado as mulheres na véspera, deveria ter resistido mais resolutamente a elas essa manhã. Enquanto ele estava mais forte que nunca, esses corajosos guerreiros ficaram reduzidos a isso.

— Maldição — murmurou Broderick, sua voz altiva. De qualquer forma permaneceu no chão, com a cabeça encurvada e elevando as mãos, os cabelos dourados ocultando seus olhos. — Não tenho certeza de quanto mais disto posso resistir.

— E o restante de vocês? — Valerian cravou a ponta de sua espada na areia, uma ponta que foi forjada e afiada com a imagem de uma alongada e letal caveira, uma ponta que causava um dano irreparável.

Tinha chamado-a adequadamente de A Caveira.

Seu olhar fixo viajou pelas filas de seu exército. Alguns estavam sentados sobre um banco, afiando suas lâminas, enquanto os outros se apoiavam contra uma parede de prata esbranquiçada, com expressões perdidas, longínquas. Só Theophilus parecia preparado para algo mais que uma sesta. E só Theophilus prestou ao menos um pouco de atenção a ele.

Bem, isso não era de tudo certo. Joachim estava curvado, os cotovelos apoiados em seus joelhos, sua cabeça inclinada para um lado enquanto olhava fixamente para Valerian com indiscutíveis faíscas de Fúria.

O que era que zangava seu primo agora.

— Alinhem-se. — Ordenou Valerian a todo o grupo. — Agora. — Seu tom incisivo finalmente captou sua atenção.

Lentamente formaram uma fila torpe, só alguns deles tentavam parecerem conscientes. Seu cenho franzido ficou mais profundo. Seus homens eram altos e musculosos, com pele bronzeada e feições perfeitamente esculpidas. A força de sua beleza às vezes fazia mulheres adultas chorarem. Mas agora mesmo suportavam profundas linhas de tensão ao redor dos olhos e bocas, seus punhos tremiam e se mantinham sobre pernas instáveis.



—Necessito de vocês fortes e capazes, mas estão tão fracos quanto um bebê, cada um de vocês. —A qualquer momento, Darius, o Rei dos Dragões, descobriria que Valerian tinha tomado aquele palácio, derrotando a cada um dos que estavam em seu interior e o tinha atacado.

Quão rápido cairiam esses guerreiros se os desafiassem hoje.

Suas mãos se apertaram aos seus flancos. O fracasso não era algo que se permitisse. Jamais. Não, preferia morrer. Um guerreiro ganhava sempre. Sem exceção alguma.

Broderick suspirou e esfregou uma mão no rosto, sua expressão severa.

—Necessitamos de sexo, Valerian, e o necessitamos agora.

—Sei. —Infelizmente, as três exaustas humanas que dormiam em sua cama, nunca seriam capazes de administrar todos aqueles Nymphs famintos de luxúria ao mesmo tempo.

—Poderia enviar um punhado de soldados à Cidade Externa para capturar sereias. —Uma raça de mulheres que se deleitavam com o sexo igual os Nymphs faziam.

Mulheres perigosas, sim. Mulheres que atraíam, seduziam e matavam. Bem, tentavam matar. Mas elas eram maravilhosamente satisfatórias quando caíam, completamente dignas do risco.

Entretanto, as poucas vezes que seus homens entraram na cidade nas semanas anteriores, as mulheres de cada raça tinham permanecido bem escondidas, evitando os Nymphs como se fossem horríveis demônios, que cheiravam de modo asqueroso. Nenhuma queria encontrar-se escravizada à fome enigmática e sexual de um Nymph, perdendo sua identidade, desejando apenas agradar a seu amante. Um resultado inevitável. Inclusive para os companheiros. Aquelas mulheres, quem quer que fossem, onde quer que as encontrassem, eram entesouradas, mas ainda eram escravizadas.

—Posso cheirar às humanas em você, e isso faz que minha própria necessidade se incremente — disse Dorian. Com seus cabelos pretos, traços divinos e malicioso senso de humor, as mulheres de cada raça geralmente iam a ele. Embora, agora não houvesse nada malicioso nele. Irradiava ciúmes e ressentimento. — Mataria você se tivesse força.

Mais culpa varreu Valerian. Tinha que arrumar isso. Tanto quanto odiava admitir, só havia uma verdadeira solução para aquele apuro.

—Ainda desejam viajar através do portal? —perguntou, enlaçando suas mãos atrás das costas.

Desde o descobrimento da estranha piscina invertida nas grutas abaixo do palácio, a mesma piscina pela qual as mulheres tinham viajado do mundo



da superfície para Atlantis, seus homens tinham suplicado tantas vezes para entrar que tinha perdido a conta. Cada vez sua resposta tinha sido a mesma: Deuses, não. Seu amigo Layel, o Rei dos Vampiros, havia dito a ele que os Atlantes não podiam sobreviver na superfície durante longos períodos de tempo.

Além disso, ele necessitava de seus homens ali, preparando-se para lutar e defender. Mas fracos como estavam agora, esses guerreiros não venceriam nem a um grifo que perseguisse sua cauda, muito menos um brutal fôlego de fogo.

Se houvesse uma possibilidade de poderem encontrar mais mulheres humanas, viajar a superfície valia o risco, precaveu-se.

— Bem? — disse ele

Quase todos seus homens sorriram e se fecharam em torno dele. Um coro de “Sim” explodiu de suas bocas. Só Theophilus permaneceu tranqüilo, mas claro, ele não tinha nenhuma necessidade de visitar a superfície. Ele estava emparelhado com a quarta humana da residência.

Emparelhado. Valerian tentou não se encolher. Quando um Nymph se emparelhava, o fazia por toda vida. Não importava sua idade, suas circunstâncias, quando encontrava à mulher destinada a viver a seu lado, seu corpo não desejava a mais nenhuma; seu coração só pulsaria por uma. Uma única. Haviam dito a ele que um Nymph reconheceria essa “única” no momento em que a cheirasse, e ela, em troca, o reconheceria, o escolhendo acima de todos os outros.

Valerian, assim como muitos de seus homens, vivia com medo de encontrar sua companheira, ele desfrutava muito de sua liberdade. Não podia se imaginar desejando só uma mulher. Não podia imaginar uma mulher sendo capaz de manter seu interesse e saciar todas suas paixões além de uma só noite.

Possivelmente não estava destinado a tomar uma companheira. Um homem podia esperar, de todos os modos.

— Viajaremos pelo portal? — perguntou alguém, cortando seus pensamentos.

— Sim — disse ele. Estendeu seus braços se rendendo. — Por fim, meus amigos, rendo-me.

— Quando podemos ir? — perguntou Broderick.

— Obrigado, grande Rei — disse Shivaw.

— Deuses, meu membro necessita de alguns cuidados femininos — falou Dorian.



O alívio gotejava de suas vozes. Já a luxúria ardia no vermelho vivo de seus olhos, lhes dando novas forças. Não os culpou por sua ânsia de abandonar o palácio. Ele teria se reduzido a um animal resmungão, caso se visse obrigado a passar sem a doçura de uma mulher enquanto que eles as tivessem. Mas era algo que ele, como rei, nunca tinha tido que suportar. E nunca o teria suportado, estava seguro.

Seu apetite carnal era maior que qualquer dos outros, e simplesmente, nenhuma mulher podia resistir a ele. Um fato que seus homens aceitaram há muito, e ele mesmo desfrutava.

—A maioria de vocês terá que ficar aqui, guardando o palácio — informou ele. — E os que vão, não podem ficar muito tempo. Não mais de uma hora, talvez duas. Nós traremos tantas quantas pudermos para vocês, depois decidiremos quem fica com quem.

—Deveríamos ter ido há dias — queixou-se Joachim.

Valerian decidiu não dar importância a ele. Sabia que a frustração falava por seu primo.

—Por que temos que voltar tão rápido? —perguntou Dorian, voltando a franzir o cenho. — Quero desfrutar de uma amante ou duas antes de voltar para casa.

—Não sabemos nada da superfície, sua gente ou suas armas, mas mais que nada não sabemos quando os dragões nos atacam. Devemos entrar, enrolar as mulheres que queremos e nos apressar em voltar.

As loiras sobancelhas de Broderick se arquearam.

—Nós?

—Eu os conduzirei, é obvio. —Não enviaria seus homens a um território inexplorado sem ele. — Mas não há com que se preocupar. Não tomarei nenhuma mulher para mim. As três mulheres felizmente saciadas e adormecidas em meu quarto são estímulo suficiente para mim. —No momento. — Deixarei a reclamação para você.

CAPÍTULO 2

Um casamento na Florida. Arrematado pela ampla extensão de praia reluzente, o agitar das ondas azuis, um mágico pôr-do-sol rosa e dourado e a cálida e abafada brisa. Com pétalas de rosas brancas que foram dispersas ao



longo da areia fina, dançando e girando a cada vento gentil. O casal que agora mesmo estava prometendo seu amor eterno olhava fixamente um nos olhos do outro, suas mãos enlaçadas, seus lábios ligeiramente separados em espera do próximo beijo.

Havia algo mais doce? Algo mais romântico?

Havia algo mais digno de uma mordaca?

Shaye Holling expeliu um suspiro frustrado e baixou os olhos para o seu biquíni de conchas marinhas e a saia de ráfia¹. Quem elegia esse tipo de merda para as damas de honra? Alguém que queria que se parecesse com as mais horríveis bestas monstruosas. Entre mais feias damas de honra, mais bonita pareceria a noiva.

Deus, temia o que a multidão de espectadores luxuosamente vestida pensaria de seu traje de “me deixe dançar o hula-hula em seu colo”.

Possivelmente pareço uma libidinosa não morta.

Branca, como era Shaye. Pele clara, cabelos claros. Mais de uma pessoa zombou dela ao longo dos anos, chamando-a de Gasparzinho, Rainha das Neves, Vampiro, Albina. A lista subia vertiginosamente sem cessar. A única cor que possuía vinha de seus olhos; esses eram de um profundo e belo castanho, e era, em sua opinião, seu único traço resgatável.

Podia ter utilizado o autobronzeador que sua mãe tinha enviado para esse acontecimento, mas as conseqüências da última vez que tentou se bronzear com aquele tipo de produto ainda estavam muito frescas em sua mente: pele alarmantemente alaranjada, com um aspecto doentio, as mãos cheias de pústulas e olhares horrorizados. Possivelmente deveria ter passado algumas horas em uma câmara de bronzeamento. Podia enchê-la de ampolas da cabeça aos pés, mas ao menos teria um pouco de cor. Vermelho caminhão de bombeiros, é óbvio, mas era uma cor.

Enquanto estava ali de pé, uma nova idéia para seu negócio, Anti-Postais, apareceu em sua mente.

Devo admitir que você trouxe a religião para minha vida – pensou ela olhando fixamente para a noiva, que também era sua mãe. – Finalmente acredito no inferno.

Suspirou. O longo comprimento de seus cabelos branco prateado acariciou seus ombros, uma perfeita imitação do perfeito vestido de cetim

¹ Ráfia é o nome dado às fibras das palmeiras do gênero *Raphia*, comumente usadas para fabricação de sacos para transporte de frutas entre outros usos.



creme que ondeava nos tornozelos de sua mãe. Havia alguém mais bonita que Tâmara, futura senhora Waddell? Alguém mais cirurgicamente realçada? Alguém que utilizasse aos homens igual à Kleenex ²sexuais?

Esse qual era? O sexto matrimônio de sua mãe?

Nesse momento, sua mãe a olhou e franziu o cenho.

—Endireite-se — articulou. — Sorria.

Como sempre, Shaye não pretendia prestar atenção as proveitosas ordens. Centrou sua atenção no pároco.

—Para amar, honrar e cuidar... — dizia ele, seu tom de barítono fluando através do cálido pôr-do-sol.

Shaye ouviu principalmente blá, blá, blá antes de bloquear completamente sua voz.

Amor. Como desprezava aquela palavra. As pessoas usavam o amor como desculpa para fazer o ridículo. Enganou-me, mas vou ficar com ele por que o amo. Bate em mim, mas vou ficar com ele por que o amo. Rouba cada centavo de minhas economias, mas não vou pressioná-lo por que o amo. Quantas vezes sua mãe tinha utilizado aquelas mesmas palavras?

Quantas vezes os noivos de sua mãe mentiram para Shaye, afirmando que o haviam feito só por que se apaixonaram por sua mãe e nesse amor ela entrava? Ela mal era uma menina naquele tempo. Naquele tempo. Perversos.

O pai de Shaye era outro exemplo da estupidez “o amor é tudo o que importa”.

Tenho que deixar sua mãe por que me apaixonei por outra pessoa. Pelo visto, apaixonou-se “várias vezes” por outra pessoa.

Depois que sua última esposa o enganou e se divorciou logo depois dele, Shaye tinha enviado para ele um cartão com “sinto muito”. O que realmente queria ter enviado para ele era: “Enfim obtive o que merecia idiota de alto nível, não é mesmo”. É óbvio, nenhum tinha estado disponível, razão pela qual ela começou a fazer seus próprios cartões. O negócio Anti-Cartão era um sucesso. Parecia que havia muita gente que queria mandar alguém para merda, de maneira sutil.

Ela trabalhava oitenta horas por semana, mas não mencionava isso. Graças a cartões tão populares como “Sou tão miserável sem você, que quase parece que está aqui” e “Pode fazer mais com uma palavra amável e uma arma que só com uma palavra amável”. Tinha proporcionado emprego a vinte

² Kleenex encontrei referência a lenços de papel



e três mulheres e havia feito mais dinheiro de que tinha sonhado alguma vez possível.

A vida, para a menina de aspecto estranho que nunca tinha se encaixado nas expectativas de seus pais, era finalmente boa.

—Pode beijar a noiva — disse o pastor.

Graças a Deus. Shaye soltou um suspiro apressado, seus ombros caíram quando a tensão se derreteu. Logo estaria em um avião, voando para Cincinnatti e para seu tranquilo e pequeno apartamento. Nenhum sinal de romance a irritaria lá. Não havia nem sequer um gato que a incomodasse.

Entre alegres aplausos, o noivo depositou um úmido beijo na bochecha implantada de sua mãe. O brilhante casal se virou e passeou pelo corredor, o lírico toque de uma harpa ressoando detrás deles. Shaye se aproximou pouco a pouco da água, afastando-se das massas, escapando agora que todo mundo se dirigia à tenda da recepção.

Fez seu dever como filha, outra vez, e não havia razão para ficar. Além disso, queria tirar o irritante sutiã de conchas e a obscena saia de mato o quanto antes.

—Aonde vai, boba? —disse uma das outras damas de honra, abatendo-se sobre seu braço com um surpreendente apertão de ferro. — Supõe-se que tiraremos as fotos e serviremos aos convidados.

Assim, a tortura ainda não tinha terminado. Ela gemeu.

Depois de uma hora posando para o fotógrafo, que finalmente deixou de tentar fazê-la sorrir, encontrou-se servindo bolo a uma longa fila de convidados carregados de champanhe. A maior parte deles não prestava atenção nela, simplesmente arrancavam o bolo dela e se afastavam falando, mas, ela supunha, que a achavam muito rude e se retiravam rapidamente.

Quando isto acabará? Só quero ir para casa.

Mas a fila tinha deixado de se mover, prolongando sua tortura. Gr.. Ela deu uma olhada. Um homem tinha pedido sua sobremesa, mas não tinha deixado o lugar. Em vez disso a olhava, estudando-a.

—Posso ajudar você?

—Pegarei uma pequena fatia se você a servir — respondeu ele, equilibrando o prato em uma mão e revolvendo o champanhe com a outra.

Seus olhos verdes cintilaram com alegria.

Ele vestia uma camisa branca desabotoada no pescoço, a gravata preta solta e calça social preta. Seus cabelos loiros estavam perfeitamente cortados, nem uma só mecha fora do lugar. O padrinho, ela recordou.

—Senhor, está paralisando a fila. —Ela se forçou a endurecer o tom e pôs



uma expressão severa enquanto voltava a cortar o bolo e pô-lo nos pratos. Tinha aprendido precocemente que era melhor manter as pessoas a distância desde o começo. E se dessa maneira fazia que a odiassem, que assim fosse, por que não podia permitir-se nem a mais suave emoção, a mesma coisa que levava a desilusão, o rechaço e a angústia. — Agora se mova.

O homem não se afastou como ela esperava.

— Acredito que talvez necessite...

— Shaye, carinho — chamou-a sua mãe de maneira confiante. O caro aroma de seu perfume emanava dela, mesclando-se com o aroma do açúcar e das especiarias quando flutuou ao lado de Shaye. — Estou contente de que tenha conhecido seu novo meio-irmão, Preston.

Meio-irmão? De maneira nenhuma. Isso mostrava exatamente quanto contato Shaye tinha tido com sua mãe nesses passados anos. Não sabia que o noivo número seis tinha filhos. Realmente, não tinha conhecido nem mesmo seu novo papai até uma hora antes do casamento.

Shaye olhou para Preston.

— Nunca me dei bem com os outros — disse ela suavizando sua grosseria de antes.

Mas só isso, nada mais.

— Ouvi isso — disse ele, rindo entre dentes.

Era inclusive mais bonito quando ria dessa maneira. Afastando os olhos, reuniu dois pratos e os passou às pessoas detrás dele.

— É um prazer conhecê-lo, Preston, mas realmente tenho que terminar de servir os convidados.

A banda escolheu esse momento para dar início a uma suave e romântica balada. Preston ainda não tinha captado a indireta e não se afastou.

— Nunca pensei que diria isto, mas quer dançar comigo, irmãzinha? Depois que acabar aqui, é óbvio.

Ela abriu a boca para dizer que não, mas não surgiu nenhum som. Queria dizer sim, percebeu Shaye. Embora seus irmãos e irmãs mudassem mais freqüentemente que ela de roupa e como provavelmente não voltaria a ver esse homem, queria dizer sim. Não por que se sentisse atraída por Preston ou algo assim, mas sim porque representava tudo o que sempre se negou. E precisava continuar se negando. Era mais seguro dessa maneira.

— Não — disse ela. — Só... não. — Uma vez mais voltou sua atenção para o bolo.

Sua mãe emitiu uma longa risada.

— Não há nenhuma razão para ser grosseira, Shaye. Uma dança não a



matará.

—Disse não, Mãe.

Houve uma pausa, então:

—Você — disse sua mãe, com a voz repentinamente dura. Ela apontou para uma das outras damas de honra horrivelmente vestidas. — Acabe com o bolo. Shaye, venha comigo.

Dedos fortes se enrolaram ao redor do pulso de Shaye. Um segundo mais tarde era arrastada da tenda da recepção para a beira da praia. Aqui vamos outra vez... suspirou ela. Isso sempre acontecia. Sempre que ela e sua mãe se viam obrigadas a compartilhar o mesmo espaço, Tamara sempre explodia e Shaye sempre partia.

Deus, não necessito disto.

A areia afundou entre os dedos em sua sandália quando uma cálida brisa salgada a envolveu, açoitando sua saia de ráfia sobre os joelhos. Etéreos raios de luz da lua iluminavam o caminho. As ondas cantavam uma gentil e calma canção.

Os aveludados olhos de sua mãe, olhos exatamente iguais aos dela, se entrecerraram ligeiramente. Ela deixou a mão de Shaye cair como se seu contato pudesse lhe causar rugas prematuras.

—Trata meus convidados como se fossem indesejáveis.

Shaye envolveu seus braços ao redor da cintura.

—Se ao menos me conhecesse — disse ela com suavidade—, saberia que trato todo mundo dessa maneira.

—Não me importa como trata os outros! Tratará a todos que estão aqui, incluindo o Preston, não, especialmente o Preston, com respeito. Entendeu? Apenas... — ela afastou uma mecha de cabelo do rosto—, finja que tem coração durante algumas horas.

Isso doía. Com força. Mas Shaye se obrigou a sorrir.

—Por que não vai procurar seu novo marido e o deixa acalmá-la? Este tipo de transtorno só fará que se enrugue como uma passa.

Ofegando de horror, sua mãe apalpou a pele ao redor dos olhos, sentindo os pés de galinha.

—Só tenho Botox. Não deveria ter nenhuma ruga ou dobra. Vê uma ruga? Vê uma maldita ruga? Não posso elevar as sobrancelhas para encontrá-la, os músculos não funcionam.

Shaye revirou os olhos.

—O que estamos fazendo aqui?

Sua mãe chutou com força o chão.



—Finalmente encontrei o amor de minha vida. Será que não pode entender e ficar feliz por mim?

—Uh, olá. Este é o sexto amor de sua vida.

—Que demônios? Cometi enganos no passado. Isso é melhor que cortar por completo qualquer relação como você tem feito, só para evitar ser ferida.

—Ela fez uma pausa, levantando o queixo. — Você despreza todos os homens, Shaye. Nunca terá uma relação.

Não, não teria. Nunca mais. Sempre evitou os caminhos que deveriam ter levado a obter o mítico “felizes para sempre jamais”. A esse ponto, entretanto, tinha tentado essa coisa dos encontros. Tinha descoberto rapidamente que os homens nunca ligavam quando diziam que iam ligar. Não estavam interessados nela como pessoa; estavam interessados em conseguir tirar sua roupa. Olhavam para as outras mulheres quando se supunha que teriam que olhar para ela.

Mentiam, utilizavam, enganavam. O problema não valia a pena.

Shaye envolveu um fio de mato ao redor do dedo.

—Desejo a você tudo de bom com seu novo marido, Mãe. —Não havia razão para resumir tudo isso. Outra vez. — Agora, vou para casa.

—Não irá a nenhum lugar até que tenha se desculpado com Preston. — Empurrou um dedo em sua cara. — Tratou-o muito mal, e não permitirei isso. Não o farei, ouviu-me?

Tratou-o muito mal e se sentia mal por isso. Mas não pediria perdão. Isso convidaria a uma conversa. A conversa convidaria a uma amizade, e a amizade a emoção. A emoção, por último, convidaria a tudo o que tinha trabalhado com tanta força para evitar.

—Realmente espera que obedeça a uma ordem maternal de sua parte? Agora? Depois de uma infância em que fui criada por babás?

—Bem, sim — a resposta era vacilante.

—Está se esquecendo de algo. Sou a Princesa de Gelo de Bitterslovakia, a Grande Duquesa de BitterStonia e a Rainha de Bitterland. Não foi assim que me chamou durante anos?

Um suave ruído de ondas se quebrando na distância.

—Deveria saber que agiria desta maneira — soltou sua mãe. Com um zangado movimento do pulso, sacudiu uma escura mecha do ombro e contemplou a água. — Tudo o que queria era uma filha encantadora, normal. Em vez disso tenho que agüentar você. Não ficará feliz até ter arruinado meu casamento.

—Qual? — respondeu Shaye com secura, deixando de lado sua dor.



Preferia o frio intumescimento que a rodeava geralmente. Aquele intumescimento a salvou durante a infância, afastando-a da depressão e da desolação e colocando-a em uma vida satisfatória, se não de alegria.

—Todos eles, maldita seja. —Tamara não a olhou na cara, continuou olhando fixamente para a água. Soou outro chapinho, dessa vez mais próximo. — Está com ciúmes de mim, e por isso não quer que seja feliz. Cada vez que estou perto, faz algo para me ferir.

De todas as coisas que sua mãe disse, essa era a que mais a deixava sem saber o que dizer. Afinal, Shaye estava ali porque queria que sua mãe fosse feliz. Nunca tinha afastado a mulher de sua vida, porque, apesar de tudo, a amava. Era algo contra o que tinha lutado e odiado, mas assim era. A menina em seu interior não a deixaria sentir carinho por algo ou alguém, mas ainda queria a aprovação de sua mãe. Argh.

—Não me culpe por sua miséria. Você é a única responsável.

—Conner e eu quisemos que este dia fosse perfet... — Os olhos de Tamara se arregalaram, vidrando-se com luxúria quando cortou suas palavras abruptamente. — Perfeito. — Suspirou sonhadora. — Hmm. Tão perfeito.

A maneira que sua voz baixou para um rouco ronrono, como se quisesse tirar o vestido e dançar nua à luz da lua, fez Shaye piscar pela confusão.

—Umm. Olá. Discussão aqui.

—Homem. —Havia uma qualidade hipnótica na palavra, um encantamento que falava de paixão e fantasias secreta. — Meu homem.

—Do que está falando? —Shaye arrastou seu olhar fixo para o oceano.

Ficou de boca aberta pelo choque.

Ali, elevando-se das águas igual aos primitivos deuses do mar, estavam seis gloriosamente altos e musculosos bárbaros. A lua colocada reverentemente por trás deles, envolvia-os em um halo de ouro.

Cada um deles carregava uma espada, uma espada “cortarei você em um milhão de pedacinhos” digna de um Deus, mas ela parecia não poder fazer-se importasse. Também carregavam alguns mergulhadores e seus equipamentos de mergulho, alguns agarrados sob seus braços, outros nas costas. Outra vez, não parecia poder fazer nada para que se importasse.

Os guerreiros estavam sem camiseta, e todos possuíam uma tábua de lavar por robustos abdominais, pele tão bronzeada que parecia ouro líquido sobre aço, e rostos que qualquer supermodelo masculino teria invejado. Só que melhor. Muito melhor.

Incrível... surrealista... magnífico.

Shaye tomou ar, e seu coração saltou um batimento. O ar esquentou em



seus pulmões, queimando-se e lambendo-a com chamas candentes. Todos, os seis guerreiros estavam olhando-a de repente como se ela fosse uma comida saborosa, que não necessitava de baixela. Já era bastante estranho que ela quisesse se deitar sobre uma mesa, nua, oferecendo seu corpo como bufê. “Tudo o que você possa comer”. Grátis.

Umedeceu os lábios, a boca enchendo de água, a pele formigando, o estômago encolhido.

Estou excitada. Por que diabos estou excitada?

Mais importante, por que não ia embora?

Eles se aproximaram mais e mais. Tão perto agora que podia ver as gotas de água prateadas deslizando-se por seus peitos livres de pêlo e reunindo-se em seus sexys umbigos. A água deslizou mais para baixo, mais para baixo ainda... pensou ela.

Perfeição do oeste, tola, ela pensou aturdida.

Seu olhar caiu sobre o homem do centro e durante um tempo se esqueceu de mover-se.

Esqueceu-se de respirar. Perigo, avisou sua mente. Ele era mais alto que o restante, seus cabelos loiro escuro caíam em um emaranhado úmido, emoldurando suas feições que eram terrivelmente hipnotizantes. Seus olhos... ah, senhor. Seus olhos. Eram verde, azulados, nenhuma cor se mesclava com a outra, se mantinham sozinhas, e tão eroticamente sedutores que sentiu a atração de seu olhar até os ossos. Seus mamilos se endureceram e uma dor palpitou entre suas pernas.

Havia algo selvagem nele, algo indomável e selvagem, uma calma ilusória brilhava em sua expressão dizendo que faria o que infernos o agradasse, sempre que quisesse. E quando ela o olhou, ele olhou para ela. Estudou seu rosto, chamuscando-a com a vacilante excitação daqueles magníficos olhos dele, tornando-se mais profundos e mesclando o azul a um ardente turquesa. Mas a excitação foi rapidamente seguida por um brilho de raiva.

Raiva? Estava louco? Por ela?

—Meu — disse sua mãe contendo a respiração, ainda perdida em alguma espécie de transe. — Todo meu.

Sem parar suas confidenciais fanfarrônicas, os guerreiros saíram da água e deixaram cair os mergulhadores ainda inconscientes na praia. Com os braços agora livres, o guerreiro do meio curvou o dedo, chamando Shaye com gestos para ele. Tremendo, afogando-se em sua masculinidade, ela engendrou um jeito de mover-se e sacudir a cabeça em negação.



Vá a ele, suplicava sua mente travessa. Ela sacudiu de novo a cabeça, violentamente dessa vez.

O queixo liso do homem se inclinou para um lado e franziu o cenho.

—Venha aqui — disse ele, sua voz era um rouco sussurro que atravessou a pequena distância, tão viciante e embriagadora quanto uma carícia erótica.

Outro tremor percorreu sua coluna, tão intenso que quase caiu de joelhos. O que aconteceria se a tocasse? O que aconteceria se arrastasse aqueles deliciosos lábios rosados ao longo de cada curva e cavidade dela?

Detenha-se, Shaye, demandou uma pequena e racional voz interior. Só detenha-se.

—Venha aqui — repetiu ele.

—Sim — disse sua mãe, já andando para eles. Seu olhar sonhador se obscureceu com impaciência. — Tenho que tocá-lo. Por favor, deixe-me tocar em você.

A parte de Shaye que reconhecia que esses homens eram perigosos também reconheceu que havia algo errado com sua mãe, e com ela, contudo nada podia fazer para preocupar-se. Uma névoa sexual incrivelmente intensa tecia-se em sua mente, e nada mais importava.

—Lute contra isso — disse ela. — Lute contra isto, seja o que for.

Empreendendo uma guerra mental, chutou e empurrou as repentinas imagens mentais dela e daquele homem, nus e deitados juntos, a boca dele em seus seios, seus dedos deslizando-se em seu interior, suas pernas separando-se, dando a ele melhor acesso.

—Não. Não! — grunhiu ela.

Inclusive enquanto falava, um manto de calma assentou sobre seu pensamento. Uma familiar parede gelada encerrou suas emoções, deixando de lado tudo exceto a necessidade de fugir.

Esses homens, quem quer, ou o que quer que fossem, eram perigosos, suas intenções eram obviamente maliciosas. Tinham espadas, pelo santo Deus, e irradiavam luxúria. Luxúria de sangue, luxúria sexual, isso não sabia.

Eles estavam quase sobre ela.

Franzindo o cenho, com o medo aumentando, estendeu a mão e agarrou com força o braço de sua mãe, puxando Tamara para que se detivesse.

—Não se aproxime deles.

—Devo... tocá-los...

—Temos que pedir ajuda, advertir aos outros. Algo!

—Deixe-me ir. — Ela lutou contra o agarre de Shaye, desesperada por libertar-se. — Tenho que...



—Temos que voltar para a tenda. Agora se mova! —Arrastando sua mãe detrás dela, Shaye correu para a área da recepção, para as vozes que riam, a música suave e os confiantes convidados.

Enquanto corria, olhou para trás. Os homens não reduziram a marcha, não se afastaram. A luxúria e a fome se intensificaram em seus traços quando a seguiram.

—Ajudem-nos! —gritou ela, dando chutes na areia a cada passo. Afastou a cortina para um lado e entrou na tenda. — Alguém ligue para o 911!

Ninguém a ouviu. Estavam muito ocupados dançando e bebendo até o esquecimento, graças ao bar aberto.

—Deixe-me ir — continuou gritando sua mãe.

Quando não conseguiu obter sua liberdade, afundou seus pequenos e agudos dentes no braço de Shaye.

—Maldita seja! —Shaye fez a única coisa em que pôde pensar: enganchou seu pé por trás dos tornozelos de sua mãe e empurrou, enviando à noiva voando para trás sobre a mesa de sobremesa.

A comida e os pratos caíram no chão, mas ao menos sua mãe permaneceu na horizontal, tentando conter a respiração.

Várias pessoas olharam para Shaye, depôs para a noiva caída. Seus olhos se arregalaram, alguns confusos, outros horrorizados, mas sobre tudo divertidos.

—Há homens... —Shaye apontou — aí fora. Homens perigosos. Têm espadas. Alguém tem uma arma? Alguém ligou para o 911?

Voltando a orientar-se, sua mãe ficou de pé, indiferente a cobertura de açúcar vermelho e branco que agora manchava seu vestido de dez mil dólares. Ela abriu caminho entre os convidados à cotoveladas.

—Necessito dele. Deixe-me voltar para ele.

—Tamara? —perguntou seu novo marido, incrédulo. Precipitou-se para a noiva e a envolveu em seus braços, sua expressão preocupada quando ela lutou para se libertar. — O que está acontecendo com você, gatinha?

—Necessito... dele. —A última palavra foi pronunciada em um suspiro de alívio e felicidade.

Seis deuses do mar tinham aberto de repente a porta de trás da tenda. Entraram no interior, consumindo cada polegada de espaço respirável e bloqueando a única saída. A música parou imediatamente. Os homens convidados se encolheram, como se a morte acabasse de chegar, e as mulheres ofegaram de felicidade, já se movendo para os guerreiros, estendendo as mãos, impacientes por tocá-los.



—Saíam daqui — grunhiu Shaye. —Temos armas. Pistolas... e... e outras coisas ameaçadoras.

Seis pares de olhos exploraram a multidão, absorvendo cada detalhe... procurando... e logo se centrando nela. Ela tremeu, o calor atravessando-a. Imagens de nudez tentaram precipitar-se novamente nela. Pele suada, ruborizada, rosada com a excitação...

Outra vez não! Obrigou sua mente a permanecer em branco.

Quem eram esses homens? Como podiam fazer isso? Como faziam para que ela esquecesse quem e o que ela era e desfrutasse simplesmente dos prazeres que de algum jeito sabia que podiam dar a ela?

Lutando contra uma onda de pânico, Shaye agarrou rapidamente a faca de bolo do chão e a manteve em frente a ela. A cobertura cobriu sua mão; o coração pulsava irregularmente em seu peito. Na escola teve que lutar algumas vezes com seus meio-irmãos. Sim, tinha sido sua infrutífera tentativa de mantê-los a distância de modo que não comesçassem a gostar deles só para ter que deixá-los meses depois, mas realmente tinha conseguido ganhar algumas dessas brigas. Não que todos seus irmãos e irmã usassem espadas ou fossem mais musculosos que dois corpos bem constituídos juntos.

O guerreiro do meio, o gigante loiro maravilhosamente formado que a chamou com gestos na praia, fez gestos para ela mais uma vez. Ainda havia uma cólera indireta em seus olhos, ainda havia também uma coloração sensual neles. Agora, entretanto, parecia mais com um predador. Sexual. Na tenda bem iluminada, podia ver a argola de prata cintilando em seu mamilo.

—Venha — disse ele.

Possivelmente todo seu interior gritava para obedecer, para ir até ele, para sugar aquela argola com a boca enquanto se baixava contra sua ereção, mas engoliu e sacudiu a cabeça.

—Não.

Tinha uma ereção. Deus. Ela nem sequer tinha olhado para lá. Mas sabia, como se o conhecimento estivesse impresso em cada célula dela, que ele estava excitado.

Seus beijáveis e lambíveis lábios se elevaram em um lento e malicioso sorriso, como se quisesse que ela se negasse.

—Deleitar-me-ei mostrando a você o engano de suas maneiras.

Sim. Tinha querido isso.



CAPÍTULO 3

Minha companheira, pensou Valerian incrédulo. Tinha encontrado sua companheira.

Não estava procurando-a, não queria encontrá-la, mas a encontrou. Como afirmava a lenda, captou seu aroma e soube. Soube além de qualquer dúvida. Minha. Cada uma de suas células tinha despertado por ela, respondendo a ela.

Quando ele e seus homens saíram pela primeira vez pelo portal, os guerreiros subaquáticos humanos vestidos com estranhas e apertadas roupas pretas, tinham atacado-os e tentaram arrastá-los para os navios que esperavam na superfície. Houve uma luta, mas os Nymphs ganharam no final, eliminando tanto os homens como os navios. Depois disso, os Nymphs não se preocuparam com a paisagem deste mundo da superfície com o qual só tinham sonhado. Simplesmente queriam encontrar algumas mulheres e levá-las para Atlantis.

Uma mulher em particular tinha captado e sustentado seu olhar. Ela era alta e magra, mas com belas curvas, o estômago plano e quadris levemente arredondados. Suas pernas eram longas e firmes e ascendiam diretamente para o novo centro de seu mundo.

Seu rosto angelical ostentava um pequeno delicioso queixo, faces rosadas e um nariz delicadamente inclinado. Seus olhos eram grandes e castanhos, um castanho magnífico, quase dourado, cheios de assombrosa vulnerabilidade assombrosa e indiscutível determinação, compensados pelos incrivelmente claros e maravilhosamente longos cílios.

Ele nunca tinha visto pele tão lisa e luminosa como a dela, nem sequer em um vampiro. Igual à lua que tinha visto brilhando no céu, ela era suave e radiante. Etérea. Suas mãos formigavam por estender-se e acariciá-la lentamente, insistentemente e saboreá-la, assegurando-se de que não se afastasse repentinamente como um sonho inalcançável.

Quanto à roupa que vestia, bem, jurou mantê-la vestida exatamente dessa maneira durante o resto de sua vida. Um montão de mato verde pendurava de sua cintura separando-se a cada respiração, revelando suculentos vislumbres de suas coxas. Não, não tinha querido encontrar sua companheira — e humana, nada menos — e estava zangado por havê-lo feito. Mas por trás da raiva estava uma fome possessiva que não podia negar. Que não queria negar.



Ele tinha sido satisfeito por mulheres (muitas, muitas mulheres) durante tantos anos que se esqueceu do que se sentia ao desejar uma para si mesmo. Para simplesmente olhá-la e desejá-la. Seu sangue já se aquecia com um fogo aparentemente inextinguível, e sua pele se excitava. Minha. Seus músculos se endureceram. Minha.

Obviamente ela não o tinha reconhecido ainda como seu companheiro. De fato, parecia querer unicamente seu desaparecimento. Humanos, zombou interiormente. Estando ali de pé como ela estava, parecia intocável, esta era sua companheira, devia tocá-la. Morreria se não o fizesse.

Valerian fez uma pausa, piscou, as palavras ressoando em sua mente. Morreria se não o fizesse. Quantas vezes uma mulher disse algo parecido a ele? Que morreria se não o tocasse? Que morreria se ele não transasse com ela? Ele nunca tinha entendido até agora, neste momento, estudando o pequeno raio de lua.

Ela era essencial para seu ser. Talvez odiasse esse fato, mas aí estava.

Enquanto ele bebia dela, seus lábios se separaram ligeiramente, como se não pudesse decidir se ofegava por ar ou para soltar um grito. Valerian quis que fizesse ambos. Queria ouvir seu nome rodando em sua língua quando ofegasse e gritasse ao chegar ao clímax.

Ela era sua companheira, sua mulher, e ele demonstraria isso a qualquer um que dissesse o contrário. Inclusive a ela. OH sim. Cada uma de suas células sabia, sabia que pertencia a ele. Nunca mais ia ser capaz de desfrutar de outra mulher. Desfrutar? Pensou ele. Quase riu. Tinha desfrutado realmente de alguma mulher até agora?

Ele queria o raio de lua, com seu alucinante cabelo e sua pele gelada. No momento em que a viu, banhada tão belamente pela luz da lua, a desejou. O mundo a seu redor se desvaneceu, e ele só viu ela. Radiava uma intocável capa a qual cada um de seus instintos de guerreiro tinha respondido e saboreado.

Deuses, a queria. Só de olhá-la agora, seu corpo se esqueceu dos excessos do dia. Estava faminto por saboreá-la.

Mas ela disse não a ele. Várias vezes. Também fugiu dele. Valerian ainda não tinha esmagado seu sobressalto ante esse fato. Ou sua excitação. O guerreiro nele se deleitava com o desafio de fazê-la mudar de idéia e fazer que ficasse desesperada para tê-lo.

Seu olhar fixo passou para a pequena adaga que sustentava, levantada e preparada e os cantos de sua boca se elevaram nervosamente. Realmente pensava em mantê-lo a distancia com aquela débil lâmina?



OH, mas ela tinha muito que aprender sobre um decidido guerreiro Nymph.

—Reúnam todas as fêmeas que não estejam emparelhadas, — disse a seus homens, falando em sua língua nativa, sem jamais afastar os olhos do objeto de sua fascinação.

Ela retrocedeu um passo. Quando se deu conta do que tinha feito, ficou quieta. Endireitou os ombros, levantou mais a faca e voltou para seu lugar. Ah, uma mulher de coragem. Uma que lutaria até a morte. Ele sorriu abertamente, desejando-a ainda mais.

—O que quer de nós? —exigiu ela, usando a mesma língua que tinham usado as outras mulheres da superfície.

Assim que ele ouviu suas palavras; ficou muito encantado pela maneira que seus lábios suaves como pétalas se moviam tão sensualmente. Pela pequena língua rosada que vislumbrou em seu interior. Seu membro saltou em reação.

Uma mulher passou repentinamente as pontas de seus dedos por seu braço. Ele arrancou os olhos do Raio de lua, certamente uma das coisas mais difíceis que jamais havia feito, e baixou os olhos. Não havia só uma mulher, ele notou, várias o rodeavam. Elas já tinham conseguido abrir passagem para ele e seus homens, gemendo ooh e ahh, algumas inclusive esfregando seus seios contra eles.

Valerian sufocou um ofego de surpresa quando percebeu que um dos machos humanos estava tentando beijar Dorian. Dorian tinha uma expressão de completo horror e afastou o decidido varão.

—Só as que não estão emparelhadas? — Perguntou Broderick, seus olhos se fechando em rendição quando uma bonita morena lambeu sua clavícula.

—Só as que não estão emparelhadas. — ele confirmou. Os Nymphs eram capazes de cheirar outro homem nas mulheres, e aquelas com amantes permanentes seriam deixadas ali. Se a pequena e clara raio de lua que tanto o encantava já estivesse emparelhada, a teria tomado de qualquer forma. Sem reservas. Mas sabia por sua essência, uma fascinante essência, que ela não pertencia a nenhum homem salvo a ele mesmo.

Sem necessidade de mais estímulos, seus homens entraram em ação, chamando as mulheres solteiras para formarem uma fila. Obviamente, estas mulheres obedeceram sem vacilar, seus instintos femininos as induziam a obedecer cada decreto de um Nymph. As que tinham companheiro gritaram angustiadas por não terem sido escolhidas e tentavam abrir passagem, de todos os modos, para a fila. Inclusive o varão que desejava



Dorian tentou conseguir um lugar na fila.

Quando um homem humano protestou pelos acontecimentos, foi rapidamente submetido: um duro murro na têmpora que o enviou diretamente a dormir. A maioria estava muito assustada para fazer algo e permaneceram encurvados e trêmulos em um canto da tenda. Que homens fracos, pensou Valerian. Alguma vez antes participaram de uma batalha? Ele não podia se imaginar agindo de tal modo.

Devolveu sua atenção ao Raio de lua.

—Sabe quem sou? —perguntou ele.

—O que quer de nós? —exigiu uma segunda vez, ignorando sua pergunta.

Dedicou a ela seu sorriso mais libertino.

—O que qualquer homem quereria de você. Seu corpo. Você me pertencerá. Agora, venha.

Em vez de obedecer, ela mostrou os dentes em um cenho, revelando uma perfeita linha branca. Por que não estava enfeitiçada por ele? Por que não estava rogando o toque dele? O mistério o intrigou.

—Não pode fazer isto, — cuspiu ela. —Saia daqui antes que a polícia chegue e seja detido.

Polícia? Detido? Valerian franziu o cenho.

—Mudará de ideia sobre eu a possuir, isso eu juro. —Ele manobrou ao redor das mulheres que ainda competiam por sua atenção e cortou a distância entre ele e o Raio de lua. Os escuros olhos dela se arregalaram a cada passo dele. Quanto mais se aproximava, mais o atraía sua deliciosa essência como uma corrente invisível. Exceto...

Um de seus guerreiros alcançou-a primeiro, seus braços fortes rodeando-a por trás atraindo-a para seus braços. Ela gritou e chutou, lutando como um enfurecido vampiro sedento de sangue.

Um selvagem grunhido se elevou na garganta de Valerian e o mordeu uma onda de fúria. Fúria por sua tortura; fúria sobre seu intenso sentido de possessividade. Minha. Ela me pertence. Nunca tinha experimentado um momento de ciúmes em sua vida. Ele e seus homens compartilhavam às mulheres todo o tempo. Mas a imagem de outro homem sustentando seu pequeno Raio de lua quase o desfez.

—Minha, — vociferou ele. Embora quisesse arrancá-la dos braços do guerreiro para afastá-la dele, permaneceu quieto. —Ela é minha.

Shivawn fez uma pausa, as contas em seus cabelos ressoaram ao juntar-se. O raio de lua continuava lutando em seus braços, dando murros na cara



dele, o fazendo sangrar e fazer uma careta.

Se a deixasse cair e a machucasse, vaticinou Valerian, ele morreria.

—Mas, meu rei, disse que não queria nenhuma destas mulheres da superfície. Disse que eram para nós.

Tinha feito isso, deu-se conta Valerian. O aviso enviou outra onda de palpitante e sombria fúria por ele. Nunca antes havia quebrado a palavra dada a seus guerreiros; eles esperavam que hoje ele mantivesse sua promessa, e com razão. O que queria dizer que um de seus homens esperava reclamar esta mulher, sua companheira, para ele, despindo-a, agradando-a, vendo-a chegar ao clímax.

Não poderia permitir isso.

Cada instinto que possuía exigia que ele fizesse algo, qualquer coisa, para evitar que isso acontecesse. Ainda não havia nada ali que pudesse fazer agora e sabia. Entrecerrando os olhos e apertando as mãos aos lados, ele disse:

—Eu a levarei. —uma ponta de aço em suas palavras.

Shivawn considerou silenciosamente durante um longo tempo, depois deu de ombros, entregando-a.

—É uma selvagem. Tome cuidado com suas pernas, já que tentará chutar sua virilidade. —No momento em que suas mãos ficaram livres, Shivawn agarrou outra mulher, uma beleza morena que parecia menos que contente com o que acontecia a seu redor.

Hmm. Muito estranho. Outra infeliz. O que havia de errado com aquelas mulheres da superfície?

Valerian se esqueceu dela, entretanto, quando suavemente prendeu o raio de lua em seus braços. Ela ficou quieta, pequenas e deliciosas respirações saindo dela. Manteve o rosto afastado dele e juntou as mãos sobre seu estômago. Incapaz de resistir, afundou o nariz em seu pescoço, aspirando sua fragrância de... neve e flores silvestres, sim, essa era sua essência, desfrutando da suavidade de sua pele clara.

—Sente o cheiro de minha essência? —perguntou ele.

—N... não. Deveria?

Seus ombros caíram com desilusão.

—Se não me puser no chão, — disse ela rigidamente, como se cada palavra saísse forçada de sua garganta—, vou arrancar seus olhos e comê-los na sua frente.

Ele riu entre dentes, esquecendo da desilusão. Ela tinha um rosto doce e uma natureza sanguinária. Que deliciosa contradição. —Por que não implora para que eu dê prazer a você?



— Está me tirando o sarro? — disse ela com voz entrecortada. — Alguém tem que registrar-se em Egos Anônimos, pelo que vejo. Agora me desça!

— Não respondeu a minha pergunta.

— E não vou fazer isso. Por Deus, me ponha no chão!

— Quero segurar você. Para sempre.

Um músculo se moveu em sua mandíbula, mas desta vez ela não respondeu.

— Queria poder dar a você o que pede, — disse ele —, mas eu gosto muito de onde está. — A lateral de seu corpo estava pressionada contra seu peito, e em todo lugar onde suas peles se tocavam, ele ardia. — Entretanto, talvez negocie com você. Talvez possa me convencer a conceder seu pedido.

Finalmente ela olhou em sua direção. Quando seus olhares se encontraram, azul contra castanho dourado, ele ofegou por ar. A consciência faiscou dentro dele, mais forte que antes. Tão bonita. Suas fossas nasais flamejaram, e ele sabia que suas pupilas se dilataram. Seu corpo endureceu dolorosamente.

Ela engoliu em seco e sua pele já pálida empalideceu ainda mais.

— Nada de negociação. Só me desça. Ou você e sua turma de imbecis com esteróides planejam nos violar?

— Violar? — perguntou ele, desconhecendo a palavra. A julgar pelo seu tom, não era algo favorável. — Explique-me isso de violar.

Ela o fez. E na voz mais indignada que ele já tinha ouvido.

Ele riu entre dentes outra vez. Porco indiferente? Mulher pouco disposta?

— Doce Raio de lua, como me diverte. Nunca forcei uma mulher em minha vida, e nunca terei que fazer isso. Não, quando a tiver em minha cama, estará desesperada por isso. Desesperada por mim.

CAPÍTULO 4

“Quando levar você para cama, estará desesperada por isso. Desesperada por mim.”

Para Shaye, a genuína confiança em sua voz era mais aterradora do que se tivesse gritado as palavras.

Ante isto, um delicioso calor invadiu seu sangue. Um calor que rogava a



ela que deixasse de resistir e desfrutasse de cada toque roubado, cada roce do fôlego do homem sobre sua pele.

Não importava que as outras mulheres na tenda estivessem acariciando o guerreiro como se ele fosse um inocente gato doméstico. Fazendo dele um inocente boneco inflável. Elas estavam suplicando — sim, suplicando a ele — que fizesse amor com elas. Gemendo inclusive, e grunhindo. Sons de paixão banhavam continuamente suas orelhas.

Entregue-se, suplicou seu corpo. Saboreie-o. Uma única vez não a machucará.

Aterrada pela debilidade de sua vontade, Shaye bateu a palma da mão no nariz de seu seqüestrador. Sua cabeça foi para trás e o sangue caiu sobre o lábio.

— Por que fez isso? — exigiu depois de uma inquietante pausa.

Felizmente, seu agarre sobre ela se perdeu. Shaye dobrou as costas e ele lutou para manter seu agarre. Ela conseguiu libertar-se e ficar em pé. Vá embora daqui! Gritava seu sentido comum, sufocando os crescentes gemidos de seu corpo para que ficasse. Ela avançou, lançando seu selvagem olhar em todas as direções, procurando sua mãe. Sua respiração estava ofegante.

Viu Preston, estendido inconsciente no chão. Quando ele protestou pelas ações dos guerreiros, um deles tinha batido nele. Viu Connor, o novo marido de sua mãe, procurando freneticamente entre a multidão. Mas não havia sinal de sua mãe. Maldição! Onde estava? Talvez elas tivessem uma relação rocambolesca³, mas Shaye não podia — não devia — deixá-la para trás.

Shaye se adiantou, tentou seguir Connor e abriu passagem empurrando através das massas, mas o guerreiro atrás dela pegou seu pulso em um férreo agarre. Seu sangue se aqueceu pelo toque sensual, depois congelou pelo medo.

Ele tinha perguntado se ela sentia seu cheiro, e ela havia dito que não. Bom, tinha mentido. Ela inalava sua erótica e viril fragrância cada vez que ele estava perto, e esta disparava seus hormônios em um louco frenesi. Agora não era diferente.

— Bateu em mim. — disse ele. A surpresa não diluída ainda tingia suas palavras, como se ninguém tivesse se atrevido a levantar uma mão para ele antes. — Por que fez isso?

Em silêncio, Shaye se virou e deu uma joelhada nas bolas dele. Apenas levantou a perna e buum. Contato. Ele se dobrou, um estrangulado grunhido

³ Rocambolesca – que lembra as aventuras extraordinárias, cheias de peripécias, de Rocambole, personagem dum romance do francês Ponson du Terrail



ofegou através de sua garganta.

—Agora já não está tão excitado por meu corpo, não é mesmo? — resmungou ela, sem nunca deixar de procurar.

—Isso... dói. — gritou para ela.

—É obvio que sim, e há mais de onde veio esse se me agarrar de novo.

Sem outra palavra, lançou-se, afastando-se, ainda olhando... olhando...

Ali! Por fim. No canto, seu novo padrasto tinha os braços rodeando a sua mãe, segurando Tamara com força no lugar.

Shaye saltou sobre as cadeiras caídas e driblou rodeando as mesas derrubadas, se esquivado e escorregado ao longo de um rio de ponche vermelho. Alguém deslizou um braço ao redor de sua cintura e a puxou contra um peito que parecia um muro — e não era seu guerreiro. A essência era diferente, não era exótica o bastante. Inclusive sua pele era diferente, não quente o bastante. Seus braços eram salpicados de cabelos negros.

Ela gritou e lançou a cabeça para trás, golpeando-o no queixo. Todo seu corpo vibrou com a força do golpe. Ele grunhiu algo, e embora ela não conhecesse sua linguagem sabia que estava amaldiçoando. Seus braços caíram para um lado; ela se virou sobre ele, pronta para briga.

Nunca devia ter vindo aqui, nunca deveria ter pego aquele avião. Jamais saía nada de bom dos casamentos de sua mãe. Só dor e sofrimento, e este era o pior de todos.

O musculoso a olhava com seus olhos azuis.

—Eu só queria beijar você. — disse ele, desta vez em inglês, sua voz com um sotaque tão forte que teve problemas para diferenciar as palavras. Quando sua frenética mente deduziu o que queria dizer, esbofeteou-o.

—Ai!

—Nada de beijos.

O que acontecia a aquela Turma dos Esteróides e suas obsessões carnavais? Deixe-me dar prazer a você. Ficaré desesperada por mim. Não, não e não! Excetuando o líder. Ou o que supunha que fosse o líder. Antes, quando se encontraram pela primeira vez na tenda, ele falou naquela estranha linguagem e todos seus homens entraram em ação. Ele, a quem ela estupidamente desejava.

Seus olhos se entrecerraram. Seu etéreo e belo rosto se formou em sua mente. Olhos que diziam transe comigo, lábios que diziam transe comigo. Um corpo gostoso. Ela mordeu o interior da bochecha até tirar sangue. Como manejava tal enorme e sedutor poder? Inclusive agora, chamejava, dolorida e ofegante.



Um convidado ao casamento, obviamente gay, vestido com lentejoulas rosa e calça de veludo preta, aproximou-se do guerreiro ante ela. Sem pedir permissão, o homem envolveu seus ágeis braços ao redor da cintura do guerreiro e beijou seu ombro bronzeado pelo sol.

O guerreiro ficou rígido, e sua boca se estirou em uma careta.

—Disse a você que parasse. Não. Me. Toque. É um homem. Aja como tal!

Shaye não perdeu tempo ouvindo o resto da conversa. Saltou ao redor de seus possíveis seqüestradores, cortando a distância entre ela e sua mãe.

—Venha, temos que sair daqui. —disse ela ao mesmo tempo em que Tamara dizia: — Se não me deixa ir, Conner, apunhalarei você quando estiver dormindo e arrancarei seu coração!

Linhas de tensão se estendiam dos lábios muito finos do noivo. A preocupação e o medo brilhavam em seus olhos.

—O que eu devo fazer? —perguntou olhando para Shaye.

A urgência a atravessou.

—Apenas jogue-a sobre o ombro ao estilo bombeiro e saia correndo deste inferno. Antes que seja muito tarde.

—É muito tarde. —ouviu ela por trás dele.

A voz familiar e rouca a fez tremer. Fez que seus músculos se comprimissem, preparados para a sublime satisfação. Ela se derreteu. Não, ficou rígida. Uma das mãos do líder deslizou ao redor de seu estômago nu, bronzeada e dura contra sua pálida brancura. Sua carne ficou arrepiada. Sua outra mão deslizou descendo por seu ombro, ao longo da clavícula e se ancorou sobre seu seio coberto pela concha marinha. Ambos os braços a puxaram suavemente para trás e a prenderam contra seu musculoso e duro peito, lhe dando boas-vindas. Aquele delicioso aroma de virilidade e noites escuras iluminadas pela lua chegou até ela.

Deveria protestar. Ao menos o repreender por tal audácia. Entretanto, as palavras se negaram a deixar sua boca. E ela contou entre suas benções que não apoiasse sua própria cabeça contra o ombro dele.

—Não mais enfrentamentos. —Seu fôlego quente beijou o vão de seu ouvido, disparando perigosas faíscas através de suas terminações nervosas.

—Meu nariz ainda dói — acrescentou ele com uma careta—, igual a meu pê... virilidade. Possivelmente a primeira coisa que tenha que ensinar a você seja como tratar corretamente a referida virilidade.

OH, Deus. Afundando-se... afundando-se... mais profundamente em seu feitiço. Se não fosse pela barreira da concha do sutiã, seus dedos teriam rodeado seu mamilo, provavelmente o beliscaria fazendo-o rodar. Seus



joelhos quase cedem. OH, meu deus, OH meu deus, ah... meu... delicioso. Absolutamente delicioso. A longa e dura extensão de sua ereção pressionou na fenda de seu traseiro e se esfregou contra ela.

Seus olhos se fecharam em rendição, uma estranha fraqueza invadindo seus membros. Ela sempre pensou que era imune ao desejo. Em todos os encontros que teve, jamais se viu afetada dessa maneira. Nem sequer os que acabavam com um beijo. Aqueles agora pareciam ínfimos, completamente monótonos.

Os homens a incomodam, recordou a si mesma, e este a incomoda inclusive mais que os outros. Continue pensando assim e talvez acredite nisso.

Para seu horror — Deus, seu total prazer, Deus — uniu sua outra mão ao jogo, cobrindo seu outro seio.

—O Paraíso, — murmurou ele. — Tem certeza que não sente meu cheiro?

Por que ele queria que o cheirasse com tanto desespero?

—Tenho certeza.

Uma pausa. Então.

—Imagine quando a deixar nua, o quanto as sensações serão intensas.

Sim, ele a zangava. E queria estar zangada durante o resto de sua vida.

—Por favor. — ela conseguiu dizer, com voz entrecortada. Infelizmente, não sabia pelo que rogava. Liberdade, ou mais dele?

—Por favor, o quê? —Sem mostrar piedade, sussurrou as palavras diretamente em seu ouvido. Seus lábios suaves acariciaram a borda exterior; sua língua penetrou no interior, só para retirar-se rapidamente deixando-a trêmula por mais. — Por favor, me leve para sua casa? Por favor, me dê um prazer indescritível? Diga as palavras e eu farei.

OH, Deus.

Ao seu redor, reinaram os excitados gorjeios e gemidos entrecortados de paixão quando outros casais roubavam alguns momentos para se abraçarem. Não importava que ninguém prestasse a mínima atenção neles.

Se não o parasse logo, ia deslizar os dedos para frente de sua saia e entrar em seu calor. Sabia, sentia isso na tensão apertada de seu agarre.

—Por favor, deixe-nos ir. Deixe-nos em paz.

—Temo que essa seja a única coisa que não posso fazer por você — apertou seus seios. — Necessito com tanto desespero estar dentro de você.

Ela engoliu ar. Não pense em suas palavras, não pense em suas palavras.

—Eu não darei nada a você exceto problemas. Sou meio excêntrica, a maior parte das pessoas nem sequer suporta ficar perto de mim.



—Logo a deixarei tão saciada que tudo o que será capaz de fazer será sorrir.

—Sacie a mim. —disse sua mãe, finalmente arrancando-se do agarre de Conner. Ela se enroscou ao redor dos tornozelos do guerreiro, beijando seus pés. — Sacie a mim, suplico-lhe isso.

—Acorde. —exigiu Shaye. Ver sua mãe recém casada humilhando-se quebrou o feitiço sensual. —Corra! Fuja!

Ele ignorou Tamara dizendo.

—Qual é seu nome, doçu... amor? — a pergunta surgiu tão tranqüilamente como se fosse um fato cotidiano ele ter alguém babando em suas botas.

—Sou Tamara, — respondeu sua mãe antes que Shaye pudesse falar—, mas pode me chamar do que quiser.

Suspirando, ele se inclinou, levantando Tamara com uma mão e empurrando-a para Conner. Seu agarre sobre Shaye nunca se perdeu.

—Como se chama? —repetiu ele, tendo que falar por cima dos repentinos soluços de Tamara.

Rebelde, Shaye apertou os lábios em uma fina linha e se obrigou a ignorar o fogo embriagador e sedutor que zumbia por seu corpo. O que poderia fazer para obrigar sua mãe a escutá-la? Para arrancar à estúpida mulher de seu encantamento?

—Farei um acordo com você. Eu direi meu nome a você, e então você me dirá o seu. —ele fez uma pausa. Quando ela não respondeu, ele continuou—. Sou Valerian, o líder dos Nymphs. Você pode me chamar, “OH, Deus”. É como as pessoas da superfície preferem me chamar.

Valerian. O nome sussurrou ao longo de cada corredor e cavidade de sua mente. Ele... espera. Disse pessoas da superfície?

Uma pausa, grande, pesada e tensa, caiu sobre eles igual a uma cortina. Então.

—Surpreende-me — disse ele, seu melodioso timbre tingido de confusão. — Esperava que minha companheira...

Uma série de palavras estrangeiras o interrompeu.

Ficando rígido, Valerian enfrentou ao que falou com ele. Shaye fez o mesmo. O homem era quase tão alto quanto o que a sustentava, mas seus cabelos eram pretos e seus olhos eram verdes como esmeraldas. Ele, também, só usava calças e botas, o amplo peito bronzeado e nu descoberto. Ele disse algo mais.

Valerian respondeu na mesma língua confusa.



O que estavam dizendo?

Quando ele falou, o homem moreno apontou para Shaye com uma indicação do queixo. O que quer que fosse que Valerian replicou, não foi agradável. Seu tom foi duro, completamente inflexível. Caindo como uma ordem. O guerreiro se deteve só um momento, deu de ombros e se afastou com passos longos.

—O que foi isso? —Tentando não entrar em pânico novamente, Shaye inclinou a cabeça e levantou os olhos para Valerian.

Acabou sendo um erro. Um enorme erro recoberto de chocolate. No momento em que seus olhos se encontraram, uma onda de energia sexual pulverizou-se entre eles, mais forte que antes, indiscutível e irresistível. Comeu-a por completo com os olhos, dentada a dentada, despindo-a mentalmente, já a montando. Duro. Rápido.

Afastar seus olhos. Afastar seus olhos, demônios! Um pouco mais daquele intenso e fixo olhar e gozaria. Nesse mesmo instante, sem nenhum estímulo físico.

A necessidade aninhou-se entre suas pernas, reunindo-se quente e molhada, movendo-se em espiral por seu estômago, seus mamilos.

—OH, Deus, — ofegou. Afastar seus olhos! A dolorosa intensidade era muita. — Do que falavam? —Não quis gritar, mas a pergunta saiu arrancada dela quando baixou seus olhos ao chão.

—Vou levar você para seu novo lar — respondeu ele. —Deve viver comigo e me ocuparei de todas as suas necessidades. Virá por vontade própria?

—Infernos, não. —Seus olhos entrecerraram sobre suas sandálias enquanto lutava pela urgência de olhar de novo para o rosto dele. — Vou ficar aqui. Ouviu-me? Vou ficar aqui!

Ele se inclinou, sua boca acariciando seu ouvido.

—Estou encantado de que diga isso, porque agora carregarei você. — Sem outra palavra, pegou-a e jogou-a no ombro como se não pesasse nada mais que um saco de penas.

— Idiota! Burro! Idiota! —Ela lutou e esperneou com tudo o que tinha e seu joelho bateu no estômago dele. —Desça-me. Farei você infeliz. Nunca deixarei de brigar com você. Não olharei suas necessidades.

—Você, amor, fará de mim um homem muito satisfeito — sorriu ele. — Isso eu lhe prometo.

Ele se adiantou com passos longos para a fila de mulheres. Embora lutasse, Shaye sustentou o lagrimoso olhar de sua mãe até que a cortina que



servia como porta da tenda foi afastada para um lado e Valerian a levou na noite. Ao menos sua mãe não seria obrigada a passar... pelo que todos estes homens iam fazer a ela e às outras.

O restante dos homens se reuniu com a passagem de Valerian. As jovens, mulheres solteiras seguiam alegremente, felizes, detrás deles. Dentro da tenda, os soluços femininos continuavam.

—Leve-me com você — gritavam várias. —Por favor. Rogo-lhes isso.

Shaye ficou quieta. Esfregou os olhos, beliscou a base do nariz. Isto não estava acontecendo. Certamente este enorme e musculoso guerreiro, pecaminosamente magnífico não estava levando-a em cima do ombro, dirigindo-se a longos passos para o oceano, decidido a levá-la para sua casa. Onde quer que pudesse estar. O que deveria haver? O que poderia fazer?

Valerian vacilou durante algum tempo, como os outros fizeram.

—Bonito — sussurrou ele, olhando fixamente para céu da aveludada noite, os pontos de luz das estrelas. — Tão bonito. —Ele falava em inglês... Por ela? —Agora que temos nossas mulheres, podemos desfrutar da vista.

—Os céus parecem estender-se para sempre — disse outro, imitando-o. Ele, também, falou em sua língua nativa, seguindo o exemplo de Valerian.

—Sonhei com esta terra, mas nunca imaginei tal esplendor.

—Tem certeza de que não podemos ficar aqui, meu Rei? Poderíamos trazer o restante do exército e...

Valerian sacudiu a cabeça, e os fios sedosos de seus cabelos acariciaram as costas nua dela. Ela tremeu.

—Tenho certeza. —disse ele. — Layel foi muito claro. Ficar na superfície, é morrer na superfície. Não podemos ficar muito tempo. —Ele começou a avançar, esperando que cada um deles o seguisse. Assim fizeram.

—Pela última vez, deixe-me! —gritou Shaye. Esmurrando suas costas—. Agora!

Em troca ele bateu no traseiro dela, depois a surpreendeu e excitou quando o massageou para afastar a agulhoada. Sua mão se recreou e saboreou a sensação de seu traseiro. Se sua saia de ráfia se separasse mais...

Ela grunhiu baixo. Zangada com ele, zangada com ela mesma. Permanecer fria e sem emoção não era uma opção.

—Isto é ilegal. Vão prender você. Os criminosos sempre são presos. No processo vou solicitar a pena de morte.

—Assim que a provar, poderei morrer como um homem feliz.

—Supõe que vai me calar com isso? — esmurrou suas costas com os punhos, observando a areia salpicada por seus pés. O eco das ondas encheu



seus ouvidos. — Supõe que eu tenha que estar feliz porque me leva como um saco de batatas? E por que diabos está caminhando para a água?

—Já disse isso a você. Vamos para minha casa. —Com passos elegantes, passou por cima de vários homens vestidos com o equipamento de mergulho que ainda permaneciam jogados imóveis na praia.

—Você matou esses homens? — Exigiu ela — Quem são eles?

—Esperavam por nós no portal e nos atacaram, assim não me detive para procurar uma apresentação. E não, não os matamos. Simplesmente os fizemos dormir. —Valerian entrou no oceano. As ondas lamberam seus tornozelos... seus joelhos... suas coxas. Gotas salgadas gotas orvalhavam seu rosto, queimando seus olhos.

Um grito sufocado escapou de seus lábios.

—Pare! Detenha-se neste instante. Desça-me.

Ele continuou movendo-se, afundando mais e mais profundamente na água.

—Idiota! O que está fazendo? Vou me afogar.

—Nunca permitirei que algo aconteça a você, pequeno Raio de lua — de toda forma, ele continuou entrando na água. As outras mulheres continuaram alegremente, cada uma levando um sorriso vertiginoso. Como se brincar com a morte fosse absolutamente aceitável. Inclusive divertido.

Espere. Não, nem todas as mulheres os seguiam felizes. A de cachos escuros lutava contra seu captor, lutando para libertar-se.

O coração de Shaye palpitou em seu peito, um errático toque de tambor. Uma batida de guerra.

—Vai matar a todas nós, seu super-enorme G.I. Joe⁴. Vai — glub. — engoliu água salgada e o seguinte que soube é que estava totalmente submersa. Seus olhos ardiam. Sua garganta fechou-se. Os cabelos flutuavam ao redor de seu rosto como fios de marfim.

O estúpido homem manteve seus braços fortes fechados ao redor dela, um curvado sobre seus joelhos, o outro sobre suas costas. Suas mãos eram quentes, tão quentes, um alarmante contraste contra o líquido frio. Os cabelos prateados continuaram dançando ao redor dela. Os peixes coloridos nadavam em frente de sua linha de visão. Ela quis gritar. Ah, como desejava gritar. Mas cada vez que abria a boca, engolia mais água.

Ele afundou mais e mais. Ela precisava respirar, maldito fosse! Seus

⁴ Personagem do filme “The history of G.I. Joe”, “G.I. Joe – A origem do Cobra” e de quadrinhos da Marvel, além de um famoso boneco da Hasbro distribuído desde 1964 na coleção “Heróis em Ação”. No Brasil, a coleção ficou conhecida como *Falcon* e depois como *Comandos em Ação*.



pulmões iriam arrebentar a qualquer minuto. Valerian estava louco. Um assassino que se afogava em uma missão suicida.

Ela lutou contra seu agarre com todas suas forças, chutando, batendo, arranhando. Finalmente o oceano se tornou tão profundo que ele não podia permanecer direito. Inclinar-se para frente, e ele começou a utilizar suas poderosas pernas para levá-los nadando ainda mais para o fundo. Mais para o fundo ainda.

Vou morrer, deu-se conta. Morrer de verdade. O terror a golpeou. Seus pulmões já gritavam por ar. Havia tantas coisas que queria fazer e morrer não era uma delas. Queria escrever um livro, talvez um succulento romance onde a heroína experimentasse o amor que Shaye sempre se negou. Também queria fazer outra tatuagem, talvez uma bonita flor. Sua primeira tatuagem, um crânio e ossos da tíbia cruzados na parte de baixo de suas costas, foi algo que fez na tentativa de chamar a atenção de seus pais.

Sua mãe finalmente a notou e ainda lhe enviava cupons para retirar a tatuagem a cada poucas semanas. Os cupons a agradavam, realmente a faziam sentir-se querida, se não amada.

Tentou formar outro pensamento, mas sua mente estava em branco, cortando-se e tornando-se tão escura quanto à água. Respire, gritou mentalmente. Respire antes que desmaie.

De repente a água clareou, tão vítrea que podia ver perfeitamente como se estivesse na terra. Inclusive o sal se dissipou, acalmado seus olhos irritados. Valerian puxou-a até que ficaram olhando-se nos olhos. Automaticamente tentou afastar-se dele, mas a manteve apertada.

Talvez fosse o melhor. Ela não queria perder sua única conexão com a vida. E agora mesmo, Valerian era sua única âncora sólida, embora fosse um psicótico.

Sim, nesse momento ele era tanto o destruidor como o salvador.

“Ar” — articulou ela. Seu corpo rendendo-se aos espasmos, obrigando-a a tentar aspirar ar. Não importando que a água ainda a rodeasse.

“Logo” — articulou ele também. E indicou com a cabeça, e ela estava o bastante isenta de pânico para virar-se e olhar. Seus olhos se arregalaram quando viu surgir na sua frente um gelatinoso redemoinho. Que diabos era aquela coisa? E por que Valerian estava nadando diretamente para aquilo?

Tinha que... detê-lo. Com o braço trêmulo, estirou-se para bloquear seu avanço momentaneamente. As pontas de seus dedos acariciaram o redemoinho. Instantaneamente o aquático mundo se converteu no escuro nada, um abismo que lhe deu boas-vindas com os braços abertos. Uma



centena de gritos atravessou seus ouvidos, violentos, intensos. Aguilhoando cada poro, muita dor para ser suportada.

Uma brilhante corrente de luz apareceu repentinamente e assobiou passando por ela, logo desapareceu totalmente. O vento se levantou, açoitando e girando ao seu redor uma e outra vez. Onde estava Valerian? Ele também tinha desaparecido.

O enjôo a consumiu enquanto continuava girando. Sozinha. Assustada. Sem final à vista.

Caindo... e caindo...

CAPITULO 5

—Tenho você, Lua.

Fortes braços se envolveram ao redor da cintura de Shaye, e ela agradecida enterrou o rosto na concavidade do pescoço de Valerian. Nesse momento não a importava quem a estava segurando, simplesmente estava feliz de que alguém o fizesse. Inclusive envolveu suas pernas ao redor da cintura dele, reforçando seu agarre. Finalmente podia respirar, não podia deixar de cair.

—Não me deixe ir — gritou.

—Nunca.

Jamais tinha se agarrado a alguém com tal força, tal necessidade. Que Valerian se aferrasse a ela tão fortemente era... consolador, algo que desejou durante muitos anos antes de convencer-se de que não necessitava ou queria tal coisa. E acreditaria de novo nisso, amanhã.

Estavam girando mais rápido e mais rápido, esquerda e direita, caindo no desconhecido. Seu estômago se revolia com náuseas. Não entendia o que era que estava ocorrendo; só sabia que a água tinha desaparecido como se nunca tivesse existido, deixando apenas aquele túnel negro em forma de espiral que se estendia eternamente.

—Valerian — ofegou. —O que está acontecendo?

—Não se preocupe, amor. Terminará num minuto.

Falava de morte?

Luzes zumbindo resplandeceram mais uma vez através de seus ouvidos, vaga-lumes oscilantes se extinguíram tudo muito rápido e foram substituídos



por aquela espessa e opressiva escuridão. O conjunto de gritos aumentou de volume e despedaçou seu frágil suporte de calma. Não. Não! Suas têmporas martelaram com uma dor aguda. Seu sangue congelou, entretanto o suor formava gotas sobre sua pele. O medo a agarrou em um doloroso abraço.

Quando era uma menina pequena seu conto de fadas favorito era Alice no País das Maravilhas. Uma e outra vez leu a respeito de Alice caindo pelo buraco do coelho, e quis cair naquele buraco. Agora não. Neste momento em que se sentia como Alice, caindo bruscamente no desconhecido, não gostou.

Alice tinha aterrissado em um mundo completamente diferente, e esse pensamento assustava Shaye mais do que nunca chegaria a admitir.

— Não estou segura... de quanto mais... posso agüentar — ofegou.

Depois, repentinamente, Valerian bateu em uma base sólida. Seus joelhos se dobraram, absorvendo o impacto e a vibração trepidou através dela. Seus braços se retesaram ao redor da cintura dela, sustentando-a com sua determinada força.

— Tome um tempo para respirar — deslizou-a sobre seu corpo pouco a pouco gradualmente. — Respire para mim, amor. Não sinto seu peito mover-se.

Dentro. Fora. O ar enchia e deixava seus pulmões. Dentro. Fora. Surpreendentemente, acalmou-se. Podia cheirar o aroma dele, salgado, abrasador. Podia sentir seu calor, sua força.

— Bem, bem. Mas está pálida — disse Valerian com um rastro de preocupação na voz.

— Sempre estou pálida — murmurou.

Percebeu que seus olhos estavam fechados, apertados fortemente. Muito devagar se forçou a abri-los.

Tinham entrado em uma gruta. Engoliu. Como tinham chegado a uma gruta? As paredes eram sombrias e rochosas, pedras prateadas salpicadas de carmim. Um penetrante aroma metálico atravessou o ar gelado, e esse ar gelado continuou envolvendo o ensopado e quase nu corpo de Shaye, afugentando o calor de Valerian. Essa brisa gelada agitou sua saia e seus cabelos molhados, estremeceu.

Virou-se lentamente, captando todos os detalhes. Um por um, os outros guerreiros saíram de uma claridade, tipo gelatina, que misteriosamente girava em espiral. Sustentavam tantas mulheres assustadas e trêmulas quanto podiam. A neblina se enrolou ao seu redor e se arrastou para o teto. A cena inteira era como algo saído de um filme. *Onde estou?*

Tremendo, Shaye encarou seu captor uma vez mais. Seus olhos viajaram



sobre ele, começando por seus pés calçados com botas, subindo por suas pernas musculosas, passando por cima das masculinas... partes de seu peito. Gotas de água caindo de seus pequenos mamilos marrons, através da argola de prata de seu mamilo, juntando-se em seu umbigo. Não tinha pêlos no peito, nenhum fio se atrevia a prejudicar sua perfeição. Feixes detrás de feixes de tentadores músculos marcavam seu bronzeado estômago.

Como uma pessoa podia ser totalmente perfeita?

Seus olhos se dirigiram para cima, finalmente encontrando seu rosto. Seu selvagem e surpreendentemente perfeito rosto. Sobrancelhas cor de areia perfeitas, olhos cristalinos perfeitos, nariz perfeito. Lábios perfeitos, exuberantes e rosados. É obvio, agora ostentava contusões debaixo dos olhos porque o tinha golpeado no nariz. De qualquer modo, inclusive com essas contusões, era a criatura mais sensual e erótica que já tinha visto. Vestia confiança como uma capa; irradiava uma ferocidade primitiva.

Elevando sua mão, gentilmente deslizou a ponta dos dedos por sua testa, nariz e queixo, tirando a água. Queria retirar-se, mas não podia convocar a força. Seu toque reverberava através dela como um cabo ligado. Quente. Queimando.

—Bem-vinda a seu novo lar, Raio de lua — o desejo revestia suas palavras como se também houvesse sentido as faíscas. —Bem-vinda a Atlantis.

Atlantis. Ela piscou uma, duas vezes. Atlantis... a cidade enterrada debaixo do oceano? Como o oceano do qual acabava de emergir? Sua boca secou. De maneira nenhuma. De nenhuma maldita maneira.

—Por favor, me diga que quis dizer Atlanta, na Georgia, e seu sotaque atrapalhou.

Franziu o cenho.

—Não conheço esta Georgia. Ouviu-me corretamente. Entrou em Atlantis, cidade das mais finas criações dos deuses. Lar dos nymphs, vampiros, demônios e muitas outras que não merecem ser mencionadas porque não são importantes.

Não, não, não. Infernos, não. Sacudiu a cabeça, sua mente tentava corajosamente desacreditar de tal explicação. Atlantis era um mito. Não podia ser real. As criaturas que ele tinha nomeado também eram mitos. Não podiam ser reais. Pelo amor de Deus, vampiros? Demônios? Em pesadelos, talvez, mas não na realidade.

Bem-vinda ao País das Maravilhas, Alice.

Não, não, não, pensou de novo. Tinha que haver outra explicação.



Entretanto... não podia pensar em nenhuma outra. Tinha entrado no mar, caído em um túnel escuro, e agora estava em uma gruta. Uma gruta situada debaixo da água, não sobre ela.

Atlantis sussurrou através de sua mente. Engoliu em seco, reforçando seu afeto à descrença, não desejando abandoná-la nem sequer por um momento. Fazer isso significava aceitar a loucura da afirmação de Valerian, a afirmação de um seqüestrador transtornado.

— Assim, me afoguei e estou no inferno — seus olhos abertos, inclinou o queixo teimosamente. — Obviamente, você é o diabo.

— Veremos. Homens — chamou Valerian com um rude grunhido. Seu olhar penetrante nunca deixou seu rosto. — Levem às mulheres e reúnam o restante de meu exército no refeitório. A escolha começará logo.

Com um ar de ansiosa antecipação, os guerreiros passaram à ação. Um deles tentou agarrar o braço dela, mas Valerian o deteve com um selvagem, *“Eu levarei esta”* justo quando golpeava a mão do ofensor.

— Como você deseja, meu rei.

Rei? Rei! Eles subiram em peso por uma tosca escada de madeira, as mulheres em seus calcanhares. A maioria dos homens estava sorrindo e batendo uns nas costas dos outros.

— A quem escolherá? — Escutou um deles dizer.

— Quero à ruiva. Seus seios são... — respondeu outro com sinceridade. Seu falatório se desvaneceu.

Só um homem permaneceu para trás. Ou talvez estivesse esperando na gruta. Não estava molhado como todos os outros. Vestia uma camiseta branca com um profundo decote em V que quase alcançava seu umbigo e uma calça branca justa.

Valerian finalmente a liberou de seu olhar e se virou para o guerreiro.

— Como estão os prisioneiros? — Perguntou.

Prisioneiros? Os olhos de Shaye se arregalaram, e agarrou sua garganta. *Querido Deus.*

O homem deu uma resposta brusca na estranha linguagem que tinha ouvido Valerian usar antes, mas Valerian sacudiu a cabeça.

— Fale na língua humana.

— Vivos — disse o homem com o cenho franzido.

Espera. Língua humana? Que isso fazia do dialeto de Valerian? Em humano?

— Causaram algum problema a você? — Perguntou Valerian.

— De forma alguma, meu rei.

— Muito bem. Continue velando por suas necessidades — ondeou a mão



para dispensá-lo, franziu o cenho e voltou a chamá-lo. – Houve alguma palavra a respeito das mulheres?

—Nenhuma.

—Muito bem — disse, sua decepção estava clara. —Pode ir.

O homem assentiu e se retirou ruidosamente, suas botas batendo sobre o chão rochoso.

—Que prisioneiros? — Shaye se descobriu perguntando em um trêmulo alento.

—Animais. Assassinos — se virou para ela que foi golpeada novamente por sua completa majestuosidade. Ar gelado em suas costas, puro calor em frente. —Não tenha medo, já que não terão permissão para se aproximarem de você. Alguns serão presentes para meu amigo, Layel, e outros serão usados como intercâmbio.

Quão detestáveis soavam ambos os planos. O que tinha planejado para ela? Seria um presente para um de seus amigos? Seria usada como ferramenta de intercâmbio?

Observou-a com uma ameaçadora intensidade possessiva. A água em seus cabelos já estava secando, iluminando as mechas em um belo mel dourado. Vários desses fios caíam sobre sua testa salpicando pequenas e persistentes gotas sobre sua face.

—Vejo descrença em seus belos olhos — disse, apoiando um ombro sobre a irregular parede prateada—, eu farei o melhor que puder para provar a você minha afirmação de que isto é Atlantis. Quanto mais rápido aceitar a verdade, mais rápido me aceitará.

Antes que pudesse responder, estirou-se e pressionou a pedra do pedregulho detrás dela. A mão dele roçou sua pele nua, disparando aqueles choques elétricos através de seu sangue. Virou-se, vendo uma das enormes rochas incrustadas na parede deslizar para trás e afundar-se profundamente. Quando desceu, uma entrada secreta se revelou. As rochas rangeram e grunhiram ao separar-se. Passo a passo, um liso e frágil cristal foi exposto.

Seu queixo caiu numa imitação da entrada. Sem que pedisse, seus pés a levaram a abertura. Água girava detrás da separação, e areia oscilava no fundo do mar. Corais rosados e peixes multicoloridos dançavam em uma preguiçosa valsa. Plantas esmeraldas se elevavam orgulhosamente.

—Isso é o fundo do oceano — disse, temerosa e chocada. - É o arrepiante fundo do oceano.

—Sei. Descobri esta parede só alguns dias atrás e passei muitas horas aqui embaixo. Tira a respiração, não é mesmo?



Um gentil zumbido ecoou em seus ouvidos quando posou a mão sobre o cristal. A frieza e as vibrações da água lhe asseguraram que não era uma alucinação. *Meu Deus. Atlantis.* Ao mesmo tempo em que olhava atentamente, tentando confrontar o que estava vendo, uma belíssima mulher de cabelos escuros nadou para o cristal. Não, não uma mulher. A testa de Shaye se enrugou em choque. Uma sereia. Uma sereia de seios nus e cauda ondulante.

A curiosidade cintilou em seus olhos verdes. Estirou um delicado braço e posou sua mão exatamente onde descansava a de Shaye. Ofegando. Shaye afastou a sua com uma sacudida. O choque a golpeou atravessando-a, e sua mão caiu a um lado. Sua boca secou. Seus joelhos se sacudiram. A criatura franziu o cenho... até que seu olhar se fixou em Valerian. Ela sorriu, prazer cintilando em seus olhos, e o saudou com a mão.

— Conhece-a? — Shaye conseguiu perguntar.

Ele assentiu, mas não se explicou.

A mulher... sereia... ou o que fosse, tinha o rosto de um anjo, inocente e mais amoroso que um longo e esperado amanhecer. Longos cabelos pretos se frisavam ao redor de seus delicados ombros e exuberantes seios. Sua cauda resplandecia como fibras de vidro, uma irradiação de violetas, amarelos, verdes e rosas, cada escala um caleidoscópio de cores. Desejo desnudo adornava suas feições ao olhar para Valerian.

— Acredita em mim agora? — Perguntou.

— Sim — A admissão deixou Shaye com a respiração desigual.

Parte dela queria afundar no chão cheio de pequenos ramos, enrolar-se em uma bola e chorar. Foi abduzida por um Atlantis, conduzida a uma cidade debaixo do mar. A outra parte queria... não sabia o que.

Outra sereia se uniu à morena, uma sinfonia de curvas e cores, pressionando-se contra o cristal e sorrindo sedutoramente para Valerian. A paixão nublava seus olhos ametistas. Shaye não tinha dúvida do que as duas mulheres estavam pensando: “ménage a trois”.

— Disse que este era o lar das criações mais finas dos deuses, — disse suavemente. Sem olhá-lo, perguntou, — que espécie de criatura é? — Já tinha mencionado que não era humano.

— Sou um nymph — seu tom cheio de orgulho. — O nymph, na realidade. Rei de meu povo. Líder. Guerreiro — vacilou. — Amante.

Um nymph. Outro assim chamado mito. Um ser sexual. Sedutor. Irresistível. Capaz de dar prazer com um olhar, uma palavra. A beleza personificada. Valerian encaixava na descrição perfeitamente, e isso a assustava muito mais do que se lhe tivesse dito que era um demônio sugador



de almas das profundezas do inferno.

— Acreditei que os nymphs eram... — Obcecados pelo sexo... podia ser. Continuamente nus... perto. Querendo deitar-se com tudo que se movesse... provavelmente. — Fêmeas — terminou fracamente.

Ele bufou e se aproximou dela.

— Há fêmeas, sim, mas somos principalmente machos.

Deus, tinha que sair dali. Sua cercania alterava sua sensação de paz e a reduzia a um hormônio trêmulo e faminto por sexo. Seus mamilos já tinham se endurecido. Seu estômago estremeceu.

— Leve-me para casa, Valerian. Não pertenco a este lugar.

Não replicou. A parede começou a fechar-se, escondendo a vista da água gradualmente, fazendo desaparecer as agora enfurecidas sereias batendo sobre o cristal. Shaye cobriu a boca com uma mão trêmula.

— Por favor, me leve para casa.

— Amor, esta é sua casa agora. Juro a você, que logo a adorará como eu o faço.

Como soava encantador. Seu rouco tom prometia intermináveis noites de paixão e dias de selvagem abandono.

Resista. Fuja. Mais que nunca, necessitava da segurança do intumescimento. Quadrou os ombros e levantou o queixo. Não sentiria nada por aquele homem; seria rude, totalmente desagradável. Algumas vezes era a única maneira de manter alguém a distância.

— Vou para casa — disse determinada. — Com ou sem sua permissão.

Antes que tivesse tempo de responder, passou à ação e correu para o redemoinho. Suas sandálias se enterraram entre as rochas e ramos. A respiração presa na garganta, queimando, urgindo-a. Quase lá... só outro passo...

Valerian a agarrou pelo braço e a girou.

— Não! — gritou, sacudindo-a para trás.

— Se entrar no portal sem mim, morrerá — as palavras mantinham um inequívoco tom de fúria. Sua mão se esticou sobre ela. — Nunca será capaz de nadar essa extensão de água sozinha. Entendeu? Morrerá lá fora, seu corpo não será nada mais que alimento para os peixes.

Ela se acalmou, seu sangue esfriando nas veias. A água... como pôde esquecer da água? Como se a tivesse encadeado pelos pulsos e joelhos à parede, estava presa. *Escape e morra. Fique e... o quê?* Não importava, realmente. Viver ali não envolvia nenhum encanto, não quando tinha o Rei do Prazer com quem brigar.



— Você pode nadar essa distância — disse, usando seu tom mais altivo.
— Ordeno a você que me leve para casa.

— É meu mais imenso prazer dar a você qualquer coisa e tudo o que peça, mas não posso dar isso a você. Qualquer outra coisa que deseje será sua — liberou-a de seu agarre no braço e deslizou as pontas dos dedos em sua clavícula. — Num dia próximo espero que seja a mim que deseje.

Alerta vermelho, alerta vermelho. Tinha que conseguir se afastar, tinha que escapar daquele tentador desejo. Como? Onde poderia ir?

— Ao menos me diga seu nome — a enrolou.

— Foda-se — as palavras emergiram sem fôlego, mais que insultante como ela tinha tentado.

Fogo delicioso seguiu o mesmo caminho que seus dedos, logo viajou pela extensão de sua espinha. Perigoso.

Uma pesada pausa se estendeu entre eles. Todo o tempo, Valerian irradiava uma sensação de divertimento, tristeza e aborrecimento. Tristeza? Franziu o cenho. Certamente não. Insuportáveis guerreiros machos nunca ficavam tristes. Não é verdade?

O braço dele se curvou ao redor de sua cintura com uma força inexplicável.

— Venha então, Foda-se, e mostrarei o palácio a você — encaminhou-se através da longa escada em forma de espiral, rústica e grosseiramente construída.

Não sabendo o que mais fazer, seguiu-o sem protestar. Realmente, o que poderia dizer? *Deixe-me nesta fria e úmida gruta até que apodreça?* Cada segundo que passava se tornava mais surrealista e maldito que o último.

Tinha que haver outra forma de ir para casa; só tinha que encontrá-la. Shaye estudou as marcas da parede. Quanto mais alto subiam, menos pontiagudas se tornavam as rochas. Parecia que estavam cobertas de brilhos, brilhando e convidando-a a tocar. Incapaz de resistir, posou a ponta dos dedos sobre a lisa superfície.

Valerian se deteve abruptamente. Chocou-se contra suas costas e ofegou ante o abrasador contato de corpo completo. Ao mesmo tempo em que retrocedia apressadamente, girou e a encarou. Empurrou-a contra a parede fria, seu furioso sobrecenho franzido, seus olhos turquesa brilhando com propósito.

— Feche os olhos — ordenou.

Sua imponente postura não a assustou. Não, ela lutou contra a onda de excitação. Embriagadora e ditosa excitação.



—Infernos, não — disse.

—Isso não foi um pedido, amor. Foi uma ordem.

—Deveria ter me levado para casa quando teve chance. Nunca farei nada que me diga. Já disse isso a você.

Uma de suas sobrancelhas se arqueou.

—Então mantenha os olhos abertos.

—Boa tentativa.

Ele exalou um fôlego frustrado.

—Não quero que saiba o caminho de volta para o portal. Não me obrigue a enfaixar seus olhos.

—Obrigiar você? Por favor — Seu sorriso se converteu em raiva. — Duvido seriamente que possa forçar você a fazer algo que já não quisesse fazer. O mesmo se aplica a mim. Eu não gosto, não confio em você e nunca será capaz de me corromper a sua vontade.

—Poderia ter mentido para você — ao mesmo tempo em que falava, reduzia a pequena distância entre eles, invadindo, comendo seu espaço pessoal. Mas não a tocou. Não, a deixou ansiando por ele. — Poderia ter dito a você que ficaria cega se olhasse as rochas. Não teria notado a diferença. Mas só haverá verdade entre nós. Não importa quão cruel seja, sempre direi a verdade a você.

Seu desafio se evaporou, e o medo proclamou o estado central, transpassou a massa de desejo brigando pela vida. Seu tom era tão definitivo. Esperava que ela permanecesse ali de verdade. Esperava que o obedecesse. Que confiasse nele.

Valerian havia dito anteriormente que ele e seus homens queriam a ela e as outras por seus corpos. Tradução: sexo. Seriam escravas? Ia ser a escrava de Valerian? Os olhos de Shaye se estreitaram em pequenas fendas. Morreria antes, e mataria a cada homem que alcançasse no processo. Tinha passado a infância sendo uma escrava dos decretos de seus pais. *Beije seu novo papai, Shaye. Dê a essa mulher meu número de telefone, Shaye. Não se atreva a usar linguagem obscena, Shayne.*

Brigou tenazmente por sua independência e não renunciaria a ela por ninguém.

—As outras mulheres tiveram que fechar os olhos? —Perguntou.

Ele deslizou a língua por seus dentes.

—Não.

—Bem, aí tem sua resposta.

Inclinou sua cabeça perto da dela, cortando a distância que subtraiu



passo a precioso passo. Seu quente fôlego acariciou seu rosto, mas ainda não a tocava. Seu aroma masculino emanava deliciosamente.

—Ao contrário de você, as demais não tentarão escapar.

—Não sei. A de cabelos negros encaracolados não parecia tão feliz de estar aqui.

Algo misterioso se estabeleceu em sua expressão.

Não enfureça o homem. Nenhuma referência ao que faria.

—Que tal se prometer não tentar fugir? —Não planejava tentar, planejava ter êxito.

—Riria de tal evidente mentira e logo a repreenderia por mentir para seu homem.

—Não é meu homem!

—Ainda não. — “mas serei” ecoou entre eles, sem ser dito, no entanto poderoso.

—Jamais — disse através dos dentes apertados.

Enrugou a testa, com a confusão estabelecendo-se sobre seus bonitos traços.

—Continua me surpreendendo. Como é capaz de resistir com tal ardor?

Estava resistindo? Não sabia. Nunca havia se sentido tão... necessitada. Inclusive agora, quando o desafio dava duros murros através dela, seu coração palpitava, sua pele se estirou muito tensa. Seu calor deslizou sobre ela, dentro dela, despedaçando e estilhaçando o gelo que tinha levantado. Seus mamilos ainda se elevavam por ele. Suas pernas se afastaram suavemente, convidando a um íntimo deslizamento, a uma pressão dura. Só... convidando.

As janelas de seu nariz se dilataram como se sentisse sua excitação crescente. Caso se movesse outra polegada, teria encaixado completamente contra ela. Finalmente. Uma parte dela gritou em protesto, outra tremeu em boas-vindas.

—Quero tocar e beijar você, amor, e sentir...

—Não! — gritou — Nada de beijar. Nada de tocar. E pelo amor de Deus, deixe de me chamar de “amor” — mas, OH, pensar em seus lábios desfrutando com os dela era embriagador—. Não o conheço, e como disse, estou malditamente segura de que eu não gosto de você. Seqüestrou-me. Merece um tempo no cárcere, não uma sessão de sexo.

—Posso fazer você gostar de mim — posou sua mão em cada lado de sua cabeça, prendendo-a em um duro e musculoso círculo, tocando seus cabelos, mas não sua pele—. OH, posso fazê-lo.



A verdade de sua afirmação cintilou entre eles sem piedade. Porque no fundo, admitia que a cada segundo que passava, gostava mais dele. Desejava-o mais. Desejava o contato pele a pele que ele lhe estava negando. Estava fazendo de propósito? Fazendo-a desesperar-se por algo que não podia ter?

Idiota! Shaye não necessitava de uma grande experiência com os homens para saber que se balançava em um precário limite. Se a empurrasse, desmoronaria. Tomaria o prazer momentâneo que lhe oferecia e ficaria feliz por isso. Mas ao tomá-lo, não seria melhor que as outras, esquecendo seu crime atroz e jogando-se aos seus sexys pés.

Seria uma daquelas patéticas criaturas que faziam qualquer coisa por prazer, qualquer coisa por amor. Igual a sua mãe.

Faça ele a desprezar. Fira-o. Agora! Determinada, jogou o joelho para cima. Ele antecipou a ação e saltou para trás, fora da distância de ataque. Sua boca se afinou e se afirmou.

— Estou lhe advertindo — encontrou seu olhar, azul penetrante contra o castanho puro. Determinação contra determinação. — Brigue contra mim se necessitar, mas não tente fugir. Castigarei você, não tenha dúvida.

Forçou a engolir.

— Não comecei a brigar. E a que infernos se refere com isso de me castigar? — Não precisava forçar sua fúria, aumentava a cada palavra que pronunciava. — A pouco me disse que nunca poderia me machucar.

— Há maneiras de castigar uma mulher que não a machucarão fisicamente.

— E aposto que conhece cada uma delas, doente pervertido.

Ele liberou um longo e frustrado suspiro.

— Não temos tempo para brigar agora. Venha. Mostrarei Atlantis a você antes de nos reunirmos com os outros. — Estirando-se, ofereceu sua mão a ela.

Ela olhou para seus delgados e pontudos dedos, para seus calos e cicatrizes que recortavam de sua palma, um contraste com sua perfeita beleza. Ao mesmo tempo em que o olhava, sua irritação se drenou. Força total jazia ali, adormecida agora, mas preparada para matar a qualquer momento. Exceto... poderia havê-la esmagado com aquelas mãos em qualquer momento. Não tinha lhe mostrado nada mais que gentileza.

Mulher tola, repreendeu-se, posando sua mão na dele. *É obvio que não a feriu. Necessita de uma escrava saudável.* Seus dedos se entrelaçaram com os dela. No momento do contato, misteriosas e eróticas pulsações arderam atravessando-a. Haviam se tocado antes, e cada vez tinha suscitado faíscas. Mas desta vez... foi mais intenso. Uma consciência profunda deste contato



pele a pele que ela tinha desejado tão desesperadamente, mas não queria querer. Ofegando, tentou puxá-la fortemente da dele, aliviando à conexão. Sustentou-a com força.

—Minha — disse.

Ela mordeu o interior de suas bochechas contra o prazer que apenas essa declaração agitou. —Não entendo nada disto. Não o entendo.

—Fará isso. No seu momento.

As temíveis palavras, advertência? Promessa? Soavam em sua cabeça no mesmo instante em que subia o restante da escada de madeira. Ao final desta, duas brilhantes portas de vidro se mantinham abertas por dois rubis gigantes. Sustentadores de portas adornados de jóias?

A curiosidade tirou o melhor dela.

—Por que tem a entrada aberta desta maneira?

—Necessita-se de um medalhão de dragão para abrir e fechar as entradas, e não desejo usar nada que pertença a um dragão — pronunciou a palavra dragão como se fosse uma suja maldição.

Que espécie de resposta podia oferecer a isso?

Olhou com cenho franzido por cima de seu ombro.

—E é melhor que não tente procurar um medalhão. Se o fizer, será castigada.

—Castigar-me-á se respirar? —Disse bruscamente. Parecia estar procurando uma desculpa para castigá-la.

—Se o fizer em direção a outro homem, sim — a advertência era séria, além disso, o tom carecia de verdadeiro calor.

—Porco.

—Amada.

—Bastardo.

Dirigiu outro olhar por cima de seu ombro. Desta vez seus lábios estavam curvados em um travesso meio sorriso, e conhecimento e intenção resplandeciam em seus olhos como fogo azul.

—Diga isso quando estivermos nus. Desafio você.

Ela engoliu em seco e desviou sua atenção dele. Uma mulher inteligente estaria memorizando seus arredores para encontrar possíveis rotas de fuga em vez de brigar com seu captor.

Shaye se forçou para agir como uma mulher inteligente. Descendo durante bastante tempo, avançaram dando longos passos pelos corredores sinuosos, as paredes voltavam a ser irregulares e completamente estéreis, sem oferecer nenhuma marca distintiva para ajudá-la a encontrar o caminho de



volta. Giraram à esquerda. Esquerda de novo. Direita. Esquerda. Direita. Passaram por várias entradas abertas, mas se moviam tão rápido que não teve chance de dar uma olhada. O som de seus passos ecoava por todo corredor.

—Aonde vamos? —Perguntou.

—Ao meu quarto.

—Seu o quê? —sua boca se abriu e fechou. Enterrou as arenosas e úmidas sandálias no piso de mármore—. Infernos, não. Infernos. Não.

Ele poderia ter arrastado ela, mas se deteve e a encarou. Sua deliciosa boca se crispou de diversão.

—Não faremos amor esta noite a menos que peça. Apazigüei o medo que tem de meu quarto?

—Não — disse rangendo os dentes.

—Só desejo mostrar a você a Cidade Exterior de minha janela — suspirou outra daquelas prolongadas exalações—. Infelizmente não há tempo para nada mais.

Olhando-o furiosamente, pôs as mãos sobre os quadris.

—Está mentindo. Pessoas de seu tipo sempre têm tempo para o sexo... Meu rei?

O sorriso rapidamente se desvaneceu do rosto dele.

—Com isso espero que se refira ao tipo honesto. Jurei nunca mentir para você, e não o farei. Minha honra não pede menos. Disse que não a tocarei nesta noite até que me implore por isso, assim essa é a maneira que será.

Shaye não permitiu que sua fervorosa promessa a influenciasse. Inclusive se ele mantivesse sua palavra e deixasse suas mãos para si mesmo, estariam perto de uma cama. Muito provavelmente uma decadente, feita para o pecado da cama. O que aconteceria se a visse e perdesse sua intenção de resistir, e desse um passo para ele?

—Sua honra não significa nada para mim. Vou para seu quarto.

Um músculo palpitou em sua mandíbula. Um inferno resplandeceu em seus olhos, uma agitada tempestade de azuis. De azul cerúleo à violeta mais claro.

—Muito bem — disse cada sílaba com precisão—. Não roubaremos um tempo para nós mesmos. Reunir-nos-emos com os outros. Só posso esperar que sua natureza dissimulada acautele meus homens ao lhe escolher.

—Escolher-me para quê? —Perguntou, ignorando o comentário “dissimulada”. Suspeitava a resposta, e quase gritou quando ela chegou.

Suas sobranceiras se arquearam, e seus lábios descenderam.

—Para sua companheira de cama, é óbvio.



CAPÍTULO 6

Valerian tinha que levar sua companheira destinada ao refeitório. Algo do que desfrutava imensamente, embora ela chutasse e gritasse blasfêmias todo o caminho. Os seios se apertavam contra suas costas e as pernas caíam sobre seu estômago.

Sorriu abertamente. OH, mas gostava do espírito daquela mulher. Quão divertida era. Só desejava saber seu nome. Que o desse, de verdade. Ela se negava a dizer a verdade a ele, e disso ele não gostava. Não tinha se importado antes, com outras mulheres, mas saber o nome desta parecia necessário para sua sobrevivência.

— Não serei sua escrava sexual, e não serei escrava sexual de seu exército. Compreendeu? Não serei!

Não, ela seria sua amante. Sua companheira. Dele. E só dele. Antes, tinha visto a maneira que seus homens a olharam, a maneira que seus olhos se arrastaram sobre a curva da cintura, captando vislumbres da pele clara sob sua saia de mato.

Talvez não a mantivesse vestida assim, como tinha pensado primeiro. Talvez a cobrisse com um tecido grosso e escuro da cabeça aos pés. De qualquer forma, um de seus guerreiros provavelmente tentaria selecioná-la. Que homem poderia resistir ao fogo que ardia sob a fachada fria, suplicando a liberação?

Valerian mataria antes de permitir que outro homem a tivesse.

Havia dito a ela que sua honra não permitiria que ele mentisse, mas realmente, a honra não queria dizer nada ante sua perda. Mentiria, extorquiria, faria o que fosse necessário para assegurar-se que nenhum outro homem tentasse reclamá-la.

Quando virou na esquina, Valerian desejou que o pequeno raio de lua tivesse permitido a ele levá-la ao seu quarto. Teria mostrado a vista da cidade a ela como prometeu, sim, mas também teria utilizado o tempo roubado por completo. Teria tentado-a e seduzido até que só pensasse nele. Uma carícia proibida, um olhar quente e demorado. Seus homens teriam visto o quanto ela o desejava, só a ele, e teriam ficado menos inclinados a escolhê-la.

Agora teria que pensar em algo mais.



—Leve-me de volta à praia — disse, batendo em suas nádegas com os punhos. —Agora mesmo, maldito seja! Estou agindo de maneira agradável. Ouviu-me?

—Não estou seguro de quantas maneiras diferentes posso dizer a você que esta é sua casa e que você vai ficar aqui para sempre. —Talvez fosse melhor que não tivessem ido a seu quarto. Agora poderia terminar com o processo de seleção. Agora poderia demonstrar que ela lhe pertencia. Agora seus homens poderiam concentrar-se em suas escolhidas.

Ele, é obvio, poderia concentrar-se em... merda.

—Qual é seu nome? —perguntou. Embora seu contínuo desafio fosse divertido, também frustrava.

—Quando os policiais se inteirarem disto você... você... isto é seqüestro, bastardo.

Que não o desejasse e que seria mais feliz se ele a tivesse deixado no mundo da superfície era tão humilhante quanto chocante.

—Está assustada — racionalizou — Sinto muito por isso.

—Assustada? Ah! Estou de saco cheio.

Apesar de sua negativa, ele sabia que estava espantada. O batimento do coração pulsava de modo irregular contra suas costas, e podia sentir as exalações superficiais de seu fôlego contra a pele. Entretanto, ela lutava contra a emoção, mostrando apenas fúria. Sua admiração por ela aumentou.

Deuses, queria, não, necessitava dela. Beijá-la. Conhecer o sabor de sua língua. Esteve perto de beijá-la na gruta. Mas um toque da pequena e doce língua e não teria podido parar. Um toque e ele necessitaria do segundo e do terceiro. Sabia. Teria aberto as pernas dela, passado a língua por seu calor, logo se encaixado dentro dela até o punho. Tão profundo que ela só poderia ofegar seu nome.

Conhecia as mulheres e sabia que esta seria violenta em sua paixão. Veja a maneira que reagia ao aborrecimento e ao medo, como uma gata selvagem protestando e arranhando. No desejo sexual não seria diferente. Quando ela liberasse seu fogo interior, explodiria em chamas, queimando seu amante em cinzas saciadas.

Essa paixão lhe pertencia, refletiu sobriamente.

Franzindo o sobreceño, deteve-se.

—Atacará qualquer homem que tente reclamar você? —Com um suave puxão, moveu seu corpo baixando-a. Lentamente, muito lentamente. Os estômagos nus se roçaram e ela conteve a respiração. Os músculos dele saltaram em excitada reação.



Ela talvez negasse, mas era consciente dele de uma maneira muito sexual.

—Atacá-los-á? —repetiu. Plantaria a sugestão em sua mente, se fosse necessário.

—Maldição, farei isso sim. —Os olhos brilharam com o fogo do âmbar, o desafiando a contradizê-la ou a ameaçar castigá-la. — Lutarei até a morte. Suas mortes.

Como se fosse castigá-la por algo que desejava desesperadamente. Valerian separou os lábios em um sorriso satisfeito. Já que não podia fazê-la admitir seu desejo por ele – esta ainda era a segunda melhor coisa.

Vamos terminar com isto. A urgência o enchia, entrelaçou os dedos e puxou-a. Evitaram rapidamente a areia de treinamento, assim como as cozinhas.

—Você gosta do palácio? —perguntou antes que ela pudesse começar a protestar outra vez. *Olhe a beleza*, ordenou em silêncio. Candelabros decoravam as paredes, as chamas piscavam dentro e iluminavam o atalho. Os olhos dela se cravaram nos afrescos, afrescos tão vívidos que quase pareciam vivos. As cenas sensuais multicoloridas, todas, onde homens nus, mulheres e criaturas de todas as raças se retorciam em diferentes etapas do orgasmo. Ele e seus homens pintaram as cenas para fazer o palácio deles, não dos dragões.

Os nymphs eram originalmente nômades, moviam-se rapidamente de uma localização a outra, sempre procurando a seguinte conquista sexual. Nunca se importado onde residiam. Mas Valerian se cansou desse tipo de existência. Quis mais para ele mesmo, mais para sua gente. Não podia localizar exatamente o que o fez sentir-se desta maneira; só sabia que uma sensação de inquietude esteve crescendo dentro dele durante meses e que o pensamento de vagar já não tinha nenhuma atração.

Quando soube que aquele palácio tinha sido deixado aos cuidados de um simples filhote de dragão, tinha decidido tomá-lo. Rapidamente. Facilmente.

E assim o fez.

Não lamentava a decisão. Quando entrou no palácio, sua agitação foi substituída pela justiça. Valerian inclinou a cabeça quando lhe ocorreu um pensamento. Talvez precisasse tomar a mulher ao seu lado do mesmo modo que tomou o palácio do dragão. Com astúcia. Com precisão. Com uma absoluta falta de misericórdia.

OH, sim. Lentamente seus lábios se levantaram em um sorriso. Ela logo se encontraria sendo o alvo de um ataque em grande escala e irresistível. Mal



podia esperar para começar.

— Você gosta do palácio? — perguntou outra vez.

Ela vacilou antes de dizer:

— Serei honesta. Sua casa... as paredes, lembram você.

Nossa casa, pequeno raio de lua, nossa casa.

— Obrigado.

Franzindo o cenho, bateu na mão dele, tentando forçá-lo a soltá-la.

— Isso não era um elogio.

— Dizer que as imagens de sexo a fazem pensar em mim não é um elogio?

Ela abriu a boca, mas a fechou de repente.

— Não foi isso o que quis dizer e sabe.

Ele riu entre dentes.

— Negue o quanto quiser, mas cada vez que me olha pensa em carne nua e retorcendo-se de prazer.

— Não esqueça a mordaca e a corda — grunhiu — Deixe-me ir.

— Eu gosto do som da corda.

— Claro, pervertido sujo.

O ar estava pesado com a antecipação e o entusiasmo quando ele deu um passo no refeitório. Todos se calaram, ofegando. Deteve-se e envolveu um braço ao redor da cintura dela. Daquela vez, ela não protestou. Não lutou. Provavelmente a surpresa a manteve cativa.

— Chegamos — anunciou ele. Um contingente de guerreiros estava alinhado em um lado da sala. Um grupo de fêmeas que cheiravam a doce do outro lado. E uma grande mesa de madeira esculpida com cabeças de dragões ferozes os separava.

Tinha querido destruir a mesa, não queria nenhuma posse dos dragões em sua casa. Mas não encontrou nenhuma outra mesa suficientemente grande para seus homens.

Talvez a mantivesse e faria amor com sua mulher sobre ela.

As paredes eram de singelo ônix e marfim. Antes, safiras, esmeraldas, diamantes e rubis tinham brilhado por toda a extensão, mas foram extraídos pelos soldados humanos há meses. Estes humanos foram mortos pelos dragões, proporcionando a Valerian a oportunidade que necessitava para introduzir furtivamente seus homens e conquistar.

Geralmente os nymphs só atacavam quando os provocavam, mantendo suas naturezas brutais sob um estrito controle. Mas os dragões eram inimigos do único aliado que possuíam: os vampiros. Diferente das outras raças em



Atlantis, os vampiros não amaldiçoaram os nymphs por seu poder sobre as mulheres; não se indignavam com ciúmes. Layel, o rei, achava-o divertido.

Meneando-se ao lado de Valerian, sua companheira disse:

—Não vou me colocar no menu deste... deste bufê sueco. —Cravou o cotovelo contra o estômago dele, quase tirando o ar de seus pulmões.

—Fique quieta, mulher.

—Morra, bastardo.

Seus homens os olharam com variadas expressões de horror. Ele tinha ensinado a cada um deles o idioma da superfície, porque acreditava que o conhecimento igualava o poder, assim souberam exatamente o que o pequeno raio de lua disse a ela. As mulheres simplesmente não agiam assim. Não com Valerian, ao menos. As mulheres o amavam e o veneravam. Lutavam para que ele as notasse. Suplicavam por seu toque.

Não ordenavam que ele morresse!

Entretanto não estava envergonhado por esta apresentação. Não, estava radiante. Se Valerian, o mais desejado dos nymphs, falhara ao cortejá-la, seus homens saberiam que eles estavam destinados a falhar com ela, também. E escolhendo-a e falhando, seriam forçados a dormir sozinhos naquela noite, algo que esperavam evitar. Mas neste momento, queriam sexo. Não amor, não uma companheira. Só sexo.

Valerian teve que forçar-se a franzir o cenho quando açoitou o traseiro dela, sabendo que isso animaria mais seus gracejos.

Ela gritou.

—Acabou de me dar um açoite? Diga que não me açoitou, Valerian, antes que introduza seu nariz em meu punho. Outra vez.

Ah, adorava ouvir seu nome nos lábios suaves e rosas. Como seu rosto era tão claro, a cor dos lábios se destacava como uma baliza, exuberante e suplicando para serem provados.

—Estou esperando — grunhiu ela.

—Não. É bonita.

No princípio sua expressão se abrandou e deu a Valerian um vislumbre da fêmea doce e vulnerável. Quase a beijou, incapaz de evitar. Então a fúria faiscou nos olhos, afugentando a imagem de um coração derretido.

—Não fale assim comigo. Eu não gosto.

Ele piscou. Ela preferia que dissesse coisas ruins? Interessante. Confuso e estranho, também, mas algo sobre o que refletir. Por que desejaria uma mulher tal coisa? Era uma defesa contra ele?

—Meu rei — replicou Broderick — Estamos preparados. Instruímos às



mulheres a permanecerem na fila até que sejam escolhidas.

Uma recontagem rápida revelou mais homens que mulheres.

—Minha elite escolherá primeiro — disse Valerian. Eles tinham lutado em mais guerras, eram mais fortes, mais rápidos, e necessitavam mais de sexo que um soldado médio.

A elite aclamou. Os outros gemeram de desilusão.

—Fique quieta — disse a sua mulher, sabendo muito bem que faria o contrário — E permaneça nesta fila. Meus homens precisam olhar bem para você.

Para seu total deleite, ela replicou.

—Como o inferno. Por mais ansiosas que as outras possam estar, eu não aceitarei silenciosamente este desfile. Não permanecerei aqui parada passivamente.

Porém não se foi. Não, apertou-se a seu lado, permitindo que ele a rodeasse com sua força, embora ela ainda não o encarasse. O ombro acariciou seu peito, e várias mechas dos cabelos sedosos ficaram presas na argola do mamilo. Ele podia ouvir o batimento irregular do seu coração, podia sentir o calor da pele suave.

Estendeu os dedos sobre suas costelas, e ela tremeu.

Tinha que ver o rosto dela, tinha que ver que emoções permaneciam ali. Impotente, segurou seu queixo e a forçou a olhá-lo. Seus olhos se encontraram e se sustentaram. O resto do mundo se desvaneceu, como sempre parecia fazer quando ele a olhava. Os olhos dela eram de um veludo escuro, ricos e quentes, destacando-se absolutamente em seu rosto claro.

—Qual é seu nome? —encontrou-se perguntando outra vez.

—Não há razão para que saiba — disse ela sem respiração. Lambeu os lábios, depois mordeu o cheio lábio inferior entre os dentes. Seu membro saltou em reação — Vou embora logo. Muito em breve.

Como se ele alguma vez fosse permitir que esse bocado delicioso o deixasse.

—Se prometer a você que a ajudarei a afastar esses homens — cochichou—, me dirá?

—Eu... talvez. —Fechou as pálpebras, e a extensão de seus cílios lançou sombras pontiagudas sobre as faces — Por que me ajudaria?

Por que verdadeiramente. A resposta deveria ser óbvia para ela.

—Quero manter você para mim mesmo. —Disse as palavras tão brevemente quanto foi possível, sorrindo lentamente, com desejo. Necessitava de uma reação extrema dela. Algo que horrorizasse seus homens ainda mais.



Como tinha esperado, ela começou a lutar contra ele.

—Não sou um pedaço de carne. Isto não é um bufê. Deveria se envergonhar de você mesmo.

Valerian se forçou a suspirar.

—Se não ficar na fila, Serei obrigado a sustentá-la aqui. —Uma onda de triunfo o varreu. As coisas estavam funcionando como tinha esperado. — Broderick — chamou.

—Sim, meu rei. —Broderick deu um passo adiante, ruborizando.

—Como segundo no mando e líder da elite, pode escolher primeiro. — Valerian afrouxou o aperto sobre sua cativa para que seus movimentos fossem mais óbvios. Ela se retorceu ainda com mais força, seus ofegos e grunhidos enchiam o ar. As ações, os sons, o excitaram.

Broderick sorriu e se aproximou das fêmeas, começando pelo final. Os gorjeios femininos e os ronrons ressoaram no espaçoso recinto.

— Escolha-me, escolha-me.

Saboreando seu papel, o guerreiro circundou lentamente a fila, parando aqui e ali para abrir o zíper do vestido de uma mulher e olhar seus seios. Para o prazer de alguns, também provou o sabor de seus mamilos. Infelizmente, não havia feito sua escolha quando alcançou o pequeno raio de lua e a estudou com desejo nos olhos esmeraldas.

Valerian apertou a mandíbula.

Minha, pensou outra vez, apertando o agarre.

Broderick se estirou para afastar a saia de mato da mulher.

—Sou Shaye — disse depressa, as palavras quase um grito — chamo-me Shaye Octavia Holling.

Valerian soube imediatamente o que desejava dele. Ajudarei você a mandar os homens para longe se me disser seu nome, tinha prometido a ela. Tinha prometido a Shaye. Shaye. Rodou o nome sobre a língua, saboreando-o. Provando-o. O nome lhe caia bem. Aparentemente refrescante, reservado, mas totalmente sensual.

—Dê um pontapé nele — soprou em sua orelha—. Com força.

Ela assim fez sem vacilação, levantou a perna e golpeou com o pé o estômago de Broderick. O guerreiro aturdido se propulsou para trás, tropeçou em seus próprios pés e caiu no chão. O restante do exército explodiu em risadas. Broderick ficou de pé rapidamente, franzindo o cenho para Shaye confuso.

Valerian engoliu o sorriso. Seu segundo no mando selecionou rapidamente uma bonita e tranqüila morena. Saíram correndo do refeitório



sem nem olhar para trás. Um a menos...

—Dorian. —Valerian cabeceou para o homem de cabelos pretos, cujo corpo musculoso emitia um ar de evidente desejo—. É o seguinte. —A Shaye — ah, não podia conseguir bastante de seu nome, tão delicado e encantador quanto à mulher — cochichou — Quando se aproximar de você, o ignore. Nem o olhe.

—Tem certeza? —Shaye não podia acreditar que dependia de Valerian para sair daquela confusão. Ele era o responsável por isso! Mas não podia pensar em nenhuma alternativa. Permitir que um daqueles bárbaros a "reclamasse", depois a levasse a força e lhe fizesse Deus sabe o que, não era atraente — Ignorá-lo não tirará todos seus instintos de cavernícola?

—Não com este homem. —Ele soava divertido.

Dorian tinha cabelos de ônix e as íris tão azuis que rivalizava com o oceano em pureza. Sua beleza primorosa era algo como de um conto de fadas. De algum modo, seus traços eram ainda mais perfeitos que os de Valerian. Entretanto ele não a fazia suspirar. Não enchia sua mente com imagens X de corpos nus e suados.

O estômago de Shaye se revolveu com nervosismo quando o homem seguiu o exemplo de Broderick e considerou a cada mulher da fila. Olhou, provou, desfrutou um pouco demasiadamente. Shaye se ofendeu pelas mulheres. Como se atrevia tratá-las tão despreocupadamente? Não importava que elas parecessem o adorar. Não importava que pedissem mais.

Quando ele a alcançou, ficou a distância e cruzou os braços sobre o imenso peito. Estudou-a, seu olhar intenso demorou-se em cada curva. Vários segundos se passaram e Valerian se retesou.

—Tire as conchas — disse Dorian—. Verei seus seios.

Ignorá-lo tinha sido o conselho de Valerian. Ela virou o queixo para longe de Dorian e estudou suas cutículas. Se ele tentasse tirar seu sutiã, partiria com um coto sangrento em lugar da mão.

—Não me ouviu mulher? Disse, tire as conchas.

Ela bocejou, uma proeza quase impossível. Com os fortes braços de Valerian ao seu redor, estava ridiculamente emocionada. Não aborrecida. Apesar das outras emoções, temor, ira, insulto seu desejo permanecia. Crescia. Não se sentia normal perto do gigante vão e egotista. Sentia-se como um ser sexual cujo único propósito era o prazer. Dar e recebê-lo.

Por que não havia se sentido assim em qualquer dos encontros que teve? Por que agora? Por que este homem?

Dorian expulsou um fôlego frustrado. Enredou uma mão nos cabelos



sedosos e observou seu chefe.

— Valerian, faça ela me olhar.

Valerian deu de ombros.

— Não posso forçá-la a olhar para você.

— Mas...

— É ela a quem deseja ou não? — As palavras o atingiram, bruscas, duras.

Cheias de impaciência. — Os outros esperam seu vez.

Um cenho obscureceu os traços de Dorian. Virou-se para longe de Shaye e caminhou rapidamente para a única ruiva do grupo.

— Escolho você.

O degradante desastre continuou durante meia hora. Só outra mulher parecia aborrecida pelos acontecimentos, a mesma mulher que como Shaye não esteve disposta a andar alegremente para água com os nymphs. Era uma coisinha diminuta e muito bonita, com cabelos escuros e encaracolados, olhos escuros e um nariz de botão. E, apesar de seus traços inocentes de colegial, irradiava sensualidade misteriosa e selvagem.

Infelizmente, foi selecionada por um guerreiro alto com contas nos cabelos de cor avermelhada. Um dos homens ainda na fila, ela não podia vê-lo, bateu na parede com o punho, a força disso reverberou pela sala.

— Quero essa — grunhiu.

— Muito mau para você, Joachim — foi a resposta, todo orgulhoso de si mesmo — Ela agora é minha. — Os Cabelos com contas agarrou a mão nervosa e a tirou da fila.

Ela arrastou os pés, mas não pronunciou uma palavra de protesto.

Obviamente desconcertado, olhou por cima do ombro e franziu o cenho.

— Não tenha medo. Não farei mal a você.

A garota mordiscou o lábio inferior com lágrimas nos olhos.

— Deixa-a ir — gritou Shaye. Tinha visto o bastante — Deixa-a ir agora!

Ela não quer ir com você.

Ele aprofundou o cenho e olhou para Valerian confuso.

— Mas... a escolhi.

A garota lançou um olhar assustado e cheio de lágrimas para Shaye. Seguia sem falar, só continuava mordendo o lábio inferior.

— Valerian. — Shaye o agarrou pelo pulso e apertou — Tem que fazer algo a respeito disto. Ela não quer ir com ele.

Os segundos passaram em silêncio absoluto.

— O que me dará em troca? — respondeu finalmente. — Se fizer algo como você tão docemente pediu, meus homens acreditarão que estou



estranho. Mas se for receber uma compensação, estarei disposto a me arriscar a desgostá-los.

— Permitirei que viva — disse ela entre os dentes apertados — Isso deve ser pagamento suficiente.

Ele riu entre dentes, um som forte e sensual de puro prazer.

Maldito ele e sua diversão!

— Serei agradável com você. Um pouquinho — resmungou.

Ele não vacilou.

— Deseja ser escolhida por outro guerreiro? — perguntou à mulher.

Os olhos vagaram sobre os homens que restavam ansiosos. Encolheu-se, engolindo em seco. Então sacudiu lentamente a cabeça.

— Leve-a, Shivawn, mas não a toque a menos que tenha sua permissão. E não a force a dar permissão a você — adicionou em todo caso. Ele se deteve — Isso a satisfaz, Shaye?

A maneira que disse seu nome... ela estremeceu e forçou sua mente ao assunto que tinha entre as mãos. Não, não a satisfazia. Mas sabia que ele não permitiria que a garota retornasse à praia.

— Pode-se confiar que Shivawn obedeça a sua ordem?

— Todos meus homens me obedecem. — Havia uma boa quantidade de insulto em seu tom — Vá — disse Valerian ao casal.

Shivawn se apressou a tirar a garota da sala antes que Shaye pudesse pronunciar outro protesto. O outro homem, que tinha batido na parede, blasfemou para si mesmo.

E a "seleção" continuou.

Cada vez que um soldado se aproximava, Valerian dizia a ela exatamente o que fazer. Cuspir, amaldiçoar, desmaiar. Agradecidamente, ninguém a selecionou. A fila minguava apreciavelmente, até que só restaram Shaye e poucas outras. As outras foram conduzidas aos seus quartos.

Mais tarde, quando isto acabasse, suspeita que Valerian pediria algum tipo de recompensa por sua ajuda. Mais que sua promessa de ser "agradável". Ele a agarrou excitado quando a atenção se desviou deles, riscando a curva do quadril dela com os dedos. Afundou o polegar no umbigo. As terminações nervosas dela estavam em chamas, clamando por mais dele.

Estranhamente, suas maneiras possessivas estremeçiam uma parte secreta dela. Uma parte que não sabia que existia. Quando alguém se aproximava, ele se retesava. Umas poucas vezes, grunhiu em voz baixa em sua garganta, como se tivesse resistido tudo o que podia.

— Está quase acabando — sussurrou. Sua respiração acariciou a orelha



dela enquanto arrastava a ponta dos dedos em sua espinha dorsal.

Ela quase desabou em um montão desossado. Só a sensação repentina e inesperada de estar sendo observada reforçou sua resolução de não parecer afetada. Sentia um olhar quente sobre ela, carregado de propósito e determinação. Um misterioso arrepio a percorreu enquanto os olhos percorriam os homens restantes, e bateram com um bonito moreno.

Suas pálpebras pesadas, com um olhar fixo de “venha para minha cama” a golpeou e se retesou. Ele a assustava. Havia ameaça em seus olhos.

—Encoste-se em mim se seus pés estiverem doendo — disse Valerian, errando sua reação.

Ela afastou sua atenção do homem moreno.

—Estou bem — disse, quase ofegante. Então franziu o cenho; tinha querido lhe bater.

Seu captor continuava pegando-a despreparada com seus comentários doces, deixe-me cuidar de você. Tratava-a como um tesouro precioso, velando por sua comodidade. Não gostava. A fazia ficar vulnerável, ficava mais difícil resistir a ele.

Ali tinha que haver algo que pudesse fazer para que ele a odiasse. Mas o quê? Ele ria de seus insultos, ignorava suas provocações. Continue tentando até que tenha êxito, maldita seja. Se ele continuasse sendo agradável com ela, ela se abrandaria. Ele poderia derreter o gelo que ela necessitava tão desesperadamente para sobreviver. O que aconteceria com ela então? O amor? Perder-se-ia em um homem que poderia nunca lhe devolver a profundidade de seus sentimentos? Deus, não. Não, não, não.

Com toda sua força tentou soltar da influência de Valerian, para ao menos pôr distância entre seus corpos. Ele fechou o punho, cortando sua respiração e encadeando-a no lugar.

—Fique quieta, lua. Meu corpo já tem fome do seu, e não tenho certeza de quanto mais posso tolerar. Quase acabamos aqui.

Imobilizou-se, não querendo excitá-lo ainda mais. Mas maldição! Por que tinha que sentir-se tão segura em seus braços? Segura, maravilhosa e excitada? Ele era perigoso para a vida solitária que ela construiu e desejou para ela mesma.

—Joachim — chamou Valerian— Chegou sua vez. —Baixou a voz, murmurando em sua orelha—, seu aroma é maravilhoso. Desejo tanto você. Desejo...

—Essa — disse uma voz masculina. Joachim, o atual "recolhedor," o zangado moreno que estava olhando-a fixamente, deu um passo adiante.



Valerian congelou. Shaye ofegou. Estava tão segura de ter espantado a todos... mas ele havia... Senhor querido. O gelo esfriou seu sangue.

—O que disse? —Valerian gritou. Os dedos, envoltos apertadamente ao redor da cintura dela, afundaram-se na pele.

—Desejo à pálida, à garota em seus braços. —Joachim abriu as pernas, sua expressão severa e orgulhosa de si mesmo. Preparado. Parecia um homem que desejava guerra — Dê-me ela. É minha.

CAPÍTULO 7

—Valerian — disse Shaye, com voz trêmula. Tão trêmula quanto seu corpo. — Ajude-me.

—Eu me encarregarei disto. Não se preocupe. —De uma só vez, Valerian se sentia furioso porque alguém se atreveu a tentar tirar Shaye dele, contente por ela se sentir a salvo com ele e assustado porque realmente poderia perdê-la.

E para seu primo, nada menos.

Não compartilhavam uma camaradagem fácil, mas a sede de poder de Joachim o havia tornado rebelde. Selvagem. Como Valerian ia mudar a intenção do soldado? Não sabia.

—Há outras duas mulheres na fila — disse Valerian— Tem certeza de que não prefere nenhuma outra?

Joachim assentiu com a cabeça sem olhar em nenhum momento para as mulheres em questão. A determinação enchia seus olhos. Determinação... e luxúria. Pela cabeça de Valerian? Ou pelo corpo do Shaye? De qualquer maneira, Valerian não se renderia facilmente.

Tampouco Joachim, ao que parecia.

—Quero-a — disse o homem firmemente.

O suave corpo de Shaye se apertou contra a dureza do de Valerian. O frio aroma dela o envolveu, aumentando sua própria determinação.

—Desafio você por ela — Valerian deu a seu primo um duro olhar— darei a você a chance de derrotar seu rei. —Joachim não podia tomar o trono desta maneira, mas havia uma grande honra em lutar contra o rei. Inclusive se — quando!— Joachim perdesse, seria elogiado por participar de tão raro evento.



Por um momento, por um realmente curto momento, Joachim considerou a oferta. Inclusive começou a assentir, mas se deteve. Sacudiu a cabeça em seu lugar.

—Inaceitável — franzindo o cenho, apertou o punho da espada. —A noite passada, teve carne feminina em excesso, fortalecendo-se. Eu estive sem cuidados durante semanas. Não estamos em igualdade de condições.

A mandíbula de Valerian se apertou dolorosamente. Esperava seu primo uma noite com Shaye para então lutar com o rei?

—Pode passar uma noite com as três mulheres que me deram prazer. Elas se assegurarão de fortalecê-lo. Poderemos lutar por Shaye na manhã seguinte.

As negras sobrancelhas de Joachim se arquearam, e algo – uma emoção indecifrável – iluminou seus olhos azuis.

—Disse que não reclamaria outra mulher da superfície, entretanto, aqui está, tentando fazer justamente isso.

—Espere — Shaye levantou as mãos. —Tempo. Deitou-se com três mulheres de uma vez, Valerian? —Se estivesse de frente a ele, certamente o teria esbofeteado. — Quer que me junte ao seu trem do amor? É asqueroso! Todos vocês são.

—Quê-las ou não? —perguntou a Joachim, ignorando-a.

Curvando os lábios em um sorriso, Joachim apontou para Shaye.

—Quero a uma. Como é meu direito.

—Ela não dará a você outra coisa que problemas. —Os dentes dele se apertaram tanto que tinha problemas para que saíssem as palavras.

—Isso é verdade. —Shaye assentiu com a cabeça, mechas de cabelos brancos dançaram sobre seus ombros. — Vou apunhalá-lo enquanto dorme. Vou cortar seus ovos e usá-los como brincos. Vou...

A cor desapareceu da face de Joachim, e engoliu em seco. Pelo menos, as ameaças a Joachim eram mais violentas, refletiu Valerian. Ela só tinha querido arrancar seus olhos.

—Continua querendo-a — disse Joachim, embora já não parecesse tão crédulo.

Seu primo não cederia. Frustrado, enfurecido, Valerian deu um grunhido animal. Nunca tinha mentido para seus homens, nunca tinha voltado a trás em sua palavra. Seu pai morreu quando Valerian era um menino, deixando-o para que se encarregasse do exército nymph. Teve que demonstrar que era digno e capaz uma e outra vez. E o fez.

—Honra-os — Foram as últimas palavras de seu pai—. Guia-os. Protege-



os. É o último responsável por seu destino.

Podia tomar Shaye, e ninguém se negaria. Queixar-se-iam de sua falta de honra, sim, inclusive o amaldiçoariam ao eterno Hades. Mas ninguém se negaria.

Enquanto se dizia que poderia aliviar sua honra possuindo Shaye, deu-se conta de que não poderia. Como poderia esperar que ela se apaixonasse — e fizesse amor— com um homem sem honra?

—Disse que não reclamaria as mulheres que trouxesse para cá, e não o farei. — disse.

Shaye ficou rígida. Fechou as mãos sobre os braços dele, que ainda estavam envoltos ao seu redor, e cravou as unhas na pele dele.

—Não o farei — continuou, mudando para sua língua materna para que Shaye não pudesse entender o restante da conversa—, sem chegar a termos amistosos. Permita-me comprá-la.

Uma vez mais, Joachim sacudiu a cabeça.

—Não.

Maldito seja o homem!

—O que posso fazer, primo? A mulher... —parou, pressionou os lábios juntos — A mulher é minha companheira.

As janelas do nariz de Joachim se alargaram, e mostrou os dentes. Deu um passo ameaçador para frente.

—Ela não parece pensar assim. Não o aceitou como tal.

—Ela é humana. Suas reações devem ser diferentes das nossas.

—Diria qualquer coisa para mantê-la ao seu lado.

—Nisto, não mente. Se a tomar, ela nunca poderá amar você. Nunca poderá dar seu coração a você. Sua alma, sempre me pertencerá. —Ambos conheciam a conduta entre as companheiras e os nymphs. O amor era o amor. Que Shaye fosse humana não fazia nenhuma diferença. Tinha que fazer Joachim entender. —Quando a possuir em sua cama, será meu rosto que imaginará.. Meu corpo que desejará.. Seu orgulho pode suportar tal coisa?

Um sombrio e pesado silêncio seguiu seu pronunciamento. Seu primo, pálido, apertou a mandíbula.

—O que disse a ele? —Shaye passou a olhar dele ao Joachim e do Joachim a ele.

Joachim entrecerrou os olhos para Valerian.

—Tenho que pensar no que me disse. Descansaremos esta noite longe dela e amanhã discutiremos sobre sua propriedade.

Como tinha falado na linguagem da superfície, Shaye o entendeu.



—Propriedade? —ofegou.

Manter-se afastado dela esta noite? O corpo de Valerian estremeceu bruscamente de horror. Desde o primeiro momento em que a viu, só tinha pensado em possuí-la. Negá-la a si mesmo seria, talvez, a coisa mais difícil que jamais tinha feito.

—Estou de... acordo. —Ao menos, ao seu primo tampouco seria permitido tocá-la.

—Bom, pois eu não estou de acordo. —Shaye bateu o pé, determinada a ser escutada.

Valerian aumentou a pressão de seus braços sobre ela, com a esperança de fazê-la calar. É obvio, não funcionou.

—Permita-me economizar um montão de problemas para vocês — disse. — Não quero nenhum dos dois. Agora, estou sendo uma mulher razo...

Valerian bufou.

—Uma mulher razoável — terminou, olhando-o por cima do ombro. — E estou disposta a esquecer todo este episódio dos Fanfarrões de Atlantis se alguém. Me. Leva. Para. Casa.

Ignorando-a, Joachim cruzou os braços sobre o peito.

—Onde ela ficará esta noite?

—Porei ela no quarto junto ao meu. Haverá um par de guardas em sua porta.

Seu primo parou um momento, com a idéia percorrendo sua mente. Assentiu.

—Muito bem.

Valerian deixou cair os braços que rodeavam Shaye e imediatamente sentiu falta de sua suavidade, seu calor. Ela devia haver sentido a mesma perda, admitisse isso ou não, porque entrelaçou os braços na cintura e estremeceu.

—Maldito seja — tamborilou os dedos contra os flancos. — Alguém que prestou atenção em mim me diga quem me levará para casa?

—Eu — disse Valerian antes que Joachim pudesse responder. —vou levar você para casa.

Com um ofego assombrado, ela se virou e o enfrentou.

—De verdade? Você me levará para casa? Agora?

Ele bebeu dela, golpeado novamente por sua beleza. Como podia uma mulher fazer um dano tão intenso? Fazê-lo esquecer todas as que a tinham precedido até que só restou Shaye?

Afastando-se, manteve a palma da mão para ela.



— Virá comigo de boa vontade?

A suspeita logo cobriu seu rosto. Mas nem isso subtraiu sua beleza.

— Não está mentindo para mim?

— Nunca.

Durante muito tempo, ela não fez nada. Logo, tentativamente pôs sua mão sobre a dele. Os dedos se entrelaçaram, num ajuste perfeito.

Valerian sabia que ela tinha interpretado mal suas intenções; este era seu novo lar. Mas não disse nada a ela. Ainda não.

Joachim grunhiu e estendeu a mão para Shaye. Passaram alguns segundos enquanto ela o olhava. Todos os músculos do corpo de Valerian estavam tensos. Se a mulher pegasse a mão de Joachim, alentaria as intenções do guerreiro. Refutaria a validade da declaração de Valerian.

Passou um batimento. Logo outro.

Ela olhou para Valerian com uma expressão exasperada.

— Bom, o que estamos esperando? Vamos. Se nos apressarmos, vou ser capaz de fazer meu vôo para Cincinnati.

Vôo? Podia voar? Certamente não. Afastou esta idéia confusa e se concentrou em sua surpresa. Ela ignorou Joachim e a sua mão como se não existissem. Mas a ele, pediu ajuda. Em seu interior, Valerian uivava de triunfo.

— Crosse — chamou um dos homens restantes. — Prepare o quarto contíguo ao meu — felizmente, o leal homem sabia o que verdadeiramente desejava, a eliminação de todo rastro das mulheres humanas que tinham dado prazer a ele na noite anterior. Infelizmente, não tinha se limitado à câmara principal. Shaye explodiu ao menor indício de concupiscência, e ele não desejava seu mal-estar.

Crosse assentiu com a cabeça, lançou um olhar nostálgico às duas mulheres restantes e se apressou a obedecer.

Joachim, que não se moveu, por fim deixou cair seu braço a um lado.

— Será melhor que seja precavida, mulher, e me trate com mais cuidado — sua voz era baixa, desolada. — Poderia mudar de opinião e decidir tomá-la agora.

— Não acho que isso seja provável — Valerian estalou a língua, embora na realidade quisesse atacar.

— Por que os dois não vão para o inferno e me economizam o problema de enviá-los para lá? — disse Shaye, irradiando inocência absoluta. Doçura total. — Agora seja um bom menino e me leve para casa como prometeu, Valerian.

Este viu o olhar atônito de Joachim e reprimiu um sorriso. Essa língua



afiada de Shaye podia salvá-los. Virou-se para os outros.

— Terran, Aeson, podem escolher entre as duas restantes — enquanto aplaudiam, virou-se para enfrentar Shaye. — Por aqui — guiou-a ao corredor.

Deu-se conta que alguns guerreiros não tinham chegado aos seus quartos. Alguns estavam no processo de fazer amor com suas novas mulheres ali, no corredor, enquanto outros, simplesmente empurravam suas amantes contra a parede e se alimentavam entre suas pernas. Gemidos, ronronos e grunhidos de prazer ecoavam.

— Meu Deus — ofegou Shaye.

Essa era uma visão comum em um lar nymph, mas não disse isso a Shaye.

Com ela em seus calcanhares, e Joachim nos dela, conduziu-a além das cozinhas, além das salas de treinamento, além dos quartéis dos guerreiros, onde abundavam mais gemidos e ronronos.

— Param alguma vez? — murmurou ela sem muita clareza.

Emoção e — isso era desejo? — amarravam sua voz. Sim, deu-se conta. Sim, foi. A emoção o divertiu. O desejo o excitou a um nível primário. Se ela fosse ele, teria vencido o primeiro e teria gozado o segundo ali e agora. Logo, jurou para si mesmo. Logo.

Os quartos estavam localizados em uma sala distante do resto do palácio. Todos os quarto eram espaçosos, com uma piscina grande como banheira, uma cama enorme e uma parede com janelas panorâmicas que ofereciam uma vista impressionante da cidade do exterior.

— Obrigado por consentir em me levar de volta — disse Shaye — Sei que não é isso que quer e lhe agradeço por isso.

Nunca a tinha ouvido falar de forma tão suave, tão terna. Inclusive tinha uma expressão de genuína gratidão, uma doçura que suavizava seus traços e lhe dava um brilho radiante. Não podia permitir que ela continuasse regozijando-se em uma mentira por mais tempo.

— Não vou levar você de volta a seu mundo, lua. Vou levar você para casa. A sua nova casa.

Ela sibilou uma corrente de ar, suas unhas se cravaram na carne dele.

— Você sabia no que eu acreditava, mentiroso safado.

— Ela sempre fala assim? — perguntou Joachim, expressando sua primeira dúvida.

— Sempre — espetaram Shaye e Valerian em uníssono.

— Não ficarei em seu quarto — grunhiu ela para Valerian. — Já disse isso a você.



Teve que arrastá-la (suavemente, é obvio) o restante do caminho. Joachim observou a interação com expressão indecifrável. Finalmente chegaram às portas do quarto de Valerian.

Crosse saiu pela porta principal, afastando o delicado material que estava pendurado ali. Seus traços ruborizados pelo prazer, seus olhos estavam fechados em entrega enquanto saía cegamente.

Depois de ter captado sua atenção, as três mulheres humanas nuas o perseguiram e prenderam em um círculo. Imediatamente, as mãos delas estavam sobre ele, tocando e acariciando suas costas enquanto gemiam de impaciência.

Ao vê-los, um plano brotou na mente de Valerian, irritava-o que ter que reduzir-se ao planejamento e à intriga para ter à mulher que devia, com todos os direitos, estar ofegando por ele. Ele era um rei. Um líder. Sua palavra era a lei.

— Pegue qualquer mulher que deseje, Crosse, e vá para a cama.

As pálpebras do guerreiro se abriram de surpresa.

— Meu rei — disse. Uma das mulheres manuseou seu testículo, e gemeu.
— Posso ter as três?

Valerian revirou os olhos.

— Não. Necessitam-se de duas... em outro lugar.

A boca de Shaye abria e fechava, e cada vez que o fazia, escutavam-se sons estrangulados.

— Está tratando essas mulheres como objetos, e o que quer dizer em outro lugar? — apontou com o dedo para Crosse, mas manteve seu olhar em Valerian. — O que acontece se uma mulher escolher sair com ele? Então o quê?

— Ainda dúvida da vontade delas? — Valerian apontou para o quarteto retorcendo-se com uma inclinação de queixo — estão comendo-o vivo inclusive agora.

Os olhos dela se entrecerraram, e grunhiu.

— Bom, ainda soa como um alcoviteiro — murmurou. Logo, mais forte — Mantenham-se de pé, garotas. Digam a estes homens que não farão parte de suas libertinagens.

Em lugar de responder, as três percorreram com a língua o peito e as costas nuas de Crosse. O homem gemia em puro êxtase. Shaye apertou a base do nariz e sacudiu a cabeça.

— Leve sua mulher com você, Crosse, e rápido.



—Obrigado, meu rei — Crosse agarrou a morena, que inclusive nesse momento estava tentando colocar a mão em suas calças, e correu com ela. A risada dela ecoou em suas costas.

As outras duas se queixaram da perda de seu amante... até que viram Valerian. Aplaudiram e riram com renovada alegria. Ele se retirou. Inclusive pôs Shaye na frente dele como um escudo.

—Estou emparelhado — disse a elas. Os nymphs emparelhados não costumavam atrair as mulheres com a mesma potência e febre que os que não estavam. Estas mulheres podiam querê-lo ainda, mas não com a mesma intensidade de antes. Além de todo sentido comum.

Talvez as humanas não soubessem que as coisas eram assim, porque continuaram caminhando para ele, sem alterar-se.

—Para trás, senhoras — gritou Shaye de repente. Elas obedeceram imediatamente, seus rostos decompostos fazendo beicinho.

Valerian piscou surpreso. Havia ciúmes no tom de Shaye? Possessividade? Atreveria-se a esperar por isso?

—Joachim necessita de uma amante — disse, apontando para ele.

Seus olhares deslizaram para o guerreiro em questão, cujos olhos estavam cada vez mais cheios de suspeita. E de antecipação. Ambas as mulheres sorriram lentamente e se aproximaram dele exibindo-se sem perguntar.

—É tão grande — sussurrou a loira.

—E forte — adicionou a ruiva.

Joachim retrocedeu, decidido a resistir.

—Fiz uma escolha? —disse perguntando em vez de afirmar – a... clarinha vai ser minha próxima companheira de cama, e devo cuidar de sua porta esta noite. Por essa razão, vocês... não... podem... tocar-me. Tocar-me. — Esse último foi dito com um gemido indefeso de capitulação.

Tinham chegado a seu lado, e suas mãos estavam sobre ele, acariciando-o. Suas respirações quentes foram provavelmente um banho sobre sua pele, os aromas da ansiedade delas provavelmente chegavam ao nariz dele. Valerian quase sorriu. Talvez já tivesse perdido sua honra, pensou inclusive enquanto dizia:

—Shaye não se importará não ficar em sua porta fazendo guarda esta noite. Um homem tem necessidades, e ela sabe.

—Necessidades — repetiu o guerreiro com um olhar perdido, aturdido pela paixão.

—Quero que sua pele nua deslize sobre a minha — disse a loira, sem



fôlego.

—E eu o quero, quente em minha boca.

Joachim inspirou audivelmente.

—Valerian... —começou a dizer.

—Vá. Verei você pela manhã.

—A clarinha...

—Permanecerá intacta — esta noite — dei minha palavra a você.

—Confio em você. —Joachim se afastou então, com uma sensual mulher em cada braço. Valerian duvidava que o fizessem em um quarto. O mais provável é que Joachim já estivesse nu e dentro de uma, segurando-a contra a parede...

Um grito de êxtase de prazer soou.

Valerian finalmente permitiu um sorriso sair. Joachim estava ocupado, e tinha Shaye só para ele. Mas não podia provar seu sabor ou acariciar seu corpo, recordou-se. Tinha dado sua palavra, depois de tudo, e seu primo confiava nele. Perdeu o sorriso.

—Incrível — murmurou Shaye.

Agarrou-a pelos ombros e a virou, deixando-a ver seu cenho franzido.

—E o que é que parece tão incrível para você?

—A quantidade de relações coletivas que há, é obvio. Não ouviu falar das enfermidades?

Estava tão bonita ali de pé, com seu ressentimento. Tão surrealista, como o raio de lua cujo nome lhe deu. A luxúria subiu em espiral a partir de seus dedos através de seu sangue. Havia tocado a suavidade de sua pele hoje, mas ainda não a tinha provado. Tinha sustentado-a, mas ainda não havia feito amor com ela.

Os sons do amor ecoaram nos corredores do palácio, audíveis inclusive de seu remoto refúgio. As faces de Shaye ruborizaram. Como ele gostaria de provar a cor dessas faces, para ver se eram tão puras como pareciam. Seu membro endureceu dolorosamente.

Agora que estavam sozinhos, seu corpo só queria conhecer o dela. Para despi-la. Para afundar-se nela. Para golpear, duro e rápido, um ritmo que nunca terminasse. Ela o olhou, como se finalmente se desse conta que estavam sozinhos, e suas fossas nasais se abriram. Com desejo?

Tinha que tê-la, condenada fosse a honra. Tinha que... apertou as mãos em punhos aos flancos para manter a si mesmo afastado.

—Shaye, me escute muito atentamente — as palavras não eram mais que um grunhido de necessidade mal contida — Quero você, mas não posso tê-la.



Se não for para dentro do quarto agora mesmo, vou me esquecer do por que não posso. Vou pegá-la. Vou arrancar cada parte de suas vestimentas e provar cada polegada de você.

Enquanto falava, ela se afastou dele. Seus olhos se abriram, impossivelmente redondos, de veludo marrom com faíscas de, atreveria-se a dizer, desejo?

—O tecido atrás de você cobre a única porta. Se a cruzar, embora seja só uma vez, verei isso como um convite a pegar o que tão desesperadamente necessito.

A total convicção em sua voz devia ter assustado-a. Pálida, virou-se e correu para o quarto, com os cabelos claros à deriva detrás dela como uma constelação de estrelas fugazes.

Durante muito tempo, o tecido pendurado diante da porta ondulou, convidando-o a entrar. Por último, acalmou-se, e Valerian cobriu o rosto com uma mão trêmula. Ao que parecia ter uma companheira ia ser um inferno para seu corpo que previa uma longa e dolorosa noite pela frente.

E sem um final à vista.

CAPÍTULO 8

O coração de Shaye retumbava em seu peito, batendo tão forte que temia que suas costelas se quebrassem; seus ouvidos zumbiam alto, e ela os cobriu com as mãos para bloquear o horrível ruído. Prostrou-se sobre a borda de uma decadente cama, *feita para o sexo*, de seda e veludo vermelho.

Sem atrever-se a respirar, olhou para a cortina transparente de renda branca que substituíra à porta.

Permaneceu nessa exata posição por mais de uma hora, temerosa e, maldição, prevendo que Valerian a seguiria para dentro do quarto. Aquele olhar em seus olhos quando ela o deixou... ela nunca se encontrou com algo tão ardente. Tão abrasador. Se ela tivesse estendido sua mão, o calor de seu olhar teria queimado sua pele.

Engoliu saliva. Vendo-o assim, sentiu como se tivesse viajado muito perto do sol, preparada para arder em chamas a qualquer momento. Uma parte dela desejou arder.



Na Terra, ou melhor, na superfície, não tinha que preocupar-se com esse tipo de coisas. O desejo não fazia parte de sua vida, o que era bom. Seus empregados eram mulheres; ela mantinha intencionalmente o escritório livre de testosterona para evitar as tentações.

—Relações — murmurou. — Argh. —Não era como se não tivesse visto sua mãe devorar homens como caramelos ou que ela tivesse sido testemunha de seu pai abrindo passagem através das mulheres como se fosse um defensor de linha⁵. Não eram os padrastos que tentaram escapular para dentro de seu quarto, forçando-a a esconder-se nos cantos escuros para poder dormir um pouco. Não eram nem sequer os encantadoramente e ardilosos homens com quem havia tido intimidade por um breve e curioso período de sua vida.

Era o medo de que ela pudesse ser como eles, uma escrava de seus próprios desejos. Uma idiota por amor. Aceitando qualquer lixo que o objeto de sua fascinação dissesse. Shaye suspirou.

Certamente, ela tinha tido mais aventura nas últimas horas do que em toda sua vida. Não tinha vivido um momento de solidão, não teve que desejar que tudo estivesse bem. Mas lá encima, os homens que ela empurrava para longe se mantinham afastados. Se alguém pedisse a eles para sair e dissesse que não, deixavam-na sozinha. A maioria não queria nada que ver com ela, para ser honesta, achavam-na muito... suscetível. Muito fria.

Valerian não. Parecia que não podia desfazer-se dele.

Descansou a cabeça contra o pilar da cama, que era esculpido de forma intrincada com dragões praticando jogos amorosos e nuas mulheres. Até agora Valerian tinha provado que era um homem de palavra e não tinha entrado. Nem sequer tinha dado uma olhada através da leve renda. Entretanto, sabia que estava parado em guarda justo além da cortina. Ouvia-o trocar de um pé a outro.

Tenho que fugir antes da manhã.

—Não sou um troféu — murmurou. —Não sou um prêmio para Valerian e seu Esquadrão do Sexo pelo qual brigar.

—Sim, é — disse o homem na hora.

O som de sua rouca e sexy voz deu a ela uma sacudida de puro prazer. Fez que seu coração saltasse um batimento e o calor deslizasse por toda sua pele. Saltou sobre os pés, seu olhar examinando o quarto procurando uma saída. Tudo o que viu foi uma grande tina que estava cheia de água quente.

⁵ Linebacker posição no futebol americano. Os defensores de linha são membros da equipe defensiva que se localizam a três ou quatro jardas da linha defensiva.



Espirais de vapor se curvavam até a abobada do claro céu de cristal, que deixava à vista o agora turbulento oceano em cima. Ondas se revolviam e giravam, deixando vestígios de espuma para trás. Nenhuma sereia excitada à vista, graças a Deus. Batinas multicoloridas, togas? Estavam penduradas no armário.

O quarto parecia que tinha sido tirado do cenário de um filme. Uma peça de época com um pingo de modernidade. Sofisticado, caro e irreal. Enquanto que a penteadeira era feita de marfim, a cadeira em frente a esta era composta de diamantes, as almofadas forradas com sedas de vívidos violetas do mais claro lilás até o mais escuro ametista. Fiel à palavra de Valerian, não havia nenhuma outra entrada. Nenhuma outra... *espere!* Mordendo o lábio com a força da excitação, ela correu para um véu lavanda pendurado sobre a parede longínqua e o afastou para um lado.

A visão que a recebeu não era a que esperava, mas a fez ofegar igualmente. Seus olhos se arregalaram.

—Querido Deus.

—Magnífica. Não é mesmo? —Valerian disse através da cortina, como se pudesse ver pelos olhos dela. O orgulho emanava de suas palavras. — Nós a chamamos de Cidade Exterior.

Ela parou em frente a uma parede de janelas. Uma exuberante e verde vista a recebeu. Grossas árvores beijadas pelo orvalho, algumas tão brilhantes quanto as esmeraldas, outras tão brancas quanto a neve, circundavam a paisagem. Cataratas claras caíam em rios puros. Pássaros da cor do arco-íris voavam acima de sua cabeça.

No coração de tudo isso havia uma cidade completa, *palpitando com vida*. Edifícios de pedra e madeira criavam um labirinto de ruas sinuosas. Raios de luz emanavam da cúpula acima, tênue e escura, como o crepúsculo dá passagem à noite. *Luz proveniente de um cristal em lugar do sol*, Shaye meditou.

Ela teria amado visitar, estar parada no meio dessa espetacular formosura e simplesmente desfrutar dela. —Estou tão perto como alguma vez estarei do céu — ela sussurrou. Olhou para baixo aos escarpados, surpresa pelas criaturas que repentinamente notou. *Está bem, talvez não no céu*. Havia homens com cabeça de touro, mulheres com corpo de cavalo, leões com asas, e...

—Putá merda! —Ela cobriu a boca com a mão, em choque pelo que viu. Seus ouvidos deram boas-vindas a uma profunda e rouca risada.

—Devemos trabalhar sua linguagem, Shaye.

O som daquela risada a banhou eroticamente. O som de seu nome nos



lábios dele, entretanto, provou ser mais estimulante. *Seja desagradável. Aborreça-o.* Os minutos passaram, e ela não disse nada. *Não quero ser desagradável,* uma parte dela choramingou. Rangeu os dentes. *Só o faça!*

—Bem... exploda, Valerian.

—Obrigado. Farei isso.

Ela sacudiu a cabeça frustrada. O homem simplesmente não recebia o insulto com a intenção que tinha. Uma horda de arpías, a verdadeira coisa que a sacudiu um minuto atrás, levantou vôo, seus enormes seios meneando-se enquanto subiam pelo ar. Longas e afiadas garras se desdobravam em suas mãos e pés. Seus rostos eram espantosos com narizes bicudos e malvados olhos negros.

—Não havia necessidade de que viajasse a praia, Valerian — ela disse, tentando de novo. — Sua companheira perfeita esteve justo aqui, em sua própria cidade todo o tempo.

—Só você funcionaria, amor.

Seu estômago se contraiu ante suas palavras. Forçando-se a afastar sua atenção da fantástica metrópole, ela estudou as janelas. Eram feitas do mesmo cristal da cúpula, só que mais liso, sem fendas e nenhuma linha. Tradução: não havia maneira de abri-las. Bateu um pé. E o que faria se não pudesse escalar as paredes do lado de fora. E o que faria se estivesse muito alto, e cair até sua morte fosse a saída mais provável. Uma garota necessitava de opções.

—Talvez deva usar este tempo para chegar a um acordo com seu destino em lugar de procurar uma maneira de fugir — sugeriu Valerian de seu lugar.

—Talvez deva se calar.

Outra risada rouca retumbou dele, e ela franziu o cenho ante a misteriosa e viciante sensualidade desta. Foi mais potente esta vez. Seduzindo. Silenciosamente lhe suplicando que se unisse a sua diversão.

—Por que acha meus insultos tão cômicos? —a maioria das pessoas corria tão rápido quanto podia para fugir dela.

—Não queria dizer o que disse realmente — ele explicou pacientemente.

—De fato, suspeito que quer justamente o contrário.

Um estremecimento se moveu através dela. Susto, sim. Mais que nunca antes. Temor, certamente. Ninguém, nem sequer sua família, tinha suspeitado alguma vez da verdade. Ela não sentia prazer ferindo as pessoas; simplesmente não era valente o bastante para arriscar-se a fazer um amigo. Como ele sabia? Ela esclareceu a garganta, esforçando-se por obter um tom duro.

—Não me conhece bem o bastante para julgar o que quero dizer e o que



não.

—Mas eu gostaria.

Ao mesmo tempo em que ele falava, seu rosto se deslizou ante sua mente. Perfeita masculinidade, rude e indômita. Se ela se atrevesse a tocá-lo, seus cabelos seriam suaves como a seda e seus fios dourados fariam cócegas em suas mãos. Sabia.

—Você me permitirá conhecê-la, Shaye? —perguntou suavemente.

Ela podia imaginar a sombra do contorno de seu corpo, justamente detrás da entrada. Ela observou seus fortes dedos deslizarem-se pela renda que os separava. Ela estava imaginado que o tecido era seu corpo? Imaginando as pontas de seus dedos rodeando seus mamilos, descendo por seu estômago, passando por sua calcinha e... Um calafrio a percorreu, e franziu o cenho.

Este tipo de reação era inaceitável.

—Não — ela disse. —Não haverá nenhum chegar a nos conhecer. — Já o desejava. O que ocorreria se realmente ela aprendesse o que o fazia enfurecer-se?

Ela valorizava sua independência, sua solidão, e ficar com um nymph tiraria essas coisas camada por preciosa camada. Ela já tinha visto tantas vezes as mulheres se transformando em estúpidas perto dele, esquecendo tudo exceto o sexo. Shaye se recusava a permitir que o mesmo destino ocorresse a ela.

—Necessito algo de você, pequena Shaye, e estou esperando para combinar com você. Intercambiar. — disse Valerian, interrompendo os pensamentos dela. — Negociar.

Seus olhos se entrecerraram sobre sua longa silhueta.

—Pelo que, exatamente?

—Ficarei em silêncio pelo resto da noite se concordar em me dar seus afetos.

Ela bufou.

—Não vai obter meus afetos.

—Amabilidade, então. Será amável comigo?

—Não. Absolutamente não.

Ele suspirou com pesar.

—Não me dará nada?

—Estou dando problemas a você, ou não é assim?

Ele se deteve, rindo entre dentes.

—É assim.



Deixe de falar com ele e encontre uma maneira de sair daqui, sua mente gritou. Com passos rápidos se aproximou da longínqua parede com jóias incrustadas. No salão e na área do refeitório, as paredes estavam nuas, como se alguém tivesse roubado as pedras preciosas. Ali, a riqueza abundava. Talvez... Ela se iluminou. Talvez uma das jóias fosse, na realidade, um fecho que abriria uma porta para algum tipo de corredor.

—Desejo me converter em seu escravo, Shaye. Quero satisfazer cada desejo seu, velar por cada prazer seu. —A voz de Valerian era suave, hipnótica. — Não deseja essas coisas para mim?

Ela lutou para endurecer-se contra ele, por reter a parede de gelo ao redor de suas emoções. Se ela alguma vez decidisse, *Deus não o permita*, entrar em uma relação, não seria com um nymph (também conhecido como prostituto). Não importava o quanto fosse irresistível. Shaye se conhecia bem o suficientemente para saber que ela desprezava compartilhar. Tinha compartilhado seus pais com seus *volúveis* amantes. Tinha compartilhado sua infância com meio-irmãs e meio-irmãos, algumas vezes cruéis e raramente amorosos e com a solidão e a decepção.

Se alguma vez se entregasse a alguém, seria a um homem que quisesse a ela e só a ela. Um homem que desse sua vida para fazê-la feliz. Ela, em troca, faria o mesmo.

Estava pedindo e oferecendo muito? Absolutamente. Mas era o que ela queria, e não se conformaria com menos, embora soubesse que era um sonho impossível. Talvez fosse por isso que ela o quisesse em primeiro lugar. Se não podia ter, não tinha que se preocupar que quebrassem seu coração.

Valerian tinha uma boa lábia e Deus sabia que ele provavelmente podia dar um delicioso e mentalmente inquietante passeio por todo seu corpo, mas ele faria o mesmo com todas e cada uma das mulheres que seus caprichos capturassem. Ele queria “o agora” dela, uma momentânea paquera, nenhuma ligação depois.

Não, obrigado.

Ela podia ter tido isso na superfície.

Silenciosamente, trabalhou no quarto por duas horas, sentindo cada parte da parede e do chão que pôde alcançar. Para sua imensa decepção, frustração e fúria, não encontrou nenhum fecho escondido. Estava presa ali. Se estivesse em casa, estaria deitada tranqüilamente na cama agora. Sozinha. *E solitária*, sua mente gritou.

—Cale-se, você, cérebro estúpido — murmurou. Solitária estava bem. Além disso, ela tinha uma vida plena. Despertaria pela manhã, tomaria um



café com sua assistente e discutiria os eventos do dia. Teria apresentado uma nova idéia para um novo cartão, provavelmente algo na linha das Felicitações por sua nova promoção. *Antes que vá, se importaria de tirar a faca de minhas costas? Provavelmente necessitará dela de novo.* Sua assistente teria rido, o resto da equipe teria rido e ela teria se sentido como uma inteligente e apreciada pessoa. Não como uma confusa e excitada adolescente.

—Vá dormir, lua — Valerian disse, cortando seus pensamentos. — Sinto seu desgosto. Como não posso reconfortá-la como gostaria...

—Bem, é responsável por ele — Ela enredou uma mão em seus cabelos, quase arrancando os fios. — Por favor, Valerian. Leve-me de volta à praia.

Uma pausa. Pesada. Espessa.

—O que há lá de tão importante para que deva retornar?

—Minha casa. —Totalmente paga. —Meu trabalho. —Sua única real fonte de realização.

—Qual era seu trabalho?

Ele usou o tempo passado. Ela se assegurou de utilizar o presente.

—Faço anti-cartões de felicitações — disse orgulhosamente.

—Conte-me a respeito destes anti-cartões — implorou ele.

Era um tema que ela abraçava.

—Há muitas companhias que produzem os cartões tolos tipo “*amo você*”, “*Sinto sua falta*” como saudações. Os meus não. Eles dizem justamente o oposto.

—Não estou surpreso — disse rindo— Não pode fazer esses cartões aqui?

Ela poderia, mas não queria, assim ignorou sua pergunta. Deus, como ia fugir dali?

—Notei que não mencionou amigos ou família — disse ele pouco tempo depois.

Sabendo para onde se dirigia a conversa, ela deveria havê-la detido. Deveria ter dito a ele que se perdesse e a deixasse em paz. Mas por alguma razão, não o fez. Não podia.

—Assim é — encontrou-se dizendo.

—Por quê?

Ela recostou a testa contra a parede fria e espremeu seus olhos fechados. *Minta. Faça-o sentir-se culpado.*

—Não tenho amigos — em vez disso, ela admitiu a verdade, uma entidade tangível que se recusava a ser negada—, e não me dou bem com minha família.



— Por quê? — ele repetiu.

Por que, de fato.

— Deve ter notado que não tenho a mais doce das personalidades.

Ele soltou uma rápida gargalhada.

— Sim, talvez tenha notado.

— Isso tende a afastar às pessoas. — Da forma que ela queria. Suas mãos deslizaram para cima pela cintilante parede e se ancoraram aos lados de sua cabeça. Contar a ele a respeito de sua vida era perigoso, dava munições contra ela, mas parecia não poder deter-se. Ele convocou algo profundo dentro dela. Algo... primitivo.

— Não me afastaste — disse ele tranqüilamente.

— Não, não o fiz. — Ela suspirou. Por que não o tinha feito? Por que ele não havia fugido dela? Fugido tão rápido quanto seus pés o pudessem levar?

— O que é tão importante em sua casa e trabalho que não pode ficar aqui comigo? Posso ser sua família. Posso ser seu amigo. Pode vender os cartões a mim.

— Trabalhei duro por minha casa. É minha. Trabalhei duro para fazer de meu negócio um sucesso. Não tenho nada aqui.

— Mas poderia. — Ele continuava falando naquela voz suave e terna. *Deixe-me dar tudo a você*, sua voz implicava.

Um quente desejo apertou seu peito. Ela precisava fortalecer-se contra este homem, recordou-se.

— Por que está fazendo isto comigo? Poderia ter qualquer uma das outras mulheres. Elas viriam ansiosas para você e fariam tudo que você lhes pedisse.

— Elas não são você.

Uma simples frase, sim, mas a estremeceu até o centro. Franzindo o cenho, endireitou-se.

— O que há de tão especial em mim, hmm? Desafio você a nomear uma coisa.

Por um longo tempo ele não replicou, e isso ao mesmo tempo a regozijou e a frustrou. *Estúpida*, castigou-se, por desejar elogios da parte dele. O objetivo era convencê-lo a não querê-la. Certo?

— Bem?

Ainda nada. Nem um simples comentário ou declaração.

— Não acredito — ela finalmente murmurou. Deu as costas à porta e avançou rapidamente para a cama, batalhando com o desespero. Precisava pensar, para considerar todas suas opções. Conversar com seu seqüestrador era uma perda de valioso tempo.



Ficaria acordada toda a noite se tivesse que fazê-lo, mas não ia desistir. Encontraria um caminho para casa. Não dormiria, embora precisasse descansar. Ao dormir, ficaria mais vulnerável ante Valerian. Ele seria capaz de escapular para o quarto e fazer o que fosse que quisesse – e ela não teria nem idéia disso.

Mas no fundo, sabia que isso era uma mentira. Uma defesa contra ele. Quando esse homem desse prazer a uma mulher, a mulher saberia. Inclusive dormindo, saberia. Seu corpo cantaria e choraria de prazer.

O homem era uma ameaça.

Uma ameaça que não podia nomear uma só coisa sobre ela que gostava. *Bastardo.*

—Não entre neste quarto — ela vociferou. — Escutou? E não fale comigo de novo. Preciso de silêncio.

—Shaye.

O gutural grunhido de seu nome a congelou no lugar. Ele havia soado como se estivesse magoado, como se estivesse para cair em um longo poço sem fim.

—O quê? —Ela esperava por um tom irascível, mas a pergunta saiu como nada mais que um sopro de ar. Estava magoado?

—É a mulher de meu coração. A que estive esperando toda minha vida, embora não soubesse até que a vi. Não há uma só coisa que a faça especial para mim, e sim todas. Agora durma. Amanhã promete ser um dia cheio de desgostos.

Dessa maneira, seus joelhos se dobraram. Ela teria caído de cara se não tivesse se segurado na beira da cama e não se sustentou verticalmente. *Querido Deus.* Essas palavras. Ninguém, nem sua mãe, nem seu pai, nem seu irmão ou irmãs ou um sem-fim de fileiras de babás, haviam alguma vez falado com ela dessa maneira. Fazendo-a sentir tão importante, tão necessária.

Ela mal conhecia Valerian. No pouco tempo que estavam juntos, tinha o insultado, desejado, amaldiçoado e golpeado. Agora, com algumas palavras, a fez desejar atirar-se sobre ele. Destruir cada parede que havia uma vez construído, derreter cada pedaço de gelo com que sempre se rodeou, e apenas atirar-se sobre ele.

—Querido Deus — ela sussurrou, aterrada. Tudo o que ela secretamente sonhou alguma vez ouvir tinha saído dos lábios de Valerian. Como ia resistir a ele agora?



CAPÍTULO 9

Valerian passou a noite inteira postado na porta de Shaye. Ela finalmente o obedeceu, entregando-se por fim ao sono. A garota teimosa que ela era, tinha lutado contra ele até o fim.

Estava consciente de cada um de seu movimento. Cada som que ela fazia. Por horas esteve procurando uma saída do quarto, depois passeou e resmungou em voz baixa sobre “estúpidos homens, estúpidas emoções” e “estúpidas cidades místicas ganhando vida.” Mas seus passos foram se desacelerando, suas maldições eventualmente cessaram. Ele a ouviu ir à deriva na inconsciência com um suspiro suave. Uma olhadela rápida confirmou que ela certamente dormia, deitou-se de forma desalinhada no frio, e duro chão, seus cabelos derramados ao redor dela como uma cortina nevada.

Ele suspeitou que ela tinha evitado a cama de propósito, e ele tinha ainda o cenho franzido por esse fato. Pensava que ele não a possuiria se não estivesse em uma cama? Mulher tola. Ele a possuiria em qualquer lugar, de qualquer forma que pudesse tê-la.

Deus, queria tanto tocá-la.

Só um toque... Semelhante pensamento tão embriagador. Certamente não havia nada de errado em colocá-la na cama. Afinal ele era seu homem, e era seu dever ocupar-se do conforto dela.

Ele não deveria (sabia que não deveria), mas se permitiu entrar no quarto. Afastou a renda que cobria a entrada. Por mais que pudesse desejar ardentemente o contato sexual com ela, não a tocaria dessa maneira. Essa foi sua promessa a Joachim... e a Shaye. E manteria essa promessa. Deus o ajudasse, a manteria.

Seus passos silenciosos, moveu-se para ela. Ela ainda estava deitada sobre o chão, sobre suas costas, uma mão sobre a cabeça, a outra junto a sua orelha. Ele aspirou com força.

Parecia uma deusa do inverno, uma ninfa da neve, mais bela que a própria Afrodite. Aqueles cabelos claros parecendo fitas ao redor de sua delicada figura, os fios tão sedosos refulgiam como se tivessem sido salpicados da luz das estrelas. Seus cílios eram leves, só uma sombra mais escura que seus cabelos. Seus lábios, aqueles suaves e exuberantes lábios de “todos seus sonhos tornados realidade” estavam separados, suplicando serem



beijados.

Resista, ordenou a si mesmo. Resista a sua atração.

Muito tarde.

Ela pronunciou um velado suspiro, rico em sonho. Seu desejo inesgotável clamava pela vida instantânea, tentando alcançá-la. Frenético por ela. Ele quis aquele suspiro em seus ouvidos, em seu peito (ainda mais embaixo) seu fôlego quente o acariciando. Se tão somente ela não parecesse tão suave e vulnerável, tão amadurecida para possuí-la...

Ela devia ser sua satisfação máxima, seu prazer máximo.

Condenaria Joachim a Hades, por querer algo (alguém) que pertencia a Valerian! Enquanto a maldição ecoava em sua mente, ele encontrou seus lábios elevando-se em um humor sardônico. Poderia culpar o homem por cobiçar algo tão encantado como Shaye?

Hades, sim! Decidiu ele no minuto seguinte. Ele franziu o cenho. Ela não era importante para nenhum homem salvo para ele mesmo, e esses que pensavam outra coisa mereciam uma morte dolorosa. Valerian nunca tinha desejado nada tanto quanto queria Shaye, e não poder tê-la imediatamente era... difícil. Duro – literalmente.

Inclinando-se, ele a recolheu em seus braços. Ela era tão leve quanto recordava. Tão suave. Tão quente. Tão preciosa.

—Terei você apesar de tudo, — disse a ela. — Não diga nada se estiver de acordo comigo.

É obvio que ela não replicou.

Ele sorria abertamente, seu humor restaurado, enquanto a levava para cama. Amavelmente colocou-a no colchão, seus braços já protestando sua perda. Tirou suas sandálias e arrastou seus dedos sobre os dedos de seus pés cor de coral. Enquanto se endireitava, alisou seus cabelos e rosto e celebrou a sensação de sua pele gloriosa. Ela parecia tão fria, no entanto ela era surpreendentemente, maravilhosamente quente.

—Sonhe comigo, lua - Sussurrou para ela.

A ponta rosada da língua dela emergiu e lambeu os lábios. Uma onda de desejo o varreu enquanto se imaginava encontrando sua língua com a dele. Retorcendo-se. Duelando. Provando.

Chupando.

—Sonharei com você, não tenho dúvida. —Demorando-se um pouco mais, ele arrastou a ponta de seu dedo sobre a união de seus lábios. Ela suspirou sutilmente outra vez. Seu estômago se apertou com força; Cada músculo de seu corpo endurecido.



Não podia afastar os olhos dela, mas sabia que tinha que deixá-la logo, ou não poderia fazê-lo para nada. Quanto mais tempo ficasse, mais seu controle lhe escaparia. Já se aferrava precariamente a um sentido de honra que já não estava seguro de possuir mais. Um sentido de honra que verdadeiramente desprezava pela primeira vez em sua existência.

Um olhar para Shaye e ela era tudo no que ele pensava, tudo o que desejava ardentemente, procurava. Necessitava.

Sai! Agora. Lentamente, tão devagar, ele retrocedeu para fora do alojamento. Seus olhos permaneceram na forma divina dela por tanto tempo quanto foi possível. Quando a renda finalmente bloqueou sua visão, suas mãos se apertaram em punhos. Ele apoiou a testa contra a parede fria.

Tenho que conquistá-la. Não posso deixar que outro a possua.

Endireitando-se, caminhou de cima a baixo ao longo do hall, esquivando das cadeiras e armaduras. As solas grossas de suas botas batiam contra o piso de ônix. Pela primeira vez em semanas, nenhum membro de seu exército se aproximou dele durante estas horas do crepúsculo. Estavam trancados em seus quartos — ou nos vestíbulos mais à frente — flutuando nas nuvens de êxtase que encontravam apenas nos doces braços de uma mulher.

Mesmo Joachim se manteve afastado.

Valerian pediu que seu primo que se apaixonasse tanto por suas amantes atuais que se esquecesse completamente de Shaye. Se não... Bom, Valerian mal tinha que pensar em algo que Joachim achasse irresistível. Algo que ele colocasse acima da importância de uma companheira de cama. O quê?

Joachim era um bom homem (às vezes), um guerreiro forte, com um (ligeiramente) coração leal. Quais eram as debilidades do homem? As mulheres? Sem nenhuma dúvida. As mulheres eram a debilidade de todos os nymphs. O poder? Definitivamente. As armas? Certamente. Joachim as colecionava. De cada guerreiro que ele matou ou superou, ele tinha tomado suas armas e as pendurou na parede de seu dormitório.

O olhar de Valerian se desviou para sua própria espada, descansando contra um peitoral de ônix. A Caveira. Grande, afiada. Letal. Uma das espadas mais finas alguma vez feitas. Não, a mais fina já feita. Elaborada por Hefesto, o ferreiro dos deuses. A arma tinha matado muitos de seus inimigos, cortando-os com lesões irreparáveis. Era única em seu gênero. Sua retorcida forma e a ponta de caveira alongada eram invejadas por cada soldado que a espiou.

Ele odiaria desfazer-se dela, mas sua companheira tinha muito mais importância para ele. Mesmo uma companheira que não queria ter nada que



ver com ele. Joachim a aceitaria?

Ele suspirou, a resposta permanecia um mistério. Tanto mistério quanto como ganhar o bem resguardado coração de Shaye. Jóias? Roupas bonitas? Se ele pensasse, ainda por um momento, que ela apreciaria essas coisas, a acordaria nesse mesmo instante e a levaria para a Cidade Exterior. Compraria tudo o que ela desejasse. Mas até agora ela não tinha parecido impressionada por sua riqueza, querendo só retornar para casa.

Ela tinha inimigos que precisava matar violentamente? Se fosse assim, ele prazerosamente poria seus corpos sem vida aos seus pés. Ele empurrou uma mão pelos cabelos. A incerteza por uma fêmea era estranha, horrível, desafiante e excitante. Ganhá-la — derrotando Joachim e superando a própria resistência de Shaye — avivara seus instintos guerreiros mais profundos. Ele prazerosamente se apresentaria a Hades com sua alma e viveria para sempre condenado, só para estar com Shaye.

— Ela será minha, — jurou aos céus. — Ela será minha.

Fios de luz fluíram da cúpula de cristal acima, iluminando gradualmente o quarto. Fragmentos de diversas cores se dispararam em todas as direções, uma bela chuva de arco-íris. Azuis, rosados, púrpuras, verdes. Shaye arrancou seu olhar cansado deles e ficou com os olhos fixo diretamente para cima... ofegou. O céu claro acima dela era feito de vidro, não cristal, e ela recebeu uma vista completa de seu reflexo.

Ela estava estendida em cima de uma cama com lençóis de seda vermelha, seus cabelos e pele claros um contraste surpreendente. Seus olhos estavam entrecerrados, pesados e sonolentos, com escuros círculos debaixo deles. Um de seus braços descansava em seu flanco; O outro estava levantado e dobrado em sua têmpora. Ainda usava seu sutiã de concha marinha e sua saia de mato, podia ter sido tirada diretamente das páginas de revista Beach Bunny.

Parecia preparada e ansiosa por um homem.

Não simplesmente qualquer homem, entretanto...

Ela engoliu em seco e rodou para o lado. Não deveria estar sobre a cama, pensou, recordando. Quem a pôs ali? Tão... tão... acalme-se. Não há nada que possa fazer a respeito disso agora.

Ao menos não a tinha despertado e tentado seduzi-la. Não é que ela tivesse tido forças para mandá-lo embora dessa maneira. Não na noite anterior. Não depois das coisas que ele lhe disse.

Ela não tinha a intenção de dormir, maldita fosse. Deveria ter ido em



busca de uma saída, não sonhado com seu sexy captor. Com suas mãos sobre ela, riscando o arco e os planos de seus lábios, abraçando-a ao seu peito. Acariciando-a muito. Seu olhar fixo se estreitou na porta. Valerian tinha entrado sem seu conhecimento? Tinha carregado-a para cama? Tinha visto ela assim?

—Homem diabólico, — resmungou. Surpreendentemente, não estava rígida ou machucada enquanto se espreguiçava. Bocejou e tirou as remelas dos olhos, então examinou o quarto, esperando que a saída se revelasse à luz do dia. A piscina para banhar-se ainda fumegava com água quente, como um manancial natural. O tecido ainda cobria as janelas. As colunas ainda se elevavam à altura do céu claro com majestade romana.

Exceto pela entrada coberta com renda, sem saída que magicamente se apresentasse.

Tenho que sair aqui, pensou ela, com repentina urgência antes que ele venha me levar.

Ele. Valerian. Inesperadamente, sua imagem apareceu em sua mente. Forte, orgulhoso. Sexual. Um hedonista ao extremo, com pele que parecia um creme escuro, lambível, os cabelos trançados tão radiantes quanto o ouro, e os olhos... Meu Deus, seus olhos. Eles a chamavam. Gracejavam. Prometiam. Suas íris turquesa eram tão hipnóticas quanto um oceano turbulento e justamente tão profundas quanto o oceano. Aqueles cílios longos, escuros atuavam como a moldura perfeita, o contraste perfeito.

O que você está fazendo sonhando com ele? Tola! É hora de ir embora. Combatendo uma rajada de desejo, ela se moveu pesadamente sobre seus pés — e tropeçou nas sandálias. Assim... ele tinha tirado suas sandálias. Ela deveria estar agradecida que fosse tudo o que lhe tinha tirado.

Shaye usou o surpreendentemente moderno banheiro e lavou o rosto, esperando que a água também limpasse os sentimentos não desejados. Então caminhou para o quarto, vendo tudo o que tinha visto na noite anterior — uma prisão.

Pode ser que não houvesse uma saída secreta, pensou ela então, mas havia uma saída. A porta principal. Valerian ainda estava protegendo-a?

Tão silenciosamente quanto foi possível, dirigiu-se nas pontas dos pés para o tecido. Quanto mais perto chegava, mais forte se tornava o aroma masculino de Valerian, uma mistura viciante de homem excitado e guerreiro decidido. Sua pele formigou de deleite. Tentou tampar o nariz, para combater a atração do perfume e o debilitante efeito que tinha nela.

Quando chegou à entrada, pegou o material e o fez avançar pouco a



pouco para um lado. Todo o tempo, seu coração tamborilava em um ritmo de staccato⁶. Dá-dum, dá-dum, dá-dum. Estaria ali, acordado e esperando? Ou agradecidamente, caiu felizmente, no sono?

—Bom dia, Shaye.

Ela ofegou. Valerian estava justamente em frente dela, os braços cruzados no peito maciço, suas pernas mantidas afastadas. Seus olhos se encontraram. Seu coração traidor perdeu o ritmo e se saltou um batimento. Ele parecia tão incrivelmente apetitoso quanto antes. Sem camisa. Seu corpo trabalhado com os abdominais mais apertados que ela já tinha visto. Os cabelos dourados caindo sobre a testa e os ombros.

Ela lambeu os lábios.

—O que está fazendo aqui?

Seu olhar azul se arrastou sobre ela, arrancando as conchas, separando a erva da saia.

—Esperando você, é obvio.

Um tremor viajou ao longo de sua coluna vertebral. OH, sua voz. Como ela poderia esquecer essa voz de “sem tomar prisioneiros”? Tentação pura. Absoluta decadência. Mentalmente reforçou as paredes geladas ao redor dela. Ele é um seqüestrador lascivo. Perigoso em todos os aspectos.

Sim, quis lançar-se sobre ele ontem à noite. Agora, à luz do dia, disse-se que tinha sido um momento de julgamento mal feito. Um momento de esgotamento e loucura.

—Sonhou comigo? —perguntou.

—Sim, — admitiu a contra gosto. Ela o fez. Sonhou com suas mãos acariciando-a, sua boca devorando-a.

Seus lábios exuberantes avançaram lentamente em um sorriso surpreso, mas de prazer.

—Estava nu, — disse ela.

Seu sorriso aberto se estendeu; Seus olhos brilharam de satisfação.

—E amarrado...

Ele arqueou as sobrancelhas em orgulhosa espera.

—Não sabia que a idéia da escravidão a agradaria.

—OH, amo a idéia de amarrar você. —Fez uma pausa dramaticamente. — Algo assim como em meu sonho, será amarrado a um formigueiro e essas coisas pequenas o comerão vivo.

Seu sorriso aberto se desvaneceu completamente, mas o brilho em seus

⁶ Staccato – forma de execução em que se marca a separação entre as notas.



olhos não diminuiu.

—Mulher cruel. —Ele apoiou seu ombro na parede ao lado, em uma pose de carnal relaxamento. Mergulhe em meus braços, proclamava sua postura. Pegarei você—. Também sonhei com você. Nua.

Repentinamente aturdida, ela retrocedeu um passo.

Ele não mostrou misericórdia, e deu um passo para ela.

—Estava estendida para meu desfrute. —Seus olhos tinham as pálpebras pesadas agora, malvados. Determinados.

—E desfrutou do que eu fiz a você. Duas vezes.

Ela deixou a cortina cair em seu lugar, cortando o sexy homem de sua vista. Respire, ela tinha que respirar. O oxigênio que conseguiu aspirar queimou sua garganta, chamuscou seus pulmões. Só teve que falar, e suas palavras começaram a pintar um quadro em sua mente. Um quadro terrivelmente bonito.

Sua gostosa risada sufocada flutuou através da pequena distância.

—Troque-se, — disse. — As conchas parecem... incômodas.

Essas não eram as palavras que ele tinha querido dizer, ela sabia. Tinha havido uma malvada inflexão em sua voz, como se ele tivesse a intenção de dizer “facilmente removíveis” ou “deliciosas.”

—Então, vai se trocar?

—Infernos, sim. Você me levará hoje para casa?—Sua voz tremeu.

—Está em casa.

Ela o deixou do lado fora, ficando um pouco satisfeita pela ação, embora ele não pudesse vê-la. Então, sem nada mais que fazer, caminhou pesadamente para o armário. Ela só tinha dando uma olhada superficial nos vestidos em seu interior na noite anterior.

Os vestidos femininos abundavam, muitas cores e sedas. Eram longos e fluídos, eram apenas cachecóis segurados juntos por pura sorte. Um em particular atraiu e reteve sua atenção. Tinha um drapejado marfim, entrelaçado com ouro. Tanto o drapejado e a abertura na perna eram fechados com folhas de âmbar e flores de esmeralda. As jóias cintilaram do "v" profunda no sutiã.

—Quando tiver se banhado e vestido, Shaye, tomaremos o café da manhã.

Ela bufou.

—Não me banharei até que haja um ferrolho na porta.

—Um ferrolho não me impediria de entrar se quisesse entrar.

Ele tinha razão, ela compreendeu com frustração.



— Você se sentirá melhor depois de um banho.

— Eu me sentirei melhor quando estiver em casa, — disse sombriamente.

— Devo dizer o óbvio? — suspirou ele. — Outra vez?

Seus dentes rangeram, fazendo sua mandíbula doer.

— O que há sobre esse guerreiro? Joachim?

— Trataremos dele quando despertar.

As palavras foram grunhidas desde baixo no peito de Valerian.

Seus dedos apertados sobre o tecido de marfim; Estava frio e suave contra as pontas de seus dedos. Não pense em Joachim. Você só voltará a entrar em pânico. Os vestidos, ela pensaria nos vestidos. Outra vez, seu olhar deslizou no que segurava. Ela nunca tinha vestido nada tão feminino. Nunca possuiu nada tão feminino, nem remotamente parecido a este. Este era algo que uma antiga rainha grega ou romana teria usado. Lindo e delicado. Nenhum ponto fora do lugar ou uma imperfeição à vista.

— De quem é este quarto? — perguntou ela. Valerian havia dito que era dele... Ou não era? Mas certamente ele não possuía tantos vestidos.

— O quarto é meu, — foi sua resposta.

Ela olhou para a porta. Sua silhueta passeava daqui para lá, uma sombra grande e negra. Um fantasma.

— Usa freqüentemente roupa de mulher, Valerian?

— Deus, não!

Ela sorriu abertamente ante a afronta em sua voz.

— Então por que tem todos estes vestidos? — A resposta chocou-se contra ela, e perdeu seu sorriso aberto. Eram para suas mulheres. Suas conquistas “muito numerosas para contá-las”.

— Shaye, — disse ele cautelosamente.

Vestir os vestidos devia implicar que ela era uma de suas mulheres.

— Não pertenço a você, e não me vestirei como se pertencesse. — virou as costas ao armário, a linda seda de marfim que tanto queria deslizar sobre sua cabeça. Sofria em suas conchas e saia de mato, — muito obrigado—, preferia a eles que proclamar-se amante de Valerian. Até de forma tão insignificante.

Concessões diminutas como aquela poderiam abrir a porta a outras, maiores. Como entregar-se a seu contato perito.

— Poderíamos negociar, — adulou-a ele.

O que havia com o homem e suas barganhas?

— Se eu puser um dos vestidos você fará... o quê?

— Beijar você?



Ela engoliu saliva e teve que pôr sua mente em branco contra as imagens apaixonadas que tentavam abrir-se passagem à força dentro dela.

—Você na realidade precisa trabalhar suas habilidades de barganha. São tolas. —Sua voz tinha tremido?

—Eu gostaria, — resmungou ele—. De sentir seu sabor.

Suas faces se fundiram com calor, e um pequeno tremor se moveu sobre ela.

—Não quero seus beijos. —Ali. Finalmente, soube que tinha parecido convincente.

—Um protesto falso, se alguma vez ouvi um.

—Ofereça alguma outra coisa! —pediu ela, antes que o expulse a pontapés do quarto e lhe der bofetadas.

—Como o quê? E sem mencionar levá-la a superfície, pois você sabe que não farei negociações nesse ponto.

—Não sei nem por que falo contigo. —Ela deixou escapar um quente suspiro. — Teimoso, isso é o que é.

—Não se troque se esse é seu desejo. Não estou forçando você, Lua. Eu gosto de ver sua pele. Vejo-a, e imagino lambendo-a.

Está b... bem. Então. Afinal ela não podia permanecer vestida com as conchas e coberta de mato.

Tremendo, com se tivesse lava derretida correndo através de suas veias, contemplou ao redor do quarto. O quarto de Valerian, disse ele. Ela se lembrou de ter visto roupas de homem quando revistado o lugar na noite anterior. Onde... onde... na penteadeira! Ela sorriu enquanto corria velozmente para a enorme beleza de mármore, esculpida de forma intrincada. As gavetas deslizaram facilmente para fora. No interior da de cima estavam empilhadas uma sobre outra as camisas. Eram enormes e nadaria nela, mas ao menos cobriria sua (aparentemente lambível) pele.

Com um olhar rápido à entrada, arrancou com um puxão as odiosas conchas e as jogou com alívio no chão. Ela tirou uma camisa, e o material negro, suntuosamente suave a fez suspirar de deleite. A segunda gaveta continha calças, todas de couro, todas pretas. O fato de estarem dobradas tão cuidadosamente a golpeou que... estranho. Doméstico.

Estes Nymphs eram tudo exceto caseiros. Ela não teria duvidado que as mulheres que viu deixar o quarto ontem à noite eram as responsáveis. Cuidando de todas as necessidades de Valerian, inclusive de sua lavanderia.

Uma faísca de ciúmes ardeu dentro dela. —Não, isso não era verdade. Não estou com ciúmes—, resmungou em uma tentativa fútil para convencer-



se. Com movimentos curtos, desenrolou o mato de sua cintura, deixando-o cair sobre o chão, então se arrastou na calça. Ela tinha pernas longas, mas mesmo assim o material a deixou como uma anã. Teve que virar a barra várias vezes e amarrar a cintura com um cachecol de um dos vestidos no armário. Ela calçou rapidamente suas sandálias.

Não havia espelhos (a menos que ela contasse os que estavam acima da cama), assim teve que adivinhar como estava. Ridícula, ela tinha certeza. Desalinhada. Mas como, na sua forma de pensar, era perfeito. Ela queria que aquele cara muito intenso Joachim a achasse completamente pouco atraente. Valerian, também, recordou a si mesma.

Enquanto estava ali, decidindo o que fazer depois, o perfume masculino de Valerian flutuou até ela, enchendo as janelas de seu nariz. Forte, condimentado. Tão excitante que seus mamilos se endureceram, apontando na camisa que ela agora vestia. Por que estava sentindo o cheiro dele? Não estava ao lado da porta, nem sequer estava perto.

Ela se virou, só para compreender então que a fragrância embriagadora emanava da roupa. Seus olhos se arregalaram. Roupas miseráveis! Roupas maravilhosas. Ele as tinha usado? Haviam tocado seu corpo? Uma dor pulsou entre suas pernas.

Ela nunca tinha sido uma criatura sexual, e estas novas sensações, contínuas a estremeceram. Quanto tempo poderia negá-las? Quanto tempo poderia resistir? Ela tinha se perguntado antes, mas a resposta repentinamente pareceu iminente. Quase arrancou a camisa e a calça. Ela gemeu, o som rude e necessitado.

—O que está fazendo aí dentro? —perguntou Valerian, sua voz premente, cativante.

Ela sabia que ela estava excitada? Não podia saber. *Por favor, que ele não saiba.*

—Só... tenho fome.

Por vários segundos ele não falou. Ela usou o tempo para apaziguar-se, recitando equações matemáticas em sua mente. Se ele soubesse simplesmente o quanto ela era vulnerável a ele, a atacaria sem piedade.

—Vem, Lua, — disse ele uniformemente—. Alimentarei você.

Ela engoliu um repentino nó em sua garganta. Tomaria café da manhã com ele porque precisava sair daquele quarto e precisava manter suas forças. Então poderia livrar-se dele e poderia procurar uma saída pelo palácio. Um caminho para casa. Ela não podia ficar ali. Não podia ficar com aquele potente homem um momento mais que o necessário.



— Terminemos com isto, — resmungou.

CAPÍTULO 10

Joachim deitou na cama, com os braços apoiados sob a cabeça. Carrancudo, olhou fixamente o cristal acima que cintilava, desejando poder acalmar-se com a multidão de cores que brilhavam na estrutura irregular. Rosado, como os mamilos de uma mulher. Branco, como a pele de uma mulher. Avermelhado, como os olhos comovedores de uma mulher.

Ai! Isto não o tranqüilizava.

A noite tinha passado, e a manhã estava ali. Contudo, os pensamentos sombrios permaneceram e tinham negado-se a acalmar-se. Mudou de posição e observou a parede de armas que ele tinha adquirido através dos anos. Uma arma por cada homem que tinha matado. Eram tão numerosas, que fazia tempo que tinha perdido a conta. Não se sentia envergonhado. Não, recreava-se com suas vitórias.

Por isso seu comportamento de ontem à noite feria profundamente seu orgulho.

Depois de deixar Valerian e Shaye, trouxe as duas mulheres para seu quarto. Esteve a ponto de possuir uma, a que tinha sustentado seu membro na mão, otimista, preparada. Estava disposta, tão desejosa, retorcendo-se apaixonadamente, abrindo a si mesma. E ele tinha parado. Parado!

Quando a olhou nos olhos, o desejo que o esteve consumindo tinha desaparecido. Num momento estava lá, e no seguinte tinha evaporado. Passou por sua mente uma imagem da sedutora cabeça escura que tinha desejado tanto na cerimônia de seleção, com os cabelos encaracolados e o pequeno corpo perfeito. Tinha a desejado repentinamente. Somente a ela. Tinha imaginado-a nos braços de Shivawn, gemendo, inconsciente de prazer, e uma temível raiva o dominou.

As companheiras de cama de Joachim tentaram excitá-lo depois, mas tinham fracassado. De qualquer forma deveria ter podido. Precisava saciar-se e recuperar as forças. Entretanto... mandou-as procurar outro amante, enquanto dava prazer a si mesmo em seu lugar.

Ainda estava tão fraco quanto antes. Mas, ao menos Valerian também estaria fraco hoje, depois de ter ficado sem tocar uma mulher. O toque de sua



companheira, se tivesse que acreditar nele. Companheira. Como desejava encontrar a sua, aquela mulher que o amaria sobre todas as demais.

Suspirou. Não quisera tomar à pálida mulher de Valerian. Não o excitava. Não realmente. Não como a morena de sensuais e exuberantes curvas, com a contraditória inocência e ferocidade. Qual era seu nome? Não o havia dito. Não tinha falado de forma alguma. Perguntava-se como seria sua voz. Baixa e rouca? Doce e suave? Se tivesse tido a oportunidade de escolhê-la, a noite teria terminado de maneira diferente. Maldito Shivawn por tomá-la e forçá-lo a mudar seus planos.

Seu amigo levou a bruxa encantadora da sala. Joachim tinha decidido consolar-se tomando a coroa de Valerian.

Gostava e admirava seu primo, mas gostava e admirava mais o poder.

Joachim não gostava que lhe dissessem o que fazer. Nunca gostou. Preferia dar ordens para que outros as cumprissem. Inclusive às mulheres. Era o mestre. O comandante.

Seu primo governava com mão de ferro, esperando uma total e completa obediência. Era a hora de mudar isso. Era a hora de Joachim governar.

Valerian havia se oferecido para lutar contra ele, certo, mas Joachim não podia ser rei dessa forma. Não, Valerian tinha que renunciar a seu trono voluntariamente. Faria isso? Valerian tinha tido uma noite para considerar suas opções, para dar-se conta de que só podia fazer uma coisa para manter a mulher clara.

– A coroa será minha? Espetou Joachim.

Alguns homens estavam destinados à grandeza. Outros... não. E Valerian ultimamente tinha falhado com muitos equívocos absurdos. O primeiro e mais importante foi deixar para trás as mulheres nymph a tomar o palácio. Agora as mulheres estavam perdidas, nenhum rastro foi encontrado, nem na Cidade Interior, nem na Cidade Exterior. Sim, Valerian tinha um contingente de homens que estava procurando por elas. Mas não era suficiente. Coisa que não seria necessária se o rei os tivesse enviado em primeiro lugar.

O segundo e mais imperdoável engano de Valerian era não ter deixado os homens viajarem para a superfície até ontem, quando suas forças estavam drenadas. O palácio necessitava de proteção, certamente, mas os homens não podiam fazer guarda se estivessem fracos.

Ele não teria permitido que tais coisas acontecessem. Entreabriu os olhos. A mulher clara era simplesmente um meio para um fim. Tinha visto como Valerian revoava a seu redor, protegendo-a silenciosamente, afastando-a dos



guerreiros. Assim Joachim a escolheu, esperando que seu primo fizesse tudo para apropriar-se dela.

Sua esperança tinha dado seus frutos.

E possivelmente, quando se convertesse em soberano, tiraria de Shivawn a bruxa morena. Sorriu ante a idéia.

OH, ia gostar de ser rei.

Quando Shaye acariciou o marco da porta e caminhou para ele, a respiração de Valerian se obstruiu na garganta, queimando como o fogo mais ardente.

Sempre o afetaria desta maneira?

Vestia sua camisa e sua calça, e embora ficasse enorme em seu leve corpo, era o mais belo que tinha visto. As cores do arco-íris do teto brilhavam sobre suas faces. Como a sereia que era, atraía-o, tentava-o. Estava disposto a morrer por ela.

– Se for pedir para eu me trocar – disse com voz desafiante – economize seu fôlego.

Pedir que se trocasse? Nunca.

– Eu gosto tal como está.

A surpresa obscureceu seus olhos, criando uma espiral de veludo marrom com negro.

Estendeu a mão para ela, sem tocá-la, mas necessitando dela. Queria que o aceitasse intimamente.

Necessitava que o quisesse. Necessitava que o recebesse com alegria em cada momento que compartilhassem, como ele o fazia.

Aquele glorioso olhar dela se cravou em sua mão. Pouco a pouco a cor abandonou sua face. Tão pálida, pensou. Podia ter sido um sonho, um espectro. Um fantasma que vinha atormentá-lo.

Um lampejo de algo cobriu sua expressão. Dor? Pânico?

– Não. Não me toque – negou com a cabeça, sublinhando as palavras. Inclusive segurou as mãos detrás das costas, como se assim eliminasse a tentação.

Ouvindo seu rechaço, decidiu empurrá-la para realmente ver até onde o deixaria fazer isso. Desejava muito tocá-la para admitir uma derrota tão rápida nesse jogo.

– Doce raio de lua, por que não consente algo tão insignificante? Não estou pedindo mais que uma carícia.

Ainda.



– Por favor. Não sou estúpida. Uma carícia levará a um beijo. Um beijo levará... – Ruborizou, recuperando aquele celestial, rosado resplendor na pele. Esclareceu a garganta – pode fazer uma idéia – elevando o queixo passou junto a ele, mas se deteve abruptamente no meio do marco da porta. Não se virou para olhar para ele. – Onde o café da manhã é servido?

– E se eu dissesse que sou o segundo prato?

Viu-a endireitar-se, observando como suas mãos se apertavam contra os flancos. Não obstante agüentaria, quebraria sua resistência até que ela cedesse.

Terá que me suplicar, amor.

– Estaria tão impaciente para ir então?

Cólera e frustração ondeavam sobre ela.

– Por onde? – resmungou.

Fez uma pausa antes de responder, bebendo da visão dos cabelos claros caindo pelas costas dela. Algumas mechas onduladas, outras caindo lisas. O que teria dado para poder afundar os dedos pelas espessas madeixas. Seu lar? Sua vida? Sua alma?

Sim, todas aquelas coisas. A necessidade era tão aguda em seu interior, quanto inalcançável no momento.

–Mostrarei o caminho a você – respondeu com voz profunda, quase cantarolando. Cortou a distância entre eles, as longas pernas comendo o curto espaço, passando junto dela acariciando-a no braço de propósito.

Ofegando, saltou para longe dele como se ele a tivesse empurrado. Nem sequer o olhou com desconfiança. Seus lábios se apertaram com diversão pela vitória.

OH, sim. Ela seria sua.

A reserva para ele refletida nessa reação, negasse ela ou não, seria em última instância sua queda.

Podia não tê-lo aceitado como companheiro, mas seu corpo o reconhecia. Desejava-o. E quando o corpo deseja algo, ou a alguém, fazia o que fosse necessário para convencer à mente a o ter. A gente não pode evitar a si mesmo. Queriam o que queriam, fosse ou não ruins para eles.

Shaye não era diferente.

Muito em breve, muito em breve.

–Nunca usa camisa? – resmungou, desviando o olhar.

–Vi como olhava meu peito e decidi que era melhor para eu não usar uma camisa nunca mais.

Seus lábios se apertaram em uma linha fina.

–Estava o olhando com horror.



–A quem está tentando convencer? A mim, ou a você mesma?

Mostrou os dentes a ele em uma careta.

Tinha ganho um ponto, assim deixou o assunto. Por agora.

–O café da manhã é servido por aqui.

Pegou a mão dela, sem permissão, e a levou para fora do quarto, pelo corredor que levava aos alojamentos de seu exército. Vários casais tinham decidido acampar ali, inclusive quando já haviam feito amor. Estavam nus e entrelaçados à vista. Diferente do caos de gemidos noturnos, agora tudo estava em silêncio. O mais provável é que todo mundo estivesse esgotado da longa noite de prazer sexual e desenfreno.

Como teria gostado de estar nessas filas, ter experimentado a mesma satisfação.

Talvez esta noite...

–Assim, o que vai acontecer com Joachim? – perguntou Shaye. – Não vou ser sua escrava. Não importa o que faça. E não me diga que vamos esperar ele despertar. Dê uma resposta agora. Odeio não saber.

Nós. Não disse eu, nem você. Nós. Gostava como isso soava, gostava que não rechaçasse a idéia de sua ajuda. Gostava que o visse como um sócio nisto.

–Não se preocupe. Farei o que seja necessário para manter você comigo.

–Vai – engoliu – matá-lo?

–Se for necessário – respondeu sem vacilar.

Ela emitiu um gemido frustrado.

–Se me levar para praia não poderá me ter, e não teria que o matar.

–Se a levar de volta, tampouco eu a teria, nenhum dos dois.

–Exato.

–Seu plano fede, o que me disse a respeito de minha capacidade de negociação? Sim, seu plano fede.

Chutou um montão de roupa para fora do caminho e dobrou na esquina. Finalmente o refeitório apareceu à vista. Um aroma fresco e quente flutuava dele. Os centauros e os minotauros machos que comprou na cidade tinham preparado o café da manhã habitual de pescado, frutas, e nozes.

Shaye ronronou a seu lado.

–Mmm.

Seu estômago roncou.

Normalmente a esta hora da manhã os guerreiros rodeavam a mesa, devorando cada bocado de alimento. Agora Shaye e ele estavam sozinhos, depois que os serventes se retirassem à cozinha para sua própria refeição. Seus homens dormiam e se recuperavam dos prazeres da noite.



Sem uma palavra, Shaye ocupou a cadeira da cabeceira da mesa. Ao fazê-lo observou, esperando que se zangasse, estava segura. Quando não o fez, ela deu de ombros e encheu um prato alto com comida.

Engoliu um pastelzinho de creme de coco de uma dentada, fechando os olhos em doce rendição.

–Quem preparou isto? Certamente não foram seus soldados. Podem olhar como se faz o bolo de carne, mas duvido que saibam cozinhá-lo.

–Como se permitisse que meus homens cozinhassem – comentou enchendo seu prato.

–Ei, não há nada de mal que um homem saiba preparar uma comida – respondeu enquanto esmagava uma uva na boca.

Ele se sentou no banco a seu lado.

–Os guerreiros lutam. Os guerreiros matam. Os guerreiros seduzem. Não cozinham. Esse é o trabalho de um servo.

–O que aconteceria se todos os serventes adocessem e não pudessem trabalhar? O que aconteceria se todos fossem raptados? O que fariam então todos seus grandes e fortes guerreiros? Hem?

Ele piscou, a idéia nunca lhe tinha ocorrido. Quem seria tão idiota para raptar um nymph?

–Comprariamos novos serventes.

–Típico – respondeu secamente. Seu olhar percorreu a sala.

Procurando uma saída? Perguntou-se. Não duvidava que tentasse mergulha-lo em uma conversa sobre criados para distraí-lo. Deixo-a tentar, entretanto. Falar com ela excitava.

–Como que é típico?

Inclinou-se para trás e mordeu um morango. Como ele teria gostado de rascar com a fruta seus lábios, e lambe o suco até o final.

– Segundo minha experiência, os homens como você são...

– Os homens como eu?

– Sim.

– Que espécie de homem sou?

Devolveu-lhe o olhar, aparentando esquecer-se de sua busca.

–Arrogante. Mandão. Chauvinista. Cabeçudo. Teimoso. Imbecil. Mimado. Exigente. Egocêntrico. Moralmente corrupto.

Quando fez uma pausa para respirar, ele grunhiu:

– Isso é tudo?

–Não. Pírfido. Dominante. Malicioso? - Deteve-se batendo nos lábios com um dedo, depois assentiu? - Isso é tudo. De qualquer forma, como estava



dizendo. Os homens são...

–Mesquinhos? – franziu o cenho – fui o epítome da amabilidade contigo, atendendo todas suas necessidades. Não me vesti por você? Alimentei-a? Mantive-a a salvo e quente? Contive-me não fazendo amor contigo?

Ela franziu os lábios.

–Não me roubou tudo o que amava? Não me negou uma e outra vez me libertar?

Despreocupado, agitou uma mão no ar.

–Um dia me agradecerá por minha negativa. Agora, continue com a explicação de meu “típico” comportamento masculino, por favor.

–De acordo, – levanto o queixo olhando-o – mas você não vai gostar.

–Inclusive assim. Vou escutar. Porque sou bom.

–Bom? Sério? Para salvar seu orgulho masculino considerou fazer algo ruim. Teve que seqüestrar alguém de seu lar e sua família, para que pudesse fazer algo por você – mordeu um morango, os dentes brancos afundaram na fruta. As gotas de suco gotejaram pelo queixo. –Sou prova disso.

Seu corpo se retesou. Uma vez mais superou o desejo de lambe o suco que caía daqueles lábios e queixo, talvez cobrir o restante dela com suco de morango, e lambê-lo também. Várias gotas doces se reuniram na piscina de seu umbigo, é obvio, antes de gotejar para o claro cabelo prateado entre as pernas. Ela se retorceria quando seguisse o líquido com sua língua. Faria um sulco com as mãos em seus cabelos. Os joelhos apertariam suas têmporas.

A fantasia se interrompeu quando ela limpou o travesso suco e franziu o cenho ao olhar para ele.

–Está me olhando fixamente e eu não gosto. Pare.

Sua voz parecia um pouco estrangulada, como se lutasse contra um estremecimento de cólera, ou desejo.

–Sim, estou olhando fixamente para você – disse. – É uma mulher bonita.

Mordeu outra uva e desfrutou de sua angustiada surpresa. Normalmente comia uma porção de pescado e frutas, mas agora só tinha fome de Shaye. Sua mulher. Sua companheira.

–Então, minhas palavras não o incomodam? – Moveu-se incomoda no assento – Chamei você de muitas coisas humilhantes.

–Por que devo reagir ante suas palavras? São verdadeiras. Prefiro seqüestrar alguém de seu lar para que cozinhe para mim.

Sua boca se abriu, formando uma deliciosa “O”.

Ele arqueou uma sobrancelha.

–Vejo que se surpreendeu com a minha facilidade de admiti-lo.



–Bom, sim – olhava-o com receio.

–Só tomei aos que necessitavam uma vida melhor, Shaye, ou aos que pensava que poderia dar uma vida mais fácil, pensassem que o necessitavam ou não. Os homens que prepararam esta comida eram escravos de demônios antes que os seqüestrasse. Os forçavam a roubar, matar, e destruir, e algum dia seriam o prato principal na mesa do demônio. Acredite-me, estão agradecidos por tê-los raptados – recostou-se no banco, estendendo as longas pernas, olhando-a, calibrando-a. – Entretanto, talvez me ajude a ver o erro de meus atos. Estou mais que disposto a deixá-la tentar me convencer de meus terríveis atos, e mais de uma vez. Posso escutar melhor quando meu interlocutor está nu.

Enquanto a observava, o rubor rosado cobriu suas bochechas. Outro rubor. As sensuais mulheres que conhecia se sentiam cômodas com as brincadeiras sobre sexo e erotismo. Excitava-o que Shaye achasse o tema bastante obsceno para ruborizar-se. Fascinava-o.

Tinha que tocá-la.

Só estava se inclinando para ela, abrindo a mão para ver se seu rubor transmitia algum calor, até talvez estender-se aos seus seios, quando dois de seus guerreiros entraram na sala. Decepcionado, reclinou-se em seu assento.

Ambos os homens sorriam amplamente, mostrando um sorriso de completa alegria. Os rostos completamente relaxados, radiantes. O poder emanava deles. Cada um usava um peitilho de armadura dourado, calça preta, e braceletes enfeitados com jóias. Depois de sua noite de amor, estavam preparados para treinar.

–Bom dia, grande rei – disse Broderick. A voz nunca tinha soado tão alegre.

–Este é um grande dia, não? – Dorian suspirou feliz.

Assobiaram enquanto caminhavam ao redor da mesa e amontoavam comida nos pratos. Pelo apetite que tinham, deviam ter trabalhado muito durante as longas horas da noite.

Valerian olhou para eles. Ainda tinha que provar um pouco da doçura de Shaye. Sim, sabia que teria um sabor doce, por isso não, este não era o melhor dos dias.

Alguns segundos mais tarde Shivawn entrou. Não sorria, não estava relaxado. Não, estava rígido e fulminou todos com o olhar. Deixou-se cair no banco junto a Valerian, com grãos enredados nos cabelos, e encheu silenciosamente um prato com a comida que havia diante dele. Não se incomodou em alcançar nada mais.



Sua mulher o tinha rechaçado? – perguntava-se Valerian. Shivawn e ele provavelmente tinham a mesma expressão.

–Onde está sua escolhida?

–Dormindo – Broderick e Dorian responderam em uníssono, como se tivesse perguntado a eles. Seus sorrisos se ampliaram e bateram um nas costas do outro.

–Voando através das portas do Olimpo – adicionou Dorian.

–Vocês se detiveram para perguntaram às mulheres se estavam dispostas a deitarem-se com vocês? – Indagou Shaye com um tom que gotejava ódio.

Dorian piscou, a pergunta lhe resultou estranha.

Broderick riu.

–Sua mulher é divertida – disse a Valerian.

–Divertida? – Ela ficou em pé com um grunhido de raiva. –Não sou divertida quando estou discutindo sobre violações.

Ao menos não negou o fato de que me pertence, pensou Valerian satisfeito.

–Como se uma mulher alguma vez me rechaçasse – disse Broderick.

–Acredite em mim, às vezes acontece – murmurou Shivawn. Deixou cair o prato e partiu da sala sem outra palavra.

Todos o olharam sair, cada um com uma reação diferente. Broderick ria. Dorian, intensamente confuso. Shaye, satisfeita.

–Para sua informação, cavalheiros – disse, atraindo a atenção novamente para sua pessoa. – Só porque seu “tempero” encanta a uma mulher não significa que na realidade, no mais profundo de sua alma, queira-os.

–“Tempero”? –Não tendo mais espaço em seu prato, Dorian se acomodou na cadeira vazia junto a Valerian – O que é isso?

–Não importa – Shaye cruzou os braços sobre o peito fazendo que a gola da camisa se entreabrisse e deixasse ver as suaves curvas dos seios. –O que importa é se as mulheres ao conhecer suas personalidades, gostos, defeitos, passado, e planos de futuro, os quererão ainda.

Uma mulher saber o que passava pela mente de Valerian. Não era um pensamento ao que desse boas-vindas, de maneira nenhuma. Nunca tinha tomado tempo para falar com suas parceiras sobre sua vida passada, presente, ou futura. Não teria gostado de falar disso, e elas não tinha experimentado perguntar. Não obstante, a pergunta o intrigou.

Queria isto com Shaye, compreendeu. Queria contar a ela sobre ele e olhar sua reação, ouvir seus pensamentos. Queria escutá-la, contar sua própria vida. Fazê-la saber o que o fazia feliz. O que em segredo desejava com cada



onça⁷de seu ser.

Também se encontrou desejando saber que tipo de homem tinha preferido no passado. Erudito? Guerreiro? Como a tinham tratado estes homens? Tinha amado alguém? Suas mãos agarravam com tanta força o encosto do banco, que quase o quebrou ao meio. Consumido pela necessidade de mutilar, destruir, e matar a qualquer homem que alguma vez tivesse obtido o amor daquela mulher. Queimadura. Candente. Ainda mais quente que o fogo de um dragão.

Talvez fosse hipócrita. Bem, era hipócrita considerando seu próprio passado licencioso. Mas não gostou da imagem de sua mulher deitada e aberta para alguém. Sua paixão era dele. Seu coração era dele. Não queria que ninguém despertasse seus desejos mais profundos, salvo ele. Não podia tolerar esse pensamento. Morria de vontade de marcá-la, sua própria essência nela, em cada célula. Ela não conheceria nenhum aroma, salvo o dele. Não sentiria nenhum toque, salvo o dele. Desejando só a ele, como ele desejava só a ela.

–Bem, vejo que minha escolhida saciou a fome – disse de repente uma voz masculina da entrada.

Valerian ficou rígido, estreitando os olhos sobre o primo. Joachim, que obviamente ainda pensava em reclamar Shaye, parecia sereno, preparado. Não estava vestido para o treinamento, e sim para a guerra. A armadura de prata gravada com cenas de batalha o cobria da cabeça aos pés. Valerian não ficou de pé. Se o fizesse, teria saltado sobre a mesa e atacado. Joachim queria guerra, teria guerra. Nunca tinha mostrado a seu primo, faminto de poder, o erro de seus passos. Começaria agora.

CAPÍTULO 11

A tensão e a testosterona faiscaram pela sala, tão quente que Shaye se sentiu arder. A fúria ferveu e explodiu; um enfurecido inferno que, mal tinha contido, queimava nos olhos turquesa de Valerian.

Shaye estava acostumada a estar rodeada de pessoas emocionais. Em quantos bate-papos, e brigas de ciumenta raiva, tinha se lançado sua mãe ao

⁷ Onça nesse caso se refere a medida de peso inglesa correspondente a 28,349 g.



longo dos anos? Incontáveis. Se um marido voltava tarde para casa, a baixela de cristal era jogada na cabeça deste, junto com acusações de infidelidade. Se um aniversário era esquecido, as cobertas acabavam esfaqueadas.

Entretanto, Shaye não sabia como reagir a tal potente fúria proveniente de Valerian. Alguém que, até este momento, tinha mostrado só desejo, diversão e paciência. Bem, tinha mostrado sinais de fúria, mas nada como aquilo.

A necessidade de matar estava ali em sua expressão. Seus lábios estavam afinados, seus dentes descobertos como os de um animal. Ele era frio e capaz de qualquer ato maligno.

—Tenho uma troca para fazer com você, Joachim — nunca sua voz tinha soado tão brusca.

Joachim não mostrou nenhuma reação externa, embora seus olhos guardassem sinais da mesma tensão insatisfeita que Valerian e Shivawan possuíam. Aparentemente despreocupado, inclinou-se contra o alto marco da porta, uma coluna de espirais e dourado filigrana.

—Estou escutando.

—Darei a você minha espada — disse Valerian. — Pode tê-la com minha bênção, mas deve renunciar a toda reclamação pela garota.

—Inaceitável — Joachim tirou seu elmo e o segurou ao seu lado. Suas negras sobrancelhas se elevaram arrogantemente. — Faça-me rei e poderá tê-la. Ela será tua para fazer o que quiser.

Shaye posou as mãos sobre a mesa, passeando seu olhar entre os homens. Não sabia o que fazer, o que dizer. Sentia-se tão indefesa agora quanto havia se sentido vendo seus pais brigarem quando era uma menina.

Tenso, Valerian sacudiu a cabeça.

—Não posso simplesmente fazer de você o rei. Sabe. Meus homens nunca seguiriam um homem que não provou ser digno.

—Verdade — Joachim concedeu. — Por isso estou querendo me provar.

—E como planeja fazê-lo?

—Ontem estava desejando brigar comigo. Ainda quer?

As mãos de Valerian se fechavam e abriam.

—Sim.

—Mas, voluntariamente renunciará a seu reinado se eu o vencer, dessa maneira provarei ser digno?

Uma predatória tranqüilidade emanou de Valerian. Durante um longo tempo não falou. *Considerando suas opções?* Shaye se perguntou.

Finalmente ele disse:



—Tal coisa nunca foi feita —seu tom era cauteloso, moderado.

As mãos de Joachim se esticaram sobre o punho de sua espada.

—Entretanto, freqüentemente foi necessário fazê-lo.

Shaye pensou que as tensões já estavam altas. Com as últimas palavras de Joachim, a sala começou a pulsar com perigo. Mais que nunca, ela não queria que estes homens, “maiores que a vida”, brigassem por ela. Com espadas, pelo amor de Deus. Não queria Valerian brigando, ponto. Estranhamente, o pensamento dele saindo ferido a desestabilizava.

Só porque não quer ser unida a mais ninguém, alguém menos tolerante, assegurou-se.

Ela observou seu oponente. Joachim aparentava confiança em sua habilidade para ganhar. Irradiava a mesma arrogância que Valerian, mas, ao mesmo tempo, resplandecia com uma sede de sangue que não rodeava o rei.

—Por que não briga contra mim, em troca? —encontrou-se perguntando a Joachim. As palavras escorregaram delas sem querer. — Seria um grande prazer para mim cortar suas bolas e o alimentar com elas.

Um músculo palpitou na mandíbula de Joachim. Os lábios de Valerian se crisparam como se lutasse contra um... sorriso? Um gesto de desgosto? Os dois homens na mesa riram, agradecidamente relaxando-se.

—Isso eu gostaria de ver — disse o “muito bonito para ser real”.

Cabelos pretos, olhos violeta. Se ela recordava corretamente, seu nome era Dorian.

—Shaye não brigará — disse Valerian.

—Como se uma mulher pudesse me vencer — bufou Joachim. — Bem, Valerian — endireitou-se, sua armadura tilintando sinistramente. — O que você me diz? Brigamos e o ganhador se torna rei com todos os direitos sobre a mulher?

Lentamente, Valerian se levantou sobre os pés.

—Aceito. De qualquer forma, o ganhador permanecerá sendo rei e conservará a mulher.

—Só o tempo dirá — foi a resposta satisfeita de Joachim.

—Esperem um momento — Shaye bateu na mesa, ficando frustrada quando as terrinas falharam em sacudir-se e a comida e bebida não se derramaram. — Estão agindo como meninos. Não há razão para brigar.

Valerian a sossegou com um olhar feroz. Ao menos ela tinha entendido suas intenções.

—Nisto, Lua, não farei sua vontade. Meu primo tem uma espantosa necessidade de uma lição.



—Ele é seu primo? —ela passou a mão pelo rosto. Isto era pior do que tinha pensado. — Houve momentos que eu quis matar minha família, Valerian, mas tem que resistir a tentação.

—Não mudará de opinião? —Joachim perguntou a ele, ignorando Shaye como se não estivesse na sala. —Quando perder?

Dorian e Broderick grunhiram como animais ante o insulto a seu rei, logo houve só silêncio. Onda detrás onda da fúria de Valerian se envolveu ao redor de Shaye, imensamente agradecida que não estivesse dirigida a ela.

—Está. Me. Chamando. De. Mentiroso? —cada sílaba pareceu ser cusvida.

As faces de Joachim se coloriram de um brilhante e vívido vermelho.

—Minhas desculpas. Essa não era minha intenção.

Escassamente apaziguado, Valerian estendeu seus braços, abrangendo a sala e a todos nela.

—Temos testemunhas. Dorian e Broderick, deste lado, testemunharão meu consentimento para esta batalha e seu resultado.

O pânico desdobrou fortes murros dentro de Shaye, golpeando-a dolorosamente. Iriam fazer aquilo; iriam brigar. O conhecimento estava ali, agitando-se em seus olhos.

—Qual é a arma de sua escolha? —Valerian perguntou a seu primo, cruzando os braços sobre o peito.

—Espadas, é obvio — foi a resposta. — As armas de um verdadeiro guerreiro.

—Até a morte?

Joachim considerou a idéia e franziu o cenho.

—Eu não quero matar você, Valerian. Não o odeio. Fomos amigos uma vez, quando éramos crianças, mas nasci para governar. Eu deveria dar as ordens, não as receber.

Durante um longo tempo os dois homens simplesmente olharam um ao outro. Finalmente Valerian assentiu.

—Vá para a areia, Joachim. Estarei lá em breve.

—Outra ordem — Joachim parecia ter a intenção de protestar, mas no final assentiu.

Girou sobre seus calcanhares e saiu a passos longos. Não deu tempo para Shaye discutir.

—Dorian — disse Valerian—, reúna o restante dos homens. Quero que observem o que acontece a aqueles que pensam em usurpar meu trono. Broderick vá preparar meu equipamento.



Cadeiras deslizaram para trás. Passos retumbaram.

Não posso acreditar que isto esteja ocorrendo, pensou Shaye. Tinha sido seqüestrada no casamento de sua mãe — deu de ombros. Tinha sido arrastada sob a água a uma cidade perdida — bocejou. Tinha sido escolhida como a amante do rei — Alguém poderia me passar a lixa de unhas? Repentinamente tudo parecia insignificante, como um sonho.

Esta batalha, entretanto... era puro pesadelo.

— Estou pedindo a você que não faça isto — disse a Valerian. Estavam sozinhos agora, ninguém mais estava à vista. — Ele, obviamente, não me deseja. Só quer ferir você e pegar sua coroa.

Valerian se sentou, inclinou-se no respaldo e a observou intensamente.

— Teme por mim, Lua?

Ela bufou. Por dentro, entretanto, tremia de medo.

— Na realidade, não me poderia preocupar menos por você. — Mentira. Estúpida, sim, mas mesmo assim uma mentira. A segurança dele lhe importava sim, admitiu silenciosamente. Ele lhe disse aquelas coisas agradáveis. Seu toque a eletrizou. E ele era... doce, maldição. — Simplesmente não quero ser refém daquele idiota do Joachim — *verdade*.

Casualmente, ele se jogou uma uva dentro da boca.

— Eu disse a você que faria o que fosse necessário para conservá-la e falava a sério. Agora, não vou tomar como uma ofensa sua falta de confiança em minha capacidade como guerreiro porque ainda tem que me observar brigar. Não me conhece de verdade.

— E pode ser que não tenha a oportunidade de conhecer. Não é que queira fazê-lo — adicionou rapidamente. — Mesmo assim.

— Tomarei, de toda forma — continuou como se ela não tivesse falado —, como uma grande ofensa se esta falta de fé alguma vez ocorre de novo.

Os olhos dela se focalizaram nele com forçada despreocupação.

— Estou tremendo. Realmente.

Ele revirou os olhos com incredibilidade e sacudiu a cabeça.

— Não tem sentido comum, mulher? Acabo de advertir você de minha ira e zomba de mim?

— Duas palavras: infernos, sim.

Longe de zangá-lo, entretanto, suas palavras pareceram diverti-lo.

— Eu gosto de sua inteligência, Shaye. Também gosto de sua coragem. Satisfaz-me, é uma companheira digna. Uma rainha digna para meus guerreiros.

Rainha? Dificilmente. Olhem a confusão em que se converteu sua própria



vida. Como se realmente precisasse estar no comando de outras pessoas. E quanto ao outro, bem, não queria gostar de Valerian. Está bem, queria. Só que não queria desejar que ele gostasse dela. Quanto mais gostasse, mais determinado ficaria de conservá-la, mais duro a perseguiria e seria mais difícil resistir a ele, recordar quem e o que era e menos querer fugir.

—Vem. Atrasei-me o suficiente, entretanto não sou capaz de resistir a roubar um momento a sós contigo — empurrou-se sobre seus pés e sustentou sua mão, palma acima, uma ordem silenciosa para que ela a pegasse. —Estão nos esperando na areia.

Ela estudou sua mão, incapaz de afastar-se. Sabia que se entrelaçasse seus dedos com os dele, o calor subiria por seu braço estremecendo-a. Aquele calor adicional. Não desejado calor. Perigoso calor.

Sua garganta se comprimiu. Levantou-se, mantendo as mãos junto a seu corpo.

—Mostre o caminho.

Ele permaneceu onde estava, atraindo-a com o ondear de seus dedos.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

Os lábios dele mostraram uma expressão de descrença no momento em que percebeu que ela o estava rechaçando outra vez.

—Permiti que me rechaçasse uma vez. Não permitirei fazê-lo agora. Necessito de seu toque, Shaye. Necessito de sua força. Minha vitória depende disso.

Ah, infernos. Que maneira de cravar uma faca nela. Seus olhares ficaram presos em desafio. A exuberante extensão de seus cílios negros lançavam sombras decadentes sobre sua face. Que fazia um homem com cabelos loiros com esses escuros cílios? Deveriam ser claros, como os dela.

—Sinto muito — disse. E o fazia.

—É teimosa — respondeu. — E quer ser fria.

Ela levantou o queixo.

—Asseguro isso a você, sou fria. Sou uma cadela.

—Quando chegar o momento — ele adicionou suavemente—, esquentarei você. Farei você arder.

As palavras foram pronunciadas como uma promessa, salpicadas de determinação, e debaixo delas se arrastava o desafio: toda resistência será encontrada e conquistada até que a tenha onde planejo, sobre o doce limite da rendição.

Ela engoliu em seco, mas não se permitiu pegar a mão dele.

Um músculo palpitou em seu queixo.



— Tem uma escolha. Pegue minha mão ou a levarei em meus braços.

— Não mencionou a terceira opção. Ir-me — ela se deslizou ao redor da cadeira e se afastou, um só passo.

— Você? Ir? — ele sacudiu a cabeça. — Não, é muito valente. Contarei até três para que diga, depois tomarei a decisão por você. Um.

Outro passo para trás.

— Dois.

Ainda outro.

— Tre...

Correu para frente e agarrou firmemente a mão dele. Ao primeiro contato, o calor que temia a atravessou, propagando-se e pulverizando-se, alcançando seu corpo todo. Mas se ele a tivesse perseguido e atirado sobre seu ombro — e haveria feito — as sensações seriam muito piores. Mais potentes.

Franziu o cenho. A luz cobria suas feições, dando a ela um resplendor que tirava o fôlego e que nenhuma pessoa deveria possuir.

Ele sorriu.

— Não foi tão difícil, não é verdade?

— Cale-se. Só se cale.

Ele riu, mas suas gargalhadas não duraram muito. Sua expressão se tornou séria.

— Tenho sua essência em meu nariz, Lua, e posso encontrar você em qualquer lugar que esteja. Em qualquer lugar que vá. Não pense em tentar fugir de mim durante a batalha — dito isso, girou sobre seus calcanhares e se afastou do refeitório, arrastando-a com ele.

Soprando a respiração por entre os dentes, lutou para manter o passo dele, voando para frente com uma velocidade partidora de pescoços.

— Vá mais devagar. E a que se refere, de que maneira tem meu aroma em seu nariz? — recordou como ele esteve obcecado ontem a fazendo cheirá-lo.

— Só que seu aroma está marcado em cada uma de minhas células — disse sem se incomodar de olhá-la. — Como o meu logo estará nas suas.

— Não haverá marcação!

— Na realidade, não pode detê-la — confiança total se derramou em sua voz.

Outra promessa.

Não o combata. Não o estimule. Seu olhar se fixou na parede. Mármore branco encravado com pedras prateadas, com partes desmoronadas e despedaçadas. Havia marcas de arranhões, como se alguém tivesse passado uma ferramenta por cada polegada.



Mudando de assunto ela disse:

—O que ocorreu aqui?

—Invasão de humanos, acredito.

Seu olhar caiu sobre suas costas. Duros músculos e tendões se estiraram sob o veludo bronzeado.

—Os humanos sabem a respeito de Atlantis?

—Alguns sim.

Caramba. Havia gente que sabia sobre este lugar na realidade, entretanto tinham decidido mantê-lo em segredo.

—Sempre viveu neste castelo?

—Não. Meu exército reivindicou o palácio recentemente.

Reivindicou. Também conhecido como “roubo”, tinha certeza.

—A quem ele pertencia antes?

—Aos dragões.

Ela escorregou ao deter-se, forçando-o a deter-se também ou a arrastar seu corpo de barriga para baixo.

—Dragões? Disse que os dragões eram os donos desta propriedade? E a roubou deles? —isso explicava os murais de dragões, as gravuras de dragões e o medalhão de dragão sobre o qual ele tinha falado.

Lentamente ele a olhou com expressão confusa.

—Isto a incomoda por quê?

—Os dragões cospem fogo e comem humanos como saborosos aperitivos. Eles quererão seu palácio de volta.

—Sim.

Seus olhos se arregalaram ante seu imperturbável estado.

—E isso não o incomoda? O pensamento de lutar com tais ferozes criaturas?

—Não. Por que deveria? — Seu peito parecia expandir-se ante seus olhos. — Sou mais feroz. Sou mais forte.

Deus a salvasse da arrogância masculina.

—Sinto não compartilhar sua confiança — disse secamente.

Ele franziu o cenho.

—Se pensar em dragões a atemoriza...

—Aterra-me — interpôs.

—Como reagirá quando a apresentar aos vampiros?

Um ofego estrangulado resfolegou de sua garganta e cobriu sua boca com uma mão trêmula.

—Não vou conhecer vampiros.



— Eles são nossos amigos.

Ele disse “nossos”. Não havia dito “meus”. Disse nossos, como se já fossem um casal.

— Contou-me sobre aquelas criaturas que estavam em Atlantis, mas nunca pensei que me faria relacionar-me com elas! Os vampiros bebem sangue, Valerian.

— Não beberão o seu.

Grrr. Não valia a pena discutir com ele. Tinha uma resposta para tudo.

— É verdade, não o farão. Não vou conhecê-los e não ficarei aqui.

— Os vampiros são nossos aliados. Não tem nada a temer deles. Não tem que temer ninguém nesta terra. Sempre a protegerei. Com meu próprio corpo, se for necessário — sua voz estava inundada em sexy e rouca promessa e, de novo, resplandecentes imagens de corpos nus, pele ensopada de suor e estremecendo de prazer atravessou sua mente. *Grrr!*

— Sabe, se tivesse alguma chance de me convencer a ficar aqui, a qual não tem, a arruinaria falando de dragões e vampiros.

Ele sacudiu a cabeça, sua testa se enrugou.

— Como me distrai, mulher. Por que está discutindo comigo, agora? Tenho uma batalha que ganhar. Uma mulher que reclamar — disse no momento em que a punha de novo em movimento.

Merda. A batalha. Ao longe podia distinguir o som das espadas chocando-se entre si. Grunhidos. Gargalhadas masculinas. Excitação.

— Vou dizer isso mais uma vez. Não quero que lute.

Ele perdeu seu ar de afetação. Deteve-se, virou e deu um ameaçador passo para ela. Tão perto que sentiu o calor de sua pele, o embriagador aroma desta. Viu as bolinhas de azul e verde em seus olhos, mais brilhantes que as mais belas jóias. Ele se envolveu totalmente em malevolência.

— Adverti você do que ocorreria se expressasse tais dúvidas a respeito de minhas habilidades de novo. Sou poderoso, uma força a ser temida, e terei sua fé.

Se esperava que ela se desculpasse ou retirasse o que disse, não obteve seu desejo. Ela avançou para ele, extinguindo ainda mais o espaço aberto entre eles. Quando tinha conseguido tal atrevimento, não sabia. Só sabia que não podia deixá-lo nesse campo.

— E lhe disse que não dava a mínima para sua advertência.

Os candelabros flamejaram nas paredes, seu resplendor batia sobre os contornos do rosto dele. Sombras e luzes lutaram pelo domínio, brincando sobre sua face. Repentinamente, parecia inclusive mais cruel que um



momento antes.

Espirais de desejo, o mesmo contumaz desejo que sentiu quando o observou saindo do oceano pela primeira, chamejava dentro dela.

—Importar-se-á — disse ele, justo antes de enredar seus dedos nos cabelos dela puxando-a para ele. Instantaneamente seus lábios se chocaram com os dela com tal força que ela ofegou.

Ele usou sua boca aberta em sua vantagem. Empurrou sua língua quente dentro, passando por seus dentes, passando por qualquer pensamento de resistência. Seu corpo grande a envolveu, fazendo-a arder com chamas etéreas. Chamas que se estendiam com vertiginosa velocidade. Maravilhosa velocidade. Em meros segundos ela passou da fria, despreocupada e intocável Shaye a selvagem, ofegante e “nunca deixe de me tocar” Shaye. Uma mulher que existia só para o prazer. Para o sexo e a libertinagem. Para este homem.

Ele a consumia. Uma misteriosa necessidade a consumia. E ela descobriu que gostava de ser consumida.

A língua dele trabalhava sobre a sua com perita precisão, fazendo que suas terminações nervosas saltassem para uma feliz vida. Seus mamilos se endureceram, suas coxas doíam, seu estômago estremecia. Seu sabor era puro calor sexual, exótico e aditivo. Ela não deveria querer, sabia que deveria afastar-se, mas encontrou a si mesma enrolando os braços ao redor do pescoço dele o aceitando completamente, suplicando por mais.

Um selvagem grunhido escapou dele, primitivo, como se não pudesse contê-lo.

—Deseja-me? — suspirou ferozmente.

Como sempre, o som de sua “enriquecida com vinho” voz a excitou. Ele tinha sido criado para ela, só para ela, cada ação dele, cada respiração existindo simplesmente para agradá-la. O pensamento era viciante. Como o próprio homem. Embriagador, tórrido e aditivo.

—Deseja-me? — perguntou de novo.

—Não — forçou-se a dizer, logo se contradisse lambendo a comissura de seus lábios. Quem era esta mulher sensual em que se transformou?

A mulher de Valerian, arrastou-se através de sua mente.

Suas mãos calosas deslizaram de seu pescoço sobre cada vértebra de sua espinha e posaram suavemente na curva de seus quadris. Seus dedos gradualmente puxaram para cima a barra de sua saia.

—Desejo você — disse ele ferozmente. Seu fôlego quente soprou em sua face.

Havia uma razão pela qual deveria empurrá-lo para longe. Sim,



definitivamente havia uma razão. Uma razão pela qual ela deveria... arrastar sua boca de novo para a dela. Saboreá-lo de novo. Sentir a força de seu peito estirando-se contra ela, sentir o mal controlado poder bulindo em seu sangue. Seus mamilos estavam em ponta, mais tensos, e doíam, realmente doíam, por seu contato.

Ele soltou sua saia e procurou debaixo desta, seus dedos marcando sua pele. Ela ofegou maravilhada.

—Seus mamilos me desejam, sei — seu olhar quente se deteve na área em questão, fazendo-os endurecer ainda mais.

—Não, não o fazem — negou.

—Seria um prazer provar isso a você. Poderia colocá-la em frente a um espelho e lentamente tirar seu Top, revelando sua carne polegada a preciosa polegada. Poderia acariciar seus seios com minhas mãos, emoldurando seus mamilos como se chorassem por mim.

Ela deveria estar acostumada a isso, ter esperado inclusive, mas a imagem que ele descreveu penetrou em sua mente. Valerian detrás dela, seus braços envolvendo-a, manuseando seus seios. Uma de suas mãos na fantasia começou um lento e lânguido deslizamento por seu estômago, detendo-se nos pálidos cachos entre suas pernas.

—Odeio essa idéia — mentiu sem fôlego — Odeio-a — levou as mãos ao peito dele, suas palmas sobre seus mamilos. Eram pequenos pontos duros que sua língua pensava lambe. Sugar. Ao mesmo tempo em que a ponta de seu dedo se curvava no laço de aço ancorado ali, queria lambê-lo e sugá-lo, também.

Ele gemeu.

—Amo a maneira como me odeia.

OH, ela também o fazia. Suas respirações se misturavam. Seus olhares estavam presos, um ardente choque entre turquesa e castanho, paixão contra paixão.

—Odeie-me um pouco mais — sussurrou.

Ela não pensava em resistir. Elevou-se nas pontas dos pés — seu corpo parecia pensar por si mesmo — posando os lábios justamente em frente aos dele. Suas mãos se esticaram sobre sua cintura, o agarre era necessitado, duro e ordenando. Não permitindo fuga. Ele puxou a parte baixa de seu corpo para perto dele, tão perto, até que ela se situou contra a longa e dura extensão de sua ereção.

Um quente e rouco ofego emergiu dela. Lanças de prazer formaram arcos atravessando-a, produzindo outras explosões de sensações.



Necessitadas sensações. Bem-vindas sensações.

—Quero odiar você também — disse a ela naquele mesmo tom suave. — Quero odiá-la duro e rápido, a primeira vez. Lento e gentil, a segunda vez.

—Meu rei — alguém chamou.

Shaye escutou a voz de forma distante e desprezou a interrupção. Mais beijos. Queria mais beijos.

Como se Valerian não tivesse notado a voz, ou simplesmente não se importasse, seu olhar deslizou para sua boca. Uma selvagem intenção brilhava em seus olhos. Tanto desejo flamejava nele que tinha problemas em conseguir respirar. Era um homem preparado para dar a ela tantos beijos quanto ela quisesse.

—Meu rei — disse a voz de novo, esta vez projetando iguais medidas de reverência, impaciência e ânsia.

Os dedos de Valerian apertaram sua cintura.

—Não quero parar de odiar você — disse suavemente com um grunhido.

—Deve — Dizer isso quase a mata.

—Devo odiar você?

—Deve se deter.

Ele deslizou a língua por seus dentes. As janelas de seu nariz flamejaram, como se seu aroma persistisse ali.

—Por agora — ele concedeu.

—Para sempre.

O que é você, estúpida? Ela engoliu em seco. Nunca foi beijada com tal paixão. Tal ardor. Como se o homem beijando a saboreasse. Seria destruído sem ela. E ela queria como o inferno experimentar essa urgência de novo.

Perigoso, sua mente sussurrou.

Mas ele vale totalmente, seu corpo respondeu.

—Nunca mais volte a me odiar — se forçou a dizer.

Ela se retirou de seu abraço, afastando-se, repentinamente fria e vazia. Vazio, como pelo que tinha passado durante toda sua infância.

Ele segurou seus ombros e a virou. Seus olhos se comprimiram até serem pequenas fendas, seus cílios espessos quase se entrelaçando os de baixo com os de acima.

—Meu maior prazer será, como diz sua gente? Fazer você comer suas palavras.

—Valerian — outro homem o chamou. Joachim, esta vez. Ela reconheceu ao profundo barítono. Estava impaciente agora. Valerian não o olhou. — A mulher não é sua para beijá-la.



Shaye abraçou a si mesma, contendo um tremor de terror. Olhou sobre o ombro, só para ver que o homem de cabelos escuros parecia um anjo da morte. Genial. Um sinal?

— Ainda — Valerian disse, a simples palavra mais letal que uma espada. Seus olhos nunca se separaram do rosto dela. — Ainda.

CAPÍTULO 12

Depois de olhar uma última vez para Shaye, Valerian se virou encarando seu primo e empurrando ao raio de lua para trás dele, com seu corpo atuando como escudo. Como tinha ousado interromper seu primeiro beijo com Shaye, sua companheira, sua única e escolhida. E por este homem! A fúria fervia e borbulhava pelo seu sangue, um rio transbordado de lava fundida.

— Posso recomendar que vocês dois sentem e discutam seus problemas antes de recorrerem ao derramamento de sangue? — Sugeriu Shaye delicadamente.

Tentou evitá-lo dando um passo para o lado. Quando isso não funcionou, apareceu por cima de seu ombro.

— Não — disse Joachim. Uma expressão de petulante expectativa enchia seu rosto. O cara realmente pensava que ganharia e se tornaria rei.

— Não — replicou Valerian, mesmo sabendo que Shaye não queria que lutasse.

Embora não quisesse negar nada a ela, brigaria. Mesmo sabendo que estava em desvantagem. Enquanto Joaquim tinha passado a noite ganhando força graças a suas conquistas sexuais, Valerian... não. Ele nem sequer deu prazer a si mesmo.

Sem olhar para trás, Valerian estendeu seu braço de novo, com a palma aberta para que Shaye colocasse sua mão sobre ela. Ela tinha se recusado a fazê-lo duas vezes antes e a coação tinha sido necessária. Esperava que ela se negasse a fazê-lo uma vez mais. Mas tinha que tentar, tinha que tocá-la de novo antes de entrar na areia.

O assombrou o golpeou quando os dedos dela suavemente se enlaçaram com os seus. Sua mão era suave e delicada, de ossos finos e pele lisa. Não pôde evitar. Ficou de pé em seu lugar, passando os dedos sobre os dela. Suas



unhas perfeitamente arredondadas, que sabia estarem pintadas da cor das conchas coralinas. Mais que nada, queria introduzir-las na boca.

Ela apertou sua mão, e seu assombro se intensificou. Oferecia seu consolo? Uma advertência silenciosa? Não sabia, mas se regozijou com a ação.

Estava começando a preocupar-se por ele?

Tinha correspondido ao seu beijo tão apaixonadamente, passando de fria a ardente em segundos.

Tinha correspondido, e o tinha desejado. Tanto quanto ele. Levou muitas mulheres para a cama ao longo dos anos, mais do que podia contar. Ainda assim nenhuma tinha mexido com seu coração como ela fazia. Um simples beijo, e estava ardendo incontrolavelmente. Não queria só seu corpo. Queria tudo o que tivesse para lhe oferecer.

Mais tarde, prometeu a si mesmo. Mais tarde.

— Estou esperando — disse Joachim, impaciente.

Valerian revirou os olhos.

— Vem — disse a Shaye, ignorando seu primo. A raiva avivava seus passos enquanto a conduzia pelo corredor.

Joachim permaneceu em seu lugar, vigiando-os.

Valerian passou diante dele, empurrando o estúpido homem para fora de seu caminho. Ninguém o trataria com semelhante falta de respeito. Quando sua guerra privada terminasse, qualquer um que tivesse albergado pensamentos sobre ocupar seu lugar veria o engano de suas ações.

Talvez devesse levar Shaye para seu quarto e colocar um guarda na porta. Não estava seguro de querer que visse seu lado mais desumano, ao animal em seu interior. Um animal que tinha mutilado e conquistado. Ela já tinha protestado pelo confronto.

Entretanto, tanto quanto a queria proteger da besta interior, queria que a visse, que conhecesse suas habilidades e soubesse que podia cuidar dela. Quem fosse, ou o que fosse o inimigo.

— Bom, isto é divertido — disse em tom seco.

— Espere a batalha começar realmente — replicou Valerian.

O olhar de aborrecimento de Joachim se cravou em suas costas, e sentiu seu calor quando deu um passo à frente. Suas botas lançavam pó. Notou que a areia estava cheia até o final de guerreiros. Rodeavam as paredes, transbordando de espera e entusiasmo. Bem. Queria que todos seus homens presenciassem o evento que vinha.

Vários guerreiros haviam trazido suas mulheres, e estas permaneciam



misturadas entre os homens. Estavam envoltas em túnicas Atlantes violetas e amarelas, e cachecóis cor de rosa tecidos com fio prateado. Safiras, rubis e esmeraldas brilhavam nos suaves materiais, e todos os cachecóis estavam abertos na parte inferior, oferecendo vislumbres das coxas. Finos elos de metal rodeavam as cinturas das mulheres, destacando as bem formadas curvas de umas, a esbelteza delicadeza de outras. Elas variavam em idade, estatura e beleza, mas cada uma tinha seu próprio atrativo.

Nenhuma, vestida tão finamente como estava, se comparava a Shaye. Nem de perto.

Valerian se deteve em frente ao Broderick

— Está tudo preparado?

— Cuidei de cada detalhe — Broderick sorriu e passou o braço ao redor de sua escolhida, uma linda morena. — Mulheres e guerra em um dia. Os deuses devem estar sorrindo para nós...

Sorrindo para nós... ou nos amaldiçoando.

— Vigie este pequeno petisco por mim — disse Valerian, empurrando gentilmente Shaye para ele. Ela grunhiu. — Cuide dela e não permita que ninguém a toque — fez uma pausa, considerando as relações passadas de Broderick e acrescentou: — nem sequer você mesmo.

O sorriso de Broderick se desvaneceu e perdeu todo sinal de alegria

— Mantê-la comigo, mas não tocá-la? Esta é aquela jovem que brigou com você. E se ela tentar fugir?

— Não o fará — dirigiu seus olhos para Shaye e encontrou os olhos rebeldes dela. — Fará?

— O que você disser menino grande — disse estudando as unhas de suas mãos.

— Não quero castigar você Shaye, mas o farei se me obrigar — exalou um quente fôlego.

— Se eu o obrigar? — Dirigiu os olhos para ele. — Isto agora é uma Mentalidade Bárbara 101, se é que a ouvi alguma vez. Talvez precise fazer um cartão para as mulheres que encontram a si mesmas em dificuldades com um Neardental. Poderia dizer algo simples como: “Consegue lâminas de barbear?”

Nem sequer pretendia entender o que acabou de dizer

— Prometa-me que ficará aqui. Se estiver preocupado com você, não poderei me concentrar na espada balançando-se para mim.

Ficou pálida uma vez mais, uma adorável rainha do gelo. Bebeu de sua beleza gelada.



—Prometa-me — disse de novo, desta vez de forma carinhosa.

—Bem. Prometo. — Sua expressão se suavizou só um pouco. — Mas só durante a briga. Briga que não quero que participe. Depois disso...

—Quando retornar, a quero igual como a deixei. Sem um só machucado — disse satisfeito, olhando para Broderick

—Como se alguma vez tivesse ferido uma mulher — resmungou seu amigo.

—Como se eu fosse permitir que você me ferisse — disse Shaye, com o queixo inclinado de forma teimosa.

Broderick arqueou as sobrancelhas, com uma expressão tipo “quem é esta mulher”, em sua cara. Valerian lutou para conter um sorriso.

A morena ao lado do Broderick, apontou um dedo acusador para Shaye.

—Eu não gosto que permaneça perto de Broderick.

Shaye revirou os olhos.

—Rissa é possessiva comigo, o que posso dizer? —Broderick recuperou sua expressão divertida e sorriu.

—Só se assegure que ela mantenha as mãos longe de Shaye.

—Posso manejá-la — disse Shaye. Seus escuros olhos cafés resplandeciam com desafio.

—Sei que pode, Lua, mas se a ferisse, deveria a Broderick outra mulher —pegou seus delicados ombros com as mãos e esfregou seus braços. Valente e doce coisinha. —Preferiria não ter outra batalha entre mãos.

Shaye pressionou os lábios em uma rebelde linha, e olhou para baixo, para a areia. Ao menos não replicou.

Quis beijá-la justo então, empurrar a língua dentro de sua boca e sentir o calor dela, sua umidade. Provar sua doçura. Não podia. Ainda não. Não outra vez. Não com o desafio de Joachim pendurando sobre suas cabeças.

—Valerian! —Gritou uma mulher atrás de sua companheira —Valerian!

Seus músculos se retesaram. Maldição! Shaye já resistia, e tinha deixado muito claro seu desgosto por seu passado de luxúria. Todavia agora, dirigindo-se diretamente para ele, estava uma das três mulheres da outra noite. Abriu caminho a empurrões através da multidão, mechas de cabelos vermelhos vindo atrás dela.

—Meu doce rei. Vim desejar o melhor para você.

Shaye se retesou também, antes de ser empurrada para fora do caminho. Franziu o cenho, a ponto de emitir uma forte recriminação, mas as mãos da ruiva de repente estavam acariciando o peito nu dele, detendo-se sobre cada curva e reentrância, pressionando suavemente a argola de seu mamilo, depois



subindo pelas bordas de seu abdômen e apalpando seu traseiro com as mãos.

— Simplesmente escutei sobre a briga e quis aclamá-lo.

— Isto não é especial — disse Shaye, dando um ar despreocupado a seu tom — Uma libidinoso reunião familiar.

— Nosso caso acabou, doçura — disse Valerian olhando para a recém chegada. Manteve seu tom amável, não querendo lhe causar um dano desnecessário. Sentia-se culpado por não haver aprendido seu nome. — Joachim é seu amante agora. Esquente sua cama esta noite, necessitará de todo amor que possa obter.

Seus lábios rosa fizeram um beicinho, e passou a ponta do dedo sobre o umbigo dele.

— Não quero esquentar a cama dele. Joachim não me agrada como você sempre faz.

— Como o fazia. Sempre “fiz”. Agora tenho uma companheira — Lembrou a ela. Seu sentimento de culpa ia aumentando.

— Você pode dá prazer a mais de uma mulher ao mesmo tempo, sei que isto é um fato. Nós três podemos...

— Esta conversa está aborrecida — suspirou Shaye, mas a exalação entrecortada escondia uma borda afiada. - Acredito que seu primo está preparado para cortar sua cabeça. Talvez queira se apressar em sair.

Apertando a mandíbula, Valerian envolveu suas mãos ao redor da cintura da ruiva pegajosa e a entregou a um de seus homens. A quem, não o importava. Abriu a boca para protestar, mas manteve a mão no alto para que permanecesse calada. Em lugar de simplesmente calá-la, todos na areia pararam de falar.

Não queria uma audiência para a conversa que precisava ter com Shaye.

— Falarei disto com você mais tarde — disse com os olhos fixos nela.

Deu de ombros como se não se importasse, mas não pôde esconder o fogo em seu olhar.

Teve que lutar para conter uma risada de satisfação. A sua mulher não gostava que outras o apalpassem. Podia negar, mas conhecia muito bem às mulheres. Estava com ciúmes.

Finalmente, algo ia bem em sua sedução.

— Está, por fim, preparado para começar? — Demandou Joachim atrás dele.

Com um olhar final para Shaye, virou-se. Era hora. Joachim permanecia no centro do arenoso estádio, balançando uma lança sobre sua cabeça, flexionando os músculos. O metal assobiou e soou no ar como um pranto de



guerra. Em sua outra mão, sustentava um escudo prateado. Exceto pela cor, o escudo de Valerian era exatamente igual, com duas asas em relevo em cada lado. No centro de ambos os escudos repousava uma espada.

Joachim colocou o elmo, cobrindo seu crânio e orelhas. O movimento fez que sua armadura cintilasse.

Valerian estendeu a mão, e Broderick atirou em sua mão uma lança. Sentiu seu peso familiar, assentiu. Broderick lhe entregou depois um escudo. Devolveu-o em seguida.

—Remova A Caveira do centro e a substitua por outra espada — ordenou.

—Mas, meu senhor, você nunca...

—Faça — nunca tinha usado uma espada diferente da sua, mas não queria infligir um dano irreparável a seu primo, e isso era o que A Caveira faria.

Não queria que Joachim morresse, tal como Joachim disse antes, tinham sido amigos quando eram crianças. Os melhores amigos. Depois, o pai de Valerian morreu e Valerian teve que tomar o controle, converter-se no líder. Foi quando o ressentimento de Joachim brotou pela primeira vez.

Valerian queria que seu primo vivesse, para sempre sendo um exemplo do que acontecia a aqueles que desafiavam ao rei.

—Qualquer espada servirá — disse —, qualquer uma salvo A Caveira.

Uma pausa, depois o escudo foi tirado de suas mãos. Passos. A fria pressão da manga do escudo. Seu escudo dourado, sim, mas sua espada já não estava em seu interior. Uma plana, com lâmina de ponta afiada tinha agora a honra. Assentiu em aprovação. Esta batalha não era simplesmente por Shaye. Já não.

—Seu elmo, meu rei — disse Broderick.

—Não — manteve seu olhar sobre Joachim. — Não esta vez.

—E a sua outra armadura? — Broderick franziu o cenho.

—Não.

—Espero que amassem um ao outro até que sejam uma polpa sangrenta — murmurou Shaye atrás dele. — Isto é estúpido.

Suas palavras provocaram várias risadas masculinas e alguns gritos de horror femininos. Ele suspeitava que a fúria fosse uma mera defesa contra algo que temia. Perdê-lo? Ele deveria estar zangado por sua falta de fé, mas estava estranhamente contente.

—Como se atreve a dizer algo assim? — Acusou-a a ruiva.

—Tem permissão para dizer o que quiser — informou Valerian a todos —,



porque um dia será sua rainha — dirigiu um olhar para ela por cima do ombro e viu que agora tinha uma expressão ressentida. — Isso não significa que eu sempre vá ceder a seus desejos. Desta vez, entretanto, encontrarei grande prazer em lhe conceder parte de sua petição.

— Eu também desfrutarei lhe concedendo parte de sua solicitação — disse Joachim.

Valerian o olhou com o cenho franzido. Comprovou o peso de sua lança com uma mão, seu escudo na outra, e entrou na areia. Decidido, rodeou Joachim. O homem o observava, sem nunca diminuir o balanço de sua lança.

— Começamos?

— Deveríamos. Esperei para ser o rei por muito tempo — admitiu Joachim.

— Já sei. Mas, o que o faz pensar que será um melhor comandante para meu exército? Você gosta muito da guerra, é muito voraz para assumir o controle.

— Essas qualidades devem ser celebradas.

— Celebradas? Quando a fome nunca será apaziguada? Sempre haverá alguém mais a quem conquistar. Se você regesse meu exército, os levaria direto à guerra. Ao final, tenho fé que conquistará Atlantis e todos os reis e rainhas, mas também destruirá a cidade inteira.

— Melhor reger uma terra dizimada que não reger nenhuma — com um rugido, Joachim saltou sobre ele.

Suas lanças se chocaram em pleno salto. Valerian respondeu imediatamente, agachando-se, girando e atacando com a espada. Falhou ao mesmo tempo em que Joachim o golpeava por um lado. Um som metálico. Suas lanças se encontraram de novo. Imediatamente, Joachim levantou a sua e Valerian a golpeou no alto. Girou, apontando para o pescoço de seu primo.

Joachim se afastou com um sorriso

— Está se tornando lento Valerian — tirou o elmo e o jogou para um lado.

Valerian lançou um ataque para diante, a ponta afiada e o escudo movendo-se ao mesmo tempo. Joachim rapidamente perdeu seu sorriso e foi forçado a agachar-se. Tropeçou para trás. A lança de Valerian por pouco não se cravou em seu estômago, mas Joachim o bloqueou mudando de posição. Lançou uma estocada.

Esse ataque baixo roçou a coxa de Valerian, cortando o tecido em lugar da pele. Valerian se deixou cair sobre um joelho, absorvendo o seguinte golpe com seu escudo. Quando recuperou o equilíbrio, lançou-se para frente. A ponta de sua arma passou roçando um flanco de Joachim, levando uma parte



da armadura com ela.

— Ainda pensa que sou lento? — Perguntou Valerian.

Seus ferozes olhos se encontraram, azul contra outro azul mais intenso, e Joachim franziu o cenho. Virou-se para a esquerda e falhou, depois atacou para a direita. Enquanto a lança se dirigia para o chão, Valerian, saltou sobre ela apanhando-a entre as pernas e golpeando com o cotovelo o nariz de Joachim. O sangue saiu a jorros e Joachim gritou ao mesmo tempo em que tropeçava, caindo a uma surpreendente distancia e lançando terra em todas as direções.

— Levante-se — ordenou Valerian.

— Pagará por isso — seu primo ficou de pé e correu direto para ele, lançando estocadas continuamente.

Valerian se moveu rapidamente, as bloqueando com seu escudo. Seus músculos começaram a queimar, e o suor começou a correr abundantemente pelo seu rosto e peito. Sua respiração já saia entrecortada. Maldito seja! A este passo, suas forças seriam esgotadas rapidamente. A falta de sexo fazia isso a um nymph.

Também parecendo cansado, Joachim se arqueou alto, tentando dar uma estocada em seu ombro, mas Valerian golpeou o pulso de Joachim e seu primo deixou cair a lança. Ante a desvantagem, Joachim se atirou ao chão, rodou sobre si mesmo e alcançou a arma. Seus dedos se fecharam ao redor da metade desta. Mantendo um ritmo fluido, ficou de pé outra vez. Mas Valerian já estava ali, pisando na lança e partindo-a em duas.

Grunhindo baixo, Joachim se levantou. Seu pé bateu no pulso de Valerian e este também perdeu sua lança. Ambos os homens saltaram afastando-se, desembainharam as espadas de seus escudos.

Ao mesmo tempo em que o sangue continuava jorrando por seu rosto, Joachim se lançou para frente, movendo-se grosseiramente. O ar assobiava, soava, justo como havia feito antes que a batalha começasse. Movendo-se mais lento que o normal, Valerian não se esquivou dele a tempo. A lâmina cortou seu antebraço. Sentiu a dor, a ardência da carne rasgada.

Não mostrou nenhuma reação, não permitiu que isto o tornasse ainda mais lento.

Lançava estocadas para baixo, depois para cima, girando antes que Joachim pudesse rebatê-lo. A ponta da espada passava zumbindo pelo rosto de seu primo, e o homem empalideceu. Levantou o escudo e o lançou violentamente contra o outro braço de Valerian, as afiadas asas cortaram a pele. Valerian usou o impulso para girar e cortar a coxa de Joachim.



Seu primo gritou e seus joelhos se dobraram na areia.

— Levante-se — grunhiu Valerian. — Não terminei contigo.

Apertando os dentes, Joachim ficou em pé pesadamente. Continuava sustentando sua arma e escudo. Os olhos estavam escuros pela raiva, seus lábios inchados por sua sede de poder

— Não terminei com você tampouco — deixou cair o escudo e retirou uma segunda espada de seu flanco.

Valerian jogou seu escudo para um lado também. Estendeu a mão livre, e Broderick lançou para ele uma segunda espada. Apanhou-a facilmente pelo punho. Duas lâminas contra duas lâminas.

Imediatamente, ele e Joachim saltaram um para o outro. Uma espada chocou-se, logo a outra, uma letal dança de evitar e esfaquear. Valerian girou ao mesmo tempo em que manobrava com suas armas, arremetia e apunhalava.

— Devia ter sido o filho de seu pai. Devia ter sido o rei — ofegou Joachim ao mesmo tempo em que se agachava.

— Os deuses não pensaram o mesmo — estocada, giro, estocada.

— Fui feito para reger.

— Foi feito, sim, mas não para reger. Verryn deveria estar aqui, no comando de ambos, mas se foi. Meu pai se foi. E isso me deixa. Há muito tempo devia ter aceitado isso — a primeira lâmina finalmente bateu no alvo, cravando-se no flanco de Joachim.

Seu primo gritou e caiu de joelhos. A queda impediu Valerian de recuperar sua outra arma. Entretanto, não estava seguro de que o teria feito, mesmo se tivesse podido. Mas apontou sua arma, sua segunda navalhada bateu no ombro de Joachim, perto de seu coração, mas sem golpeá-lo diretamente. A prata deslizou suavemente através dos elos da armadura. Joachim ofegou por ar ao mesmo tempo em que um fio de sangue saía de sua boca.

Um completo silêncio encheu a areia.

Valerian se endireitou, ofegando.

— Por que... deixou-me... viver? — Balbuciou Joachim. — Devia ter... ferido... meu coração.

— Viverá, e se arrependerá — disse Valerian sem nenhuma emoção e alto o suficientemente para que todos pudessem ouvir. — Se alguma vez me desafiar de novo pela liderança, o matarei sem pensar. Sem duvidar. Sem piedade. Sem me importar por sermos parentes. Não importa que alguma vez tenhamos sido amigos.



O queixo de Joachim caiu a seu peito, e seus olhos se fecharam. Escuras sombras posavam em seu rosto coberto de sangue. Caiu ao chão, inconsciente. Grãos de areia salpicaram as botas de Valerian.

Lançou sua espada com ponta para baixo ao lado do corpo de seu primo e se virou para encarar à multidão de guerreiros que o observava surpresos com a boca aberta. Talvez esperassem que matasse seu primo. Possivelmente tinham esperado que desse o golpe final.

Seus olhos se encontraram com os de Shaye. *Minha* gritou sua mente. *Agora é minha. Ninguém poderia dizer o contrário.*

Como seus homens, os olhos dela estavam obscurecidos pelo assombro. E o horror? Sabia que não devia parecer muito agradável, com sangue e areia cobrindo seus braços, pernas e rosto. Mechas de cabelo empapadas de suor se grudavam em suas têmporas.

Talvez os lutadores da superfície não brigassem tão violentamente, mas não podia obrigar a si mesmo a ter remorsos pelo que tinha feito. Pertencia a ele, viveria ali com ele, assim, era melhor que aprendesse seus costumes agora.

Afastando seus olhos, observou a cada um de seus homens

— Há alguém mais que queira desafiar minha autoridade? — depois que o eco de sua voz se desvaneceu, reinou o silêncio. Passeou diante deles. — Agora é o momento de fazer uma mudança.

Ninguém se aproximou.

Acalmou-se, as mãos apertadas em seus flancos.

— Então agora reclamo Shaye Octavia Holling como minha mulher. Minha. Minha companheira. Minha rainha. Aquele que questionar isto provará o aço de minha espada.

Em meio os gritos abafados de Shaye, transferiu-se para frente de Broderick. Não olhou para Shaye de novo. Não ainda. Não estava preparado para ver que expressão ela tinha agora: Rebelde? Furiosa? Desgostosa? Não estava preparado para conhecer seus pensamentos.

— O que devemos fazer a respeito de Joachim? — Broderick esclareceu a garganta.

— Orar para que Asclepius e suas duas filhas o visitem — as palavras foram pronunciadas por costume, porque quando um nymph era machucado, as preces eram elevadas a estes deuses da cura, apesar de não quererem saber nada das pessoas de Atlantis há muitos, muitos anos. Ninguém sabia por que os deuses os tinham abandonado, só sabiam que o tinham feito.

Valerian ainda não queria que Joachim morresse. Queria que sofresse.



Valerian examinou a multidão de espectadores

— Há algum curador entre vocês?

Depois de uma pausa, a silenciosa garota de cabelos negros de Shivawn deu um passo à frente. Havia lágrimas em seus olhos enquanto levantava uma mão indecisa. Assentiu e logo encarou Broderick

— Leve Joachim e a curadora ao quarto dos doentes. Ela vai o enfaixar e nada mais. Assegure-se de que não o toque sexualmente — Se o fizesse, Joachim sararia mais rápido, todas suas ofensas seriam esquecidas a toda velocidade. Antes da briga, Valerian pensou em dar a seu primo uma rápida recuperação. Agora nem tanto. Não tinha tempo para os problemas que tinha certeza que ele causaria.

Broderick assentiu.

Sem outra palavra, Valerian pegou as mãos de Shaye e a puxou pelo corredor.

Agora ela pertencia a ele de verdade, e era o momento de que o demonstrasse.

CAPÍTULO 13

Posêidon estava aborrecido.

Era o deus dos mares, governante dos peixes, gente do mar e as ondas do oceano, e estava aborrecido. Ultimamente, mesmo as tormentas e a destruição que causava se recusavam a diverti-lo. As pessoas gritavam, as pessoas morriam, blá, blá, blá.

Talvez se importasse se os humanos não tivessem esquecido sua existência. Mas já não o serviam; já não o adoravam mais – embora merecesse ambas as coisas. Afinal, tinha ajudado a criar aquela raça ingrata.

Passou os dedos através do líquido pintalgado⁸ que o rodeava. Tinha que haver algo para combater esta constante sensação de tédio. Criar um furacão ou uma tsunami... Não. Os últimos o fizeram bocejar. Iniciar uma guerra... Não. Muito esforço para muito pouca recompensa. Abandonar a água e entrar no Olimpo... Novamente, não. Os outros deuses eram egoístas e ávidos, e ele não queria lutar com eles.

⁸ Pintalgado – de cores variadas.



O que poderia fazer, o que poderia fazer? Os únicos mundos sobre os quais tinha domínio eram a Terra e a Atlântida, pensou, endireitando-se. OH, OH, OH. Poderia ser... sim, era isso. Pela primeira vez no que parecia uma eternidade, experimentou um brilho de excitação.

Não tinha pensado em Atlântida e sua gente há anos. Afastou-se deles, especulando (esperando, possivelmente) que se destruíssem eles mesmos de modo que nunca mais tivesse que olhar o que considerava uma abominação. Em vez disso, tinham prosperado e ele os tinha deixado, porque tinham obedecido as leis que tinha estabelecido para o lugar. Mais que isso, tinha estado completamente entretido com os humanos e se esquecido das raças de criaturas feitas antes que a fórmula do Homem tivesse sido aperfeiçoada.

Sim, tinha passado muito tempo desde que inspecionou Atlântida e aos seus cidadãos.

Posêidon não pôde evitar: sorriu abertamente.

Shaye cravou os olhos nas costas de Valerian enquanto este a conduzia pelo palácio, seguindo o mesmo caminho que tinham tomado antes. Não protestou. Os músculos se esforçavam e se agrupavam em seus ombros nus. O sangue se misturou com a areia, e ambos estavam salpicados por ele todo, formando linhas e círculos em sua pele.

Quase matou um homem. Seu primo, nada menos. Poderia fazê-lo, na realidade, se as feridas de Joachim infeccionassem. Fez isso sem titubear. Sem remorso. Ela tinha observado enquanto o fazia e não se sobressaltou.

Estava muito aliviada por ele ter sido o ganhador e poder viver.

A briga se desenvolveu como algo tirado de um filme. Valerian tinha se movido com graça e fluidez, cada passo complicado tão bonito quanto perigoso. Um balé ameaçador. Seu coração tinha palpitado irregularmente em seu peito, detendo-se completamente quando Valerian foi ferido. Não estava preparada para a cólera que sentiu por Joachim nesse momento.

Não tinha sido prevenida contra o medo que sentiu por Valerian.

Podia ter fugido e ter se libertado da loucura. Mas não o fez. Ficou. Não porque tivesse prometido a Valerian (uma promessa feita sob coação não era na realidade uma promessa, na sua forma de pensar), mas sim porque conhecer o resultado da batalha parecia extremamente importante para sua sobrevivência.

“Desta forma reclamo Shaye Octavia Holling como minha mulher. Minha companheira, minha rainha”, havia dito ele.

Suas palavras foram à deriva através de sua mente, fazendo-a tremer



agora como o fizeram na areia. Ele as havia dito, e não tinham a incomodado tanto como poderiam havê-lo feito. Não a tinham incomodado de forma alguma, realmente. Na realidade, tinha experimentado um pequeno tremor de (grunhiu, justo ao recordar) satisfação.

Justo então Valerian tropeçou sobre seus pés. Rapidamente se endireitou, mas a ação a trouxe para o presente.

— Está ferido — disse, como se ele já não soubesse. Sua preocupação por ele se duplicou. — Necessita de um médico.

Ele não se virou para enfrentá-la.

— Você será minha curadora.

O pensamento era tão atrativo quanto perturbador.

— Não sei nada sobre cuidar de ferimentos.

— Confio em você.

Por quê? Ela não confiava em si mesma. Não ao redor dele.

— Poderia lhe fazer mais mal do que bem.

— Shaye — disse, claramente exasperado. — É a única pessoa que quero que toque em mim de qualquer modo.

Posto assim...

— Está bem. Mas quando morrer, pode dizer a Deus que eu o adverti.

Seus ombros estremeceram e ela escutou o ronrono retumbado em sua risada. Inesperadamente, seus lábios avançaram lentamente em um meio sorriso e ela esqueceu suas preocupações. Gostou de sua diversão.

— Estava tentando salvá-lo — perguntou —, ou errou acidentalmente seu coração?

A pergunta o fez ficar rígido.

— Nunca erro um alvo escolhido.

O orgulho masculino aparentemente era igual para os Nymphs como o era para os humanos.

— O que acontecerá se ele o desafiar outra vez? E, o que acontecerá se fizer armadilhas na próxima vez, pegando-o desprevenido?

— Não o fará.

— Como pode ter certeza? — continuou.

— Joachim perdeu. Mostrou-se como o guerreiro mais fraco. Matando-me ou não no futuro, nunca será aceito como líder.

— OH.

Ela mal controlou a resposta de uma sílaba, tão alterada estava pelo pensamento de Valerian morrendo.

— E mais — Valerian continuou, ignorante —, não precisou morrer para



que se convertesse em minha mulher, e esse foi o principal motivo pelo que combati.

Um tremor passou através dela.

—Não sou sua mulher.

—Deixe de protestar, Lua. Só a farão passar vergonha quando por fim admitir seu amor por mim.

Ela bufou, mas rapidamente mudou de assunto. Suas palavras foram demasiadamente... proféticas.

—Onde está me levando? —disse, estudando o vestíbulo iluminado por tochas com suas familiares paredes marcadas e cheias de arranhões. Reconhecendo a área, a resposta a golpeou, e cada molécula de ar em seus pulmões congelou.

—Não!

Uma pausa. Um suspiro.

—Meu dormitório — ele admitiu a contra gosto. — Sim.

Seu estômago se contraiu ante o bombardeio repentino de sensações eróticas. *Valerian. Cama.*

Infernos. Não.

Ela tremeu outra vez.

—Vai me prender lá dentro?

A pergunta saiu trêmula dela.

—Não — havia mais determinação nessa única palavra que nas que ela escutou em sua vida inteira.

—Q-o que vai fazer comigo?

No fundo, já suspeitava qual ia ser a resposta.

—Vou fazer amor com você, Lua. Vou fazer amor contigo.

—Não, não. Não! —cravou os calcanhares no chão de ébano polido, parando-os abruptamente. —Nego-me. Ouviu-me? Nego-me!

Lentamente ele se virou e a enfrentou. Não soltou sua mão. Seus lábios exuberantes estavam firmes, sua expressão rude delineada em pedra.

—Estou ferido — disse, como se ela devesse saber por que isso era importante.

Ela olhou para ele carrancuda.

—Posso ver que está ferido. Mesmo assim o advirto. Deve saber que terá mais lesões se tentar me leva para cama.

—Estou ferido — repetiu. —O sexo me fortalece. Curarei mais rápido quando a penetrar.

Um ofego quente borbulhou em sua garganta, quase a estrangulando.



—OH, por mim pode morrer. Não permitirei —ondeou uma mão pelo ar— que você penetre em mim.

—Achará minha forma de fazer amor deliciosa. —os cantos de sua boca se moveram gradualmente para um profundo cenho franzido.— Garanto isso.

—Não.

—Shaye — adulou—. Doce Raio de lua.

—Valerian —respondeu bruscamente— Seu raparigueiro⁹.

Um músculo se contraiu perto de seu olho.

—Rechacei a todas as outras mulheres por você. Prometi publicamente fazer de você minha rainha.

—Estou reconhecendo isso justamente agora e dizendo que isso pouco me importa e que minha resposta é não.

Se ela tinha pensado que sua expressão era dura antes, agora compreendeu o engano de semelhante hipótese. Seu olhar se congelou em gelo turquesa; as janelas de seu nariz flamejaram. Suas maçãs do rosto pareciam cortadas em vidro.

—Posso fazer você suplicar por isso.

Ela estremeceu agitada mas disse:

—Não suplico por nada.

Ele a avaliou silenciosamente durante um longo tempo, então empurrou uma mão através de seus cabelos, fazendo que várias mechas loiras caíssem sobre seus olhos. Uma parte estranha dela – uma parte que revelava mais e mais de si mesma ultimamente – a excitou a esticar-se para alcançar e acariciar esses fios errantes de seu belo rosto. Sim, ele poderia fazê-la mendigar por ele. Aí estava. Tinha admitido. Seu sabor decadente ainda estava em sua boca, a pressão de seus lábios impressos em sua memória. Mas ela tinha que resistir. Tinha que o combater.

E tinha que fazê-lo para, ao fim, fugir dele.

Antes que pudesse dar um passo, entretanto, ele se aproximou dela e lambeu os lábios, como se soubesse – sabia, maldito fosse – exatamente qual lembrança travessa se reproduziu em sua mente e planejou explorá-la de qualquer forma possível. Todos os pensamentos de fuga desapareceram.

—Necessito de você, Shaye. Mais do que alguma vez necessitei de outra.

Só Valerian falava com ela com aquele tom. Sua voz como rico mel, rouca e quente. Como se pensar em sua violação fosse um deleite delicioso. Como

⁹ No original temos a palavra putañero que significa homem que gosta ou tem relações com prostitutas, como não achei palavra equivalente no português, usei um termo regional aqui do Nordeste que achei melhor que colocar uma palavra em espanhol. (Joelma)



se, em sua mente, já estivesse nua e ele estivesse dentro dela. Não teve resposta para ele – não uma que ela ficasse confortável dando.

O silêncio outra vez os rodeou. Desta vez foi um silêncio conhecedor, pesado. Um silêncio tentador. Ele esperou, deixando sua mente e corpo lutar pela supremacia. *Permaneça forte. Seja fria.* Se ele a tocasse... Espera. Ele estava tocando-a e se sentia muito bem.

Arrancou-se para liberar-se de seu agarre e avançou lentamente para trás, sem se importar que a ação fosse covarde.

—Limparei sua ferida, mas isso é tudo. Nada mais. Entendeu?

Ele considerou suas palavras enquanto olhava fixamente para seus olhos, medindo sua determinação interior.

—Está resistindo porque quase matei um homem?

—Não — ela admitiu.

—Então, por quê? Algumas mulheres se aborrecem com a violência. Outras se excitam com ela — mais e mais perto, chegou até ela.—Qual delas é você?

—Nenhuma — disse e se apoiou tensa na parede. Ofegou—. Eu simplesmente não... —disse querendo machucá-lo — ... gosto de você.

Ele se deteve e apertou a mandíbula. Talvez o tivesse ferido, talvez não. Mas definitivamente machucou a si mesma. Mentir assim fazia seu estômago contrair-se dolorosamente e sua garganta estreitar-se. *Seja casual, sem afetação.*

—OH, obrigado. Por poder me permitir isso.

Ela bufou, esperando dar a aparência de não estar impressionada de verdade. Enquanto o ajudava, ele a tocava (acidentalmente)? Ele ronronaria seu fôlego quente em sua orelha, sobre sua pele e deixaria seu olhar candente devorá-la?

—Mas não haverá... carícias.

Porque havia uma pergunta melhor: ela poderia resistir a ele?

Sua determinação já balançava em terreno precário. Talvez brincar de médico não fosse tão inteligente, afinal. Tinha que estar em alerta total. Estar com Valerian, suspeitava, seria como cravar uma agulha cheia de heroína. Aditivo, letal e absolutamente estúpido. Se pudesse resistir a prová-lo experimentalmente, não teria que se preocupar de deixá-lo. E depois que ela o curasse, poderia abandoná-lo com a consciência limpa.

Já o provou. Lembra-se daquele beijo ardente?

Cale-se!

—Enquanto estiver me ajudando — disse —, não a acariciarei. Se, entretanto, mudar de opinião e desejar me fazer isso, só tem que dizer.



Sem lhe dar tempo para responder, pegou sua mão, virou e bateu com os pés de novo em movimento. Com suas palavras finais soando em seus ouvidos, ela era consciente de cada ponto de contato entre eles. Suavidade contra calos ásperos.

—Tem um pouco de Neosporin? —perguntou, esperando deixar sua mente fora de tudo relacionado com sexo.

—Não tenho nem idéia, nem sequer sei o que é isso.

Quando seus cabelos estavam úmidos, formavam pequenos cachos, compreendeu. Logo franziu o cenho. Por que se preocupava com seu estúpido cabelo?

—É um medicamento para seus braços.

—Reunirei tudo o que necessitar.

Chegaram à entrada do quarto e, com sua mão livre, jogou para um lado a renda branca.

Ele entrou. Ela o seguiu pisando em seus calcanhares. Embora o quarto estivesse localizado no mesmo corredor em que ela tinha dormido, era mais masculino que o dela, uma combinação de campo de batalha e ócio. Uma cama grande ocupava a área mais afastada, com lençóis enrugados violeta e dourado e a marca de um grande corpo masculino. Uma armadura de ouro e um arsenal de armas estavam pendurados em ganchos de cor rubi. As luzes do arco-íris refulgiam das paredes, como diamantes presos em vidro.

De um lado, o vapor flutuava de uma “banheira piscina”, retorcendo-se ao redor das pétalas das flores que flutuavam na superfície. Esse era um toque muito feminino e ela soube que Valerian não era o responsável. Uma de suas muitas amantes devia ter preparado a água.

—Este é seu dormitório principal? —perguntou.

—Sim — disse soltando sua mão.

Lentamente ela olhou ao redor. Notou que algumas paredes tinham buracos, como se alguma coisa tivessem sido raspada e tiradas delas.

—Jóias, não é verdade? Como estas?

—Sim — repetiu.

—Por que este quarto ainda esta intacto? E seu outro quarto, em que passei a noite?

—Depois que tomei posse deles, assegurei-me de que fossem dignos de mim.

Falou sem indício de presunção, sem mostrar orgulho. Só a verdade.

—Já vi que não tem um conceito muito alto de si mesmo.

De pé ali, Valerian bebeu a visão de sua mulher. Logo olhou com desejo



para a cama. Grande, chamando-o. Lençóis violetas com adornos dourados. Ele queria Shaye ali, deitada e acessível para seus olhos. Para seu toque. Estar dentro de seu quarto, tendo uma cama perto e Shaye a seu alcance, pôs em prova um dilema moralmente nocivo.

Por que tinha prometido a ela não tocá-la sexualmente enquanto ela o atendia?

Nunca antes teve que seduzir uma mulher. Sempre o desejaram, sem que fosse necessário instigá-las. Shaye o fazia sentir-se confuso. Enquanto ele estava sedento por cada parte dela, ela continuamente o afastava. E de todas as mulheres no mundo, ela é quem deveria querê-lo mais.

Quanto tempo mais seu corpo poderia resistir ao rechaço?

Não muito, suspeitava.

Recolheu trapos limpos, uma bacia de água quente, uma jarra de azeite limpador e uma ampola de areia curadora do Bosque dos Dragões. Colocou tudo em uma bandeja. Seus ouvidos permaneceram sintonizando cada movimento de Shaye, caso decidisse fugir pela porta.

Surpreendentemente, não o fez. Ficou exatamente onde ele a deixou, no centro, contemplando ao seu redor.

Seus olhos ficaram presos enquanto caminhava para ela. Deus, era bela. Seus cabelos claros estavam estendidos sobre seus ombros, como uma cortina erótica. Queria beijá-la. Em vez de colocar a bandeja em suas mãos estendidas, inclinou-se para baixo, lentamente, dando a ela muito tempo para que compreendesse o que estava fazendo.

Ele não poderia sobreviver. Tinha que fazer isto, estava indefeso para deter-se. Sem carícias, racionalizou.

Seus lábios roçaram ligeiramente os dela. Um beijo gentil, sem língua, mas excitante de qualquer forma. Seu perfume, como doce neve, encheu as janelas de seu nariz enquanto captava o ofego em sua boca.

—Obrigado por me atender — disse, sua voz tão suave quanto seu toque.

Seus olhos aumentaram e agora cintilavam com um rastro de medo. Dele? Ou dela?

—Não sou conhecida por minha gentileza — advertiu. Sua voz tremia. — Assim, poderá querer ter economizado seu agradecimento.

Ele combateu um sorriso e se endireitou.

—Então por que é conhecida, pequeno Raio de lua?

—Ser uma cadela.

Mordendo os lábios, apropriou-se da bandeja e girou sobre seus calcanhares.



— Isso não é um elogio, não é mesmo?

Ela deu de ombros enquanto se movia para uma cômoda ametista.

— De forma alguma — deixou a bandeja na superfície.

Depois que explicou a ela o que tinha que fazer com cada artigo, ele levantou a única cadeira do quarto (tentando não fazer uma careta) e a colocou ao lado de Shaye.

— Você, como essa gente, acredita que é fria e insensível. Também se esforçou para me convencer disso. Várias vezes. Por quê?

Seus lábios se franziram e ela apontou para a cadeira com um ondeio de sua mão.

— Apenas sente-se e se cale. Minha mãe me fez ver psiquiatras quando era criança, assim não necessito de um diagnóstico amador agora.

— Conte-me — ele suplicou.

Ele permaneceu de pé. Ela podia pensar que desejava ser fria, mas ele via os momentos de calor e suavidade que tentava tão duramente ocultar. Notava a maneira que algumas vezes vacilava antes de deixar sair um insulto, como se tivesse que obrigar-se a dizê-lo. E quando falava de sua natureza desinteressada, havia tristeza em seus olhos cafés, uma necessidade que ainda não tinha aceito.

— Não há nada para dizer, realmente. Através dos anos, aprendi que as emoções trazem apenas dor e transtorno.

Empurrou seus ombros. Sua força não rivalizava com a dele, mas ele se deixou cair na cadeira de todo modo.

Com dedos um pouco trêmulos, retirou a areia escura de seu ombro, cuidando de evitar seu ferimento. Ele se sobressaltou enquanto a dor era tão aguda que se irradiava de um canto de seu corpo ao outro.

Ele franziu o cenho.

— Não sofreria agora se simplesmente aceitasse o inevitável e fizesse amor comigo.

— Não seja um bebê chorão. Adverti você de que não era hábil neste tipo de coisa — encharcou um dos trapos com azeite — Isto cheira bem. O que é?

— Sabonete, acredito que sua gente o chama assim.

— Nosso sabonete não cheira a isto, como orquídeas e cascatas mágicas. Seu queixo se inclinou e ele a olhou.

— Deseja que eu pense que é inacessível, mas desfruta agradando seus sentidos com aromas deliciosos.

Franzindo o cenho, bateu o tecido contra seu ferimento. Ele riu, porque começava a ver um padrão em suas rajadas de cólera. Quando seu sentido de



desapego estava mais ameaçado, reagia com mordacidade.

Enquanto gentilmente esfregava a carne ao redor do ferimento, limpando suor e pó, ela disse a contra gosto.

— Agiu bem lá fora.

Sua diversão sucumbiu em uma morte rápida. O impacto martelou através dele.

Saboreou um grunhido de alívio em seus lábios. Talvez a violência não a incomodasse tanto como tinha temido. Alegrou-se, pois isso significava que ela poderia aceitar sua vida ali mais facilmente, onde as guerras constantemente se enfureciam.

— Os homens da superfície permitem o combate corpo a corpo com espadas?

— Não. Não sem consequências.

— Como quais?

— Se um homem na superfície mutila outro homem como você fez hoje, seguem a pista dele e é encarcerado em uma prisão. Se sua vítima morrer, pode ser executado.

Ele começou a repassar a explicação dela em sua mente.

— O que acontece se o homem estiver protegendo aos que ama?

— Ainda há consequências, simplesmente não são tão severas. As pessoas em meu mundo denunciam as coisas mais tolas e imagináveis. Soube de um caso onde um homem forçou a entrada na casa de outro homem. O ladrão caiu do teto e demandou o proprietário de casa. E na realidade ganhou o caso, além disso. Não acredita que é estúpido?

— Não acredito que eu gostasse de viver na superfície, então.

— Bom, eu gosto — disse ela defensivamente.

Ele suspirou.

— Este corte é bastante profundo — resmungou ela, explorando a borda com seus dedos. — Acredito que necessita de pontos.

Ele mordeu os lábios para esconder seu sobressalto. Nunca tinha tido que ocupar-se de suas feridas antes. Depois de uma batalha, imediatamente fazia amor com uma mulher e seus ferimentos desapareciam por si só.

— O que preciso é sexo — tentou um tom sedutor, mas soou reprovador.
— Com você.

Ela franziu o cenho, mesmo quando meigamente secava a lesão.

— Estou mais que disposta a ir atrás de uma das outras mulheres para você.

Enquanto suas palavras ecoavam entre eles, ela apertou os lábios. Uma



combinação de fúria e inquietação – De que ele pudesse aceitar a oferta? – moveu-se rapidamente por sua expressão.

— Ah, pequeno Raio de lua. Quando perceberá que só você pode fazê-lo? Ela relaxou, sua expressão suavizando-se.

— Sim, pois bem, Quando perceberá que eu não ando me deitando com qualquer um?

— Já expliquei a você que é minha companheira? — ele não queria escutar outra de suas negativas, assim acrescentou. — Seus protestos são absurdos.

— Uma companheira é uma sócia disposta, não é verdade? Acredito que ambos sabemos que não estou disposta. Nem sou sua companheira. Ou rainha. Não sou uma rainha.

Incapaz de evitar, ele pegou as pontas dos cabelos dela e passou os fios sedosos entre os dedos. Trouxe-as para seu nariz e as cheirou.

— Ah, doce céu. Cheira tão bem.

— Não posso dizer o mesmo de você.

Ele não se deu por ofendido.

— Definitivamente estou mais que necessitado de um banho. Você se importar de unir-se a mim?

Um estremecimento a varreu e deixou cair o trapo no chão.

— Maldito seja. Deixe de dizer coisas como essa.

— Por quê? Quero você. Não sou um indivíduo que nega seus desejos.

— Sim. Captei isso.

Inclinando-se, ela recolheu o trapo e o lançou na fogueira apagada da lareira. Recolheu um trapo limpo e introduziu areia em uma reentrância aberta.

— Compreende que estou a ponto de colocar areia em uma ferida aberta, não é verdade?

— Correto.

— E ainda quer que o faça?

Sua testa se enrugou.

— É obvio.

Ela negou com a cabeça, incrédula, então deu de ombros.

— Como quiser. A infecção é sua — mas vacilou um momento antes de untar com os grãos sua lesão.

Ele não falou durante muito tempo. Concentrou-se em sua respiração, gentilmente abanando seu ombro. Concentrou-se em seus dentes, mordiscando seu lábio inferior. Seu membro se tornou progressivamente duro.



—O desejo é apenas algo natural, Lua —disse. —quanto mais o nega, mais forte se torna, até que é tudo no que pode pensar, tudo o que pode ver.

—Pare agora mesmo —sua voz vibrou, e ele soube que estava afetada pelo que havia dito. Seus mamilos eram duros pontos pequenos contra sua camisa — Não tente me envolver em uma conversa sobre desejos, está bem? Não me interessa.

Pegou seu pulso, fechando os dedos ao redor de seus ossos delicados com tranqüilizadora sutileza. Ainda sem acariciar, assegurou a si mesmo. Pô-la em frente dele.

Seu olhar deslizou para sua boca, para sua ereção. Um ofego surpreso saiu dela.

—Tem razão — disse. Necessitava tanto dela. —Não devemos falar disso. Devo mostrar isso. Deixe-me mostrar isso a você, Shaye. Deixe.

Entrando em pânico repentinamente, saltou para a parede se distanciando dele, onde ela pegou uma das espadas menores. Sustentou-a em sua frente, parecendo-se muito com a rainha guerreira que ela tão veementemente negava ser.

—Não. Não! Entendeu?

Shaye estava combatendo um desejo agudo por ele desde que ele tinha se sentado e, cada vez que a tocava, cada vez que a olhava, cada vez que falava com ela, sua resistência desmoronava um pouco mais.

Ele se congelou no lugar, um vazio escudo cobrindo sua expressão. Só seus olhos revelaram qualquer indício de emoção. Consumiam-se de necessidade, fúria e decepção.

—Muito bem — disse. — Esta noite é sua. Não a tocarei.

Não, seu corpo chorou. Não me escute. Lute por mim.

—Obrigado.

Tinha que permanecer forte. Não podia ceder. As conseqüências eram simplesmente muito grandes.

Cravaram os olhos um no outro, fechados em uma batalha silenciosa.

—O amanhecer, entretanto, me pertence. Não haverá mais negação, entendeu?

Ela engoliu saliva, não se atrevendo a falar.

—Se tentar deixar este quarto, lamentará —se levantou e então a deixou, saindo dando grandes passos sem olhar atrás.



CAPÍTULO 14

A Dr. Brenna Johnston amarrou seus negros cachos no alto da cabeça com uma tira de tecido. Como sempre, alguns dos cachos curtos escaparam e caíram em cascata por suas têmporas.

Como me coloquei nesta situação?

Ela olhou para baixo ao homem que jazia inconsciente na cama de seda cor de safira. Seus belos cabelos pretos estavam esparramados sobre seus amplos ombros. Seus cílios desenhavam sombras em suas bochechas. Seu nariz levemente curvado, seus lábios exuberantes.

Ele parecia um anjo caído.

Um agonizante, e ensanguentado anjo caído coberto de dor.

O sangue fluía das grossas feridas de seu peito e coxa. Sua pele, ela sabia por tê-lo visto antes, era normalmente bronzeada. Agora estava pálida, tingida escassamente de azul porque ele tinha entrado em uma forma leve de choque. Ela era cirurgiã, mas teria preferido trabalhar em seu hospital, com seus instrumentos e suas enfermeiras. Não com frascos de azeite e areia que tinham dado a ela, não em um ambiente não esterilizado, não com esse guarda tarado vigiando a porta. Entretanto, Brenna não podia deixar seu paciente morrer. Não o faria.

Estava aterrorizada desde que tinha sido levada por aquelas gigantes, bestas ameaçadoras, mas pela primeira vez desde que tinha entrado naquele... o que fosse, ela se sentiu no controle. Como ela mesma. Com confiança e em seu elemento.

Brenna gesticulou para o guarda parado na porta, e ele se aproximou. Ela não retrocedeu, mas forçou a si mesma a ficar onde estava ao mesmo tempo em que fazia gestos do que necessitava.

O rosto dele se enrugou confuso, e sustentou as mãos para cima, numa ordem para que se tranquilizasse.

—Não entendo o que está fazendo. Não pode falar?

Ela suspirou interiormente. Suas cordas vocais foram severamente danificadas há anos atrás. Não havia nenhuma cicatriz no exterior; não, suas cicatrizes eram internas. Tinha sido atacada — uma imprecisa, nebulosa e odiada lembrança que não podia permitir a si mesma reviver neste momento, não se esperava funcionar — e quando podia falar, sua voz era... desagradável.

—Agulhas — grasnou — Linha. —Primitivo como ele obviamente era,



provavelmente não distinguiria um escalpelo¹⁰ de uma faca de lubrificar. — Instrumentos de operação.

Ele se encolheu ante o som áspero e fragmentado, mas assentiu e se foi correndo. Quando retornou um curto tempo depois, trazia um compacto envoltório de couro. Ela o desenrolou, encontrando um escalpelo de bronze, compridas e finas pinças de ferro e várias agulhas.

—Fogo — disse ela. — Água quente.

Entendendo, ele pegou um pequeno castiçal da parede e o jogou dentro da lareira. Os lenhos dentro rapidamente pegaram fogo, crepitando e ardendo. Depois que ele trouxe a terrina de água, ela esquentou os instrumentos sobre o fogo.

Quando tudo estava tão esterilizado quanto podia estar, suas mãos limpas, finalmente se aproximou do paciente, preparada para agir. Ele ainda não tinha se movido, nem feito um só som. Suas feições estavam relaxadas e sem alteração.

Ambas as coisas a regozijaram e preocuparam. Ao menos não sentiria a dor de sua agulha. Mas tal sono profundo... Brenna enquadrrou os ombros e começou a trabalhar. Cortou sua calça, limpou as feridas abertas de suas pernas e peito, e fez se esforçou ao máximo para reparar o tecido dilacerado, estava em melhor forma do que ela se atreveu a esperar. Parecia fácil, rápido, mas ela esteve a seu lado várias horas e o suor formava gotas em sua pele. No final, a fadiga sacudia seus braços e costas.

Com isso teria que bastar. Gostaria de fazer uma transfusão nele mas sabia que tal coisa era impossível. O homem que a tinha escolhido na noite passada, Shivawn, tinha tentado aliviar seu excesso de estresse explicando a ela onde estava e por que a haviam trazido ali. É obvio, sua explicação só tinha intensificado seu temor.

Nymphs. Atlantis. Sexo. No princípio ela não quis acreditar nele. De toda forma, depois de tudo o que tinha testemunhado hoje, já não tinha o luxo da descrença. Luta de espadas e paredes adornada com jóias. Almofadões de seda revestiam cada canto e os guerreiros fazendo sexo sobre elas. Sereias e um teto de cristal que produzia luz. As mulheres enlouquecendo, famintas de sexo.

Shivawn esperava a mesma fácil (e entusiasmada) resposta por parte dela. Quão surpreso ficou de encontrar-se com bofetadas e pontapés e, a envergonhava pensar nisso, soluços. Mas, finalmente a deixou sozinha. Ele

¹⁰ Escalpelo – bisturi de um ou dois gumes, utilizado em dissecações.



tinha sido estranhamente... doce a respeito de toda a situação. Surpreendentemente protetor.

Ainda assim, ele já estava se arrependendo de sua escolha; tinha que fazê-lo. Esta manhã ela tinha vislumbrado os outros guerreiros (nus) na cama com suas escolhidas (também nuas). Alguns deles estavam dormindo. Shivawn tinha que querer isso para ele mesmo, mas ela não podia dar isso a ele. Simplesmente não podia.

Brenna só tinha permitido que ele a escolhesse porque assim seria afastada do grande grupo de homens. Contra um guerreiro ela podia (possivelmente) lutar. Mas com todos eles? Não havia forma.

Ela suspirou. Durante as horas seguintes permaneceu sentada ao lado do homem inconsciente – Joachin era seu nome, recordou – passando um pano quente e molhado sobre sua testa e fazendo tudo o que podia para deixá-lo confortável e evitando que se esfriasse. Tendo perdido tanto sangue como ele perdeu, estava suscetível à hipotermia.

—Brenna — repentinamente escutou Shivawn dizer da porta. Parecia esperançoso. — É hora de ir para meu dormitório.

Seu coração batia rapidamente. *Permaneça calma*. Pouco a pouco se virou para ele. O guerreiro estava parado ao lado do guarda, que procurava estudar a parede. Shivawn era um homem de aparência agradável, com cabelos castanhos e olhos verdes, e uma parte dela desejava ser uma mulher normal para poder desfrutar de alguém como ele. Verdadeiramente, só olhar para ele a fazia sentir-se... ofegante por dentro. Mas ela negou com sua cabeça.

Os ombros dele caíram, e seus lábios se comprimiram em uma fina linha.

—Por que continua me rechaçando? Machuquei você de alguma forma?

Ela negou com a cabeça uma segunda vez. Não o tinha feito, e isso ainda a surpreendia.

Ele deu um passo para frente.

—Só desejo dar prazer a você.

Outra vez, negou.

—Ficarei.

Ele tinha ouvido sua voz com antecedência, assim não se encolheu desta vez como no princípio. Seu contínuo rechaço faria Shivawn explodir? Tentaria forçá-la? Transformando-se de um gentil rapaz em uma besta? Um terrível tremor começou em seus membros e se propagou até seu estômago, revolvendo-o e girando-o.

Sua expressão se suavizou ao mesmo tempo em que a observava.

—Não entende a forma de ser dos nymphs, Brenna. Devemos ficar com



mulheres ou nos tornamos fracos. — explicou pacientemente, como o faria a uma criança. — Estou enfraquecendo, enquanto os outros se fortalecem.

—Não. —Quando ela finalmente decidiu ficar com um homem, seria com um muito menos... intimidante. Alguém que não pudesse quebrar seu pescoço com um giro de seu pulso. Além disso, ela tinha um trabalho a fazer. Apontou para seu paciente. — Necessita de mim.

Shivawn a observou por um longo tempo, diferentes emoções passaram por seu rosto. Desilusão. Arrependimento. Resolução. Ele girou sobre seus calcanhares e se retirou. Ela exalou um suspiro de alívio e, surpreendentemente, de decepção.

Volte ao trabalho, Johnston. Ela se virou para o guerreiro ferido e deslizou uma mão por sua muito-fria sobrancelha. Sobreviveria? Tinha perdido tanto sangue.

Ele era mais velho que Shivawn. Provavelmente mais forte. Mais perigoso, certamente. Mas se encontrou inclinando-se para frente, como se fosse atraída por um poder mais forte que ela mesma. Posou um suave beijo sobre seus lábios, esperando que melhorasse. Odiava ver qualquer um sofrer. Ninguém sabia melhor que ela como se era fazer em uma cama, destrocada, golpeada. Perto da morte.

Seus olhos piscaram até se abrir, como se com aquela ação tivesse dado a força que ele necessitava para despertar. Ele viu sua aproximação sobre ele e franziu o cenho, confuso. Ela rapidamente se endireitou.

—Morri, então? — ela o escutou dizer.

Sua voz era débil e forçada. Ainda assim... teve que forçar a si mesma a permanecer no lugar. *Ele está fraco. Não pode machucar você.* Sua mão tremendo, ela de novo tocou sua sobrancelha. Seus olhos estavam quase fechados, mas podia ver o brilho discreto da dor em sua íris de cor safira.

—Entrei no Olimpo?

Ela negou com a cabeça.

Seu olhar viajou ao redor do quarto.

—Por que está aqui? Por que eu estou...? —Suas palavras fizeram uma pausa. — Valerian — disse ele entre dentes. — A briga. Perdi. Eu perdi. —Ele tentou sentar-se.

Ela gentilmente o empurrou para baixo e afastou os cabelos de seu rosto, tentando tranquilizá-lo e diminuir sua fúria. Brenna não sabia o que faria se ele decidisse brigar contra ela. Surpreendentemente, seu toque pareceu apaziguá-lo. Relaxou.

Inspirando profundamente, ele levantou uma mão e envolveu seus



dedos ao redor do pulso dela. *Permaneça calma, permaneça calma, permaneça calma.* Ela tentou fugir mas ele a sustentava com força.

—O que está fazendo aqui, mulher de Shivawn?

Seu pulso martelava em seu pescoço ao mesmo tempo em que ela apontava para os ferimentos enfaixados dele.

Suas sobrancelhas se uniram ao estudá-la.

—É uma curadora?

Brenna assentiu e uma vez mais tentou libertar-se, mas seu agarre permaneceu forte. Ele deveria está fraco como um bebê.

—Não pode falar? —perguntou.

—Destroçada — ela disse, gesticulando para seu pescoço com sua mão livre.

Não se encolheu ante o som de sua voz, e uma sensação de assombro a encheu. Ele liberou sua mão e a elevou ao seu pescoço, onde o pulso ainda palpitava grosseiramente. Seus dedos roçaram a pele suave, como se procurasse uma ferida. *Ela tiritou, horrorizada e necessitada.* O que havia de errado com ela? Não tinha reagido a um homem há vários anos, entretanto hoje tinha respondido a dois.

—Como?

As pessoas sempre perguntavam, como se estivessem indagando sobre o tempo ou sobre onde comprou seus sapatos. No início, a pergunta a desmoronava, trazendo as horríveis recordações de ser segura e estrangulada por seu enfurecido e ciumento noivo. Agora ela sempre respondia com um casual, “acidente de carro”, mas ela duvidava que este arcaico guerreiro compreendesse o que isso significava.

Brenna mordeu o lábio e se inclinou para ele. Indecisa, envolveu gentilmente uma de suas mãos ao redor do pescoço dele e sacudiu, depois apontou ao seu próprio pescoço com a outra.

Seus olhos se entrecerraram, e suas mãos se fecharam em seus pulsos, muito mais gentil que antes.

—Alguém a estrangulou.

Assentimento.

—Um homem? — As palavras saíram tão calmas que mal as escutou.

Outra vez ela assentiu.

—Não a toque — disse o homem da entrada, provavelmente acabava de dar-se conta. — Ordens do rei. Liberte-a, Joachim.

Ela tinha se esquecido dele.

Os olhos de Joachim posaram sobre o guarda, e franziu o cenho. Os dois



homens travaram uma calorosa conversação em uma linguagem que ela não compreendia. Durante esta, Joachim reteve seu gentil agarre nela.

Não obstante, ela, finalmente, deu um jeito de libertar-se. O alívio a percorreu, e ela esfregou o pulso. Onde a havia tocado a pele estava quente. Sensível. O homem era atemorizante, volátil, violento; qualidades que ela detestava. Não deveria gostar de seu toque.

—Você gostaria que eu o matasse por você? —perguntou Joachim, surpreendendo-a.

Piscou confusa e apontou para a sentinela à porta.

—Não. Ao homem que a feriu.

Ela vacilou por um momento, logo negou com a cabeça.

—O poder é bom — disse ele, sua voz repentinamente enfraquecendo-se. — Ferir uma mulher não é. — Seus cílios arrastando-se até fechar-se, mas os forçou a abrirem-se.

De todo modo, não sabia se ele acreditava no que havia dito ou não. De qualquer modo, a machucaria como uma dessas pessoas que não podiam controlar suas ações quando estavam enfurecidas. Depois da luta de espadas de hoje...

—Qual é seu nome? —perguntou ele.

—Brenna.

—Brenna — disse o nome saboreando-o em sua língua. Mas no minuto seguinte, sua boca se retesou em uma implacável linha. A fúria escureceu seus olhos, revolvendo-se como um mar violento. — Onde está Shivawn?

Ela se encontrou levantando-se da cama, tremendo. Em um piscar de olhos, ele se enfureceu. Por quê? O que ela havia feito?

Ele franziu o cenho ao mesmo tempo em que seus cílios se fechavam mais uma vez.

—Por que está se afastando de mim, mulher? Vai voltar para seu amante? — Este último dito com desprezo.

Antes que pudesse levantar-se da cama e agarrá-la, ela virou-se e fugiu do quarto, insegura de aonde ir. Só sabendo que tinha que deixar aquele lugar. Tinha que deixá-lo.

Joachim obrigou seus cílios a abrirem-se e amaldiçoou longamente depois que Brenna se foi. Nunca havia se sentido tão impotente, e o sentimento o enfurecia. Não queria que ela fosse para Shivawn. Queria que ficasse. Com ele. Queria que ela falasse com ele.

Se fosse capaz, teria saltado da cama e a teria forçado a retornar. Ele era o



amo ali. Mas nem sequer pôde confortá-la ou agradecer apropriadamente a ela por ter cuidado dele. Em troca, Shivawn tinha esse privilégio. Não era como que o homem fosse agradecer a Brenna por haver o ajudado.

—Segue-a, maldito. —ordenou para Broderick, que estava parado na entrada. — Assegure-se que ela chegue segura ao seu destino.

—Melhor olhar a quem dá ordens — grunhiu o guerreiro antes de ir atrás de Brenna.

Joachim queria culpar Valerian por seu estado, mas não podia. Ele tinha proclamado o desafio, e seu primo o tinha vencido justamente. Como um homem que valorizava o poder e o controle sobre todo o resto, respeitava o triunfo de Valerian. E, neste momento, compreendia a necessidade de seu primo pela mulher clara, sua vontade de fazer qualquer coisa para conservá-la.

Joachim faria qualquer coisa justamente agora para ter Brenna.

CAPÍTULO 15

Sua própria mulher queria que ele ficasse afastado dela tão desesperadamente que tinha sustentado uma arma contra ele, pensou Valerian ao mesmo tempo em que entrava violentamente no refeitório.

—Minha própria companheira — grunhiu — recusa-se a me dá prazer. Recusa-se a deixar que eu dê prazer a ela.

Infelizmente, ele não sabia o que fazer a respeito da situação.

Exceto, talvez, beber até o esquecimento.

Deteve-se abruptamente ao avistar Shivawn na mesa, uma caneca diferente em cada mão. O homem já tinha os olhos vermelhos e frágeis e estava bamboleando-se em sua cadeira.

Shivawn era jovem, perto de cem anos de idade. Um bebê, realmente, comparado aos seiscentos anos de Valerian. Entretanto, Shivawn era um guerreiro forte e veloz sobre seus pés. Não vacilava em dar um golpe mortal em seus adversários. De fato, se um inimigo precisava ser torturado, Shivawn se ofereceria para o trabalho.

Um bom homem, esse.

De toda forma, Shivawn era impulsivo, dirigido por suas emoções. Talvez fosse dessa maneira porque seu pai tinha sido sério, um seguidor das



regras ao extremo. Nunca se desviando. Como o próprio pai de Valerian. Nenhum deles queria terminar como seus progenitores. Ambos os homens haviam falecido batalhando contra demônios. Demônios que tinham afirmado serem aliados, só para mudar de parecer durante um bate-papo pacífico e matar a todos os nymph presentes.

Tal era a maneira dos demônios. Valerian, é obvio, reuniu os homens, bebê como era, e atacou o acampamento no dia seguinte. Muito sangue se derramou durante a batalha resultante. Sangue de demônio. Foi sua primeira vitória, a primeira de muitas.

Onde estava sua vitória agora? Podia derrotar um exército de demônios, mas não a uma insignificante mulher.

—Mulheres — resmungou Shivawn.

—Mulheres — concordou Valerian. Desabou ao lado dele e tomou uma de suas canecas. Só restava a metade do líquido. Esvaziou o conteúdo de um só gole. Infelizmente, não encontrou conforto no rio que queimou até seu estômago.

—Minha companheira de cama não me deseja — disse Shivawn amargamente. — Como isso é possível? Sou um Nymph.

—Igual a mim. Sou um rei. Governo este palácio. Minha palavra é lei.

—Talvez... talvez Brenna só goste de outras mulheres.

—Ah! Sua preferência sexual não importa. Todas as mulheres gostam dos nymphs. Elas nos adoram.

Os ombros de Shivawn caíram.

—Não a entendo. Ela realmente me teme. Teme-me, como se fosse um monstro que só quer feri-la. Nunca machuquei uma mulher, Valerian. Nunca. Todas as mulheres me adoram. Desejam-me — suspirou fortemente.

—Por que está se queixando? Sua mulher não o mantém a distância. — Valerian confiscou a outra caneca e a esvaziou. — Além disso, Brenna não é sua companheira. Por que você não procura outra amante? —OH, ele poderia seguir seu próprio conselho. Deveria encontrar outra já que Shaye não o desejava.

Não, isso não era verdade. Ela o desejava. Ele tinha visto o desejo em seus olhos, tinha-o ouvido em sua voz, tinha-o observado na forma em que seus mamilos se enrijeciam. Ela só não queria desejá-lo, portanto lutava contra ele a cada passo do caminho.

Seus beijos, entretanto...

Ela tinha explodido, voltando à vida. Uma faísca viva. Ela não tinha escondido seu desejo então. Tinha gozado deste. O corpo dela tinha ardido



pelo dele, desesperado para que ele satisfizesse a aparentemente inesgotável necessidade.

Por que não encontra outra? Arrastou-se outra vez por sua mente. Suas mãos se aferraram ao redor das canecas vazias, e as golpeou contra a mesa. Não queria outra mulher. Na realidade, não podia tolerar o pensamento de ter outra em sua cama. Seus braços desejavam Shaye. Suas pernas desejavam Shaye. Seu membro desejava Shaye. Ela exsudava uma essência especial, e cada parte dele reconhecia as outras mulheres como imitações. Impostoras.

Shaye o envolveu em uma terrível, maravilhosa, odiada e amada... luxúria. Luxúria consumidora. Como ele poderia a ganhar se ela havia dito que desejava seu lar e seu trabalho. Bem, não podia lhe dar o primeiro, mas podia lhe dar o segundo. Ela havia dito Anti-cartões. Gostava de escrevê-los, tinha comentado. A primeira coisa que faria pela manhã seria entregar a ela tecidos e pedras para escrever.

Isso derreteria sua resistência?

Só podia esperar.

Além de ganhar seu afeto, queria saber tudo sobre ela. Seu passado, seu presente, seu futuro. O que a havia feito a mulher que era? Enquanto ele queria derrubar suas defesas ao chão, apenas abrir passagens através delas, suspeitava que ela necessitava de um gentil cortejo. Suspirou.

— ... não podemos as encontrar — disse Shivawn.

— Sinto muito. Estava pensando em Shaye. O que disse?

Franzindo o cenho, Shivawn pegou uma migalha da mesa e a jogou para um lado.

— As únicas mulheres sem amantes são as três mulheres da superfície que vieram para cá primeiro. Não consegui encontrá-las. Procurei-as.

— Elas estão por aí em algum lugar — esfregou a mandíbula. — Aparecerão em algum momento, tenho certeza. Pode reclamar uma e dar a moça de cabelos pretos a outro guerreiro.

— Mulheres — disse Shivawn de novo. Deteve-se, avançou para a cozinha e retornou com seus braços cheios de canecas adornadas com jóias.

— Mulheres — concordou Valerian. Rapidamente esvaziou duas delas, o conteúdo já não queimava. — Disse a Shaye quanto prazer posso dar a ela, mas ela não me escuta.

— Talvez ela precise escutar alguns testemunhos de suas amantes anteriores.

Ele piscou. Em seu estado atual, não parecia uma má idéia. Ela podia supor que sua declaração não era mais que uma expressão de orgulho, mas



teria que acreditar nas mulheres que realmente experimentaram a felicidade de seu toque. Certo? Nada mais a tinha convencido.

—Não acredito que Brenna se interessaria pelos testemunhos. —A voz de Shivawn era um pouco balbuciante. —Acredito que continuaria me temendo. Mulheres — grunhiu. — Não necessitamos delas.

—Não necessitamos delas — repetiu Valerian, levantando outra caneca. Mas a declaração teve um sabor asqueroso em sua boca. Sua sobrevivência dependia de Shaye, assim sim, ele necessitava dela.

—Estou ficando fraco como um bebê — admitiu Shivawn. — Há alguns minutos, tropecei e caí como um dragão torpe saindo da casca do ovo.

—Os deuses certamente nos amaldiçoaram quando nos amarraram ao sexo.

—Antes de vir para cá haveria dito que eles nos abençoaram. Haveria dito que obviamente éramos seus preferidos.

Nenhum deles tinha essa ilusão nesse momento.

—Muito mais — adicionou Shivawn—, e nem sequer a auto-satisfação me ajudará.

—Nossas mulheres não sabem que temos necessidades?

Por um longo tempo, nenhum dos homens falou. Shivawn finalmente disse:

—Não acredito que alguma vez queira encontrar a minha companheira. Talvez vague por toda Atlantis, me servindo de todas as mulheres que encontre.

—O perigo nisso, meu amigo, é que muitas mulheres se verão escravizadas por você. E como ali não haverá outro nymph salvo você, deverá velar por suas necessidades. Todas as suas necessidades, por sua conta. Elas se ressentirão pelo tempo que passar com as outras, e se deixarem para trás um amante rechaçado, esse amante o capturará por vingança.

Shivawn o olhou com raiva.

—Obrigado por destruir meu sonho — disse secamente.

—De nada.

—A companheira humana de Theophilus não está dando problemas a ele. Por que acredita que é assim? O que ele está fazendo que nós não?

Valerian enlaçou os dedos atrás da nuca e se reclinou, dirigindo os olhos para o céu claro. Piscou surpreso. Duas sereias tinham seus seios, mãos e rostos pressionados contra o cristal, olhando para baixo para ele e para Shivawn.

Shivawn bateu em seu braço para obter sua atenção.



— Não tem uma resposta?

— Esqueci a pergunta — disse, desviando os olhos das sereias. — Sinto muito.

— Está distraído. — Uma afirmação, não uma pergunta.

— Sim.

— Desejo saber por que a companheira humana de Theophilus não dá problemas a ele.

Valerian também gostaria de saber a resposta para isso. Imaginou a mulher em questão. Ela era um tímido passarinho. Puro, embora possuísse um delicioso corpo gordinho feito para as mãos de um homem. Não havia encontrado resistência de nenhuma espécie. Havia simplesmente olhado para Theophilus e se oferecido a ele.

Logo imaginou a Shaye, que queria que o mundo pensasse nela como fria e intocável. Que não falava de sua família. Cujas belezas o cegou para todas as demais.

— Talvez nossas mulheres tenham segredos, tristes e dolorosos segredos. Segredos que permitem que ela se mantenham afastadas de nós e permaneçam impassíveis.

Ele sabia que Shaye tinha segredos.

Desentranha-los tinha se transformando em uma obsessão. Uma necessidade. Como respirar. Como sexo. Se ela se negasse de novo a contar a ele, bem, ele se veria rebaixado a lhe subministrar bebida. De uma maneira ou de outra, ele saberia a verdade sobre ela.

Contaria a ela cada detalhe de sua vida. E na narração, talvez encontrasse a chave para abrandá-la e ganhar seu coração.

Shivawn passou uma mão pelos cabelos escuros, seus braceletes bateram um no outro.

— Tentarei e decifrarei os segredos de Brenna, e verei se ela me terá depois — disse, repetindo os pensamentos de Valerian. Deteve-se. — Este... trabalhar para ganhar uma mulher. Não é divertido.

— Não.

— Aprendi que eu não gosto dos desafios.

— Como eu.

— Mulheres — grunhiu Shivawn.

— Mulheres — concordou Valerian.

Eles bateram suas canecas uma na outra e beberam intensamente.

Shaye estava deitada na cama, perguntando-se onde estava Valerian, o



que estava fazendo. Com quem o fazia.

Estava com outra mulher?

Estava excitado quando a deixou. Dolorosamente e totalmente excitado. Afirmou não querer nenhuma mulher salvo a ela, mas os homens freqüentemente mudavam de opinião. Especialmente quando estavam excitados e uma mulher dizia que não a eles.

Espremeu os lençóis de seda entre as mãos. Estava zangada consigo mesma. Desde que Valerian tinha saído violentamente, ela não tinha tentado fugir. Não, banhara-se. Pensou em Valerian. Provou os belos vestidos do guarda-roupa. Pensou em Valerian. Recostou-se para uma sesta.

Tinha desejado Valerian.

Ela tinha... sentido saudades dele.

Sonhou com ele quando fechou os olhos e o desejou quando os abriu. Não havia escapatória à atração do homem.

O dia tinha passado. A noite tinha vindo e ido, e a manhã havia, uma vez mais, aparecido. Nenhuma ofereceu nenhum alívio para ela. Hoje, decidiu, ia para casa. Não podia haver mais atraso. Não mais distrações. Ela tinha se aproximado muito, aproximado malditamente muito, para entregar-se e despir-se por ele. Para permitir que Valerian possuísse seu... corpo e alma.

Era muito perigoso. Muito potente.

— Venha.

Shaye quase saltou fora de sua pele, sobressaltada como estava por sua voz. Sentou-se lentamente, temendo, antecipando o que veria. Seu coração saltou dentro de seu peito no momento em que ela o avistou. Ele estava parado na entrada, sustentando a cortina fora do caminho. Era total masculinidade, puro sexo. Vestia calça preta, uma camiseta preta amarrada ao pescoço, e seus cabelos estavam em completa desordem.

— Venha — repetiu. Não havia nem sinal de emoção em seu tom. Seus olhos estavam tensos, sua boca afinada em... desagrado? Dor? Ele levantou as mãos e gesticulou para ela com os dedos.

— Por quê? — Permanecendo no lugar, ela enrolava com um dedo as pontas de seus cabelos ainda úmidos. — Aonde me levará?

Ele gesticulou com os dedos de novo.

— Não vou me lançar sobre você, se for isso o que teme. — Quão distante estava, tão diferente de seu habitual.

Já tinha se dado por vencido com ela? Planejava levá-la de novo à superfície agora? A decepção se moveu nela. *Deveria estar encantada, sua grande idiota!*



Engoliu em seco, mas se levantou e avançou para ele. Ela apertou sua mão oferecida. Ele imediatamente se virou e a arrastou pelo corredor.

—O que está acontecendo? — perguntou ela.

—Devo praticar com meus homens. Para me assegurar que não provoque problemas enquanto estou ocupado, ficará em um quarto com as outras mulheres.

—OH — Não estava devolvendo-a, e estava zangada com respeito a isso, realmente estava.

Alguns minutos depois eles alcançaram o quarto em questão. Ela não pronunciou nenhuma palavra, embora não quisesse passar um tempo com as mulheres doentes de amor e loucas por sexo do casamento de sua mãe. *Bem, sempre pode usar o tempo distante de Valerian para fugir. Como você caprichosamente planejou.*

Sim, isso era exatamente o que ela faria. Não sonharia mais com Valerian. Não teria mais pensamentos loucos a respeito de ficar.

Vários homens estavam parados em guarda à entrada. Um sustentava um maço de papéis e finas e coloridas rochas. Valerian os pegou e os estendeu para ela.

—Pensei que poderia desfrutar escrevendo algumas de seus Anti-cartões.

Alguns minutos passaram antes que suas palavras fossem registradas, e o queixo dela caiu. Com mãos trêmulas, ela apertou o maço. Quão... doce. Ele os tinha juntado para ela. Seu estômago se contraiu com várias emoções diferentes, emoções que não queria nomear. Ele não tinha ido pelo caminho fácil lhe dando flores e doces. Não, ele tinha procurado algo que ela amava, algo específico para ela.

—Obrigado — disse suavemente.

—O prazer foi meu — disse, sua voz áspera. Ele se virou para os homens, dizendo: — Quero dois guardas... não, quatro guardas apostados nesta porta todo o tempo. Ninguém entra ou sai sem minha permissão. Entendido?

Cada um dos guerreiros assentiu.

Valerian se virou para ela.

—Devo ir.

Seus olhos se encontraram, e ela lutou contra a urgência de ficar na ponta dos pés e inalar seu aroma, absorver sua força. Beije-me, ela suplicou silenciosamente, odiando-se pelo desejo, mas incapaz de detê-lo. No fim ele não o fez. Ele afastou a cortina e lhe deu um gentil empurrão para o interior do quarto.

— Até mais tarde — Ele escutou ela sussurrar. E logo se foi.



CAPÍTULO 16

— Nunca em toda minha vida tinha tive tanto prazer como ontem à noite.

— Eu, tampouco.

— Meu Deus, eu, tampouco.

Shaye contemplou o quarto. Havia um sofá, mil travesseiros de seda, livros que pareciam feitos de lona em vez de papel, agulhas e linhas. Uma sala de entretenimento, pensou. Estupendo. As mulheres ocupavam todo lugar, com muitos gorjeios e risadas. Nunca tinha visto um melhor exemplo de harém.

O olhar de Shaye se desviou para a porta coberta com uma cortina e mordeu os lábios. Era a hora.

— Senhoras — disse em voz baixa. Bateu palmas até que conseguiu a atenção de todo mundo. — Já é hora de pensar em sair daqui. Somos muitas, superaremos os guardas. Podemos procurar um caminho a casa.

Alguém riu.

— Por que quereríamos fazer isso?

— Eu não irei — disse alguém mais.

— Eu fico.

— Se tentar correr, avisarei a Valerian.

Shaye apertou os dentes de frustração e raiva.

— Por que querem ficar? — disse as palavras também para si mesma. — Não significam nada para estes caras.

Durante mais de uma hora as damas cantaram os louvores do êxtase sexual que tinham recebido. Durante mais de uma hora argumentou contra com discursos sobre o lar e o respeito. Várias mulheres, finalmente, se cansaram de escutá-la e chamaram os guardas. Para sua máxima mortificação, chamaram Valerian.

O rei não demorou muito a responder. Caminhou dando grandes passos para dentro da sala sem preâmbulos. Estava suado e sujo. Não disse nada a ela, simplesmente a esmagou, envolvendo-a em seus braços, e procedeu tirando seu fôlego com beijos.

O beijo durou só alguns minutos, o tempo suficiente para lhe recordar seu sabor e enlouquecê-la enquanto consumia todos os seus sentidos. Quando



ele se afastou, ofegava. As mulheres foram se aproximando dele, tentando alcançá-lo... tocá-lo.

Shaye franziu o cenho para elas.

—Seja boazinha — disse a ela —, e a levarei a Cidade Exterior quando terminar de treinar.

Dito isso se foi.

OH, que injusto, pensou, fazer semelhante promessa a ela.

Os suspiros decepcionados encheram a sala. Tentando desacelerar seus batimentos erráticos e esfriar a pele quente, Shaye encontrou um canto desocupado e se deixou cair com um plof sobre uma almofada. Não podia evitar; realmente queria ver a Cidade Exterior em pessoa. A única olhada que tinha dado nela não foi, nem de perto, suficiente. Desde o começo a tinha observado, tinha querido respirar seu ar e absorver seu ambiente.

Fugiria amanhã.

Não estou aliviada por isso. Não estou feliz por passar mais tempo com Valerian. Para distrair-se, usou seus novos fornecimentos para criar os cartões. Fazê-los sempre foi um grande libertador do estresse para ela, e se alguma vez tinha necessitado desestressar, era agora. Já tinha alguns bons em mente.

“Enquanto os dias passam, estou tão feliz de que não esteja aqui para os arruinar”

“Quer algo de mim? Oh! Sinto muito. Já dei um a seu irmão.”

Um terceiro cartão caiu de sua cabeça, e era tão diferente dos demais que piscou pela surpresa.

“Penso que alguns homens não são tão ruins.”

Antes que pudesse considerá-lo cuidadosamente, alguém disse:

—Estou com tanto ciúmes por você ter sido escolhida por Valerian, aquele gigantesco bolo de carne loiro — nesse momento todos os olhos se enfocaram em Shaye. — Foi tão bom quanto parece?

—Além disso, brigou para conseguir você — outra suspirou sonhadoramente. — Ele é romântico? Sou Jaclyn, a propósito.

—Eu sou Shelly — disse uma elegante, quase loira de verdade. — Pertença a Aeson.

—Sou Barrie — disse uma morena lânguida, de voz suave.

—Rissa — disse a ruiva que queria brigar com ela por aproximar-se muito de Broderick.

Agora parecia jovial, quase carinhosa.

Sem parar todas se apresentaram.

Embora tivessem sido convidadas para o casamento e fossem amigas de



sua mãe – ou talvez do novo marido – Shaye realmente não as tinha conhecido até agora.

— Não somos as garotas mais afortunadas do mundo? — disse Jaclyn.

Vários gritos de deleitada concordância foram emitidos.

— Então, Valerian é bom? — perguntou Barrie ansiosamente. — Caminha e fala como um sonho úmido... aposto que o rei transa como um animal.

Shaye apostava que o fazia, também.

E não gostou que estas mulheres perguntassem por Valerian, possivelmente o imaginando nu. Um sentido de possessividade se levantou dentro dela, quente e feroz. Era uma possessividade de unhas despindo-se, de grunhidos entre dentes que a surpreendeu com sua força inegável.

Você não o quer, recorda? Manteve-o afastado com uma espada. Teve sua oportunidade com ele e não o agarrou, assim deixe-o ir. Deveria estar feliz por alguém mais o querer. Deveria estimular Barrie a inteirar-se por si mesma se Valerian transava como um animal de verdade.

Entretanto não o fez.

Não podia.

Algo dentro dela, com uma avareza que não sabia que possuía, disse: *Meu. Só meu.* Odiou esse sentimento, mas ali estava. Recusava-se a ir embora.

Barrie e as demais logo se cansaram de esperar sua resposta. Na realidade, esqueceram de Shaye inteiramente, e reataram sua conversa a respeito de seus amantes como se nunca tivessem sido interrompidas.

Shaye estirou suas pernas e apoiou os pés em cima de um travesseiro. A frustração – por tantas razões diferentes – a carcomia. Frustração sexual? Sim. Confusão? Definitivamente. Suspirando, aproximou seu caderno de apontamentos e suas pedras ao seu peito. Não queria transformar-se em uma destas mulheres doentes de amor. Não queria perder-se por um homem.

E era isso que aconteceria se ela se entregasse a Valerian. Estupidamente, isso parecia importar cada vez menos.

Pouco tempo depois, diferentes guerreiros começaram a entrar na sala, recolhendo suas mulheres. Estavam cobertos de suor e areia e também de sangue. Cada vez que a cortina se elevava, encontrava-se se retesando de temor e antecipação. Seria Valerian?

Nunca era.

Logo tinham restado só umas poucas fêmeas. Uma era a garota de cabelos pretos encaracolados e tristes olhos cafés, que tinha lutado na praia e, como Shaye, não queria ser escolhida por um guerreiro. Shaye a observou durante um tempo, então recolheu suas coisas, levantou-se e caminhou para



ela.

Normalmente Shaye não se aproximava dos desconhecidos e entabulava uma conversa. Isso invalidava completamente sua preferência por “permanecer distante”. Mas havia algo vulnerável nesta garota. Algo quase... obsessivo. Sentia-se atraída por ela, se compadecia de sua óbvia infelicidade.

—Olá. Sou, eh, Shaye.

Meu Deus, sentia-se boba. Sem um convite, sentou-se.

A garota lhe dirigiu um olhar nervoso.

—Brenna — disse ela. Sua voz era profunda, rouca, hesitante e forçada. Uma fumante?

—Notei que é a única pessoa, fora eu, que não está eufórica por estar aqui. É você... o que a escolheu...

Brenna sacudiu a cabeça.

—Bem — Shaye suspirou aliviada.

Justo em frente dela, havia uma mesa amontoadada de comida. Inclinou-se, roubou um punhado de cubos de pão, dando alguns a Brenna. Comeram em silêncio durante um tempo.

—Eu, eh, também notei que disse que é uma curadora e que foi encarregada de cuidar de Joachim.

Um assentimento – este indeciso.

—Como está indo ele? Viverá?

Outro assentimento – este seguro. E, Shaye viu, havia um brilho de algo... quente nos olhos cafés da garota. OH, OH, OH. O que era isto? Brenna estava apaixonada pelo seu paciente?

—Você gosta dele? —perguntou.

Brenna sacudiu a cabeça violentamente. Protestando muito, avaliou Shaye. Ela sabia tudo sobre isso.

—Assustada — disse a garota.

Assustada. Sim, Shaye tinha experimentado sua parte justa dessa emoção. No princípio, seu medo era do desconhecido e de que Valerian tivesse a intenção de machucá-la. Agora, bom, seu medo era por uma razão inteiramente diferente. Se ela desejava Valerian tão intensamente agora, o que aconteceria de verdade se soubesse como era fazer amor com ele?

Não se atreva a descobrir, de qualquer modo. Mantenha-se combatendo a atração.

—Pergunto-me por que todas as mulheres são escravas de seus hormônios e nós não somos — meditou em voz alta.

—Inteligência — disse Brenna, e ambas riram.



Mas o humor de Shaye rapidamente se desvaneceu.

— Não me sinto inteligente.

— Eu tampouco — Brenna suspirou abatida, seu humor ido embora, também.

Shaye abriu a boca para perguntar por que, mas seu olhar se enredou nos dois homens que repentinamente entraram na sala. Shivawn e Valerian. Valerian se deteve e permaneceu completamente quieto, observando-a. Um tremor de consciência a varreu.

Esponaneamente, ficou de pé. Apertou seu agarre no caderno, mas nunca tirou os olhos dele. Era a visão mais bela que já tinha contemplado, e em tudo o que podia pensar naquele momento era em sua boca na dela.

— Venha — disse ele, tal e como havia feito mais cedo nessa manhã.

Ela o fez. Sem protestar. Brenna e todo o resto esquecido. Meu, sua mente sussurrou, todos seus instintos possessivos vindo à tona. Ele a conduziu pelo vestíbulo e seu coração deu uma revoada nervosa. Ele parecia decidido. Endurecido.

— Aonde vamos? — perguntou.

— A Cidade Exterior, tal como prometi.

Valerian escoltou Shaye para fora do palácio saindo para o calor da tarde. A cúpula de cristal resplandecia brilhantemente e as aves trilavam incansavelmente. Não tinham saído ainda, mas ele já tinha uma necessidade feroz de retornar. Assim, quando alcançou os estábulos, rapidamente ordenou a um dos centauros que se preparasse para a viagem. O escuro homem cavalo entrou em ação, trotando para ele.

— Será um prazer levar você para dentro da cidade, grandioso.

Shaye ficou o olhando como uma boba.

— Eh, esse cavalo é metade homem — disse —, e espera que eu o monte?

— Sim.

Ela engoliu em seco. Valerian montou e estendeu a mão para ela. Ainda em dúvida, colocou sua mão sobre a dele.

Sentou-a detrás dele, amando a sensação dela apertada tão perto dele. Mas por mais que a amasse, aumentava sua necessidade de apressar esta viagem. *Quer que ela se apaixone pela cidade, recorda?*

— É uma viagem longa? — perguntou depois que o centauro começou a descer os escarpados. Parecia nervosa.

Valerian não respondeu. Tinha treinado a seus homens e a si mesmo até ficar empapado de suor. Até que o esgotamento se estabeleceu. Tinha



necessitado de uma saída para sua frustração, mas não tinha funcionado.

Havia uma única coisa que funcionaria.

Shaye, em sua cama. Shaye, unida a ele.

Nunca esteve tão determinado a ganhá-la.

—Sinto muito, mas não podemos ficar muito tempo.

—Não me importa. Estou feliz só de fazer uma visita.

Feliz. Justo a forma em que a queria.

Alcançaram a Cidade Exterior em minutos.

Como sempre, não havia fêmeas presentes. Sentido sua chegada, esconderam-se. Só os varões (Centauros, Minotauros e Formorians¹¹) despachavam as mesas e bancas, vendendo suas mercadorias, desde comida a joalheria e vestimentas.

Enquanto estavam ali, Valerian esteve atento a cada necessidade de Shaye. Cada vez que ela queria olhar, ele a levava. Quando teve sede, comprou uma bebida para ela. Quando teve fome, comprou um sanduíche. Bolos de carne deliciosos que seduziram suas papilas gustativas. Enquanto o tempo passava, esqueceu-se de sua necessidade de retornar e simplesmente desfrutou.

No início ela tomou cuidado com ele e o tratou fria e distantemente. Mas enquanto uma companhia ambulante de tritões seguia na frente deles na rua pavimentada, cantando sobre amor e paixão, ela começou a aquecer-se, como se simplesmente não pudesse evitar. Observou com deleite. Os Grifos foram a toda atrás deles, perseguindo suas caudas e ela saltou atrás deles. Ele nunca a viu tão relaxada. Tão feliz.

Olhando-a, o leve resplendor ao seu redor era como um halo e o amor se expandiu dentro de seu peito. Esta era a verdadeira Shaye. Ele sabia, sentia, e a traria ali todos os dias se fosse necessário. Da próxima vez, inclusive a levaria às cascatas e a observaria chapinhar nas piscinas.

—Acredita que alguém poderia está vendendo laranjas? —perguntou a ele tristemente, desacelerando o passo.

—Podemos olhar.

Mas os poucos postos que vendiam fruta ficavam fora. Shaye não pôde ocultar sua decepção e Valerian jurou procurar em toda Atlântida se fosse necessário. Sua companheira teria suas laranjas antes que o dia terminasse.

—Pronta para retornar?

¹¹ Formorians - na mitologia irlandesa, os Formorians eram uma semi-raça divina que vivia na Irlanda nos tempos antigos. Acredita-se que eles podem ter sido os seres que precederam os deuses, semelhantes aos Titans gregos. Dizem que tinham o corpo de um homem e a cabeça de uma cabra.



Ela lançou um olhar triste ao seu redor.

—Sim. Não posso acreditar no quanto esse lugar é belo — disse enquanto encontravam e montavam no centauro.

—É o paraíso.

Ela era o paraíso.

—Obrigado por me trazer.

—Foi um prazer, meu amor. Meu prazer.

Ela tremeu contra dele.

Seus lábios se levantaram em um sorriso lento... agradecido, foi um sorriso que ela não pôde ver. Suas defesas estavam baixas, justo como tinha esperado, e seu desejo por ele estava manifestando-se. Chegaram ao palácio alguns minutos mais tarde, e seu sangue se acalorou. Era quase o momento...

No estábulo ele desmontou e ajudou Shaye a fazer o mesmo. Ela já não duvidou em tocá-lo, sentiu prazer ao notar isso. Depois de dar obrigado ao centauro pelo passeio, conduziu Shaye ao seu quarto. Pelo caminho, enviou a um de seus poucos homens para ir procurar laranjas.

—Tenho uma surpresa para você — disse a Shaye.

—Boa ou ruim?

Antes de recolhê-la para sua viagem, ele tinha ido a sua câmara e a tinha enchido de comida. Perfumado a piscina com óleo aromático e tirado alguns dos candelabros da parede para dá uma atmosfera mais íntima. Também tinha posto em círculo um grupo de almofadas suaves ao redor de uma mesa baixa quase transbordando de frutas e sobremesas.

Quando ela viu o que ele tinha feito, seus olhos se arregalaram.

—É... isto é...

—Sente-se à mesa — indicou.

Durante um minuto ela não obedeceu. Passou os olhos dele à mesa, da mesa a ele. Engoliu saliva. Ele esperava que dissesse algo em reprimenda, mas o assombrou caminhando para a mesa e sentando-se.

Ele amava o modo como sua camisa e calça envolviam o corpo delgado dela, mas tudo o que podia pensar era em meter-se debaixo deles.

Ele tirou a armadura, desabotoando as amarrações em seus ombros e deixando as peças de ouro cair ao chão. Lavou o rosto na bacia, salpicando água fresca sobre a pele. Deveria ter tomado um banho antes de recolhê-la e levá-la para dentro da cidade, mas estava muito ansioso para vê-la. E uma parte dele esperava tomar um banho com ela.

—Vamos ter uma conversa, você e eu — disse, caminhando a grandes passos para a mesa.



Sentou-se em frente a ela e encheu duas taças de vinho.

— Muito bem — soava relutante, insegura.

Ao menos ela não tinha negado categoricamente.

— Ia fazer que algumas de minhas ex-amantes a informassem a respeito de minha maravilhosa habilidade, mas à luz do dia não pareceu tão sábio.

— Não — respondeu, quase se engasgando com o vinho.

— Em vez disso, contarei a você algo sobre mim. Depois você me contará algo sobre você. Uma conversa, como disse. Temos um trato?

— Odeio falar de mim mesma — disse, passando a ponta de seu dedo pelo fundo do copo.

— Acalme-se, fará isso — uma pausa—. Por favor.

Ela mordeu o lábio outra vez, mas assentiu com a cabeça.

Ele bebeu sua taça de vinho, observando-a sobre a borda.

— Começarei — fez uma pausa, reagrupou os pensamentos. Como alguém chegava a conhecer outra pessoa? Que pingo de seu passado deveria dar a ela? — Eu... tive um irmão — disse.

Era um tema tão bom quanto qualquer outro para começar, supôs, embora fosse algo do que raramente falava, e nunca com uma mulher. O assunto era muito doloroso.

— Teve? — perguntou ela suavemente.

Assentindo, ele beliscou um pedaço de pescado entre os dedos e o jogou na boca. Mastigou, engoliu.

— Era meu gêmeo. Foi seqüestrado quando éramos crianças.

Seus olhos se arregalaram.

— Quem o levou?

A fúria familiar o encheu, mas ele a esmagou para baixo.

— As Gorgonas.

— As gor... o quê? — ela cruzou as pernas, uma sobre a outra e se inclinou para frente, apoiando os cotovelos sobre a toalha. Ele tinha sua total atenção. Estava interessada no que ele tinha a dizer e seus escudos usuais estavam ainda baixos.

— As Gorgonas é uma raça de mulheres que podem transformar um homem em pedra apenas com um olhar. As serpentes se arrastam por suas cabeças. São más. Pura maldade.

— Ah. Como a Medusa. Por que o levaram?

Valerian deslizou uma bandeja de uvas para ela e fez gestos para que pegasse uma. Ela o fez.

— Esperavam trocá-lo pela ajuda de meu pai, a qual não receberam —



adicionou sombriamente. — Mataram Verryn por isso. Ele e eu compartilhávamos uma conexão mental, e quando esta se tornou escura soube que ele se foi — o último emergiu como pouco mais que um sussurro. Ele voltou a olhar para Shaye, tentando limpar sua mente das lembranças odiosas. — Agora é a sua vez. Conte-me algo sobre você.

O que ela deveria contar ele? Shaye se perguntou. Ele tinha contado algo pessoal, algo doloroso. Ela não podia fazer menos. Mesmo assim, tentou conter-se. Tentou não revelar muito. Ele tinha encantado-a completamente hoje e temia nunca se recuperar.

—Uma vez tive uma meio-irmã que tosquiou todo meu cabelo — disse. —Estava dormindo e não soube até a manhã seguinte.

A ação tinha sido um castigo, na mente de sua meio-irmã, por cortar os cabelos de sua boneca favorita... um crime que Shaye não tinha cometido. Essa honra foi de seu meio-irmão.

Como Shaye tinha dez anos correu chorando para sua mãe, que respondeu: resolva isso como uma garota grande.

As feições de Valerian se obscureceram.

—Seus cabelos são imaculadamente belos, como a luz da lua e das estrelas. Qualquer um que o corte merece a morte.

O prazer a atravessou, completamente doce em sua insensatez. Ela não estava acostumada a receber elogios, mas Valerian os dava tão facilmente.

—Obrigado.

—Viver com o pequeno demônio deve ter sido difícil.

—Sim. Por sorte, no entanto, minha mãe só ficou casada com seu pai durante um ano.

—Sua mãe teve mais de um companheiro?

Shaye assentiu.

—Teve seis.

—Seis!

Ela inclinou a cabeça outra vez.

—Aqui um homem adquire só uma companheira e a mantém por toda a eternidade.

Ela franziu o cenho como se considerasse suas palavras.

—O que acontece se as pessoas emparelhadas forem infelizes um com o outro?

—Devem realizar um ritual de sangue e oferecer um sacrifício.

—OH, Argh!

Mordeu o lábio inferior, sem permitir-se perguntar no tipo de sacrifício.



O olhar de Valerian sem a menor dúvida demorou-se sobre sua boca, fazendo-a sentir um formigamento, fazendo seu sangue fluir quente e dolorosamente. Logo ele sacudiu a cabeça, como se tirando a si mesmo de um feitiço.

—Que mais você gostaria de conhecer sobre mim? —perguntou a ela.

—Como foi sua primeira vez? —encontrou-se dizendo. Ela o desejava, o fazia, e quanto mais falasse, mais fraca se tornaria sua resistência. Certamente, saber de suas escapadas com outras mulheres fortaleceria sua determinação.

Ele arqueou uma sobrancelha.

—Tem certeza que quer saber? —quando ela assentiu, ele disse: — Foi com a criada favorita de minha mãe. Ela entrou em meu quarto para me trazer roupa limpa, encontrou-me na piscina e se uniu a mim.

Ante sua expressão decepcionada, ele riu.

—O que esperava? Brinquedos? Orgias?

—Bom, sim.

Seu sorriso aumentou.

—E você? Como foi sua primeira vez? —no mesmo instante em que fez a pergunta, retesou-se. Seus olhos se escureceram com o que parecia fúria.

Estava aborrecido por isso agora?

—Eu, eh... —ela se atrapalhou com as palavras, ainda sentindo o rubor esquentar sua face. — Não tive uma primeira vez ainda.

Seu queixo caiu.

—Certamente está brincando.

—Difícilmente. Olhe — disse, na defensiva. — Nunca quis ter que me ocupar dos problemas que se associam a uma relação sexual.

—Que problemas? —o impacto sobre Valerian em vez de desvanecer-se só pareceu intensificar-se.

Shaye era virgem.

Ela estava intacta.

Ela era dele.

Desejou-a mais nesse momento que alguma vez antes. Ele queria ser o único homem a saboreá-la. Agora. Sempre.

—Os enredos emocionais são confusos — disse ela. — E se eu não me envolver, não tenho que me preocupar com ser ferida.

—Nunca a machucarei, Shaye. Nunca mentirei para você — tinha tido a intenção de aprender mais a respeito dela, deixá-la aprender mais sobre ele. Mas se encontrou dizendo: — Acredito, possivelmente, que a única maneira de convencê-la disto é lhe mostrando. Assim de agora em diante, não haverá mais conversa. Só ação.



CAPÍTULO 17

—Estou contente de que tenha voltado — disse Joachim.

Brenna avançou lentamente para a cama. Shivawn a escoltou até ali e agora estava de pé na entrada detrás dela, observando-a e custodiando-a. Ela tinha permitido isso antes e o permitia agora. No entanto, por regra não suportava a idéia de ter alguém detrás dela. Foi assim que tinha ocorrido o ataque. Ethan tinha vindo por trás, surpreendendo-a, antes de girá-la e... Cortou o pensamento.

Eles estavam juntos por um tempo, mas seu temperamento se tornou mais e mais difícil. Quando ela tentou terminar a história, ele explodiu. Devia ter morrido nesse dia devido à gravidade das lesões. Tantas vezes após desejou morrer.

Mas hoje, ter alguém detrás dela, ter Shivawn detrás dela, não a atemorizava. Estava começando a gostar de Shivawn e sua gentileza. Apesar de tudo, e mesmo em tão pouco tempo, estava começando a sentir-se segura com ele. Inclusive tinha se imaginado fazendo... coisas íntimas com ele. Com ele, assegurou a si mesma. Não com Joachim.

Mais cedo, quando estava presa dentro daquela sala com as outras mulheres enquanto elas contavam façanhas sexuais, imagens sensuais a bombardearam. Não foi capaz de imaginar o rosto do homem enquanto ele lhe dava prazer em sua mente, mas sabia que era Shivawn porque se sentiu protegida. Ele a fazia sentir-se assim. Joachim... não o fazia. Ele a fazia sentir-se enjoada, angustiada e fraca, completamente fora do controle.

Há algum tempo poderia ter dado boas-vindas a essas sensações. Sim, uma vez tinha amado o sexo. Uma vez tinha amado os homens. Mas as coisas tinham mudado. Ou isso era o que pensava.

É Shivawn quem me excita. Tem que ser. Só que esteve todo o dia esperando este momento, esperando ver Joachim de novo para escutar sua voz, e passar as mãos sobre seu corpo. Isso não podia negar, e a assustava. Ele não se parecia em nada com Shivawn. Não era amável e gentil. Era um duro e volúvel guerreiro, sem medo de usar os punhos. Entretanto, inclusive agora, pensar nele fazia que seu coração se acelerasse, e não só de medo.

Estúpida, disse a si mesma pela milésima vez. Se ela se permitisse voltar a



ter intimidades com um homem, seria com alguém como Shivawn.

Deixe de pensar em sexo, Johnston. Ponha-se a trabalhar. Silenciosamente limpou e enfaixou de novo as feridas de Joachim, contente ao ver que ele estava curando adequadamente. Nenhum sinal de infecção. Ainda estava muito fraco para levantar-se, mas sua força voltaria. Inclusive teria perfeita mobilidade nos braços e pernas, quando os tecidos se unissem.

Justo quando estava terminando, um homem novo entrou no quarto. Carregava uma longa e ameaçadora espada. Viu-o de relance e imediatamente tentou saltar para Shivawn, o único refúgio seguro disponível, mas Joachim agarrou sua mão e a sustentou forte. A ação a aterrorizou. Não só porque foi brusca, mas sim porque incendiou seu sangue de uma forma que não deveria. Gritou e foi liberada imediatamente. Tropeçando nos pés se afastou dos homens.

— Você foi chamado ao refeitório — disse o intruso a Shivawn.

Shivawn a olhou, depois a Joachim, ignorando o estranho. Seu cenho se franziu ferozmente.

— Fez mal a você? — perguntou a ela.

Ela esfregou o pulso e negou com a cabeça.

— Valerian o convocou — adicionou o estranho impacientemente.

Shivawn dirigiu ao homem um olhar irritado, depois se aproximou dando um apertão alentador no ombro dela.

— Odeio deixar você, mas devo obedecer ao meu rei. Ficará bem sem mim?

O pânico desdobrou suas asas dentro de seu peito. Não queria que ele fosse. Tinha convertido em seu refúgio seguro naquela desconhecida e selvagem terra de verdade. Mas forçou a si mesma a assentir. Depender tão desesperadamente de uma pessoa era estúpido.

— Quer vir comigo?

Negou com a cabeça de novo. Ficaria. Seria valente. E não permitiria que Joachim a afetasse, ou assustasse.

É mais fácil dizer que fazer, Johnston.

Shivawn dirigiu a Joachim um breve, mas sombrio olhar, acariciou gentilmente a face de Brenna, e depois avançou pelo corredor seguindo o mensageiro. Brenna e Joachim estavam sozinhos.

Pode fazer isto. Pode fazer isto. Joachim está muito fraco para fazer algo a você.

Lentamente se virou para ele e se sentou sobre a cama. Tomando cuidado para não o olhar nos olhos, naqueles profundos olhos azuis que pareciam penetrar diretamente em sua alma. Os dedos dela tremiam enquanto



terminava de rodear a última vendagem.

—Sou Joachim — Ele disse rompendo o silêncio.

—Sei — Sua voz tremeu tanto quanto as mãos. —Não deveria ter desafiado o rei — imaginou as fossas nasais inchando-se com fúria. Ainda assim, seguiu adiante com esforço. — Tolo. A força está na compaixão, não nas batalhas.

Por um momento o ar ficou tão carregado que pensou que ele tinha a intenção de gritar com ela. Mas não o fez. Mudou de assunto admitindo à contra gosto.

—Pensei em você ontem à noite — metade dor, metade acusação. —E hoje. Parece que não posso tirar você de minha mente.

Antes que pudesse evitar, seus olhos caíram nos dele. Ofegou ante o que viu. Desejo. Puro e quente desejo. Suas mãos se detiveram, apoiando-as sobre a coxa. Tinha coberto ele com um lençol em sua cintura, mais para proteger sua própria modéstia que a dele. O lençol estava mais alto do que tinha estado um momento antes.

—Vejo medo em seus olhos — comentou mantendo o tom baixo, a voz ardente. — Mas também vejo interesse.

Ela mordeu o lábio e negou com a cabeça. Não admitiria nenhum tipo de interesse. Isso só o estimularia. Mas...

—Fale comigo, Brenna — disse. — Conte-me sobre você.

A tranqüila suplica a surpreendeu. Nunca teria esperado isso de um guerreiro tão faminto de poder.

—Qu... o que. Você. Gostaria. De saber? — tinha a garganta comprimida, dificultando-a falar.

—Tudo — Joachim inclinou a cabeça e observou Brenna mais intensamente. — Quero saber tudo sobre você.

Já conhecia seu aroma, de violetas e luz do sol que tão brevemente tinha encontrado na superfície. Conhecia sua voz, estridente e áspera, criando visões apaixonadas de corpos nus.

Agora queria saber sobre seu passado. Seus gostos. Seus defeitos. Todas as coisas que conformavam Brenna, a mulher que o obcecava mais a cada segundo que passava. *A força está na compaixão*, disse. Ele queria bufar ante isso, mas não podia. Não sabia por que.

—Começaremos com algo fácil — comentou. —Qual é sua cor favorita?

Ela olhou para a porta, como se estivesse se perguntando o que deveria fazer. Ficar e falar, ou correr.

—Azul — finalmente respondeu.



Se fosse sua mulher, daria a ela todas as safiras que possuía.

— Tem família?

Uma família de quem sentisse saudades? A quem desejasse voltar?

Ela negou com a cabeça.

— Mortos.

Não deveria sentir-se aliviado, mas o fez.

— Como morreram?

— Acidente de carro.

Carro? Estava intrigado por um “carro” que podia matar a uma família inteira, mas tinha mais curiosidade sobre a própria Brenna.

— Sinto sua perda, pequena.

Suas feições se escureceram, ela moveu uma mão no ar. A mão estava tremendo, ele notou.

— Faz muito tempo — respondeu com voz partida.

Ele queria agarrá-la e beijá-la, algo que afastasse aquelas sombras. Mas terminou apertando os lençóis e mantendo as mãos nos francos.

— Você gosta deste novo mundo? Atlantis?

Seu olhar se afastou para a parede detrás dele. Negou com a cabeça.

— Por que não? — a decepção fluiu através de seu sangue. Tinha esperado que começasse a amá-lo, como ele o fazia.

— Dá medo — confessou suavemente. Passou a ponta do dedo sobre o lençol.

— Nós a assustamos?

Não lhe deu nenhuma resposta. Não moveu nem um músculo.

— Nunca faria mal a você, Brenna — Ele disse tão gentilmente quanto sua áspera voz o permitiu —. Isso eu lhe juro.

Um calafrio a atravessou.

— Poderia não ter a intenção de fazê-lo, mas...

— Nunca. Nunca.

— O que está dizendo a ela, Joachim? — Shivawn perguntou enquanto entrava de novo no quarto. — Não tem direito de usar esse tom com ela.

Brenna saltou sobre os pés, olhando para eles com medo nos olhos.

— Cuidado com seu tom, menino — disse Joachim bruscamente. — Está assustando-a.

As feições de Shivawn instantaneamente se suavizaram.

— Sinto muito — disse a ela. — Chamaram-me lá fora para procurar laranjas, mas agora estou aqui. Não estou zangado, prometo-lhe isso.

Brenna olhou para os homens, um pouco... excitada e insegura de quem,



ou o que, estava causando aquela excitação. Estavam tentando tranquilizá-la e estava funcionando. Estava funcionando! Estava realmente parada entre dois homens que se desprezavam respectivamente, homens que podiam atacar e matar a qualquer momento, e seu temor estava se dissipando.

Como estão fazendo isso? Pensou, aturdida.

Inclusive mais perturbador, ao desaparecer o temor algo mais tomou seu lugar: desejo. Puro e quente desejo. Repentinamente uma imagem de corpos nus e entrelaçados encheu sua mente. De novo não podia ver o rosto do homem, mas a imagem era tão vívida que inclusive ouvia os gemidos de prazer do casal. Seus mamilos endureceram, ficou úmida entre as pernas.

Joachim descobriu os dentes e falou em uma pausa. Fúria?

— Está excitada. Posso sentir o cheiro disso em você.

Sua face se esquentou em um ardente inferno.

— Eu também posso — Shivawn disse forçosamente. — Brenna...

Ouviu-o avançar alguns passos para ela, ouviu o sapateio da bota. De novo, não havia temor dentro dela.

O que está errado em mim? O que está acontecendo comigo? Ela não era assim, de forma alguma.

Joachim se acomodou em uma posição sentada, e Shivawn continuou avançando.

— Necessita de um homem, Brenna — disse Joachim sem mostrar nenhuma misericórdia ao envergonhá-la. — Mas está atemorizada com seu desejo, não é verdade? Deve estar ao resistir.

— Sim — Shivawn respondeu por ela. — Está.

— Esteve com um homem? — perguntou Joachim.

Sem fôlego assentiu.

— Você gostou? — perguntou Shivawn.

Outro assentimento. Deveria deter aquela linha de interrogatório, mas uma parte dela estava estranhamente aliviada ao fazê-lo público.

— O homem que a feriu e danificou sua voz — insistiu Joachim —, fez você ter medo do sexo?

Ela vacilou por um longo tempo, finalmente optou pela verdade.

— Sim.

Ambos os homens grunhiram perigosamente, como se quisessem matar ao homem com as mãos nuas. Ainda assim, o medo não retornou.

— Agora entendo — disse Shivawn. — Quando uma mulher é forçada, não é a mesma.

— Sim — respondeu Joachim. — Também entendo — a voz soou muito



longínqua, um pouco fraca.

—Joachim? —inquiriu ela, imediatamente preocupada por a haverem feito esquecer de todo o resto.

Ele caiu sobre a cama acomodando a cabeça no travesseiro, pálido.

Correu para ele.

—Está bem?

—Enjoado. Fraco — admitiu em um enfurecido grunhido. — Não deveria ter me sentado.

Ela podia dizer que a falta de força fazia mais que o incomodar, enfurecia-o. Sendo um lutador nato, provavelmente estava acostumado ao controle absoluto. Não disse ao rei, Valerian, que o respeitava e que gostava dele, mas que simplesmente não queria receber mais ordens?

Finalmente voltaram fragmentos de seu temor. Controle. Algo que ela também valorizava. Não podia renunciar ao dela, não importava quão excitada estivesse. E estar com um ou outro destes homens era renunciar a seu precioso controle. Como podia ter esquecido disso, mesmo que só por um segundo?

Franzindo o cenho se aproximou da porta.

Ao dar-se conta de que pretendia ir embora, Joachim pronunciou um abrupto.

—Fique.

Havia uma ordem precisa na voz. OH, sim, esperava absoluta obediência. Sacudindo a mão, ela retrocedeu outro passo. Seus olhos estavam irracionalmente abertos, sabia que eles estavam.

—Brenna — insistiu. Tentou sentar-se outra vez, mas suas forças falharam. — Nem sempre estarei tão fraco — havia uma advertência em sua voz.

Ela rodeou Shivawn, passeando de novo o olhar entre os dois homens. Eram tão bonitos, quase machucava os olhos. E estavam oferecendo a ela tudo o que uma vez tinha desejado: amor, paixão, companheirismo.

Esse sonho está morto, recorda? É mais seguro assim.

Mas uma onda de desejo a atravessou. Por um momento desejou que um dos homens a tivesse alcançado. Tocado... Beijado... se introduzido dentro dela, fundo, deslizado eroticamente. Não, não um dos homens. *Shivawn*, disse a si mesma. Mas os olhos que distinguiu subitamente em sua mente, sobre ela, olhando para baixo, olhando-a, não eram verdes. Os olhos do homem eram azuis. Esfregou os olhos com a mão para bloquear a imagem.

Como podia alguém como Joachim excitá-la assim, quando nenhum



homem foi capaz de fazê-lo durante tantos anos?

—Não farei mal a você — assegurou Shivawn. Sustentava as mãos no alto, todo inocência.

—Venha para mim, Brenna — disse Joachim melodicamente.

—Não — respondeu Shivawn, e Joachim sorriu. — Não — respondeu a Joachim rompendo sua presunção.

Melhor estar sem ambos.

—Quero conhecer você — disse Shivawn com voz gentil. —Manterei você a salvo. Não permitirei que ninguém mais faça mal a você.

—Não permita que a necessidade de segurança destrua seu amor pela vida. Posso ensinar você a vencer seu medo e, finalmente, a viver de novo — afirmou Joachim.

Shivawn encarou Joachim, e os dois ficaram em guarda.

—Também posso ensinar você a vencer seu medo.

—Talvez, mas nunca a fará feliz de verdade — assinalou Joachim com brutalidade.

Talvez nenhum deles pudesse, e o conhecimento a encheu de aguda decepção. A volta da fúria de Joachim a recordou exatamente por que nunca se permitiria estar com ele. Se alguma vez dirigisse aquela fúria a ela, a mataria. *Controle*, recordou a si mesma.

Por um instante, durante o precioso momento em que a fúria tinha se desvanecido, acreditou que realmente vivia de novo. Agora... sabendo que tal coisa era impossível, fugiu do quarto antes que fizesse algo estúpido. Como chorar.

Shivawn não a seguiu, permaneceu no quarto. Por um longo tempo ele e Joachim ficaram em silêncio.

—Quero-a — admitiu Joachim suavemente.

As mãos de Shivawn se fecharam em punhos. Já sabia, mas escutar as palavras...

—Também a quero, e ela é minha mulher. Quem acredita que a terá?

—Desafiarei você por ela — disse Joachim entre dentes.

—Não o aceitarei. Ela me olhou com desejo, e acredito que preciso ver esse olhar de novo.

—Esse desejo foi por mim, menino. Por mim. Qualquer coisa que tenha visto era simplesmente um reflexo disso.

Shivawn franziu o cenho. Sim, ela tinha olhado para Joachim com desejo. Com mais desejo do que qualquer mulher tinha olhado para ele alguma vez, e



esse conhecimento doía. Mas também o tinha desejado. Teria jurado isso. Frustrado, levantou os braços para o ar.

— Então, onde isso nos deixa?

— Dê ela a mim.

— Não.

Joachim bateu na bochecha com dois dedos.

— Não me darei por vencido. Persegui-la-ei.

— É uma ameaça?

— Simplesmente uma advertência. Quero-a, e farei tudo o que esteja em meu poder para ganhá-la.

Shivawn quase desembainhou a espada pela magnitude de sua fúria. Sentia-se protetor com Brenna, queria que fosse feliz, e não podia suportar pensar que tal delicada criatura terminasse com aquele guerreiro faminto de poder.

— Se a assustar, matarei você. Entendeu? Matarei você.

Uma escura nuvem desceu sobre o rosto de Joachim.

— Nunca a assustaria.

— Ah! Assustou-a com sua ferocidade. Fugiu por isso.

— Não trate ou tente conhecer suas razões, e não pretenda saber o que ela necessita. Assustou-a igual a mim, ou ela já se entregou a você.

— Talvez ela o faça. Esta noite — zombou Shivawn.

A fúria ardeu nos olhos de Joachim.

— Não. Não se esfregará em você. Sei disso porque nunca a entenderá da maneira em que eu o faço.

— Você? Como acredita entendê-la? — perguntou Shivawn rangendo os dentes.

— Que tenha que perguntar o demonstra — Joachim fechou os olhos, trazendo o rosto inocente de Brenna a sua mente. Alguém a tinha ferido durante o sexo, alguém que sentiria a ponta da espada de Joachim algum dia próximo. Se tivesse que viajar para a superfície para capturar o bastardo, o faria.

Apostaria sua vida a que Brenna foi no passado uma mulher apaixonada e vivaz. Havia uma faísca em seus olhos que não podia esconder. Profundamente enterrada, sem importar o quanto seus temores fossem poderosos, tinha que ansiar esse tipo de vida de novo.

Podia ganhar do Shivawn, sabia que podia. Ela o olhou com paixão ardente, e sabia que não seria feliz com ninguém mais. Quando ela olhava para Shivawn, não havia paixão. Desejo sim, mas não era sexual. Estava...



assustada. Como quando uma criança olha de vez em quando para sua mãe. Por proteção.

O que demonstrava que Joachim realmente a assustava. O que significava que não podia reivindicá-la até que tivesse superado aquele medo. Para sempre.

E ele o faria. O que fosse necessário.

Mais do que queria sua própria satisfação, queria a dela. *A força está na compaixão.* De novo as palavras dela se reproduziram em sua mente. *Compaixão...* algo que ela valorizava.

Ela necessitava de algo especial para sua primeira vez. OH, sabia que não era virgem. Ela havia dito isso. Depois de sua tortura, isso é o que tinha sido, isolou-se dos homens. Assim sua próxima vez seria como sua primeira. Privou-se do desejo e da mais doce das intimidades. Necessitava de uma avalanche de ambos para tirá-la dessa triste existência. Compaixão.

Quando ela estivesse curada... nada o deteria.

—Eu a terei, Shivawn — assegurou. — É a mim que ela sempre desejará em sua cama.

Um músculo palpitou na mandíbula de Shivawn.

—Está equivocado. Ela quer segurança. E para ela, eu a sou. Você não. E provarei isso a você.

Posêidon vibrou com a intensidade de sua satisfação. Ondas formavam redemoinhos e se chocavam contra ele, beleza celestial, letal para os simples mortais. Sentiu o gosto do sal na boca, sentiu seu cheiro, sua familiaridade aumentou o prazer.

Nenhum Atlante tinha permissão de entrar na superfície. Bem, isso não era completamente verdade. Um Guardião do portal tinha permissão para entrar para proteger os segredos da cidade embaixo da terra. Mas nenhum nymph era guardião, e parecia que tinham entrado de toda forma. O maior prazer de Posêidon era castigá-los.

—Então. Estão me dizendo que viram os nymphs raptarem mulheres humanas da superfície, e as trazerem para dentro de Atlantis? — perguntou, a voz trovejando através do chão do oceano. Areia saltou, flutuando alto na água, corais rosados e brancos vibraram. Peixes multicoloridos se dispersaram em todas as direções, desesperados para fugir de sua proximidade.

As duas sereias ante ele inclinaram as cabeças. Ambas as possuíam cabelos tão escuros quanto à noite, as madeixas misturando-se, flutuando ao



redor dos delicados ombros.

—Sim — disse Denae.

—Sim — conveio Marie.

—Muito bem — os lábios de Posêidon se elevaram lentamente enquanto descia do estrado, a toga branca dançava ao redor dos tornozelos. De onde estava, podia ver a imensa cúpula de cristal abrangendo a cidade maldita. Irradiava raios dourados, faiscando como um montículo de brilhos. Moveu-se rapidamente para esta; em um momento muito longe, no seguinte ao lado. Não necessitava nenhum portal ou entrada para poder entrar em um mundo que ele mesmo ajudou a criar. Simplesmente caminhou através do cristal como se ele não estivesse ali.

Entretanto não queria que os cidadãos soubessem de sua chegada, assim se manteve escondido sob um manto de invisibilidade. Respirou profundamente o puro e salgado ar. Fechou os olhos desfrutando. Sim, tinha dado as costas a aquela terra e a sua gente por muito tempo. Um engano.

Séculos tinham transcorrido desde que tinha entrado pela última vez, e tudo parecia bastante tranqüilo. Meninos minotauros brincavam em atoleiros de barro, centauros pulavam pela espessa e fresca grama. Vampiros, dragões, grifos, ciclopes, gorgonas, arpías, todos estavam presentes.

Estas monstruosidades foram as primeiras tentativas dos deuses de criarem o Homem. Mas tinham crescido mais poderosos do que desejavam. Alguns dos deuses tiveram medo, e os amaldiçoaram a viver sob o mar. Para Posêidon eram abominações, feios, mas não uma ameaça. Talvez, Posêidon e seus irmãos e irmãs imortais devessem ter destruído a todos um milênio atrás, mas tinham pensado em usar às criaturas para... o quê? Sexo? Algumas das mulheres de Atlantis eram belas. Por que não tinha informações sobre isso? Para a guerra? Os guerreiros eram fortes.

Não podia recordar da resposta correta, embora realmente já não importasse.

Como castigar os nymphs? Como castigar os nymphs... Ondeando o tridente se transportou mantendo-se invisível ao palácio onde Valerian, Rei dos Nymphs, agora residia. Em segundos se encontrou em um quarto ocupado por três mulheres humanas autênticas. Estavam discutindo as diferentes posições nas quais as tinham possuído, as diferentes posições nas que queriam ser possuídas, e o quanto estavam tristes agora que Valerian tinha uma companheira e não prestava nenhuma atenção a elas.

Lentamente Posêidon permitiu que sua forma aparecesse, no entanto tomou a aparência de um guerreiro nymph. Cabelos escuros e vívidos olhos



azuis. Musculoso. Bronzeado. Quando as mulheres o viram sorriram, ficando em pé e correndo para ele.

— Veio fazer amor conosco?

— É o homem mais belo que já vi! Inclusive é mais bonito que Valerian.

— Silêncio — disse com voz retumbante. Agora não havia tempo para o prazer. Mais tarde, entretanto... — Sentem-se — fez um gesto para o montão de almofadas detrás delas.

Sentaram-se sem fazer perguntas, sem nenhum comentário, olhando-o como se fosse uma deliciosa fonte de chocolate. Ele se sentou junto a elas e permitiu que elas se apoiassem sobre suas pernas, o acariciando como se fosse uma apreciada mascote.

Hmmm, agradável. Muito agradável.

Os Nymphs necessitavam de sexo para sobreviver. Essa era provavelmente a razão pela qual raptaram às mulheres. Ainda assim a razão não importava. A lei tinha sido criada, a lei devia ser obedecida. Para os Atlantes entrar no mundo da superfície significava destruí-lo, ou assim afirmava a profecia.

— Primeiro me dirão exatamente como vieram para cá — disse, começando a retribuir os beijos delas.

Sua aventura em Atlantis estava fazendo mais por seu aborrecimento, que mil tormentas tropicais.

CAPÍTULO 18

— A espera acabou, Shaye.

Shaye saltou sobre os pés e se afastou de Valerian como se ele fosse veneno. Ele ainda estava sentado nas almofadas, observando-a, um sorriso curvou as comissuras de sua boca. Ele não queria falar mais de sua primeira vez, queria dar a ela uma primeira vez. *Languidamente*, a mente dela adicionou: *Delicioso. Rápido. Rude. Suave.*

Pânico? *Sim.* Antecipação? *Absolutamente.* O brilho em seus olhos... a rouca potência de sua voz.

— Preciso voltar a enfaixar seu braço. O sangue está, uh, emanando dele.

— Depois — disse, uma solicitude embriagadora. Ficou de pé polegada a agonizante polegada, desdobrando seu grande e forte corpo. Nunca afastou



seus olhos dela. Suas calça envolvia os músculos de suas pernas, inclusive mais apertada sobre sua longa ereção.

Seus olhos se arregalaram ao mesmo tempo em que ele se aproximava. Ela o desejou tantas vezes desde que o conheceu. Agora, encontrando-se com o inevitável, ela estava aterrada. Mais do que o usual.

— Fique bem onde está. Preciso de tempo para pensar nisto.

— Pensar sobre isto não nos levou a nenhum lugar. — Caminhando para frente, ondeou uma mão para a parede — Notará que tirei todas as armas.

Seus olhos bem abertos examinaram o quarto. De fato, todas as armas tinham desaparecido.

— Valerian — disse alarmada.

— Simplesmente teme o que não conhece, Shaye. Precavi-me disso agora.

— Pare! — Ela quadrou os ombros, recusando-se ainda a retirar-se de novo.

— É minha mulher, embora dê ordens e espere que sejam obedecidas. Talvez devesse treinar e tratar você como a um guerreiro, então.

Ela forçou uma gargalhada, mas o som estava completamente carente de humor.

— Não sou sua mulher. — Ainda. — E não sou um de seus guerreiros. O quê? Vai brigar comigo?

— OH, não. Vou dar uma ordem e você vai obedecer. Se não cumprir a ordem, castigarei você.

Suas fossas nasais se ampliaram.

— Não se atreva a me ameaçar.

— Ameaçar? Não, simplesmente estou prometendo. — Suas pálpebras caíram até o meio, dando a ele uma tranqüila aparência de “preciso de uma cama”.

— Não discutimos isto mesmo no primeiro dia? Não aceitarei o castigo, e não o obedecerei.

— Sim, fará isso. E desfrutará, asseguro-lhe isso.

Ela bateu o pé porque sabia, era consciente, que estava para perder aquela batalha. E uma parte dela estava contente.

— Se acredita que me sentarei tranqüilamente enquanto me surra ou algo assim, está equivocado.

— Que pequena mente suja você tem, lua. O que eu queria dizer era que só a açoitarei com minha língua. Se preferir que a surre, farei isso. Sabe como eu gosto de agradar você.

Malvado, homem malvado. Ela estremeceu.



—É assim que castiga seus guerreiros? Lambe-os?

—Viu como castigo meus guerreiros. Como me nego a machucar você, devo tomar considerações especiais. —Outro passo.

Seu estômago se revolveu. Ela queria correr para ele, tomar o que oferecia a ela. De verdade. Mas temia muito o quê ocorreria depois. Ele a abandonaria? Daria seus cuidados para outra? Ela desejaria mais dele? Ela se apaixonaria, se perderia? Ficaria em ridículo por ele? Ele finalmente a machucaria, como todos os outros em sua vida fizeram?

—Necessito de tempo, Valerian.

As palavras se mantiveram entre eles junto com todo seu medo, todo seu desejo. Ele fez uma pausa, parecendo torturado. Depois deu um rígido assentimento. Ele não queria fazê-lo, viu isso em seus olhos, mas cedeu. De novo. Ela desejava e ele concedia.

—Se for tempo o que deseja, tempo terá. —Com apenas uma pausa, ele adicionou: — Necessito de um banho. Pode se unir, se desejar, ou me observar. A escolha é sua.

—Eu... eu não escolho nenhuma. —Não ia banhar-se com ele e não ia observá-lo. Gotas de água caíam por seu pescoço, talvez fossem apanhadas por seus mamilos antes de cair sobre os montículos dos músculos de seu estômago. Suas mãos ensaboadas se deslizariam sobre seus músculos.

—Quero ir para meu quarto.

—Olhará ou se unirá a mim. Este é um dar e receber entre nós, Shaye. Dei tempo a você, e agora deve me dar algo em troca. Escolha.

Seus cílios quase se fundiam um no outro, deixando só uma pequena linha de visão. Ele ocupou cada polegada desta.

—O que ocorreu com me dá tudo o que quisesse?

—Não sabe o que quer. —Ele cortou o resto do espaço entre eles, tão perto que seu peito roçava o dela. Detrás dele, deixou um rastro de areia e sangue. Seus ferimentos tinham aberto. Ele não mostrava nenhuma pinga de dor, demonstrando só o quanto era capaz realmente. Absolutamente, um guerreiro.

Seu aroma encheu seu nariz, sexual e feroz. O calor emanava dele, envolvendo-a em tórridas espirais, apertando-a tão forte que tinha problemas em inalar seu seguinte fôlego. Uma corrente de paixão a inundou.

Ele era o tipo de homem pelo qual as mulheres se sentiam fascinadas, mas nunca realmente encontravam. E ele continuamente se oferecia para ela, um bufê “todo o que você puder comer” de eróticos deleites. O que fosse que ela pudesse consumir era seu para tomá-lo.



Quão tentador era tomar...

Ele lambeu os lábios e se inclinou para ela. Seus batimentos cardíacos tamborilavam em seus ouvidos, uma eternidade passava entre cada batimento. *Aceite ou rechace-o, mas faça isso agora!*

Reunindo força, ela se afastou dele, quase tropeçando em seus próprios pés ao mesmo tempo em que deslizava para trás.

— Não — disse ela. — Não.

Um músculo palpitou debaixo dos olhos dele.

— Nunca uma palavra soou mais atroz — disse entre os dentes apertados.

Ela levantou o queixo.

— É tudo o que vai ouvir de mim.

— Posso pressionar você por mais, Shaye. Ambos sabemos. Ambos sabemos o que quereria.

— Não — disse ela de novo. Desta vez foi uma trêmula e leve súplica.

Lutando com a força de sua necessidade, Valerian fez uma pausa e estudou Shaye. Maldição! Não queria forçá-la a admitir seus desejos. Queria que ela os aceitasse — e a ele — voluntariamente.

Quando ela disse que era virgem, ele simplesmente reagiu. Sangue e necessidade viajaram através dele à velocidade da luz. Seu membro endureceu dolorosamente. A necessidade de marcá-la como sua mulher tinha cantado em seus ouvidos. Soube, no fundo, que ela esteve esperando por ele. Só desejava ter esperado por ela.

Sentia-se como um virgem com ela, de todas as formas. Inseguro, ansioso. Excitado pelas possibilidades. Em um curto espaço de tempo, ela tinha se convertido em tudo para ele.

Deseje-me. Venha para mim.

Ela não o fazia. E ao transcorrer os minutos, sua resolução de resistir parecia intensificar-se. Finalmente ele disse:

— Entretanto, de novo, acho que sou incapaz de forçar você a aceitar o que é inevitável.

— Valerian — disse com uma voz trêmula.

— Nenhuma palavra mais, lua.

— Não é você, certo? Bom, talvez seja. Um pouco. Só... não posso, está bem? Não posso me permitir desejar você. Não ainda. — Ele, de novo, parecia torturado, pensou ela, triste, nostálgico e duro como uma pedra. — Desejaria poder. Faça-o. Mas... — Havia muitas coisas no meio. O pensamento de deixar alguém se aproximar tanto dela era aterrador.



Ele caminhou do quarto principal até dentro da área do banheiro sem pronunciar uma palavra, deixando-a sozinha. Só com o seu corpo vibrante e seus pensamentos perigosos.

Por que se foi? Havia dito que tinha intenção de fazê-la escolher.

Não importa, decidiu ela imediatamente depois. *Não é o homem para mim. Gosta de sexo, gosta com múltiplas mulheres.* Shaye não era sua mãe e não aceitaria os pequenos restos de afeto que algum homem decidisse deixar cair em seu caminho. Ela não se apaixonaria, usando a inconstante emoção como desculpa para ter algo bom enquanto tolerava muita coisa ruim.

Gostava de estar sozinha, estava contente dessa maneira. E seus mais profundos instintos femininos percebiam que ao fazer amor com Valerian se apaixonaria tão profundamente que renunciaria a tudo por ele. Inclusive a si mesma.

A cortina que bloqueava sua visão da banheira continuava movendo-se. O som de roupa caindo ecoou, logo o chapinho de água. Ela engoliu em seco. Estava nu? Muito provavelmente. O vapor estava provavelmente flutuando ao seu redor. Sua pele provavelmente resplandecia com a umidade. Provavelmente se parecia com um anjo mergulhando através dos céus.

Nesse instante todas as razões pelas quais ela o rechaçou se desvaneceram de seus pensamentos. Desejo. Tanto desejo. Ela havia dito que não o observaria banhar-se, mas uma olhada rápida não parecia tão errado. Uma olhada... Realmente, não havia nenhum mal nisso.

Sem pensar, encontrou seus pés movendo-se para a entrada. Possivelmente ele podia não ser tão delicioso como ela imaginou. Podia? Silenciosamente, afastou a cortina para um lado, mas só um pouco. As costas nuas de Valerian apareceram à vista. Músculos se contraíram debaixo da pele parda ao mesmo tempo em que ele pegava a água com a mão e a vertia em cima dele.

De fato o vapor flutuava ao seu redor, fazendo-o parecer nada mais que um sonho, uma fantasia, a visita do gênio de uma lâmpada que veio lhe conceder cada desejo. Seus cabelos estavam molhados e gotejando em suas costas. Ela mordeu o lábio. Talvez não lhe fizesse mal estar com ele uma vez e finalmente tirar seu corpo de sua miséria. Se ela protegesse seu coração, podia usá-lo e acabar com ele. Certo?

Ele virou para um lado e sua mão se aferrou ao redor de uma garrafa de vidro cor de safira. Ele verteu o que fosse que houvesse dentro. –Mais daquele óleo de orquídea? Em sua outra mão. *OH, como eu queria ser esse azeite*, pensou ela, observando, sua garganta se contraiu ao mesmo tempo em que ele



esfregava o azeite sobre o peito. A fragrância se uniu ao vapor que flutuava para ela.

— Ainda pode se unir a mim, sabe — disse, com voz rouca.

Ela gemeu e soltou a cortina. Esta voltou para seu lugar, bloqueando-o completamente de sua visão. Sua face ficou em chamas.

Foi salva de ter que analisar seus pensamentos e ações quando Brenna irrompeu no quarto. A garota estava ofegando; seu olhar era selvagem. Cachos negros ricocheteavam sobre seu rosto. Ela se deteve quando viu Shaye e exalou um grande suspiro de alívio.

— O que houve de errado? — Alarmada, Shaye correu para ela. — O que ocorreu?

Detrás dela, escutou um chapinho de água, o tamborilar de passos, logo Valerian estava ali, parado à entrada. Estava nu. Uma nudez que dava água na boca. Não parecia surpreso de ver Brenna com ela, embora a garota não tivesse feito nenhum ruído.

— Ocorreu algo? — disse ele também.

O queixo de Shaye caiu ante esta primeira visão completa da frente dele. Era alto e bem musculoso, mas ela já tinha visto isso. O que não tinha visto era sua ereção. Até agora. Era tão longa e dura quanto tinha imaginado, elevando-se orgulhosamente entre suas pernas. Não era modesto e não pegou nenhum tipo de coberta. As gotas de água caíam de seus cabelos, descendo por seu estômago, e sobre seu...

Querido Deus.

O queixo de Brenna também caiu, e Shaye teve que reprimir a urgência de cobrir os olhos da garota.

— Estamos bem. — Shaye deu uma desculpa rápida. — Volte para seu banho, Valerian. Por favor! Pelo amor de Deus, só vamos ter um pequeno bate-papo de garotas.

Com um assentimento, ele se retirou. Maldito homem, via-se tão bem por trás como o fazia pela frente.

Só quando a cortina o bloqueou, Shaye foi capaz de respirar de novo.

— Grande — disse Brenna com aquela voz partida, seus olhos totalmente abertos.

Meu, Shaye quase disse bruscamente. Franziu o cenho. Não tinha nenhum direito sobre ele. Tinha rechaçado-o. De novo. *Concentre-se.*

— Alguém fez mal a você, Brenna? Ou a ameaçou?

Brenna negou com a cabeça.

— Problema.



—De que tipo? Com quem?

—Joachim.

Seu cenho se aprofundou.

—Está ferido?

—Não.

—Machucou você?

—Não.

Está bem. Shaye apertou a mão de sua amiga, *Brenna era sua amiga?* Perguntava-se. A verdade é que nunca antes teve uma. Assistentes, sim. Empregados, sim. Mas havia realmente alguma vez passado parte de seu tempo com alguém mais? Bem, fosse o que fosse Brenna, Shaye a dirigiu para o sofá.

—O que está errado?

—Shivawn — disse Brenna.

Suas sobrancelhas se enrugaram juntando-se.

—Está ferido?

—Não.

—Ele a feriu?

—Não.

Tinha tido alguma vez uma conversa mais confusa? Shaye soltou uma exalação frustrada. Não estava chegando a nenhum lugar daquela maneira.

—Tem que me ajudar a compreender o que é que está acontecendo.

Um rubor rosado tingiu a face de Brenna. Ela mordeu o lábio inferior.

—Quero. Eles.

—Você... os quer? —Shaye piscou. — Como, sexualmente?

O rubor da garota se intensificou, e afastou os olhos.

—Talvez. Mas... acredito que realmente quero a um quando deveria querer ao outro. Assustada. Confusa.

—Isso me assustaria também. —Mal podia dirigir seu desejo por Valerian. Não sabia o que faria se ela, em troca, quisesse estar com um de seus guerreiros. — É essa coisa de dever versus desejo, hum? Como as que vemos nos filmes?

Brenna agarrou suas mãos, possivelmente esperando que ela compreendesse.

—Mais ou menos. Talvez. Não sei!

—Desejaria ter uma resposta para você, e se estivéssemos na superfície, a teria. Mas estes homens, estes... nymphs. Eles lançam um feitiço sobre cada mulher e arruinam nosso sentido comum. —A amargura de Shaye ressoou



através de seu tom. — Eu não gosto.

—Uma vez mencionou fugir. —Brenna fez mímica do último assim Valerian não escutaria.

O corpo de Shaye congelou; inclusive seus batimentos cardíacos se detiveram por vários segundos. *Fugir*. O que ela queria desde o começo. Mas não tinha certeza de querer isso agora, mas sabia que era o melhor. *Tinha uma casa. Um trabalho. Empregados que contavam com seus salários.*

—Não encontrei a forma de sair — admitiu suavemente. Não que tivesse procurado muito. —Mas há uma forma com certeza. Lembra do portal?

Brenna assentiu.

—Valerian disse que não poderia sobreviver sozinha. Juntas, você e eu podemos nadar para a superfície. Só temos que encontrá-lo.

Elas pararam ao mesmo tempo e olharam para a cortina de banheiro.

—Não há melhor momento que agora — disse Shaye, superando o repentino nó de sua garganta para falar. Desejava que tivesse tido tempo de dizer adeus a Valerian, desejava poder beijá-lo mais uma vez. —Está preparada?

Brenna assentiu de novo.

Como se tivesse escutado sua conversa inteira, Valerian chamou.

—Shaye!

Seus olhos se arregalaram, e Brenna ofegou. Se ela não fosse embora agora, perderia a oportunidade.

—Vamos. —Elas correram passando pela porta de entrada entrando no corredor.

—Shaye! —Uma ordem agora. Chapinho de água.

Ela se precipitou contra um casal que se retorcia no chão e caiu de bruços. Frenética, Brenna a ajudou a levantar-se. O casal grunhiu, mas não deteve sua nua dança. Os pulmões de Shaye quase explodiam pelo esforço ao mesmo tempo em que se atrevia a dá uma olhada para trás. Valerian, nu, estava se aproximando dela. Como podia querer correr para ele?

—Mova-se! —disse ofegando. —Mais rápido. Conhece o caminho? —Tudo o que recordava era que quanto mais perto estivessem do portal, mais vazias se tornariam as paredes. Menos jóias. Menos candelabros.

—Sim.

Encontraram uma bifurcação, e Brenna se desviou à direita. Shaye a seguiu. Deus, esperava que fosse a direção correta. Se Valerian as apanhassem... As paredes pareciam todas iguais para ela. Entradas se estendiam em todas as direções. Correram passando por outras mulheres,



outros guerreiros. Os homens as observaram com curiosidade, mas não tentaram detê-las.

Depois, de repente, braçadeiras de ferro se aferraram a seu pulso e foi lançada pelo ar. Seus braços se agitaram. Gritou. Brenna tropeçou e caiu ao mesmo tempo em que as pernas de Shaye chutavam procurando uma base sólida. Ao cair, ela gritou de novo.

Fortes braços a agarraram, envolvendo-se ao redor dela, mantendo-a no lugar. Ela ofegava e não se permitia olhar nos olhos zangados de Valerian. Ou baixar seus olhos ao seu molhado e excitado corpo.

—Quando um guerreiro foge de seu comandante — disse com desprezo —, é castigado. Está preparada para seu castigo, Shaye?

CAPÍTULO 19

Valerian escoltou Brenna até Shivawn sem dizer uma palavra. O guerreiro a aceitou com o cenho franzido e murmurou:

—Obrigado, grande rei — e logo se foram.

Shaye nunca esteve tão nervosa. Esta era a primeira vez que Valerian tinha projetado tal fria fúria em sua direção.

E, entretanto, estava estranhamente aliviada de ter falhado na fuga.

—Voltem para suas obrigações — grunhiu Valerian para os soldados que os observavam no corredor.

Seus homens saltaram entrando em movimento e olhando para qualquer lado salvo para o corpo nu dele. Olhando para qualquer lado exceto para Shaye, que estava sendo conduzida sem cerimônias sobre seu ombro.

—Certo...

—Não fale — disse bruscamente.

—Valerian — insistiu. — Eu disse a você que tentaria fugir. Não pode dizer que não o adverti. Ao menos não menti para você. Sempre seremos honestos um com o outro, recorda?

—Dei a você o que queria, Shaye. Não a pressionei para fazer amor e ainda assim fugiu de mim — Valerian ainda não podia acreditar em seu atrevimento.

Entrou em seu quarto e a jogou sobre a cama. Ela ofegou. Ficou quieto no lugar, olhando-a fixamente. Ela não tentou fugir de novo, só o observou



preocupadamente.

Leve como era, carregá-la não deveria havê-lo afetado. Mas estava ofegando. Seus braços caíram em ambos os lados, e percebeu que estava perdendo sua força muito rápido.

Necessitava de sexo.

Necessitava de Shaye.

Sentiu-a observando-o durante o banho. Sentiu o cheiro de seu desejo por ele. Tinha pensado que a vitória estava a seu alcance. E depois ela tinha fugido. Fugido! Era pensar em recebê-lo dentro de seu corpo o que a aborrecia?

—O momento chegou — disse ele lúgubre.

Ela engatinhou até a borda da cama, como se o feitiço de não movimento tivesse se desvanecido com suas palavras. Ele continuava olhando-a. A camisa extra grande dela se abriu, revelando a succulenta insinuação de seus seios.

—Vamos falar sobre isto — disse ela nervosa.

—Tentou fugir de mim. O tempo de conversar terminou.

—Os casais sempre deveriam ter tempo para conversar.

Uma sobrancelha se elevou.

—Agora somos um casal?

Ela manteve os olhos sobre o peito dele, não se atrevendo a olhar para baixo, onde estava grosso e preparado. Ele observou que um tremor a percorreu. De temor? De desejo? Algo dentro dele cambaleou. Suspirou sonoramente. Ela sempre o enredaria? Tentou uma aproximação diferente.

—Fica tão bonita em minha cama, lua, com seus cabelos caindo sobre os ombros, suas pernas desdobradas em sua frente. Mas...

—Mas? —ela apontou, franzindo o cenho.

—Ficaria ainda melhor sobre mim.

Ele deixou que seus joelhos caíssem sobre o colchão, seguidos de suas mãos. Lentamente engatinhou para frente.

Com os olhos muito abertos, ela tentou retroceder rapidamente para mais longe. A parede bloqueou sua fuga.

—Pare — disse. Estava sem fôlego. Desejosa. — Apenas se detenha.

—Sente a conexão entre nós, sei que o faz.

Seus dentes rangeram e um brilho de algo misterioso se estabeleceu em sua expressão.

—O que acontece se o faço? —disse ela bruscamente. — Isso não quer dizer que quero dormir com você.



—Inocente Raio de lua, nenhum de nós estaria dormindo — seu olhar se deslizou sobre ela, e de repente, ele desejou possuir o fogo dos dragões, assim poderia reduzir a cinzas suas roupas. — Sei que nunca estive com um homem, mas alguma vez se envolveu em jogos amorosos?

Teimosa como sempre, ela apertou os lábios.

—Isso não é de sua conta.

—Não sinto o cheiro de nenhum homem sobre você, nem sequer o mais leve rastro.

—E... eu menti antes, ok — estudou as unhas, bocejando exageradamente. — Estive com muitos homens. Milhares.

Ele se deteve, suas mãos em cada lado dos joelhos dela. Que não estivesse tentando chutá-lo era mais revelador do que provavelmente acreditava. Alguma parte dela o desejava.

Não foi tocada, ecoou em sua mente. Sua companheira não tinha sido tocada por nenhum homem. Ele seria o primeiro. O único. Seria cuidadoso com ela.

—Eu gosto que seja virgem, Lua.

Ela tirou uma penugem da camisa.

—Não me agrada o fato de que seja um prostituto, Valerian.

—Sinto não ter chegado a você puro — os nymphs nunca se reservam para suas companheiras; eram muito sexuais, suas necessidades muito grandes. Mas agora, pelos deuses, desejava ter esperado por ela. — Possivelmente, cada outra mulher, tenha sido simplesmente uma prática para o momento em que me encontrasse com você.

Ela engoliu em seco e mordeu o lábio. Seus mamilos se endureceram debaixo da camisa e não pôde continuar pretendendo estar aborrecida.

—Essa é a frase mais brega que já escutei.

—Entretanto, é a verdade — o sangue esquentou até ferver dentro de suas veias. Possessividade e orgulho o atacaram, tão seguro quanto seu exército atacava castelos. Nenhum homem tinha passado furtivamente sob a fachada fria de sua mulher para descobrir a paixão debaixo, mas ele estava perto. Tão perto da vitória. *Darei tanto prazer a você que gritará.*

Ele engatinhou o restante do caminho para seu corpo, posando nariz com nariz.

—Estou certo? Foi por isso que me rechaçou? — perguntou, deixando o mais suave dos beijos em sua exuberante boca. — Por que não conheceu a nenhum homem?

Sua boca se abriu em um ofego, possivelmente um suspiro.



— Não... não engane a si mesmo — ela deslizou a língua por seus lábios.

— Não quero nenhuma parte de você. Foi por isso que o rechacei — de novo soava sem fôlego. Necessitada.

— Acredito que quer cada parte de mim.

— Está delirando.

— Ou talvez seja mais perceptivo do que acredita.

Seus olhos se entrecerraram, escondendo as emoções depositadas em suas profundidades.

— Vai falar o dia todo ou vai terminar com esta rotina de sedução?

Ao mesmo tempo em que ela pronunciava essas palavras, ele elevou uma mão e pegou um seio em sua mão. Seus olhos fechados, seus lábios ligeiramente arqueados. Um olhar de divino prazer cobriu sua expressão.

— Podemos terminá-la — disse ele —, mas, quer que seja rápido?

— Eu... eu não sei — respondeu.

— Peça-me que a deixe agora mesmo e o farei. Peça-me isso.

Ela abriu a boca, mas não disse nada.

— Peça-me que vá embora, Shaye. Não a forçarei. Eu me afastarei de você.

De novo, nenhuma palavra. A satisfação o atravessou. Ele puxou seus mamilos com a ponta dos dedos.

— Odeia quando faço isto?

Um gemido escapou de seus lábios.

— É... é terrível.

Deuses, adorava ver sua face ruborizar-se de excitação.

— Então pense no quanto será pior quando eu sugar este pequeno manjar rígido com minha boca.

Ela gemeu, um som tão afligido de necessidade que ele respondeu em um nível primário, seus músculos se retesando, seus ossos vibrando. Quando tirou as mãos — só por alguns poucos segundos — seu gemido se converteu em um grunhido. Ele deslizou os dedos sob sua camisa, arrastando-os sobre a suave pele de seu estômago, certamente a mais suave e doce pele que já havia conhecido.

Suas feições se nublaram de êxtase, e ela tremeu.

— Isto faz você estremecer de repulsão? — perguntou, tenso.

As pontas de seus dedos roçaram a parte inferior de seus seios.

— Completamente — ofegou.

— A mim também. OH, a mim também. Vê, estou tremendo com a força de meu desgosto.



—É a... pior coisa... que jamais — disse ela ofegando. *Deveria fazê-lo parar*, pensou. *Deveria fazer que ele se detivesse... em apenas... alguns minutos*. Os dedos dele eram abrasadores, queimando, e em qualquer lugar que tocassem um fogo se acendia por debaixo de sua pele. Ele se afundou mais profundamente nela, fazendo-a ofegar.

O corpo dele era como um cabo vivo, percebeu, e logo sua mente ficou em branco; consumida só pela paixão ao mesmo tempo em que suas mãos se fecharam sobre seus seios nus. Instintivamente, ela afastou as pernas, num convite silencioso para que ele penetrasse nela completamente.

Ele não aceitou. De fato, levantou-se um pouco.

Ela quase o amaldiçoou.

Com sua outra mão, ele levantou a bainha de sua camisa.

—Se a cobrir, a possuirei — ele explicou. —Preciso vê-la antes.

—Sim — disse ela, perguntando-se quem era aquela criatura passional.

Não Shaye, certamente. Ela não estava preocupada com o passado de cada um, não estava preocupada com o que aconteceria quando o ato amoroso terminasse ao mesmo tempo em que ela elevava o quadril para tornar mais fácil para ele. Sua ereção se esfregou contra ela. Prazer absoluto. Sensação total.

Ele gemeu em uma pausa e ela fez o mesmo. Apesar da roupa que ela ainda vestia, sentiu como se ele tocasse seu centro.

—Mmm, sim — disse. —Eu gosto. Não, odeio-o. Odeio-o.

Seu estômago se contraiu, estremeceu. Incapaz de deter a si mesma, fez isso de novo, de propósito desta vez, e se esfregou contra seu pênis. Valerian inalou em outra pausa. Tiro o Top dela por cima de sua cabeça, liberando seus seios para seus olhos.

—Devo saboreá-los. Tenho que ter essas doces e pequenas gotas em minha boca.

Shaye não deveria permitir que ele fosse mais longe, mas a curiosidade estava tirando o melhor dela. Ao menos, estava convocando o inextinguível desejo de senti-lo deslizar-se, bombeando e pulverizando-se dentro de sua curiosidade. De conhecer e entender como as pessoas se convertiam em escravos de suas emoções por este simples ato.

Valerian fechou seus dedos ao redor do pulso dela.

—No que está pensando?

—Paixão — admitiu — Sexo.

—Olhe-me.

Não pensava em desobedecê-lo. Seu olhar caiu sobre ele, e ficou quieta,



assombrada pelo que viu. Ele estava bebendo a visão de seus seios como se fossem as coisas mais belas que já tivesse contemplado. Como se sua pele muito pálida e seus seios de tamanho médio encabeçassem sua lista de Natal.

—Estou pensando que nunca tive uma visão mais maravilhosa. Sua beleza me cativa — disse ele em tom reverente.

—Mas estive com milhares de mulheres — ela recordou a suavemente.
—Milhares de vezes mais bonitas que eu.

—Nenhuma é mais bela que você, amor.

—Sou nada — insistiu. —Sou...

—Tudo — uma de suas mãos foi até sua mandíbula, seu polegar acariciou um lado de seu rosto. Ele a forçou a olhá-lo, a vê-lo. —Disse isso a você. É tudo para mim.

Era muito assombroso para acreditar, entretanto, era tudo o que ela sempre quis ouvir. As pessoas não diziam coisas como essas a ela. As lágrimas arderam em seus olhos e as esfregou. Sempre esteve orgulhosa de si mesma por sua independência, por sua falta de necessidade da aprovação dos outros. Mas até aquele momento, não tinha se dado conta do quanto à aprovação podia ser incrível. O quanto a podia fazer-se sentir poderosa.

Devo ser fria, recordou a si mesma. Quantas vezes se forçaria a recordar disso? *Devo ser cruel*. Mas assim que seus olhos deslizaram sobre Valerian, não pôde se forçar a repreendê-lo.

Ele estava sobre ela, seu grande e duro corpo iluminado por um dourado resplendor de luz. Músculos agrupados, ele exsudava força e excitação em ondas que davam água na boca. Seu abdome era seccionado e duro. Seu pênis estirado para seu centro, tão grosso, tão duro, procurando por ela. Seus pesados testículos eram rodeados por uma penugem dourada.

A visão dele, daquele deus da beleza e do sexo, deixou-a sem fôlego.

—Você... —esclareceu a garganta —não tem uma aparência ruim, tampouco — disse.

Nunca antes havia elogiado um homem; sempre os empurrava para fora de sua vida tão rápido como entravam.

Seus lábios se curvaram.

—Alegra-me que não me ache feio; você é tudo o que sempre necessitei.

Pouco a pouco, ele baixou a cabeça. Um ofego de antecipação se obstruiu na traquéia dela. Sua boca se fechou sobre o mamilo dela, rodeando-o com cálida umidade. Quando sua língua se arrastou para frente e para trás pelo perolado casulo, a mão dela se enredou em seus cabelos, sustentando a cabeça dele no lugar. Ele friccionava o outro seio com sua mão e a dupla sensação



matinha seus quadris retorcendo-se.

— Não prometi a você que seria terrível?

— Horrível, simplesmente horrível. Não pare — espere. Ela pretendia dizer a ele que se detivesse. As coisas estavam saindo de seu controle.

— Você me faz sentir-me febril, como se minha vida inteira dependesse de você — sugou forte e ela gemeu ante o prazer/dor, logo a lambeu fazendo desaparecer a dor e gemeu ante a embriagadora felicidade. — Quando um nymph faz amor, encontra-se completamente absorto no ato, feroz e bestial. Nada mais importa exceto sua mulher.

Necessito dele da maneira que ele parece necessitar de mim, pensou ela nostálgica, e algo se quebrou em seu interior. Algo desmoronou. Os últimos vestígios de sua resistência? Medo? Dúvida? De repente, tinham desaparecido, substituídos por uma necessidade de conhecê-lo, saber tudo dele. Nesse momento ele se tornou mais importante para ela que respirar.

Gemendo, envolveu suas pernas ao redor da cintura dele, enganchou seus tornozelos e o puxou para cima dela. Todo seu ditoso peso. Ela saboreou, gozou da deliciosa urgência dele. Deleitou-se em sua primeira experiência da capitulação. Nunca mais negaria suas necessidades, nunca mais ignoraria seus desejos secretos.

— Shaye? — disse, com voz rouca. Ele fechou os olhos em doce rendição, sua expressão encantada, em choque, admirada.

— Valerian.

Ele mordiscou sua clavícula, lambeu seu pescoço de cima a baixo. Sua mão trabalhava no cóis de sua calça. Deslizou seus dedos passando-os, sob sua calcinha, e através de seu fino pêlo púbico.

Ela quase gritou ao mesmo tempo em que arqueava os quadris urgindo-o a ir mais longe.

— A maioria das mulheres acredita que este é o lugar onde mais recebem prazer em seus corpos — seus dedos beliscavam seu clitóris levemente. Ele estava suando, tentando ir devagar quando ela queria que se apressasse.

Com esse único toque, ela quase alcançou as portas do paraíso. Tão perto do clímax... tão perto...

— Estão certas — ela conseguiu dizer com um ofego.

— Não, estão equivocadas — deslizou um dedo através de suas dobras úmidas dentro do verdadeiro calor dela. — Pequeno — disse forçado. — Apertado. Maravilhoso.

Tinha pensado que antes estava perto do paraíso? Nem sequer um pouco. Suas paredes femininas se apertaram em volta dele, mantendo-o



cativo. Ele se movia dentro e fora. Lentamente. Pura tortura. Ela ofegou, ofegou e ofegou.

— Algumas mulheres acreditam que o ritmo é a causa de seu desejo.

— Estão... equivocadas, também? — santo inferno, estava ardendo.

Suas células estavam viajando através de sua corrente sanguínea em velocidade máxima, derrubando tudo com sua passagem.

— OH, sim. Estão equivocadas.

Continuou deslizando seus dedos dentro dela, e seu estômago estremeceu, esticou-se; os músculos de suas pernas tremeram ao redor dele. O orgasmo vacilava no doce ponto de chegada.

— Valerian — suplicou.

— OH, como eu gosto de meu nome em seus lábios — seu polegar roçou seu clitóris.

Sua cabeça girava de um lado a outro. Ardia, tão quente, perto da explosão.

— Mostre-me o lugar que recebe mais prazer do corpo de uma mulher — tinha que gozar. Ou se não... morreria... logo...

— Por um beijo — disse ele, querendo negociar inclusive agora. — Darei o mundo a você por um simples beijo.

Sem vacilar, encaixou os lábios nos dele. No momento em que sua língua se chocou com a dela, seu sabor encheu sua boca. As deliciosas sensações entre suas pernas se intensificaram. Ela desenganchou os tornozelos, deixando que seus joelhos caíssem afastados sobre a cama, deixando-a bem aberta para o que fosse que ele fizesse.

Perdida na paixão, assim estava Shaye. Era exatamente o que tinha temido: uma escrava dela, desesperada por ela. Mas não se importava. O beijo foi duro, quente e só se tornou mais duro e mais quente. As línguas duelaram, os dentes se chocaram. Os dedos de Valerian continuaram bombeando-a, tão frenéticos e insaciáveis quanto os beijos.

Mas então, repentinamente, deteve-se. Interrompeu o beijo, parando o movimento de seus dedos. O corpo dela vibrava e um soluço quase brotou de seus lábios.

— O que está fazendo? — gemeu.

Enredou suas mãos em seus cabelos e tentou forçar sua boca a voltar para a dela. Finalmente, permitiu-se desfrutar de um homem, e ele se detinha?

— Agora mostrarei a você onde é mais sensível, onde ficará à beira do clímax cada vez que a toque.

Hmmm. Sim.



—Apreste-se.

O suor continuou gotejando das têmporas dele. As linhas de tensão ao redor de seus olhos se aprofundaram, enquadrando suas feições. Percebeu que ele também necessitava do alívio. Ele o desejava com uma quase insaciável ferocidade como ela o fazia? Estava desesperado, ávido? Sentia-se como se voasse passando além das estrelas se não voltasse a tocá-la de novo?

Seus lábios roçaram suavemente nela, uma vez, duas vezes.

—Seu sabor... é como nenhum outro. Como nada que já tive. É viciante. Acredito que morreria sem ele.

Toque-me. Faça amor comigo.

—Valerian, alegre-me que você goste de meu sabor e tudo, mas tem um ponto a provar aqui e estou um pouco decepcionada que tenha que recordá-lo esse fato.

Ele deu uma risada forçada.

—Tem razão. Só preciso olhar para você durante um momento mais, só preciso apreciar sua imagem. Muito em breve a despirei completamente. Muito em breve deslizarei sua calça por suas pernas.

Ao mesmo tempo em que falava, essa imagem encheu a mente dela. Podia ver muito claramente que a estava despindo. Estava envolvendo suas mãos ao redor de seus...

—Tornozelos — disse ele. — E trarei seu pé até minha boca. Lamberei...

...o arco, deslizando sua língua lentamente. Ela o via, via as imagens, mais vívidas a cada segundo que passava. *Sua boca se movia por sua panturrilha, desenhando pequenos corações sobre sua pele antes de...*

—... morder a parte interior de sua coxa. Você ofega e se retorce, exatamente como está fazendo agora e ficará ainda mais molhada para mim. Tão molhada. Trago sua própria mão entre suas pernas e vejo você tocar a si mesma. Você...

...encurvando seu próprio dedo sobre seu clitóris, observando-o todo o tempo. Dentro da mente dela, *ele entreteceu seus olhos e sua mão se curvou ao redor de seu membro, movendo-se de cima a baixo. Dizia o quanto queria que sua boca substituísse a mão dele, quanto queria que a boca dele substituísse a mão dela. Logo a beijou mas...*

—... não é suficiente. Desejo saborear você de novo, um sabor mais íntimo, e falando nisso, não será suficiente, tampouco. Baixo minha cabeça entre suas pernas. Suas mãos agarram meus cabelos, empurrando duramente porque já está tão perdida em sua necessidade que não é capaz de controlar suas reações.



Ela não podia controlar suas reações agora. Nesse momento, Shaye estava retorcendo-se insaciavelmente. Ela ainda vestia sua calça, mas sentia como se mãos irreais estivessem trabalhando sobre ela, como se uma língua irreal estivesse lambendo-a. Estava ofegando, sua respiração quente em sua garganta.

— Valerian, Valerian — cantou ela. — Valerian, por favor.

— Por favor, o quê? — sua voz era áspera, tão áspera. Rouca, tão rouca.

— Por favor, acabe.

— Mas eu gosto de saborear você.

— Mostre o lugar mais erótico de meu corpo, maldição. Não viverá para me saborear se não se apressar.

— Morrerei de prazer de qualquer forma — sua voz estava partida pela excitação. Ele beliscou seu clitóris de novo, e ela quase saltou da cama. As decadentes sensações eram agudas, quase dolorosas. — Vou sentir seu gosto aqui antes de amá-la — disse. — E quando a amar, vai conhecer o lugar onde mais recebe prazer sobre meu corpo.

— Seu pênis? — disse ela em um ofego. Estava quase mais à frente da fala. Ele era demais. Suas palavras, suas ações. Sua própria essência.

— Não, meu...

— Meu rei — disse uma voz com urgência.

Valerian se deteve. Grunhiu baixo em sua garganta e era um som animal. Um som de aniquilação.

Passou algum tempo antes que Shaye se precavesse do que estava ocorrendo. Havia um guerreiro de pé, no final da cama, seus olhos sobre Valerian, com expressão preocupada. Perdendo seu ofuscamento de paixão, ela gritou e lutou com os cobertores. A mortificação a bombardeou ao mesmo tempo em que cobria os seios nus. Mesmo assim ainda desejava Valerian.

— Vire-se, Broderick — grunhiu. Seus dentes descoberto em um feroz e letal gesto. — Já estou perto de matar você.

Broderick se virou instantaneamente.

— Deixe-nos ou o matarei.

— Dragões — disse Broderick. Não se retirou como lhe foi ordenado. — Estão se aproximando com intenção de guerra.



Valerian não podia acreditar que alguém tivesse entrado em seu quarto sem seu conhecimento. Mesmo quando estava preso no mais bestial de seus desejos, seus instintos guerreiros não diminuía.

Não era assim com Shaye. Com ela, ele se concentrava só em amar. Tal coisa nunca tinha ocorrido antes.

No momento ele lutava contra uma corrente feroz de fúria e desejo. Tinha Shaye onde a tinha querido e necessitado por tanto tempo, e agora devia deixá-la. Mas sua segurança vinha antes de sua sedução. Sempre.

Sua segurança vinha antes que seu próprio prazer.

Talvez estivesse preso em um pesadelo, pois era o pior que podia acontecer com ele.

— Advirta os outros — disse a Broderick com palavras rasgadas de sua garganta. — Quero todos com a armadura completa e na areia. Estarei lá em pouco tempo.

— Considere feito — foi a resposta antes que seu segundo no comando se fosse correndo.

Passou uma mão pelo rosto. Deus, sabia que este dia podia chegar. Por que não poderia ter sido pela manhã?

— Broderick — chamou, e o guerreiro rapidamente retornou. — Levaram às mulheres?

— Estão sendo escondidas neste momento.

— Excelente. Vá, então. Tem suas ordens.

Broderick saiu rapidamente do quarto pela segunda vez, seus passos apressados ecoando nas paredes.

— Sinto muito, lua — disse Valerian, olhando para baixo a Shaye. A cor acendeu suas bochechas, seus cabelos claros estendidos sobre a cama como fitas de seda branca. Seus seios, cobertos pelos lençóis violeta, estavam delineando, seus mamilos perolados. — Devo ir.

Ela não respondeu.

Ele não soube o que mais dizer. Retirar-se da cama, de seu abraço, foi a coisa mais difícil que já tinha feito. Desejou que houvesse tempo, ao menos, para saciar seu desejo e dar a um deles alívio.

Enquanto se vestia apressadamente, enfiando a calça e recuperando sua armadura peitoral — ainda manchada de sangue pela prática de hoje — compreendeu que não estava ainda em pleno rendimento. Seu controle não era tão forte, suas extremidades não tão estáveis. Não podia evitar isso agora. Amarrou as botas.



—Vai à guerra? —Finalmente sua mulher falou, mas a voz não deu indício de suas emoções. Era tão vazia e fria como se ele nunca a tivesse acariciado. Nunca tivesse movido seus dedos dentro dela.

Isso o zangou tanto quanto a interrupção de Broderick.

—Se isso for o que se requer para manter este palácio, então sim, irei à guerra.

—Mas... está ferido.

—Sim.

—Não deveria brigar. Piorará seus ferimentos.

Manteve-se de costas para ela enquanto recolhia seu elmo e seu escudo. A Caveira¹² descansava dentro dele.

—Não comece a duvidar de mim outra vez, Lua. Sou bem capaz de proteger e defender.

—Por que apenas não devolve o palácio aos dragões?

Ele não faria seu exército converter-se em nômades outra vez, sem um lar real, sem refúgio autêntico.

—É meu agora, e conservo o que é meu. Sempre — pronunciou as palavras como uma advertência a ela. Era sua agora, e ele nunca a deixaria ir.

— Vista-se.

Ela percorreu com os olhos o lençol que abraçava, sua calça aberta. Ofegou como se só então se desse conta que não estava coberta completamente. Com movimentos rígidos, pegou a camisa preta do chão e a passou por sua cabeça.

Valerian lamentou a perda de sua seminudez. Estendeu sua mão livre e indicou a ela que unisse a ele. Surpreendentemente ela fez isso sem protestar, ajustando o cinturão em seu lugar enquanto caminhava. Entretanto, Shaye não segurou a mão que ele oferecia.

—Aonde me leva? —perguntou. Uma profunda preocupação nadava nas piscinas escuras de seus olhos. Por ele? Perguntou-se esperançosamente. Duvidava que fosse por si mesma.

—Quero você a salvo, o que quer dizer que vou pôr você com as outras mulheres.

—Onde? —insistiu. — Na sala em que estávamos hoje mais cedo?

—Não. Mostrarei isso a você. —Ele sabia que ela se plantaria se ele dissesse onde seria colocada. Se simplesmente a levava para lá, caminhando voluntariamente, economizariam a ambos os tempo e esforço.

¹² A Caveira é nome da espada de Valerian.



A urgência o golpeou. Devia levar Shaye para a segurança.

Ele segurou sua mão e a puxou através de três vestíbulos separados. Vários de seus homens se apressavam detrás dele, assentindo com a cabeça em aceitação enquanto se dirigiam para a areia. Esse não era seu destino. Enquanto ele seguia adiante, o ar se tornou frio, espesso de umidade. A névoa formava espiral para o teto.

— Está me levando para o portal? — Shaye bateu no ombro dele com a mão. — Pensei que tinha dito que me afogaria se retornasse através dele.

— Não o faço, jamais a enviarei ao portal. Por nenhuma razão. — As paredes da gruta ficaram à vista. Rochosas. Dentadas. Murais sensuais pintados em todas as partes. Ele circundou o portal em forma de redemoinho, com cuidado para não tocar o líquido pintalgado¹³ que separava a ele e Shaye do mar.

— Não entendo — disse Shaye.

O som de vozes femininas encheu seus ouvidos. Ramos e ossos — deixados quando os dragões possuíam o palácio e matavam a cada humano que incursionava¹⁴ em Atlântida — rangiam debaixo de suas botas. Mais de uma vez Valerian se perguntou por que os Atlantes não podiam sobreviver na superfície, mas os humanos podiam chegar e ir embora quando quisessem. Uma vez os exércitos tinham passado por lá e os dragões os mataram sem piedade, por isso essa caverna era um lugar de morte e destruição.

Entretanto Valerian pensava que estava melhor em suas mãos. Os inocentes não mereciam morrer. O que teria acontecido se Shaye tivesse vindo antes de sua chegada? Teria sido assassinada.

— Isto são ossos? — Shaye cobriu a boca com uma mão trêmula. — Não os tinha notado antes.

Ele explicou a respeito dos dragões, sobre o portal.

— Os seres humanos tentaram destruir as criaturas de Atlântida em uma tentativa de roubar suas riquezas. Os dragões fizeram o que pensaram ser correto para proteger os Atlantes.

Valerian desceu um lance de escada que estava escondido na fenda estreita entre duas rochas grandes e redondas manchadas de sangue. O portal era exatamente o motivo pelo que os dragões queriam o controle daquele palácio outra vez. Lutariam até a morte para tê-lo. Darius, Rei dos Dragões, era um Guardião, um assassino de intrusos.

— Nunca me disse o lugar mais erótico no corpo de uma mulher — Shaye

¹³ Pintalgado — de cores variadas. (Aurélio)

¹⁴ Incursionar — penetrar em território, área. (Aurélio)



disse. O medo cobriu sua voz, como se estivesse desesperada pensando em qualquer coisa exceto em guerra e morte.

—Nem o farei — ele respondeu. O mistério ocuparia sua mente, mantendo-a distraída. — Não até que a tenha na cama outra vez.

—Idiota.

—Bela.

Uma pausa. Uma brusca inspiração. Shaye se afirmou para deter-se abruptamente.

—Que lugar é este? — Sua voz ecoou ao redor deles.

Haviam alcançado o fundo das escadas, entrando em um novo cômodo. Valerian sustentou o escudo contra a parede e deslizou uma mão ao redor da cintura de Shaye, urgindo-a a seu lado – embora só para impedi-la de correr quando ela espiasse o calabouço.

—Bem-vinda à masmorra, Lua.

O bate-papo de vozes diminuiu ao silêncio um segundo antes que arrulhos felizes brotassem.

—Valerian, você, coisa bonita! Estou tão feliz de ver você.

—Valerian!

—Olá, Valerian.

Resplandecentes barras azuis ficaram visíveis, barras que continham todas as demais mulheres.

—Diabos, não — disse Shaye, e ele soube que ela tinha visto a prisão – uma prisão que poderia segurar um imortal se fosse necessário.

Ela se afastou violentamente dele, cortando todo contato.

—Não vou deixar você me prender assim. Não ficarei indefesa!

Decidido, ele a enfrentou. Ela, também, tinha uma expressão de determinação. Seus olhos escuros emitiram fogo enquanto ele a colocava contra a parede.

—Faça um teste e me intimide o quanto queira. — Ela quadrou os ombros e levantou o queixo, em um quadro de desafio total. —Não ficarei aqui embaixo enquanto guerreia, lá acima.

—Este é o lugar mais seguro para você.

—O que acontecerá se for assassinado? Ficaremos presas aqui embaixo para sempre?

—Isso não ocorrerá — insistiu ele.

—Pode garantir isso com cem por cento de certeza?

—Sim. — Ele não permitiria que nada de mau ocorresse porque a vida de Shaye dependia dele. Isso era um fato.



Ela cruzou os braços sobre o peito.

—Como pode garantir semelhante coisa? É psíquico?

Seus olhos se crisparam enquanto ele a sacudidas apontava para o grupo de guerreiros parados em frente das barras da prisão.

—Se algo me ocorrer, estes homens a soltarão. Satisfeita?

—Não sou um pequeno pastelzinho que faz coisas estúpidas enquanto os grandes e fortes homens guerreiros cuidam de mim. Você não tem que se preocupar comigo precipitando-se na batalha. Permanecerei neste cômodo, está bem. Não tem que me prender.

—As barras não são para você. São para os dragões. Se a apanharem, a queimarão ou a raptarão. Possivelmente ambas as coisas. É esse o destino que deseja para você mesma?

A pouca cor que seu rosto tinha foi drenada.

Ele suavizou seu tom.

—Tente acalmar as outras enquanto eu não estou. Fará isto por mim?

Ela olhou veementemente para seus olhos, e por um breve momento ele captou um vislumbre de puro terror. Por ele. Por sua segurança. Mas ela franziu o cenho e assentiu com a cabeça.

—Bem. Farei isso. Mas elas não estão aborrecidas — resmungou. — Estão estranhamente encantadas de verem você.

—Estamos, Valerian — disse uma morena, dando um passo para frente. Ela agarrou as barras. Uma túnica amarelo ouro envolvia seu corpo exuberante. — Estamos encantadas de ver você.

Shaye beliscou a ponte de seu nariz.

—Se não retornar, juro por Deus que o matarei.

Valerian assentiu para Terran, que montava guarda na cela. Terran estendeu o braço e roçou seus dedos contra as barras, tornando-as nada mais que névoa. Valerian não pôde evitar. Esmagou os lábios de Shaye com os seus, mergulhando sua língua dentro para uma rápida provada, trazendo todos seus desejos mais agudos à superfície. Ela correspondeu violentamente, brutalmente, tomando tudo o que ele podia lhe dar.

Enquanto a beijava, enfiou-a na cela. Quando ela estava a salvo lá dentro, ele se separou dela e as barras se solidificaram diante de sua cara.

Seus olhos se encontraram. O silêncio flutuou entre eles por um segundo. Seus olhos se ampliaram entendendo, e ela agarrou as barras. Deu uma boa sacudida nelas, mas nem sequer vibraram.

—Seu, bastardo! Disse que ficaria aqui voluntariamente. Não tinha que me enganar para que entrasse.



—Sinto muito. —odiava deixá-la. Desejava beijá-la outra vez. Desejava atrasar-se. Não podia. Levantou seu escudo e caminhou dando grandes passos para o recinto, suas maldições ecoando em seus ouvidos. Dirigiu-se ao refeitório. Broderick o encontrou no meio do caminho.

—Os homens estão preparados.

Ele empurrou Shaye de sua mente, determinado a agir como um guerreiro deveria. Frio, desapaixonado. Letal.

—Excelente. A que distância está os dragões de chegar a nós?

—Ainda estão na Cidade Exterior.

—Têm alguns aliados com eles?

—Não. Vêm sozinhos.

—Darius os guia?

—Sim.

Valerian assentiu. Ele e Darius tinham brigado uma vez antes, e embora Valerian tivesse ferido à besta gigantesca, no final tinha sido um empate, com nenhum homem capaz de vencer completamente o outro.

—Quero nossos melhores homens no parapeito e um grupo de soldados estrategicamente colocados no bosque circundante. Quero que cada manobra dos dragões seja rastreada. Quero saber se enviarem voadores em cima do teto.

—E se o fizerem?

—Reduzam.

Todos os dragões tinham asas que permitiam que eles se alçassem através do ar. Eles também exalavam fogo e se não fossem detidos rapidamente, poderiam dizimar tudo em seu caminho.

A maior força dos nymphs estava em seu poder de seduzir. Inclusive os homens não eram imunes e podiam ficar apanhados em seu feitiço, escravos de suas vontades. Mais que isso, a paixão dos nymphs se derramava em cada área de suas vidas. Não só na paixão sexual, mas também na fúria.

Os dragões poderiam não cair presos em seus encantos, o que queria dizer que teriam que confiar em seu engenho, sua habilidade com a espada e em sua fúria potente. Ao menos o palácio, que tinha sido feito por dragões, era resistente ao fogo.

—Quer as armadilhas colocadas? —perguntou Broderick.

Considerou a idéia.

—Não. Deixe que os dragões nos alcancem sem incidentes. Terão menos possibilidade de entrar rapidamente para atacar, e podemos lançar um ataque surpresa de nossa parte na escuridão que vem.



Broderick correu para transmitir tudo o que lhe foi ordenado.

No refeitório, Valerian caminhou dando grandes passadas para a parede das janelas e contemplou lá fora. As ruas vazias o saudaram. Os cidadãos que viviam na Cidade Exterior deviam ter espiado os dragões e fugido para casa, temendo por suas vidas.

A guerra finalmente tinha chegado.

Valerian girou sobre seus calcanhares e caminhou rapidamente para a areia. Broderick estava ocupado instruindo os homens.

À medida que recebiam as ordens, apressavam-se a obedecer.

—O poder dos deuses vá com você — disse para aqueles que passaram por ele.

—E com você, meu rei — ele os ouviu pronunciar repetidas vezes.

Aqueles sem atribuições formaram uma fila e o olharam impacientemente. Ele andou adiante deles, dizendo:

—Quero que dêem uma volta pela Cidade Exterior sem que sejam detectados e permaneçam detrás dos dragões. Quero-os flanqueados por nymphs por todos os lados.

Assentiram em uníssono.

—Quando receberem meu sinal, se aproximem deles e deixem que saibam que estão ali. Agora vão.

Pisadas apressadas ecoaram quando os homens correram para obedecê-lo. Valerian se encontrou sozinho. Agarrando o punho de sua espada, permaneceu ali um momento, seus pensamentos indo à deriva inexoravelmente para Shaye. Se ela não estivesse ali, ele muito provavelmente teria conduzido uma divisão de seu exército aos subúrbios da cidade e teria atacado os dragões ali. Assim como as coisas estavam, queria todas suas forças rodeando o palácio. Ao alcance da mão. Um círculo de proteção.

Tudo o que ele tinha que fazer agora era esperar a chegada dos dragões. E matar, é obvio. Matar a todos e cada um de seus inimigos.

CAPÍTULO 21

Shaye estudou as outras mulheres presas na cela. É obvio, eram as mesmas que estiveram confinadas na sala de ócio com ela. Não pareciam se importar com a situação atual, e estavam, de fato, conversando animadamente



com as demais.

Como podiam ser do mesmo planeta que ela? Deus, que pesadelo. Brenna estaria ali? Shaye realmente necessitava de uma aliada. Alguém com quem compartilhar suas preocupações, que a mantivesse calma.

— Brenna — gritou.

A garota abriu passagem para ela entre a espessa multidão.

— Aqui.

— Graças a Deus.

Shaye puxou-a para o canto mais próximo.

— Como está? Shivawn castigou você por tentar fugir?

— Fugir — a de nome Tuffani gemeu. Ela se apoiou em uma das barras laterais. — Por favor, me digam que não vão tentar fugir novamente. Pelo menos, não neste momento. Não sabem que, supostamente, terão que esperar até que todo mundo esteja dormindo para depois fugir? Assim é como fazem nos filmes.

— Ainda não entendo por que quer fugir de Valerian — a moça de cabelos pretos que tinha visto deixando o quarto de Valerian na primeira noite, dirigiu-se a elas. Sem pudor de unir-se à conversa. — Ele é incrível.

Sim, ele era, pensou Shaye, suas mãos esticando-se nos flancos quando o ciúme a golpeou.

— Ainda sonho com ele — adicionou a mulher, com um sonhador suspiro. — Ele falou sobre mim a você? Sou Kathleen, por certo.

Os dentes de Shaye rangeram ante a imagem de Valerian e Kathleen — nus e entrelaçados — consumindo sua mente. Ciúme era algo novo para ela e não sabia exatamente o que fazer com ele.

— Não. Ele não a mencionou.

— OH — os ombros de Kathleen se encurvaram com a decepção. — Com sorte, se cansará logo de você. Eu realmente, quero-o de volta de verdade.

— O que a faz pensar que se cansará de mim algum dia? — replicou.

Odiava ter ela mesma esse medo. Quanto tempo Valerian continuaria interessado nela? Quanto tempo até que seus olhos comesçassem a procurar alguém mais? Alguém doce e mais dócil?

Kathleen deu de ombros.

— Tentou fugir dele. Não posso acreditar que tal comportamento seja do interesse dele durante muito tempo. Dou uma semana a você, duas no máximo.

Shaye deu um passo para frente, os punhos apertados, preparada para atacar. Brenna pegou sua mão, uma ordem silenciosa para que se detivesse.



—Não há provisões para curar Kathleen — sua amiga disse com voz rouca.

Expulsando uma respiração profunda, Shaye se afastou da cadela em questão. Queria sair da cela, ficar longe daquelas mulheres. Queria ir para casa, ficar sozinha — porém o pensamento a deixou com um vazio de dor no peito.

O grupo começou a conversar sobre a chegada de um novo nymph, um mais bonito que os outros, inclusive mais que Valerian. Aparentemente, este nymph gostava de fazer perguntas e podia levar às mulheres a um orgasmo com apenas um olhar. Depois de um tempo, Shaye deixou de prestar atenção no falatório delas. A fúria fervia como uma bomba de tempo em seu sangue, a detonação assegurada.

Se ficasse ali, esta era a vida que teria. Ficaria presa em uma cela cada vez que uma guerra os ameaçasse. Um dia, ia ser esquecida por Valerian, sendo só outra de suas conquistas. E todo o tempo o desejaria porque ele tinha despertado os desejos que ela tinha enterrado.

O que faria quando ele se cansasse dela? Ele havia dito que não, mas não podia predizer o futuro. Outra mulher poderia, algum dia, chamar sua atenção. Afinal era um nymph, e isso era parte de sua natureza.

Não posso permitir que me deixe.

Todos os que alguma vez chegou a amar, a tinham abandonado ou decepcionado. Ninguém ficou. Ninguém queria trabalhar a relação. Sabia disso. Mas também sabia que se não os amasse, não doeria quando tudo desmoronasse.

Entretanto, ali estava, apaixonada por Valerian e dando a ele mais dela do que alguma vez deu a alguém.

Seu primeiro instinto tinha sido correto. Tinha que deixá-lo.

Decidida, enfrentou Brenna.

—Esta é nossa melhor oportunidade de fuga — sussurrou. A dor que brotou em seu peito há alguns minutos, intensificou-se drasticamente. Ignorando isso, inclinou-se para frente e apertou os dedos ao redor das barras. —Está comigo?

A indecisão passou pelo rosto de Brenna. Ela mordida o lábio inferior e retorcia as mãos. Finalmente, assentiu com a cabeça, em uma ação vacilante.

As barras eram grossas, azuis, brilhantes, com a largura de um taco de beisebol e quentes ao tato. Não o suficiente para causar bolhas, mas sim para queimar. Sacudiu-as ou, ao menos, tentou. Não se moveram.

—Sabe como Valerian converteu as barras em névoa? — enquanto falava



tentou sacudi-las outra vez.

Brenna sacudiu a cabeça

Shaye recordou mentalmente o beijo de boa noite que Valerian lhe deu. Seus lábios se encontraram com os dela e a apoiou contra as barras. No entanto as barras não estavam ali. Elas haviam... O quê? Desaparecido? Seus olhos se abriram. Possivelmente sim tinham desaparecido. Talvez fosse necessário um toque do exterior. Valerian não havia tocado nenhum botão ou usado nenhuma chave. Seus guardas simplesmente haviam tocado as barras brilhantes e estas se desvaneceram.

Tinha que conseguir que um dos guardas chegasse à cela.

—Já sei — disse a Brenna e a seguir se aproximou de Kathleen. —Se quer se desfazer de mim, então tem que me ajudar.

Explicou a ela o que queria que fizesse.

Kathleen entreabriu os olhos.

— Assim planeja deixar Atlantis? Para sempre?

Novamente, o peito do Shaye latejava com pontadas de dor.

—Sim.

—Nesse caso, será um prazer ajudar você — Kathleen caminhou para frente da multidão. Agarrou as barras, sorriu docemente e disse: — Terran, está muito bonito hoje. Poderia, simplesmente, comer você inteiro.

Ele a olhou de esguelha, o desejo faminto percorrendo seus olhos.

—Você está muito bonito também, Dylan — acrescentou Kathleen, fazendo seu papel com perfeição. —Seus músculos são tão grandes. Poderia tocá-los?

Ambos os homens caminharam para ela como se fossem puxados por cordas invisíveis, mas não chegaram a alcançá-la.

Shaye manteve sua atenção dividida entre os homens e as barras, preparada para sair a qualquer momento.

Kathleen sussurrou roucamente.

—Posso lambar seu pescoço, Dylan? Por favor. Tenho que provar você.

Ele nem sequer pensou em negar-se.

—É obvio — se apoiou nas barras e se inclinou ante os lábios de Kathleen que esperavam.

Em um instante, a cela completa se transformou em neblina.

—Eu quero lambar você também — Shaye escutou outra mulher dizer.

As mulheres começaram a avançar, além da névoa. De repente, estavam aglomeradas sobre os dois guardas, captando sua atenção completamente. Shaye, facilmente e em silêncio, saiu da prisão com Brenna ao seu lado.



—Mulheres, voltem para a cela. Voltem para a cela!

Ouvindo as súplicas, agora desesperadas, dos guardas, Brenna e ela deram a volta na esquina. *Sim! Fizemos!* Seguindo a espiral de neblina logo chegaram ao portal e se aproximaram tentativamente. Seu atraente centro gelatinoso girava e se revolia. Shaye estremeceu de frio, — não de pesar, assegurou a si mesma — e envolveu as mãos ao redor da cintura.

—Não posso acreditar no quanto foi fácil — disse.

Mas não deu outro passo para frente.

Brenna não respondeu.

Shaye desviou sua atenção do portal e olhou para sua companheira de rebelião, a qual estava retorcendo as mãos, com uma expressão torturada.

—O que acontece?

—Joachim necessita de mim.

Genial. Simplesmente genial.

—Bem. Fique — Shaye franziu o cenho e se moveu para o portal.

Antes, tinha tido medo de entrar nele por sua conta. Afogará, havia dito Valerian. O pensamento de entrar com Brenna lhe deu coragem. Teriam lutado contra as ondas do oceano juntas. Agora que tinha que entrar sozinha...

Estendeu a mão, mas se deteve antes de tocá-lo. *Sobrevivi uma vez. Sobreviverei novamente. Sou uma boa nadadora. Posso abrir passagem até a superfície.* Assentiu com a cabeça, trabalhando sua coragem. Brigar para voltar no oceano era melhor que ficar aqui. Não é verdade? Deus, seu peito doía.

Pouco a pouco se aproximou. Quase... lá... se deteve antes de entrar em contato outra vez. Lançou um olhar irritado para Brenna. A moça a olhava com atenção.

—Não sei por que estou em dúvida. Quis partir desde que cheguei aqui. Valerian sabe.

Brenna assentiu compreendendo.

Maldição! Valerian poderia resultar ferido ou morto na batalha contra os dragões e ela nunca saberia. Talvez nunca o visse de novo.

—Se for ferido — disse—, cuidará dele?

Brenna assentiu novamente.

Deveria sentir-se contente por isso, mas não estava. Não queria Brenna tocando-o, nem sequer para curá-lo. O que está errado em mim? Ficar aqui será estúpido. Teria Valerian durante um tempo, certo, mas logo a daria a um de seus homens, como havia feito com as outras.

—Ir embora é o melhor — quadrou os ombros e levantou o queixo, uma



ação nervosa que fazia freqüentemente, deu-se conta. Reuniu coragem e se aproximou novamente. Sua mão começou a tremer, e a vibração passou através de seu corpo todo. *Ai, ai, ai.* Seu peito aguilhoou tão forte, que quase a dobrou no meio.

E se a mantivesse? E se a quisesse para sempre como lhe havia dito? Ficou imóvel. E se a amasse?

Seu coração se agitou com o pensamento. Eu não acredito no amor, recordou a si mesma. O amor era para pessoas como seus pais que necessitavam de uma desculpa para fazerem coisas tolas e egoístas. O amor não tinha lugar em sua vida. O amor fedia. O amor...

Seria tão agradável se viesse de Valerian.

Shaye levantou as mãos e deixou a cabeça cair entre suas palmas.

— Não estou preparada para deixá-lo — admitiu entrecortadamente.

Brenna deu tapinhas em seu ombro.

Passou as mãos sobre os olhos e deixou sair um suspiro de frustração.

— Já escutou a Kathleen. Só sou o prato da semana. Sou tão estúpida por ficar.

— Assustada?

De perdê-lo?

— Sim.

— É o momento de vencer seus medos. É hora de eu fazer o mesmo.

— Sim.

Mas se consolou com o pensamento de que não tinha que ficar para sempre. Poderia permitir-se mais alguns dias com Valerian. Poderia chegar a conhecê-lo um pouco melhor, talvez, terminar o que tinham começado em seu quarto. E se ele a tratasse mal, bom, agora sabia como encontrar o portal.

De prisioneira a hóspede disposta, pensou. Bufou com desgosto e se afastou do portal nebuloso. De repente, a dor em seu peito morreu.

— Não quero voltar para a cela — disse — E você?

— Não.

— Entretanto, não podemos entrar no palácio.

Valerian tinha pedido a ela que ficasse ali, assim ela permaneceria ali. Não queria distraí-lo, pondo-o em um perigo desnecessário. Tampouco queria ficar acidentalmente nas mãos do inimigo, o que lhes daria a vantagem.

Mas seu desejo de ajudá-lo, inclusive de protegê-lo, era forte. Ignorando que estava malditamente perto do impossível.

Suspirando, guiou Brenna através da gruta até a caverna junto à cela.

— Podemos ficar aqui.



Os guardas não as escutariam, já que a destilação da água era muito forte, e não podiam deixar as mulheres para ir procurá-las – se é que notaram que ela e Brenna se foram. Não teria Valerian uma agradável surpresa quando viesse procurá-la e não estivesse na cela? Frustrá-lo, embora ligeiramente, trouxe um sorriso a seus lábios.

Se ele sobrevivesse.

Perdeu o sorriso.

Com o tempo passando com agonizante lentidão, estudou as paredes da gruta para distrair-se. Passou seus dedos sobre as imagens.

—Bonito, não? —algo captou sua atenção e o estudo mais de perto. Quando se deu conta que as imagens contavam uma história, fez gestos a sua amiga para que se aproximasse. — Brenna, vem ver isto.

A primeira imagem mostrava um grupo de... deuses? Estavam sentados em cima de um mundo vazio, olhando para baixo. A segunda imagem mostrava um mundo cheio de monstros terríveis que se formavam de um derramamento de sangue e uma mescla de outros quatro elementos. Na terceira, as criaturas eram lançadas em uma prisão oculta. Viu um portal — o portal. Dois deles na realidade.

As imagens passaram a mostrar às criaturas adaptando-se a sua nova terra. Entretanto, a seguinte imagem mostrava um exército passando através do portal e assassinando a todos com a sua passagem.

Humanos? Eles levavam espadas e armas, uma estranha combinação de passado e presente. Talvez dois exércitos diferentes tivessem partido sobre a terra. Várias das raças de monstros se levantaram em represália e destruíram o exército inimigo.

—Aterrador — disse Brenna.

—Sim.

Atlantis era um lugar violento. Queria ficar de verdade, embora fosse por pouco tempo? O rosto de Valerian passou por sua mente, recordando-a exatamente como a tinha olhado, a ponto de entrar nela. Seus cabelos tinham caído em desordem sobre seus fortes ombros. Seus olhos tinham brilhado com desejo.

Sim, pensou, queria ficar. Apesar da violência, apesar das circunstâncias, queria ficar com Valerian.

Por pouco tempo, recordou a si mesma. Só por um tempo. Além disso, gostava da Cidade Exterior.

Com o canto dos olhos captou um grupo particular de rochas na parede do fundo.



—O que é isso? —perguntou, apontando.

Brenna enrugou a testa e se moveu aproximando-se.

Shaye seguiu o movimento a seu lado. Quanto mais se aproximavam, mais frio ficava o ar. Um tremor atravessou sua coluna vertebral. Quando chegaram, deram-se conta de que era uma abertura, uma porta. Olhou para Brenna.

—Deveríamos?

—Não tenho certeza.

Com o coração acelerado, Shaye deu um passo adiante e se encontrou de pé no precipício de outra prisão. Escutou o arrastar de pés e seus ouvidos se afinaram. A quem Valerian mantinha ali dentro?

No primeiro dia que ela entrou naquela gruta, recordou como ele tinha discutido sobre os “prisioneiros” com um de seus homens. A curiosidade a empurrou a ir mais longe e avançou lentamente pela esquina. Seus olhos se abriram. Vários guerreiros descomunais estavam dentro da cela. Não pareciam nymphs, já que careciam daquele ar de pura sexualidade. Estes guerreiros eram morenos e fortes, obviamente jovens, e todos tinham olhos dourados e brilhantes.

Um deles a descobriu e ela saltou para trás com um ofego.

—Você — disse o homem. — Deixe-nos sair daqui. Por favor.

CAPÍTULO 22

Valerian passeava no parapeito. O tamborilar rítmico dos passos do exército ressoava em seus ouvidos. Podia ver o exército dragão, de ao menos centenas deles, coroando o horizonte violeta. Que tivessem escolhido caminhar para o palácio em vez de voar em sua forma de dragão significava que não estavam superados pela raiva — ainda — e não tinham intenção de atacar — ainda.

A espera ante sua chegada era exasperante. Ele era um homem de ação. Mais que isso, era um homem ansioso para terminar a luta e voltar para sua mulher.

Cambaleou para frente, enganchando uma bota em um ramo. Sustentou-se com as mãos, apoiando-as na parede. Soltou um suspiro trêmulo. A espera tinha drenado ainda mais suas forças. O que precisava era de sexo. Com



Shaye. Seu poder não estava em seu nível excelente, e agora estava sentindo sua ausência.

— Meu Rei — disse Broderick preocupado, de repente a seu lado. — Está bem?

— Estou bem.

Endireitou-se. Não estava bem e sabia. Estava há dois dias sem sexo, sem dá prazer a si mesmo, e a debilidade desdobrava seus dedos insidiosos através dele. Estava bem o suficiente para brigar, ou isso esperava; bem o suficiente para comandar, sabia, mas por quanto tempo?

Sua lesão no braço tinha aumentado à velocidade e a intensidade de sua debilidade. Se tivesse conseguido entrar em Shaye antes, estaria completamente curado.

— Se os dragões se aproximarem uns cem metros do palácio, derrubem-nos — disse.

Broderick assentiu.

— Arqueiros — chamou. — Preparem-se.

Os homens se ajoelharam e tiraram seus arcos tensos. Esperando. Esperando. O tempo passava lentamente. Surpreendentemente, Joachim subiu ao parapeito e se aproximou de Valerian. O homem coxeava e seus traços estavam contraídos de dor, mas conseguiu manter-se em pé.

— O que está fazendo? — exigiu Valerian.

— Lutando — respondeu com força. — É uma guerra, não?

— Ainda tem que se recuperar.

— Isso não significa que deva permanecer na cama enquanto meus irmãos brigam.

Valerian observou a cara de seu primo, vendo determinação e necessidade de fazer as coisas bem. Assentiu em sinal de aprovação.

— Muito bem. Ocupe seu lugar na fila de baixo.

Joachim se virou, disposto a fazer o que lhe tinha mandado. Logo se deteve.

— Não me desculparei por desafiar você — disse secamente—, mas direi a você que respeito sua habilidade e liderança.

As palavras eram inesperadas e surpreendentes. Mas, mais que isso, foi o tom de seu primo o mais inesperado e surpreendente. Tinha falado com carinho, como se eles fossem os meninos inseparáveis que tinham sido uma vez.

— Obrigado — disse Valerian e lhe deu uma leve palmada no ombro.

Assumiu sua posição de batalha em frente ao muro, com a vista para o



campo claro que levava ao palácio. Os dragões se aproximavam mais. Suas armaduras brilhavam a luz do dia. As árvores se sacudiam detrás deles e o chão se alterava visivelmente. As coloridas pétalas flutuavam das flores.

Suas mãos se curvaram ao redor do punho da Caveira no momento em que Darius, o rei dos dragões, assumiu a posição de liderança. Ele também sustentava uma espada, uma longa e ameaçadora arma manchada de carmim por suas muitas matanças. Sim, Darius era um assassino letal, um guerreiro sem sentimentos nem consciência, por isso Valerian sabia. Um adversário digno, tinha certeza.

Os soldados dragões fizeram uma parada abrupta.

—Esperem — disse Valerian a seus homens. —Esperem até que dê o sinal — e aos dragões, disse. —Bem-vindos a minha casa, respiradores de fogo. Entenderão se não os convidar a entrar.

Darius franziu o cenho.

—Sabe muito bem que o palácio me pertence.

Valerian estalou a língua.

—Se queria ficar com ele deveria ter enviado um batalhão mais forte para protegê-lo.

—O que fez com os dragões que havia aí dentro?

—Prendi-os longe, é obvio. Serão uma poderosa ferramenta de negociação.

—Então tenho sua palavra de honra de que não os matou?

—Tem minha palavra de honra de que não matei a todos.

Darius assentiu, sua ação curta.

—Minha esposa me pediu para não massacrar toda sua raça por se atreverem a roubar o que é meu. Vou levar em conta seus desejos — por agora — se fizer duas coisas que requeiro de você.

—E quais são essas duas coisas?

—Liberte meus homens e deixe o palácio.

Valerian riu.

—Afeiçoei-me a ele. Acredito que ficarei.

—Está convidando a uma guerra, nymph.

Seus olhos se entrecerraram e esqueceu toda pretensão de humor.

—Como você, dragão.

—Sim, mas atraiu a ira dos deuses, porque não sabe o que fazer com os viajantes da superfície. Já permitiu que um macho humano entrasse em Atlantis, um humano que capturou nossa jóia do Dunamis.

Valerian deu de ombros indiferente. A jóia está melhor em mãos



humanas. Quando um Atlante a possuía se convertia em todo-poderoso e invencível.

—Sabe o que acontece quando os humanos descobrem Atlantis, Valerian? Eles contam aos outros de sua espécie e logo os exércitos humanos partem por nossa terra, tentando matar a todos nós.

—Devo estar em desacordo. Não permiti que nenhum de meus humanos voltasse à superfície, por isso são incapazes de guiar alguém até aqui. Estão muito ocupados em nossas camas — vários de seus homens riram.

—Assim outros humanos passaram? —Darius grunhiu.

—Não é o que acabo de dizer?

Os olhos do rei dragão brilharam notavelmente.

—Diga-me que os matou. Ou me diga que ao menos apagou suas memórias.

—Não fiz tal coisa. Já lhe disse isso, nós os metemos em nossas camas.

—Realmente não se preocupa com a ira dos Deuses, Valerian.

—Os Deuses se esqueceram de nós. Certamente sabe isso. Agora, terminemos com esta conversa. Estou me aborrecendo.

A fumaça saiu das fossas nasais de Darius, o primeiro sinal de que logo se transformaria em dragão.

—Deseja confrontar seu exército contra o meu, então, porque reclamarei o palácio e me encarregarei dos humanos que, de maneira imprudente, retém.

—Tente —disse Valerian com a mandíbula apertada— e o matarei eu mesmo. O portal e todos que chegaram através dele me pertencem. São meus.

Darius fez uma pausa, como se não tivesse esperado uma resposta tão contundente.

—Por que quer estar a cargo do portal tão desesperadamente? Não pode sobreviver na superfície.

Abriu a boca para dar uma resposta impertinente, mas se deteve. Por que não dizer a verdade?

—Não me importa a superfície. Preocupo-me com meu povo, minha casa — sua voz se elevou com a ferocidade de sua convicção. — Os nymphs nunca possuíram uma casa própria. Desde o começo de nossos tempos viajamos de um lugar a outro, vivendo com uma raça ou com outra, dormindo em suas camas, comendo sua comida. Fomos bons só para o prazer e a guerra. Nossas mulheres merecem um lar próprio.

—Quanto a isso... — Darius franziu os lábios em um gradual e arrogante sorriso. — Tenho suas mulheres.



A fúria crepitava queimando em seu interior.

—O que disse?

—Vinham a caminho do palácio e nós as capturamos.

—Machucaste-as?

—Não. Estão a salvo.

—Obrigado por isso — admitiu.

Mas o que Valerian queria na realidade era golpear o rei dragão até que seu sangue corresse em um rio de dor. Essas mulheres eram de sua responsabilidade.

—Sei que seus homens estão fracos sem sexo. E como tenho às nymphs fêmeas, posso adivinhar que muitos de vocês serão fáceis de destruir. Está seguro de que quer a guerra?

—Estamos bastante fortes, Darius. Disse isso a você, os habitantes da superfície ocuparam nossas camas.

Darius lançou outro grunhido, já não tão satisfeito.

—Como vamos fazer isto então, para que seja justo?

Uma luta justa vindo de um dragão? Inconcebível. Entretanto, se Darius queria jogar sujo já o haveria feito, às escondidas a noite em um ataque surpresa. Não obstante, Valerian não duvidou de que Darius tivesse um plano de ação alternativo.

—Sugiro uma batalha de habilidades com a espada.

—Muito bem. Vemo-nos no campo de batalha pela manhã?

—Por que esperar? — Valerian não queria Shaye presa mais tempo que o necessário. Queria terminar isto com a maior rapidez possível.

—Aceito — Darius sorriu como se tivesse sido seu desejo desde o começo, mostrando os dentes afiados e reluzentes. Não vestia armadura, mas não podia usá-la. Não, se quisesse se transformar em um dragão de verdade.

— O ganhador leva o palácio e tudo de seu interior.

— Aceito.

—Mas, meu Rei — disse Broderick ao seu lado, falando em voz baixa, sussurrando. — Não há...

—Não se preocupe meu amigo. Vou sobreviver.

Broderick não estava convencido.

—Ao menos vá ver Shaye. Permita que ela o chupe ou que o receba em seu corpo, mas não vá sem...

—Silêncio — levantou sua mão. Não teria sua primeira vez com Shaye para nada mais que um transa rápida com a intenção de fortalecer-se. Não, sua primeira vez seria lenta e o faria meigamente. Ela estaria louca de desejo



por ele. Mostraria a ela o lugar mais agradável de seu corpo e logo se introduziria nela. — Descerei em pouco tempo, Darius. — comunicou.

O rei dragão assentiu.

Valerian se virou aproximando-se de Broderick e dos homens que agora o rodeavam.

—Pode ser uma armadilha — Joachim apertou o punho de sua espada.

—Quando descer, podem cercar você e o matar. Isso é o que eu faria.

—Mantenha os arqueiros em seu lugar — recomendou Valerian. —Se o guerreiro dragão tentar algo assim, matem.

Broderick assentiu.

—Há algo que devo fazer antes de me reunir com os dragões.

Nenhum de seus homens disse uma palavra enquanto passava por eles. Sabiam o que era que ele ia fazer, ao menos suspeitavam. E tinham parte de razão.

Saiu do parapeito e entrou em uma sala com um canto vazio. Embora não visitasse Shaye, tampouco ia brigar contra o rei dragão sem fazer algo antes. Evocou o rosto pálido de sua companheira em sua mente, viu seus lábios entreabertos, o desejo em seus aveludados olhos castanhos. Quando se imaginou afundando em seu corpo, colocou a mão dentro da calça e envolveu seu membro. Acariciou a grossa e dura extensão de cima a baixo.

Quase podia sentir sua quente e molhada estreiteza. Quase podia ouvir seus ofegantes gemidos e ansiosos ronronos. Ele aumentaria a velocidade porque ela estaria louca de necessidade e desejaria um tamborilar forte. Seus testículos a golpeariam e inclusive isso seria excitante. Tão selvagem.

Quando a escutasse gritar seu nome no clímax, Ele rugiria o dela. Sua semente sairia dele. E com essa saída veio uma onda de força. Não era tão intensa quanto se tivesse estado com Shaye, mas era suficiente.

Limpou-se e voltou para seus homens.

—Aqui está seu escudo — disse Joachim. A mudança em sua atitude era notável e mais do que Valerian jamais poderia esperar. — A Caveira está dentro.

—Necessita de sua lança? —perguntou Shivawn.

Valerian agarrou seu escudo e deu uma olhada em Darius, que agora estava parado no centro de um semicírculo, com os dragões ladeando-o. Darius só possuía uma espada. Como já tinham brigado antes, Valerian sabia que não era a única arma do homem. Darius usaria seus dentes, suas garras e seu fogo, por isso Valerian necessitaria de todas as armas disponíveis.

—Sim — disse. —A lança. E necessitarei de um medalhão de dragão



também.

Shivawn reuniu todos os elementos e os entregou.

—Que os deuses estejam com você, meu Rei.

Valerian colocou o colar ao redor do pescoço e bateu no ombro de Shivawn.

—Finalmente tenho algo pelo que vale a pena lutar. Não deixarei que o dragão me afaste dela.

Broderick arqueou uma sobrancelha.

—Ela? Não está brigando pelo palácio?

—Eu luto por Shaye. Luto por todas nossas mulheres, nymph e humanas, que poderão ter um lar.

—A metade dos homens deveria descer com você — disse Joachim. — Nós podemos fechar o círculo com seus alados.

Assentiu.

—Excelente.

Com um grupo de nymphs partindo detrás dele, desceu pela escada da borda do muro e logo esteve na porta.

—Abra — disse, levantando o colar.

As portas instantaneamente obedeceram; o espaço entre as pedras brancas se fez cada vez maior.

Ele e seus homens saíram, sem baixar a guarda. Os dragões se mantiveram em seu lugar, grunhindo. Os nymphs grunhiram em resposta. Os olhos de Valerian se fixaram em Darius, o único dragão de olhos azuis que existia.

O rei dragão tinha um rosto severo, áspero e selvagem. De perto, Valerian podia ver a cicatriz que reduzia no rosto de Darius, cicatriz que ele mesmo tinha causado.

—Isto é divertido, na realidade — disse Valerian para ele.

Darius arqueou as sobrancelhas em uma saudação ameaçadora.

— E isso por quê?

—Você tomou uma mulher humana como companheira e agora nos repreende por fazer o mesmo.

—Você tomou uma companheira? —Darius se pôs a rir. —Suas conquistas são legendárias.

—Como o são minhas vitórias — disse com uma inclinação de orgulho de seu queixo. — Lutarei até a morte — sua morte — para manter minha mulher a salvo.

Gradualmente, a diversão do dragão se desvaneceu e começou a olhar



para Valerian com algo parecido à compreensão.

— Apesar de estarem ausentes durante muitos anos, os deuses podem não gostar de tais desafios continuamente. Ordenou-me, faz tempo, que nunca entrasse na superfície e nunca trouxesse um humano aqui — Lançou um jorro de fogo. — Temo que isso atraia sua ira sobre todos nós.

— Eu? E você?

Valerian saltou para frente, a luta tinha começado. Apontou com sua lança para o centro de Darius e apunhalou.

Darius saiu fora do caminho, soltando mais fogo na ação. Valerian rodou para longe do fogo, apenas se esquivando das chamas. O aroma de cabelo queimado enchia seu nariz. Utilizou o impulso de seu movimento para apunhalar novamente Darius.

A lança calou, golpeando somente o ar. As asas de Darius se expandiram, a extensão da espessa membrana opalescente¹⁵ deslizando para cima e para baixo. Valerian ficou em pé. Moveu-se para a direita, evitando outra explosão de fogo, então girou sobre os calcanhares e fingiu atacar. Em troca, girou a espada por trás dele e a lançou para frente do lado oposto. A ponta roçou a coxa de Darius quando ainda flutuava no ar.

Os outros dragões vaiaram, mas Darius não mostrou nenhuma reação. Simplesmente abriu a boca, desatando um terrível inferno. Valerian levantou o escudo bem a tempo, bloqueando-o. Mas o metal começou a queimar sua mão. Deu um salto e girou.

Clang. A vibração do metal contra o metal queimava o ferimento de seu braço. Movia-se com ímpeto, entretanto, e retorcendo-se, cortou o ar com sua lança forçando Darius a retroceder. Darius atacou sem dar pausa. Valerian o bloqueou e se lançou. Bloqueava. Apunhalava.

— Podemos fazer isto o dia todo, mas tenho certeza que demonstraremos novamente estar empatados — grunhiu Darius.

Valerian moveu sua lança em um ângulo para baixo com a esperança de cortar a outra coxa de Darius. Se pudesse apanhá-lo, fazendo-o depender unicamente de suas asas, Valerian teria vantagem. Mas Darius se moveu para cima e para baixo rapidamente, colocando a extensão da lança debaixo de seus pés e partindo a arma em duas.

Imediatamente Valerian deslizou A Caveira da bainha do interior de seu escudo. Avançou dois passos correndo, saltou e cortou para baixo. Desta vez, Darius não se moveu rápido o suficiente e a lâmina cortou seu braço.

¹⁵ Opalescente – da cor da opala. (Aurélio)



Uma vez mais os dragões vaiaram, e de novo Darius não mostrou nenhuma reação. Era como se fosse insensível à dor. Infelizmente, Valerian não era. Seu braço ferido latejava e suas pernas estavam cada vez mais instáveis. Se a luta não terminasse logo...

Ao longe escutou seus homens lhe dando ânimos.

— Por Shaye — gritou Broderick. — Shaye. Shaye. Shaye.

Seu belo rosto apareceu em sua mente e reuniu forças. Fortalecendo a si mesmo. Tinha sido empurrado ao limite antes. Houve vezes em que ficou sem comida e sem água, sua gente sem um lar. Podia ganhar. Talvez devesse mudar sua estratégia de batalha. Em lugar de obrigar Darius a voar, talvez devesse cortar as asas de Darius, atirando-o...

O rei dragão de repente se atirou contra ele, derrubando-o e cortando a armadura de seu peito. Sentiu o gosto da terra na boca, sentia o sangue quente gotejar e chutou para trás. Darius saiu por cima dele, levando o escudo de Valerian com ele. Valerian não se incomodou em ficar de pé desta vez. Divisou Darius pelo canto do olho e simplesmente lançou sua espada.

Apunhalou um flanco de Darius, entre seu braço e a costela.

Houve um grito coletivo dos dragões, como se não pudessem acreditar no que havia ocorrido. Houve uma ovação dos nymphs. Então Darius golpeou a espada com a sua, demonstrando que ela deslizou pelo ar, não na carne. Valerian ancorou os pés e se levantou de um salto. Ele saltou em suas costas. *Clang*. Rapidamente se virou, balançando-se de novo. *Clang*.

— Vamos fazer isto o dia todo ou vai deixar por fim o palácio? — disse Darius, seu tom um pouco vazio. Falou entre golpes.

Clang.

— Realmente prefiro matar você agora mesmo — respondeu Valerian —, se não fizer diferença para você.

— Permitirei que fique com a mulher — *clang*.

— E como nos protegeremos sem o palácio? — respirou profundamente e notou o aroma de sangue e morte que de repente carregou o ar.

— Vampiros — disse um dragão entre dentes.

A palavra ressoou entre a multidão. Uma maldição para os dragões, uma bênção para os nymphs. Ninguém brigava mais ferozmente contra os vampiros que os dragões.

Darius paralisou. Valerian fez o mesmo. Pôde ver que os vampiros se misturaram com o contingente de homens que tinha enviado para fechar a parte traseira.

— Enganou-me — grunhiu Darius. — Esta não ia ser uma luta justa,



afinal. Ateveu-se a trazer os vampiros aqui para ajudá-lo.

—Eu não pedi a eles que viessem, mas certamente não os enviarei de volta. São meus aliados. Podemos terminar esta briga aqui e agora, você e eu.

—Como se fosse acreditar que os vampiros não me atacariam quando estivesse distraído. Iremos agora, Valerian, mas não terminamos com você e os seus.

Enquanto falava, os Vampiros vestidos de negro se aproximavam. Flutuavam em lugar de caminhar e estavam lançando maldições aos dragões. Os dragões, por sua vez se transformavam em sua forma animal. Asas brotaram de suas costas, rasgando cada peça de suas roupas. As escamas consumiam sua pele, de verde e negro ameaçador. Presas cresceram em lugar dos dentes. Caudas brotavam do fim de suas costas.

Entretanto não se encontraram com os vampiros ou os nymphs. Não, perderam-se no céu movendo-se mais e mais alto, antes de desaparecer da linha de visão de Valerian.

Eles retornariam, Valerian sabia, e a luta não seria tão suave como tinha sido hoje. Não seria uma batalha entre dois homens, seria um banho de sangue entre as duas raças.

Layel, o rei dos vampiros, e seu exército fizeram uma parada abrupta no campo. Vendo que os dragões tinham desaparecido, explodiram em aclamações.

—É bom ver você outra vez, meu amigo — disse Valerian quando as ovações se acalmaram.

—Escutei que os dragões estavam partindo para você e decidi ajudar.

Valerian apertou o ombro dele.

—A última vez que vi você, estava com a rainha demônio — não tinha perdoado a essas criaturas horríveis pelo que haviam feito a seu povo. — Ainda está aliado a ela?

Layel sorriu lentamente. Tinha os cabelos brancos, embora não tão claros quanto os de Shaye. Os olhos azul gelo, fortes e de aspecto místico.

—Nunca me aliei a ela. Use-a e depois a matei.

Valerian devolveu o sorriso.

—Então você e os seus são bem-vindos lá dentro.

—Meu rei — disse uma mulher vampiro aproximando-se do lado do Layel.

Seus cabelos tinham o mesmo tom claro dos de Layel, os mesmos olhos azuis, porém seus traços eram mais suaves, excepcionalmente belos.

Normalmente Layel não permitia que suas fêmeas ficassem perto dos



nymphs.

— Alyssa — reconheceu o rei.

— Temos sua permissão para... brincar? Seu olhar estava cravado em Shivawn, e havia luxúria em seus olhos.

Ah, Valerian logo compreendeu por que permitiram ela vir. Queria Shivawn e provavelmente tinha solicitado unir-se ao exército só para vê-lo.

Layel olhou para Valerian. Valerian, é obvio, assentiu dando sua permissão. A mulher, Alyssa, sorriu sedutoramente e flutuou para Shivawn.

— Venha — disse Valerian.

Deu meia volta e se dirigiu ao palácio, pegou o medalhão do dragão debaixo de sua camisa e o manteve no alto assim o sensor da porta permitiria a entrada.

Layel seguiu seus passos, deixando os outros para trás.

— Alguma vez encontrou a Jóia de Dunamis? — perguntou Valerian. Entraram na sala principal. — Sei que está em uma cruzada para encontrá-la, embora Darius tenha me dito que um humano a possui agora.

— Infelizmente, escapou de mim. Escapou de todos nós na realidade.

— Na superfície, como disse Darius?

— Sim.

— Há alguma forma de recuperá-la?

— Temo que não.

Talvez ele pudesse viajar para a superfície e procurá-la, pensou Valerian de repente. Poderia ser a melhor maneira de proteger Shaye. Pensaria nisso depois. No momento, havia um adiamento da batalha. Estava fraco, cansado e necessitava de sua companheira.

— Broderick — chamou —, verifique se os guardas estão apostados ao redor de todo o castelo, de cima a baixo, dentro e fora.

— Meus homens podem ajudar — ofereceu Layel

— São convidados. Vocês se divertirão. Dorian, vele pela comodidade de nossos convidados.

Layel arqueou as sobrancelhas.

— Não ficará conosco?

— Não, há uma mulher a que devo ver.

Seu amigo sorriu, embora a tristeza tenha se aferrado ao lado. Tinha perdido seu amor anos atrás.

— Entendo. Vá. Siga seu caminho. Vamos ficar bem sem você.

Valerian não necessitava mais urgência. Desceu o restante das salas. Suas



mãos ardiam por Shaye. Finalmente a faria dele. Completamente.

CAPÍTULO 23

Shaye manteve suas costas pressionadas contra a parede longínqua da cela, tão afastada quanto conseguiu estar dos prisioneiros. Não queria libertá-los acidentalmente. Eles suplicaram e imploraram incessantemente, e ela tentou distrair-se compondo anti-cartões. Bem, não realmente anti. Todas suas idéias eram para uma nova, não-tão-anti coleção. Coisas como, “Eu gostaria de passar mais tempo com você”. E, “Estar com você não é tão ruim”.

—Deixe-nos sair! — disse um dos prisioneiros, cortando seus pensamentos.

Bestas, tinha os chamado uma vez Valerian. Assassinos.

Não pareciam assassinos. Pareciam homens atraentes que estavam azuis de frio. Bem, não tão homens. Pareciam um pouco mais com adolescentes.

—Tome cuidado — disse a Brenna.

—Quem são? — perguntou sua amiga, um rastro de medo em sua voz.

—Não sei exatamente.

—Por favor — suplicou o mais jovem. —Meu nome é Kendrick. Deixe-me sair. Não a machucaremos. Nunca machucáramos uma mulher. Talvez possamos nos ajudar mutuamente — se apressou a dizer. — Ajudarei você a se libertar do feitiço dos nymphs, e pode deixar-me sair. Apenas toque nas barras.

Se acreditava neles ou não era discutível. Aqueles rapazes desprezavam os nymphs. Quando Kendrick disse a palavra, fez um gesto de desprezo e absoluto aborrecimento. Por isso, ficariam ali. A segurança de Valerian vinha em primeiro lugar.

—Por que estão encarcerados? —perguntou ela.

—Porque somos dragões. Porque este é nosso palácio e os nymphs o cobiçavam para eles.

Como suspeitava. Ainda assim.

—Sinto muito, rapazes — disse ela. Sim, sentia por eles. —Não posso. De toda forma, falarei com Valerian a respeito de deixá-los livres na selva ou algo.

Eles olharam para Brenna.



Ela mordeu o lábio e negou com a cabeça.

—Não vêm? —O mais atraente do grupo agarrou as barras, olhando-as com penetrantes olhos dourados. — Estão sob o feitiço de Valerian. Combatam ou permanecerão como suas escravas por toda a eternidade.

Sob o feitiço de Valerian... quão verdadeiras eram aquelas palavras. Não tinha sido ela mesma desde que posou os olhos nele. Entretanto, era a fascinação geral do nymph ou Valerian, o homem, que ela adorava? Ela suspeitava que o último, porque nenhum dos outros homens a atraía.

—Inclusive assim. —Ela quadrou os ombros, determinada. — Deixarei vocês aqui. E me sinto muito mal por isso, mas...

—Estou vendo o quanto se sente mal — disse Kendrick secamente. — Seus olhos estão cintilando.

Pensar em ver Valerian de novo fazia isso.

—Ei. —Ela piscou ao mesmo tempo em que uma idéia lhe ocorria. — Está falando em inglês. Meu idioma.

Ele deu de ombros, como se a observação não tivesse importância.

—Nosso rei desposou uma humana.

Ela piscou de surpresa.

—Assim há mais humanos na cidade? Como...?

—Onde ela está? —escutou um homem gritar. Havia terror e fúria em sua voz.

Valerian.

Seu coração bateu rapidamente, batendo como um tolo tambor. O calor inundou suas células.

—Devo ir — disse ela aos rapazes. —Não esquecerei de vocês, prometo, e inclusive falarei com Valerian sobre isso. Vamos, Brenna.

—Shaye! —Valerian gritou, sua voz frenética. — Shaye!

—Não nos deixe — suplicou Kendrick. —Briguem contra seu encanto.

Fez um gesto com o dedo para ele e saiu correndo da cela, Brenna exatamente detrás dela. Quando emergiram entre as rochas, dobraram a esquina e caminharam diretamente para trás do portal. Ela escutou outro Shaye, este com mais pânico que antes.

—Voltarei assim que puder — Ele disse a alguém.

Ele estava a ponto de entrar no portal, ela percebeu.

—Estou aqui, Valerian. Estou aqui.

Ele se virou rapidamente para enfrentá-la, elevando uma mão automaticamente para agarrar seu braço. Puxou-a para ele e seus olhos se encontraram. Sombras de alívio apareceram em suas feições... seguidas



rapidamente de fúria. Liberou-a e cruzou os braços sobre o peito, e foi então que viu o que ele estava sustentando. Ela quase gritou. Ele estava sustentando uma laranja.

Um nó comprimiu sua garganta. Tinha a encontrado para ela. Ela tinha mencionado que queria uma, e em meio à guerra tinha encontrado uma para ela.

Seus joelhos estremeceram. Suas terminações nervosas ferviam ao mesmo tempo em que a tirava dele.

—Obrigado — disse suavemente. Ela se embebeu dele.

Seus cabelos estavam empapados de suor e os cachos em suas têmporas cobertos de areia. Linhas de sangue cobriam seu rosto e braços, e seus olhos turquesa disparavam faíscas para ela. De fúria, sim, mas também de luxúria.

Quase deixou cair a laranja ao observar o restante dele. Uma profunda navalhada marcava seu peito.

— Está ferido — disse ela estupidamente.

—Estou bem. Como escapou da cela? —A pergunta foi pronunciada em uma tranqüila voz, muito mais sinistra que se tivesse gritado. — E vejo que levou Brenna com você.

Shaye, também, assumiu uma postura de batalha. Se ele não estava preocupado pelo ferimento, ela tampouco estaria.

—Deixa-a fora disto. Saí com uma pequena coisa chamada engenho.

Ele deslizou a língua sobre os dentes.

—Quanto tempo faz que está livre?

—O suficiente para ir embora através do portal.

Sua expressão relaxou em vários graus.

—Mas não o fez.

—Mas não o fiz. —por que estavam falando? Queria sua língua sobre ela. Queria, finalmente, conhecer o lugar mais erótico em seu corpo, e queria que ele a levasse a um impressionante clímax. Duas vezes. Ela queria derramar laranja sobre sua pele e lambê-la.

Detrás dela, Dylan e Terran acompanhavam ao restante das mulheres da cela.

—Peguem esta, também. — disse Valerian gesticulando para Brenna.

—Não — disse Brenna. — Sem tocar.

—Levem-na, mas não toquem nela — concedeu Valerian.

Brenna caminhou voluntariamente para o grupo.

Kathleen olhou para Shaye e franziu o cenho.

—Acreditei que ia fugir.



— Não funcionou — disse ela, lutando contra a urgência de pendurar um pôster ao redor do pescoço de Valerian que dissesse “Meu”. Ela o encarou. — Escute. Estive conversando com os dragões... — Pressionou os lábios juntos. Talvez não tivesse sido uma boa idéia admitir isso.

As fossas nasais de Valerian de abriram.

— Coloquei você naquela cela para protegê-la. Não só fugiu, mas também visitou meus inimigos.

Shaye se estirou em toda sua altura.

— É verdade. E? Não vou tolerar ser encarcerada. Disse isso a você. Onde está meu obrigado por ficar aqui embaixo quando podia ter ido à superfície?

— Seu obrigado? Seu obrigado? — bateu com um punho na mão aberta. — Os dragões fizeram mal a você? Tocaram em você de algum modo?

— Não. E já que estamos no assunto, acredito que deveria deixá-los ir. São apenas rapazes, Valerian.

Ele deslizou uma mão por seu rosto.

— São dragões, Shaye.

— Então os devolva ao restante dos dragões.

— Esse é meu plano — disse ele, jogando os braços para o ar. — Serão excelentes ferramentas de intercâmbio.

— Bem.

— Bem — ele sacudiu a cabeça. — Embora eu goste que esteja entrando no papel de rainha, me aconselhando e distribuindo ordens, necessita urgentemente ser castigada, mulher.

Suas palavras provocavam uma erótica resposta nela. Isso não era a intenção dele, mas isso foi o que obteve. Os olhos dela se entrecerraram.

— Castigue-me, então. Vamos, pelo amor de Deus. Sabe o quanto o odeio.

Fogo instantâneo consumiu sua fúria, deixando somente luxúria candente.

— Odeia-me? De verdade?

— Mais do que posso dizer — sussurrou ela. Seu estômago se contraiu deliciosamente, agitando-se e revoando com necessidade. Era como se ele nunca tivesse parado de fazer amor com ela. Todos seus desejos retornaram com toda sua força.

Ela, a mulher que se orgulhava de permanecer distante de cada situação, não podia lutar contra o fascínio de Valerian. Ela, que encontrou conforto em uma atitude gélida e totalmente impassível, estremeceu pela sensação. Estava desesperada. Necessitada. Aberta e exposta. Havia uma vulnerabilidade dentro dela que não sabia que estava ali, uma que gritava pelo amor e o afeto



que nunca tinha recebido. De ninguém.

Exceto por aquele homem.

Lentamente, sem nunca romper o contato visual, ele cortou o espaço entre eles. Quanto mais se aproximava, mais quente se tornava o ar, afugentando qualquer rastro de frieza. Seus mamilos se endureceram dolorosamente, estendendo-se para ele, tendo saudades algum tipo de contato.

— Não me deterei, desta vez — ele advertiu. — Por nenhuma razão.

— Bem. Estamos de acordo em algo mais. — Toque-me. Não se importava que as pessoas estivesse justo do outro lado da rocha. Só importava Valerian.

— Corra — ele disse suavemente.

Ela piscou, segura de que o tinha escutado mau.

— O quê? — Ele a estava rechaçando?

— Corra. Para meu quarto. Agora.

Não havia humor em seu tom, nem a sensação de que ele tivesse terminando com ela. Em troca, projetou uma feroz luxúria que foi além de qualquer coisa que lhe houvesse mostrado antes. A respiração ficou presa em sua garganta. Afastou-se dele, seu coração saltando um batimento. A expressão dele era intensa e selvagem. Totalmente primitiva.

— Corra — repetiu. — Agora.

Agarrando a laranja, saltou para frente, correndo ao redor dele, tomando cuidado de não tocá-lo. Seus braços balançando-se a seu lado ao mesmo tempo em que ela corria escada acima. Os passos ecoavam detrás dela. Recordou o caminho para o quarto e se precipitou dobrando as esquinas. Guerreiros vagavam pelos corredores, unindo a suas companheiras de cama. Alguns não tinham chegado a um quarto e estavam fazendo sexo justamente ali no corredor.

Ofegando, ela passava por eles a grande velocidade. Graças a Deus, nenhum tentou detê-la. A intensidade de Valerian era apavorante. E excitante. E emocionante. E maravilhosa.

Quando alcançou a área externa do banheiro, aumentou a velocidade. O que era que ele ia fazer com ela quando a capturasse? Lançou-se através da cortina branca que separava as duas seções do quarto, que assobiou detrás dela. Segundo e meio depois, assobiou de novo.

Valerian. Perto, tão perto.

Ela engoliu em seco, estava para se virar e exigir que ele lhe desse uma explicação do por que não a tinha agarrado e arrastado até ali, por que não



tinha permitido que ela envolvesse suas pernas ao redor da cintura dele e sentisse cada passo que ele desse entre suas pernas, quando ele a golpeou por trás. Juntos se elevaram pelo ar. Ela gritou, jogou sua fruta. Exatamente antes que ela batesse na cama, Valerian os girou, absorvendo o impacto com seu próprio corpo.

Um de seus braços a virou se envolveu ao redor da cintura dela. O outro levantou sua camisa, despindo-a.

— Por... quê? — ofegou ela, incapaz de pronunciar outra palavra.

— Não podia esperar. — Seus seios repentinamente estavam nus. Sustentou-a sobre ele e atraiu um de seus mamilos para sua boca. Puro calor. Ela aspirou em um esforço para respirar. Em algum lugar pelo caminho, ele perdeu sua armadura peitoral. As mãos dela o acariciavam, consciente de seus ferimentos. Seus mamilos estavam enrijecidos e esfregavam suas mãos eroticamente; a argola de seu mamilo estava fria ao tato, entretanto a queimava com sua masculinidade.

Ela se sentou escarranchada sobre a cintura dele, suportando seu peso sobre os joelhos. Aqui era exatamente onde pertencia, meditou. Seus cabelos caíam ao redor de seus ombros. A adrenalina da perseguição apressou seu sangue, mesclando-se com desejo, fazendo tudo mais potente. Tudo mais apaixonado. Sentia sua pele viva com pulsações de eletricidade.

Ele desamarrou o cinturão que sustentava a calça dela em seu lugar e o desprezou, fazendo que a calça se abrisse. Fez uma pausa por um momento, olhando-a fixamente com determinação.

— Vou beijar você aqui — murmurou ele roucamente. As pontas de seus dedos riscaram um caminho passando pelo centro de sua calcinha. — Depois vou dar prazer a seu corpo da maneira que quis desde o momento em que a vi.

— Sim. — Ela amava sua linguagem rude, ficava excitada por isso. — Prazer. Faça isso.

— Nada me deterá.

— Nada. — Arqueou os quadris levemente para frente, deslizando pela dura longitude da ereção dele. Sensações de total felicidade a atravessaram e ela gemeu.

— Amará tudo o que eu fizer. — As mãos dele apertaram sua cintura. Seus olhos se fecharam, e ele mordeu o lábio inferior. — Rogará por mais.

Ela deslizou sobre ele novamente. Ambos gemeram.

— Amar. — ela prometeu. — Rogar.

Girou-a, puxando sua calça enquanto isso. Seus pés chutaram o tecido o



resto do caminho para baixo. Sua calcinha rapidamente a seguiria, entretanto, ele não teve paciência de tirá-la assim rasgou as costuras e desprezou os restos andrajosos.

Completamente nua, ela elevou uma mão entre eles e trabalhou na calça dele. Seus movimentos estavam limitados, ansiosos, desesperados, mas não obteve nenhum progresso.

— Não consigo tirá-la. — grunhiu ela. — Ajude-me a tirá-la.

Em segundos ele a tirou e ela estava no céu. Hmmm. Pele com pele.

— Suave — elogiou-a. Ele riscou um caminho ao longo de sua clavícula, depois mordiscou seu pescoço, roçando sua carne muito sensível com seus dentes.

Ela podia sentir seu pênis sobre seu ventre, tão quente como uma faixa de aço. Arqueou-se contra ele, necessitando-o dentro dela.

— Agora — disse ela.

Pressionava seus pênis contra ela. Seus dentes mordiam com mais força.

— Beijar — disse ele roucamente. Lambeu descendo por seu corpo, explorando seus seios novamente, insistindo em seu estômago, dando leves golpes em seu umbigo.

— Agarre-se à cabeceira — exigiu.

Ela estava inclinando-se, tentando enredar os dedos através de seus cabelos.

— Mas...

— Faça isso. Agarre-se à cama.

Ela obedeceu. No momento em que seus dedos se curvaram ao redor da base de marfim, sua língua deslizou sobre seu clitóris. Seus quadris dispararam para acima, e ela ofegou seu nome.

Com uma de suas mãos, ele a abriu completamente. Com a outra deslizou um dedo para dentro dela, sondando, estirando. Sua língua nunca parou de trabalhar nela. A combinação de sensações era demolidora. Outro deslizamento de sua língua. Um bombeamento de seus dedos. Logo a chupou, aumentando o ritmo. Ela gritou. Soluçou. OH, o êxtase. Suas pernas se prenderam ao redor dele. Suas mãos agarraram a cabeceira tão fortemente que seus nódulos poderiam ter se quebrado.

Seus cílios se apertaram fechando-se. Em sua mente ela o viu entre suas pernas, seus cabelos dourados caindo sobre suas coxas. Suas musculosas costas flexionando-se fortemente, ao mesmo tempo em que ele refreava sua própria necessidade.

— Valerian! Não suporto mais.



—No final da noite, terá suportado tudo o que tenho para dar a você.

—Pressione-me... dê-me... deixe-me gozar.

Ela se retorceu. No limite. Tão perto, embora não suficientemente perto. Ele deslizou outro dedo dentro dela, e era um apertado ajuste. Estirando-a. Enchendo-a. Tão. Bom. Rapidamente sua língua deslizou sobre seu clitóris, sem mostrar clemência. Não era que quisesse alguma. Isto era tudo o que tinha sonhado, tudo o que havia alguma vez necessitado sem saber que o fazia.

—Vou afundar meu membro dentro de você, Shaye. Vai separar as pernas e receber a cada polegada estendida minha.

—Sim — *OH, Deus, sim.* A idéia de seu pênis dentro dela a empurrou para o doce limite. Estremeceu ao redor de seus dedos, apertando-os fortemente. Um grito, um soluço. Luzes brancas cintilando piscavam detrás de seus olhos.

Ele repentinamente ficou sobre ela, suas pernas embaladas na curva de seus braços, abrindo-a completamente. Expondo-a completamente. Ele estava posicionado a ponto da penetrá-la.

—Uma vez que esteja dentro de você, será minha. Diga.

—Sua. Serei sua. —Não fazia sentido negar isso. Ela era dele. Agora, neste momento, ela era dele. Ela elevou uma mão e envolveu seus dedos ao redor do pescoço dele, enredando-os nos cabelos dele. Seu peito esta pressionando contra o dela e ela pôde sentir a areia fina e granulada que ainda se aferrava a ele da briga, acrescentando fricção, outra intensidade de prazer.

—Beije-me – ela suplicou.

Sua cabeça baixou e reclamou a boca dela. No momento em que suas línguas se tocaram, ele se afundou dentro dela. Sem espera. Sem deixar que ela fosse se acostumando gradualmente. Ele estava simplesmente dentro dela até o fundo. Como se não pudesse estar outro minuto sem estar ali.

Ela gritou em sua boca; ele engoliu o som. Estava tão excitada, tão escorregadia pelo desejo, tão preparada para ele, houve só uma leve dor, logo completo prazer. Ele a estirou eroticamente, enchendo-a inexoravelmente.

O beijo continuou sem parar. Ela sentiu o gosto dela mesma nos lábios dele. Sentiu o gosto dele, seu calor, a paixão. Dentro e fora sua língua sondou em sincronização com seu forte corpo. Dentro e fora. Movendo-se rapidamente, jogando ambos às estrelas.

—Não posso... ir mais... devagar — ele ofegou.

—Fantástico.

Seus testículos a golpeavam. A ponta do pênis dele golpeou o final de



seu útero, o lugar exato em que o necessitava. Ela já estava perto, pronta para explodir pela segunda vez. A tensão se enroscou em seu estômago, em seu sangue.

—Shaye! — ele rugiu. Ele bombeou dentro dela, duro, delicioso. — Minha.

Meu, ela repetiu silenciosamente. O clímax a agarrou, mais intenso que o primeiro, fazendo-a sacudir-se contra ele. Seus joelhos se apertaram contra ele, e ela elevou-se aos céus. Alto, tão alto.

Ele se uniu a ela lá. Sacudiu-se contra ela. Deu uma final e violenta investida. Seus olhos se fecharam com força. A felicidade consumia suas feições.

—Minha — grunhiu ele. — Minha.

Valerian nunca havia se sentido mais poderoso. A força irradiava dele, enchia-o, palpitava e fervia. Sempre se sentiu vigorizado depois do sexo, mas isto... Nunca como isto. E com Shaye não tinha feito sexo, pensou. Tinha feito amor. Uma união. Total e completa. Especialmente na última vez em que lamberam sua fruta favorita sobre ambos.

Minha, ele pensou de novo.

A palavra não o abandonava. Nunca se sentiu tão possessivo sobre outra pessoa. Na realidade, nunca se sentiu tão possessivo sobre nada, incluindo sua querida espada. Incluindo o palácio. Ela o conhecia como nenhuma outra mulher. Gozou como nenhuma outra mulher. Deu prazer a ele como nenhuma outra mulher. Ele era o nymph, entretanto foi ela quem o envolveu em seu sensual feitiço. Foi ela quem o escravizou.

Ela se acomodou ao lado dele, suas curvas aconchegadas contra ele. Podia sentir as suaves exalações de sua respiração. Morreria sem aquela mulher. Simplesmente pereceria. Deixaria de existir. Queria dar o mundo a ela, lhe oferecer tudo o que seu coração desejasse.

Nunca esteve mais decidido a conservar o palácio como agora. Ele não deixaria sua mulher sem lar, ficando em qualquer pocilga que pudesse conseguir para eles. Sim, conservaria aquele castelo dos dragões.

Ele manteria Shaye. Pela eternidade.

Quando retornou à masmorra, e ela não estava dentro da cela, seu coração deixou de pulsar. Pânico, terror, fúria o consumiram. Ele quase cortou Dylan e Terran em pedaços. Depois, quando viu Shaye tão relaxada e confortável como se não tivesse nenhuma preocupação, estando ao lado do portal, pelo amor dos deuses, tinha entrado em pânico de novo.



Quão perto esteve de perdê-la.

Depois ela começou a repartir ordens com valentia e sabedoria, agindo cada vez mais como a rainha que tinha que ser, e se sentiu sobressaltado de novo com amor por ela.

De algum modo, de algum jeito, ele tinha obtido o juramento dela de ficar para sempre. Nunca a deixaria ir embora.

CAPÍTULO 24

Depois de se saciar com as mulheres e escutar as histórias, Posêidon se moveu rapidamente para o próximo rio, uma correnteza de cristalina tranqüilidade. Os lírios flutuavam na superfície. Ele agora se mesclou com água, fluindo com ela, absorvendo seu frescor.

Os nymphs com certeza infringiram a lei. Ele tinha que castigá-los rapidamente, antes que aos outros viessem a fazer o mesmo. E ele sabia justamente o que fazer...

Quando alcançou uma bifurcação do rio, deteve-se. A própria água se aquietou, sem ondas, sem líquido em movimento. Só o vento silencioso acima, o chapinhar dos animais próximos. Então... a margem a sua esquerda repentinamente se encheu de guerreiros dragão, suas asas batendo enquanto aterrissavam. De todos os modos, a água não ondeou.

Posêidon os observou. Passou um bom tempo antes que suas formas de dragão se desvanecessem às humanas. Lisa, embora com cicatrizes, pele em lugar de escamas. Cabelos sedosos. Dente em lugar de presas. Sem cauda. É obvio, agora estavam nus, usando apenas medalhões de dragão e sustentando suas espadas.

Começaram a beber no rio, sua feroz conversa ecoando entre as árvores. Seus olhos encontraram Darius. O líder dos dragões falava com vários de seus homens, distribuindo ordens, sua expressão feroz.

Ele não tinha gostado de abandonar o palácio, Posêidon sabia. Seus instintos tinham sido ficar e combater aos Nymphs; A Valerian em particular. Mas Darius, recordava-se perfeitamente, era um guerreiro que sopesava as possibilidades, estudava a situação e calculava as percentagens. Ele tinha sido excedido gravemente em número e não quis que seus homens se ferissem quando um ataque surpresa podia trabalhar a seu favor, igualando as



possibilidades.

Era um homem perspicaz e exatamente quem Posêidon necessitava.

Venha a mim, ordenou a Darius, sua voz transportada pelo vento.

Darius fez uma pausa e ficou rígido. Seus olhos procuraram na área arborizada e circundante, sobre o rio cristalino, não viram nada e retornaram aos seus homens. Seus ombros permaneceram firmes, sua postura ereta e sua mão agarrando com força o punho de sua espada.

Venha, disse Posêidon outra vez.

A atenção de Darius passou rapidamente para o rio pela segunda vez. Seus olhos se estreitaram. Posêidon sabia que a água provia só um reflexo de sua imagem de deus, um brilho de luz na penumbra da tarde. Ainda assim, desta vez Darius obedeceu, caminhando rapidamente para a borda do rio. Os homens com quem ele esteve falando tinham os olhos confusos.

—Ocorreu algo? —perguntou um corpulento e gigantesco loiro.

—Descanse um pouco, Brand — respondeu o rei dragão sem olhar para trás. Quando ficou só, disse: — Chamou, deus da água?

A completa irreverência em seu tom incomodou ao deus.

—Conhece-me, então.

—Sei sobre você.

A mandíbula de Posêidon se apertou com força, causando uma onda na água.

—Então sabe as conseqüências de falar assim comigo. Conhece os sofrimentos que posso causar.

Darius lhe concedeu uma curta inclinação de cabeça.

Não a reverência de adoração que Posêidon preferia, mas servia.

—Soube de algumas coisas desde a minha volta, Darius, coisas que não me agradaram. Por isso, tenho várias tarefas a pedir a você.

Um músculo pulsou debaixo de seus olhos.

—Então estou a suas ordens, é óbvio.

—Bem. Desejo que você retorne ao palácio.

Houve uma pausa.

—Esse não é meu plano.

—Não, você deseja congrega mais homens. Isso levará tempo, e quero que minha vontade seja obedecida agora. Neste momento.

Darius permaneceu firme.

—Isso porá as vidas dos dragões em um perigo desnecessário, e não posso permitir isso.

—Não haverá perigo para você e os seus se você entrar furtivamente.



—Realmente planejo entrar sigilosamente. Mas haverá perigo se não tiver homens suficientes para tomar o palácio quanto estivermos em seu interior.

Posêidon sorriu lentamente.

—Não se for capaz de destruir a metade das forças nymphs e vampiro antes que você sequer alcance os vestíbulos do palácio.

As sobrancelhas de Darius se arquearam, e o interesse faiscou em seus olhos azuis.

—Diga-me como isso é possível.

—Há um vestibulo, uma entrada secreta debaixo do portal.

—Onde exatamente? —soou distante, como se ele já o estivesse transpassando em sua mente.

—Não se preocupe. Mostrarei isso a você uma vez que consiga chegar. Você se moverá furtivamente no interior e devolverá às mulheres humanas à superfície, suas lembranças apagadas por completo.

—Feito.

—Uma vez que sejam devolvidas, destruirá os nymphs. Eles ficarão fracos sem suas mulheres e mais fácil de vencer. Cada um deles deve morrer por se atrever a entrar no mundo da superfície. Não são guardiões, o que quer dizer que desobedeceram à lei.

Um músculo se apertou com força na mandíbula de Darius.

—Sem dúvida alguma não quer dizer todos eles.

—A todos.

—Varões e fêmeas?

—Todos. Você fez manobras semelhantes antes. Não deveria ser um problema para você, Guardião. Se pensar em se recusar, devolverei sua esposa à superfície. Você a conseguiu ali, ou não?

Uma chama de fúria iluminou o rosto de Darius, revelando o aniquilador desumano que ele uma vez foi.

—Não permitirei que Grace seja tomada. Ela é minha, uma filha de Atlântida agora, grávida de meu filho.

—Sim, sei — disse Posêidon secamente. —A criança é a única razão pela qual permito que você a conserve. Você, Guardião, nunca deveria ter trazido ela de volta aqui em primeiro lugar.

—Estou agradecido que finalmente tenha decidido se interessar por sua gente, grande Deus — disse Darius, seu tom igualmente seco.

—É este sarcasmo é algo que adquiriu de sua noiva? — Posêidon não gostou disso. —Cuidado com o que diz, ou alimentarei aos vampiros. Se



tivesse o desejo de me divertir em outro lugar durante um tempinho, esse seria meu direito. Agora vá — disse. —Retorne ao palácio. Estarei lá esperando, e indicarei a você o caminho para o interior.

—Antes que vá — disse Darius, a irreverência ainda cintilando em seus olhos—, talvez pudesse nos dá roupas de presente.

—Será um prazer. —Como um castigo leve pela rabugice de Darius hoje, Posêidon soprou seu fôlego no exército dragão, orvalhando-os com uma névoa fina de maré e deixando-os vestidos com xales de mulher.

Os sussurros de assombro soaram em seus ouvidos um longo tempo depois que ele os deixou.

Brenna retorcia as mãos. Estava no fim do refeitório, observando Shivawn, esperando que ele a notasse. Tinha sido escoltada por ele depois de deixar a caverna. Ele estava falando acaloradamente com uma fêmea que Brenna não tinha visto antes, uma beldade de cabelos brancos que acariciava com a ponta do dedo descendo por seu peito.

Brenna observou a interação com apenas o mais leve indício de... ciúmes? Não tinha certeza. Essa era uma emoção que não tinha sentido há anos. O que fosse a emoção, ela suspeitava que vinha de não saber o que ocorreria a ela se Shivawn encontrasse outra mulher. Seria entregue a alguém mais? Joachim, possivelmente?

Outra pergunta se arrastou por sua mente. Estaria com ciúmes se fosse Joachim quem estivesse falando tão calorosamente com outra mulher? Temia a resposta.

Só pensar no homem a fazia tremer. Não. Não, não, não. Podia ser Shivawn fazendo-a tremer, ela racionalizou. Ele era a segurança, enquanto Joachim era tudo o que ela temia: Controlador, dominante e violento. Assim por que tinha que desejá-lo? Por que não podia simplesmente querer ao Shivawn?

Ela suspirou. Enquanto ficou com o olhar perdido no portal, a ponto de voltar para casa, viu-se golpeada por uma compressão assombrosamente aterrorizante. Queria deixar o passado no passado e abraçar seu novo futuro. Abraçando-o, finalmente poderia conhecer a alegria e a satisfação verdadeira. Abraçando-o, finalmente poderia viver.

Foi nesse momento que decidiu deitar-se com Shivawn. Mas então a imagem de Joachim abriu caminho dentro de sua mente, e bom, agora estava indecisa. Ela ia ter uma relação: Sexual, emocional, íntima. Mas a que homem escolheria? A vida com Shivawn seria doce e sensível. A vida com Joachim



seria turbulenta e excitante.

Enquanto estava ali debatendo consigo mesma, a cabeça de Shivawn se moveu de um puxão para um lado. Ele grunhiu algo para a mulher agora com o cenho franzido, e seus olhos encontraram os de Brenna. Deteve-se no meio da frase e caminhou rapidamente para ela. Não falou uma palavra, só pegou a mão dela e a puxou tirando-a da sala.

Seu sangue aqueceu ao pensar em ficar com ele, de ir a seu quarto e arrastar as mãos por seu corpo todo, de sentir suas mãos nela. Seus mamilos inclusive se enrijecerão... até que compreendeu que ainda não era o rosto de Shivawn a que ela viu em sua mente.

Um momento mais tarde percebeu que não iam em direção ao quarto dele.

—Onde? —perguntou a Shivawn. As paredes que rodeavam seu quarto estavam em um estado diferente de restauração que as dali. Estas eram... a compreensão a golpeou antes que ele dissesse uma só palavra, e seus olhos se arregalaram. O quarto de Joachim. Iam para o quarto de Joachim. Ela soube por que por curiosidade o tinha procurado e encontrado mais cedo. As ameaçadoras armas penduravam nas paredes, um aviso patente do por que não poderia querer um homem como ele. Seu estômago se retorceu com uma mescla de apreensão e antecipação.

—Joachim está bem?

—Ele está bem.

Isso queria dizer... o quê? Chegaram à cortina um momento mais tarde. Shivawn não fez uma pausa, nem se anunciou, só caminhou rapidamente para o outro lado da barreira de tecido. Soltou sua mão e caminhou para uma mesa de apoio. Manteve-se de costas para ela e serviu uma bebida para si mesmo. Bebeu-a.

A primeira coisa que ela notou no quarto foi que as armas se foram. Nenhuma espada pendurava na parede. Por que teriam sido removidas?

Seu olhar detectou Joachim. Estava sentado sobre a cama, suas pernas sobre um lado, seus cotovelos descansando sobre os joelhos. Seu olhar a devorou.

—Brenna — disse, seu nome em uma carícia sensual.

Instantaneamente seu sangue se esquentou outro grau. Seus mamilos se enrijeceram ainda mais. A necessidade se acumulou entre suas pernas. Com apenas uma palavra, ele a deixou bem disposta. Iriam fazê-la escolher, compreendeu. A última vez tinha fugido disto, de seus sentimentos. Endireitou os ombros. Não desta vez. As outras mulheres no palácio estavam



bem satisfeitas. Nunca paravam de sorrir, nunca experimentavam um só temor. Infelizmente queria ser uma delas. Era uma delas.

Não, não fugiria mais. Mas poderia arriscar a segurança que tinha certeza que encontraria em Shivawn pela paixão que com certeza encontraria em Joachim? Não havia viagem de volta uma vez houvesse feito sua escolha. Eram muito possessivos, cada um estava muito decidido a ser “o único”.

Shivawn não desperdiçou mais tempo.

—Já me fez esperar tempo suficiente. Estive esperando mais do que o necessário. Termine a agonia e me dê uma oportunidade, Brenna — disse, outra vez ao seu lado. Segurou gentilmente os seus ombros e a virou para que ficasse de frente com ele. —Nunca deixarei que outro homem a machuque. Cuidarei de você, darei prazer a você, farei você tão feliz que esquecerá que alguma vez esteve triste.

Ela mordeu os lábios.

Ele adicionou:

—O homem nessa cama nunca será amável ou gentil ou qualquer coisa que suspeito que você necessite. — virou-a outra vez, desta vez a pondo de cara com Joachim.

Seus olhos se encontraram com os de Joachim outra vez, e seu estômago estremeceu.

—Olhe para ele — disse Shivawn. — Até mesmo agora, há uma ferocidade sobre ele que você não pode negar. Nunca poderá controlar seu temperamento. Ele nunca poderá destruir os demônios que a mortificam.

As palavras de Shivawn eram — supunha — para confortá-la, para assegurar a ela que escolher a segurança sobre a paixão era a decisão correta. Mas não o fizeram. Porque não havia guerreiro mais forte que Joachim. Tinha temperamento e aparência selvagem. Com tudo isso, se alguém podia brigar e destruir os demônios do passado, era ele. Ele era tão vital.

Joachim não pronunciou um som. Ele simplesmente puxou quatro tiras de tecido de debaixo do travesseiro. Dobrou-as sobre os joelhos.

—Para que são? —Exigiu Shivawn.

—Amarre-me à cama, Brenna — disse Joachim.

Ela baixou os olhos para o material com perplexidade... e desejo.

—O quê?

—Amarre-me à cama.

Seus olhos retornaram velozmente à cara de Joachim. Sua expressão era dura, resolvida e excitada. Tão excitada. O calor resplandeceu em seus olhos azuis, queimando-a por dentro e por fora.



— Por quê? Não entendo.

— Não vou dizer a você que se odiará mais tarde se escolher Shivawn. Provavelmente poderia ser feliz com ele, e sempre se sentiria segura. Mas ele não pode encher o vazio dentro de você e dar a você a vida que sei que você sonhou ter. Eu posso. Tudo o que tem que fazer é acreditar que nunca a machucarei. Nunca. Morreria primeiro. Farei o que for necessário para provar isso.

— Joachim — grunhiu Shivawn.

— Amarre-me à cama, e estará no comando de tudo o que ocorra — explicou Joachim. Um músculo palpitou debaixo de seus olhos. — Dou a você completo... poder sobre mim. Você precisa recuperar seu sentido de controle, assim vou ajudar você.

Ele falava de escravidão. Sobre sexo. Seu olhar selvagem disparou entre os dois homens.

— Shi... Shivawn? — O que ele tinha a dizer sobre isto?

Foi ele que permaneceu em silêncio desta vez. Estava rígido e irradiava fúria. Já tinha admitido isso para si mesma. Ninguém poderia lhe dar mais paixão que Joachim. Tinha admitido isso, também, mas ela tinha temido isso. Tinha temido a ele. E assim se esmerou em inclinar-se pelo Shivawn. Inclusive poderia ter se convencido disso. Por algum tempo. Eventualmente, teria se dado conta da verdade.

Todo o tempo, foi Joachim a quem desejou. Ela simplesmente não tinha querido querê-lo. Ele estava arriscando-se com ela com sua iniciativa para ser amarrado. Não poderia fazer menos por ele. Já não vou mais temer.

Com os olhos cheios de lágrimas, olhou para Shivawn. Ele era tão doce, tão amável e tão generoso. Mas enquanto ela o olhava, compreendeu que ele era exatamente o que ela já não necessitava. Um guarda-costas. Agora podia cuidar-se sozinha. Esteve naquele palácio por dias inteiros e não tinha sido machucada. Enfrentou os guerreiros e não tinha sido atacada.

— Pode se afastar de nós, de ambos — disse Joachim, sua voz rouca. — Não a deteremos.

Corra, e permaneça trancada a salvo em seu pequeno mundo. Sem sentimentos. Sem dor. Sem prazer. Nunca fugirei outra vez.

— Sinto muito, Shivawn — disse, o queixo tremendo. — Queria que fosse você. Fiz isso. Mas...

— Pare. Por favor. Apenas pare. — Estudou-a por muito tempo, a mandíbula apertada. Então ele lentamente se virou para Joachim. — É sua. Renuncio a toda reclamação por ela.



—Obrigado — disse Joachim rigidamente.

Shivawn lançou um último olhar, assentiu, e saiu rapidamente do quarto, deixando-a só com Joachim. Brenna engoliu saliva. Reunindo sua coragem, o enfrentou.

Seu homem.

O medo nunca regeria sua vida outra vez.

Ela o escolheu, e só lamentava que tivesse necessitado muito tempo para dar-se conta da profundidade da honra daquele homem. Ele confiava nela para amarrá-lo. Ela confiava que ele não a machucaria.

Preparada para finalmente seguir adiante com sua vida, adiantou-se. Seu coração se apressou erraticamente, mas não se deteve até que ficou em frente dele. Joachim permanecia, segurando as tiras nos punhos.

Seu olhar fixo era duro, implacável.

—Seu assaltante usou as mãos ou uma arma? Se usou uma arma, quero que use o mesmo em mim.

No princípio, ela não respondeu, não deixaria à lembrança intrometer-se naquele momento precioso.

—Só as mãos — ela conseguiu dizer com a respiração trêmula.

Ele assentiu e deu as ataduras a ela. Lentamente, muito lentamente, Joachim desabotoou a calça e a empurrou por seus quadris. Caiu em um atoleiro no chão e ela recebeu um vislumbre de um grande e excitado varão.

—Vem aqui — ordenou ele, deitando-se sobre a cama. — Amarre-me.

Suas mãos tremiam enquanto amarravam os pulsos dele nos postes, e depois os tornozelos. Então parou ao lado da cama, baixando os olhos para ele. Semelhante magnificência, sua para controlar.

Joachim não pronunciou uma palavra, mas a observou fixamente. Seus joelhos quase se dobraram porque ela sabia o que ele esperava, o que ele queria. Era sua vez de despir-se.

Depois do ataque, ela tinha deixado de trabalhar fora e tinha tentado tornar-se tão pouco atraente quanto fosse possível. Joachim acharia seu corpo indesejável?

Ela estendeu para cima os dedos trêmulos e desamarrou as alças dos ombros de sua túnica, revelando os seios. Continuou observando Joachim, medindo sua reação. Não havia decepção em seus olhos. Só desejo. Ela perdeu um pouco de sua incerteza. Deliciosos impactos estalaram sobre sua pele enquanto o olhar sobre ela a acariciava, as janelas de seu nariz flamejando de excitação.

—É bela, Brenna.



Quando sua túnica foi completamente solta, caiu de seu corpo e se uniu a calça de Joachim no chão. Finalmente ela estava nua, como ele. Sua face se aqueceu enquanto os olhos de Joachim se arrastavam sobre ela outra vez. Há algum tempo, pensar em unir-se a um homem em uma cama a teria paralisado. Desta vez, seus hormônios estavam muito ocupados regozijando-se.

—Feche os olhos — disse ele.

Ela não pensou em discutir.

—Imagine-me atrás de você. Imagine minhas mãos acariciando seus ombros e apalpando seus seios. Imagine-me rodando seus mamilos entre meus dedos.

Sim. Sim! Ela o viu em sua mente, justo como antes, só que desta vez a imagem era mais clara. Sua cabeça caía de novo sobre seu ombro, seus cabelos fazendo cócegas em ambos. Seus dedos podiam tocar cada centímetro dela.

A fantasia era quase tão boa quanto à coisa real. Quase. Mas pensar nisso a deixou insuportavelmente molhada.

—Quero lamber você — disse Joachim.

—Sim — disse ela respirando com dificuldade.

Subiu na cama sem titubear. Logo montou escarranchada sobre Joachim, seus joelhos em sua cintura, sua ereção entre suas pernas, tocando-a intimamente, mas sem entrar nela. Ela gemeu em decadência absoluta.

—Incline-se para frente — urgiu Joachim grosseiramente.

Podia estar amarrado, mas ainda era um guerreiro. Pela primeira vez, uma pequena semente de medo germinou. Está a salvo. Está protegida. Ela engatinhou para cima dele até que seus seios ficaram posados sobre a boca que os esperava. Seus cachos negros os rodearam como uma cortina enquanto ele os sugava ansiosamente, dissolvendo seu medo, enchendo-a de prazer. Conectar-se com sua quente, cálida boca não foi como nada que alguma vez tivesse experimentado. Sua boca possuía volts de eletricidade, e esses volts lancearam dentro de seu corpo.

Ela gemeu, um som partido e áspero.

Enquanto Joachim a chupava, ela continuou imaginando. Se suas mãos estivessem livres, ele as teria arrastado sobre suas costas, sobre as cordilheiras de sua coluna vertebral. Sobre a curva de seu traseiro. Sim, sim! Ela viu como aconteceria, de algum jeito o sentiu. Suas mãos irreais a tocavam em todas as partes, sua boca as seguiu, sua língua irrereal lavando sua pele. Ela não pôde evitar. Retorceu-se contra o pênis de Joachim sem uma penetração real. Estava tão molhada, deslizou de cima a baixo com facilidade.



— Tem o gosto do céu — disse Joachim.

Em sua mente, as mãos de Joachim a rodeavam e rogavam que ela se endireitasse, então seus dedos afundavam-se em seus pêlos púbicos e em seu úmido centro, quente. Deu outro gemido de prazer absoluto.

Por que o havia amarrado? Meditou ela.

Ele chupou seu mamilo com deliciosa força.

— Sim — ofegou ela, incapaz de dizer algo mais. — Sim.

Sua cabeça caiu para trás outra vez.

— Quer que lamba entre suas pernas?

— Sim — não tentou negar ou se fingir de tímida. Queria a boca de Joachim ali. Queria-a ferozmente. Teria matado por isso.

— Venha aqui — disse Joachim. O suor salpicava sua pele. Sua mandíbula estava tensa.

Ela se moveu para frente até que se equilibrou sobre o corpo de Joachim, a cúpula de suas coxas a meros centímetros de seu rosto.

— Mais para baixo — ordenou em um rude grunhido.

— Joachim — disse, baixando até ele e no instante seguinte ele a amava com seu rosto, sua língua, seus lábios, seus dentes. Ele os utilizou. Ela gritou ante a sensação intensa, o prazer viciante. Seus quadris se retorceram de trás para frente.

— Goze, Brenna. Goze para mim — disse Joachim, e ela obedeceu. Seu prazer explodiu. Gozou. Todo seu corpo tremeu e tremeu por seu clímax, propulsando-a até as Portas do Paraíso. Joachim bebeu dela até que ela pensou que não poderia tomar mais.

— Tome-me — disse ele. — Coloque-me dentro de você.

Com as pernas tremendo, ela cavalcou a cintura de Joachim sem titubear. Levantou-se, colocou o pênis de Joachim em sua entrada e se baixou sobre ele, tomando-o até o punho. Era grande, e tinha passado tanto tempo. Ele a estirou, mas foi um estiramento maravilhoso. Fê-la sentir-se viva.

Joachim rugiu.

Ela ofegou seu nome repetidas vezes.

— Joachim. — Não o podia dizer o bastante. Estava em sua cabeça, marcado em cada célula de seu corpo. — Joachim.

Ela estava a salvo. Estava saciada e logo encontraria outra vez a liberação. Suas terminações nervosas já faiscavam com renovada vida.

Ela ancorou as mãos no peito de Joachim. Seus rostos estavam a centímetros um do outro, seus fôlegos uma parte dela e uma parte dele.

— Beije-me — disse ele.



Sua boca encaixou contra a de Joachim. Ela ofegou de prazer e ele engoliu o som. Duro, quente, suave, rápido, devagar, sua língua disputou com a dela enquanto ela o montava. Era felicidade pura. Total arrebo. O beijo se tornou selvagem, e por sua vez, as carícias se tornaram selvagens. Seus dentes se chocaram com os dele; Seu corpo golpeando ruidosamente de cima a baixo. Ela ronronou, gemeu, ofegou algo mais.

— Assim — elogiou Joachim. — Toma-o todo.

— Sim.

— Sem mais medo — disse Joachim.

— Não mais — ofegou ela.

— Goza para mim, doce. — Joachim mordeu sua clavícula. Ele lutou contra as ataduras. — Mostre-me o quanto você gosta de me ter dentro de você.

Não houve freio nesse momento, nem prolongamento do prazer. Ela gozou pela segunda vez. O orgasmo foi tão intenso que uma teia negra nublou sua visão. Estava morrendo lentamente, rapidamente, incapaz de respirar, ainda tão viva que poderia ter ficado exatamente onde estava para sempre.

— Joachim — gritou, e daquela vez não se importou de que sua voz soasse partida.

— Brenna. — Joachim rugiu forte e longamente e se levantou, afundando-se profundamente, mais profundamente do que ela alguma vez pensou ser possível.

Ela paralisou em cima de seu peito.

— Obrigado — ofegou ela. — Obrigado.

— Desamarre-me — ordenou asperamente.

A ela não pensou em negar-se. Cegamente se estirou e tirou as ataduras. Seus braços instantaneamente se envolveram ao redor dela, puxando-a para perto e abraçando-a com força. Acariciando-a muito.

— Não mais medo — disse ele outra vez.

— Já não mais — concordou ela. Concordaria com qualquer coisa que ele dissesse justo então. Case-se com ele — Sim. Seja sua escrava—é obvio. Seu calor a rodeou, envolveu-a, chamou-a.

— Minha. — disse ele.

— Sua. — respirou ela. — Do Joachim. — Seus olhos se fecharam, suas pálpebras tornando-se mais pesadas e mais pesadas a cada segundo que passava. O sono a chamou, um sono tranquilo que ela tinha necessitado por tanto tempo, mas que tinha dado muito medo de agarrar. — Não me deixe ir.



—Nunca.

Então o esquecimento a reclamou. Ela estava sorrindo.

Shivawn permaneceu no vestíbulo por muito tempo. Ele desejou que Brenna o tivesse escolhido, mas foi por Joachim que seus olhos se enfraqueceram. Joachim a quem ela provavelmente quis todo o tempo. Estava zangado, tão, mas tão zangado. Era bela, era apaixonada, tinha bom coração. Mas não era dele. Agora sabia. Não importava quanto prazer Shivawn pudesse ter dado a ela, não importava o quanto ele poderia fazê-la sentir-se segura, ela sempre teria querido Joachim.

Os dois eram companheiros, agora estava claro.

E assim ele terminou sozinho.

Talvez um dia ele encontrasse uma mulher que o amasse assim. Que o quisesse acima de todos os outros.

Piscou quando percebeu que Alyssa tinha entrado no vestíbulo e agora estava à distância de alguns metros dele. Olhou-a carrancudo.

Franziu o cenho para ele.

—Cheira a humana — disse ela categoricamente. —Esteve com uma? Ela é sua companheira?

—Acaso isso é seu assunto? —Ele entrou em marcha rapidamente.

Ela o seguiu adaptando-se, caminhado ao lado dele.

—É?

—Não — respondeu bruscamente.

—Eu disse que me ocuparia de suas necessidades — respondeu ela bruscamente de volta. — Deveria ter vindo a mim.

—E eu lhe disse não. —Alyssa era bela, e Shivawn ainda sentia nele mesmo uma agitação por uma provada dela, mas não a tocaria. Ele não tinha o amor de Valerian pelos vampiros.

Os vampiros sobreviviam com sangue e algumas vezes tomavam mais da que deveriam. Ele tinha caído no engano de deitar-se com uma vampira só uma vez e quase morreu por isso. Nunca mais, tinha jurado. Alyssa sabia, mas sempre o procurava quando devia fazer uma visita.

—Adeus, Alyssa — disse, e se afastou rapidamente dela.

Ela não ficou contente por ficar para trás desta vez. Apressou-se atrás dele, inclusive saltou na frente dele. Seus olhos resplandeceram.

—Sempre soube que o teria um dia, Shivawn, e decidi que hoje é esse dia.

Seus lábios se chocaram contra os dele, forçando sua língua dentro da



sua boca. Seu sabor enchendo-o. Não com sabor de sangue e morte, e sim de mulher. Shivawn se encontrou correspondendo. Ele estava indignado consigo mesmo, mas talvez, só talvez, pudesse ajudá-lo a esquecer sua solidão.

—Uma noite — grunhiu ele. —Isso é tudo o que darei a você.

O triunfo resplandeceu em seus olhos, e seus vermelhos, vermelhos lábios se curvaram em um sorriso sensual.

—Isso é tudo o que peço.

CAPÍTULO 25

Shaye se acomodou na borda da banheira. Água quente e vaporosa banhava sua sensibilizada pele. A essência de orquídeas encheu o cômodo, perfumando docemente o ar do ardente ambiente. Ela inalou profundamente. Tinha o corpo dolorido, mas o espírito fortalecido.

Valerian estava sentado atrás dela, massageando seus ombros. Os dedos mágicos trabalhavam habilmente os músculos. Sabia exatamente onde esfregar, ajustando a pressão aplicada para aumentar o prazer. Sua cabeça se inclinou para trás, descansando no ombro dele. O vapor cobria a pele de ambos, enquanto o fôlego dele esfriava o brilhante líquido.

—Obrigado por me dar de presente sua virgindade — comentou.

—De nada.

Sinceramente. Nunca tinha desfrutado tanto. Nunca pensou que ia ser tão feliz ao perder completamente o controle e o sentido de sua fria fachada.

Naquelas prazenteiras horas que passaram juntos, percebeu algumas coisas. Tinha dado a Valerian mais que seu corpo; tinha dado partes dela mesma, exatamente como temia. Não tinha intenção, tinha tentado proteger-se contra isso, entretanto tinha sido incapaz de fazê-lo de outro modo. Mas estava se saindo bem.

Ele era um nymph, e os nymphs gostavam de sexo, e muito, mas seria a única a quem procuraria. Ia confiar nele. Não ia amá-lo, assegurou a si mesma, recusando-se ainda a experimentar a emoção. Mas sim confiar.

Seria duro, sem dúvida, mas mantê-lo em sua vida era algo para o que se sentia preparada a tentar.

—Seus ferimentos sararam — disse sem se virar para ele. Tinha notado quando entraram no banheiro.



— Sim.

— Alegro-me.

— Eu também.

— Agora tem forças para me dizer o lugar secreto do corpo de uma mulher — apontou. — O lugar que leva ao prazer máximo.

— Mmm, bem. Direi isso a você por um beijo — fuçou o lateral de sua face.

Ah, ela amava sua negociação.

— Beijarei você se me disser o que quero saber — respondeu roucamente, esfregando-se contra a ereção que pressionava a parte baixa de suas costas.

Ele gemeu em uma pausa.

— Amo quando se move dessa maneira. Segue fazendo isso, e direi a você todos os meus profundos e escuros segredos.

Ela se moveu para cima e para baixo. As mãos se esticaram sobre sua cintura.

— Feche os olhos — ordenou a ela suavemente.

Fizeram amor há apenas uma hora atrás, mas parecia que tinha sido há uma eternidade. Necessitava dele dentro dela de novo. Viciante... isso é o que era.

— Shaye — pediu. - Feche. Seus. Olhos.

Suas pálpebras se agitaram fechando-se. A escuridão cobriu sua mente. As mãos dele deslizaram por seus ombros, acariciaram seu pescoço, e logo caíram sobre os seios, amassando-os.

— Imagine o que estou fazendo a você.

— Acreditei...

— Faça isso.

Ela fez o que ele pediu, imaginou. Em sua mente podia ver a amplitude daquelas mãos cobrindo os pálidos montículos dos seus seios. Os mamilos, rosados e perolados, ficando eretos através da abertura dos dedos. O prazer se enroscou atravessando-a, quente e necessitado. Aparentemente inextinguível.

Sem se manifestar abriu as pernas, rogando silenciosamente atenção. Um só toque, um beliscão, algo. Qualquer coisa. Desejava-o, OH, desejava.

Uma das mãos de Valerian desceu por seu estômago. Sentiu-a, sim, exatamente como tinha desejado, mas mais do que tinha visto em sua mente. Outra imagem deles. Valerian detrás dela, desta vez com as mãos entre suas pernas, afastando as dobras molhadas. Mas não a tocou onde mais o necessitava. Não ainda. Permaneceu quieto, a milímetros de sua entrada.

— O que vê? — a voz soava tensa, como se requeresse toda sua vontade



permanecer imóvel.

— A você. A mim.

— Vê-me lambendo-a aqui, ou deslizando os dedos em seu interior?

— Dedos — ela conseguiu responder.

— Estão se movendo lentamente, saboreando, ou bombeando dentro e fora?

Ao mesmo tempo em que falava, ela imaginava. De novo se viu, incapaz de deter a inundação de imagens. Entretanto não se movia, não fazia o que ela necessitava. Seus quadris se moveram para frente, procurando. Para trás, procurando. Voltou para frente. Retorcendo-se e arqueando-se.

— Toque-me, Valerian. Por favor.

— Diga-me, o que vê? Lento ou rápido?

— Rápido. Duro — a água salpicou pela borda da banheira. — Tão duro.

Beliscou seus mamilos, e uma lança de desejo a golpeou diretamente entre as pernas. Gritou ante a assombrosa tortura.

— Shaye. Lua. Sua mente mostra a você as coisas que seu corpo necessita antes que realmente saiba que as necessita.

Não fale mais, queria que se calasse. Faça amor comigo.

— Não compreendo.

— O lugar mais erótico do corpo de uma mulher é sua mente. Dando-lhe as imagens corretas, um homem pode incrementar o prazer cem vezes — mordeu sua orelha. — Incline-se para frente para mim, lua.

Fez, e inclusive isso serviu como estimulante. A água acariciou seu clitóris, fazendo-a estremecer.

— Agarre-se a borda — suplicou Valerian.

Inclinando-se para frente alguns centímetros a mais, curvou as mãos sobre a borda. Os seios e quadris estavam fora da água agora, e Valerian conseguiu uma visão completa dela por detrás.

Passou um longo tempo em silêncio. Permaneceu onde estava, antecipando o primeiro toque. Os cabelos úmidos se derramaram pelas costas e ombros. Algumas mechas tocavam a superfície da água. Quando a tocaria? Necessitava que a tocasse.

— Valerian?

— É magnífica — disse com a voz carregada de admiração. Traçou a tatuagem sobre a parte baixa de suas costas.

Um calafrio a atravessou.

— Eu gosto disto — seguiu. — Uma caveira com um lindo laço encima. É uma marca que diz que é ambos, guerreiro e mulher — roçou com os lábios a



tatuagem, percorrendo-a com a cálida umidade da língua. Subiu beijando a coluna e roçou atrás do pescoço, afastando os cabelos para um lado para chegar a ela.

—A primeira vez que o vi — confessou—, acreditei que era um deus saindo do mar.

—E eu acreditei que era a coisa que mais necessitava em minha vida.

Essas palavras atuaram como uma embriagadora carícia. Lambeu os lábios, depois os mordeu por dentro para sossegar um alto e longo grito de prazer quando seu membro a pressionou, abrindo-a.

—Tão apertada — ele elogiou.

—Mais.

Introduziu mais alguns centímetros.

—É tudo o que quer?

—Mais.

Outros centímetros. Não era suficiente.

—E agora?

—Mais, mais, mais.

Penetrou-a completamente. Ela ofegou. Ele gemeu. Mas não se moveu, só deixou a ambos no limite.

—Conhece o lugar mais erótico do corpo de um homem, lua?

Nesse momento ela era incapaz de falar. Necessitava dele com muita ferocidade. A dor estava consumindo tudo. Queimando. Sim, queimou-se de maneira abrasadora e ardente. Elétricas câibras se difundiram por suas veias, demandando a culminação.

—Seu coração — disse Valerian finalmente. — Seu coração.

Seu coração... Ela alcançou o clímax, vibrando. Gritando, soluçando. A força do orgasmo a rasgou e ela estremeceu expressando-a. Valerian deslizou para fora e golpeou para frente. Uma e outra vez, impulsionando-se duro e profundo.

—Shaye - rugiu, estremecendo em seu interior uma última vez — Amo você — afundou as mãos em seus quadris. Segurando com força. Machucando deliciosamente. — Amo você — repetiu.

—Estou sendo descortês com meus convidados — comentou Valerian um longo tempo depois.

Estava deitado sobre a cama sustentando Shaye em seus braços. Relutante em soltá-la. Ambos estavam nus, e estava tentado a permanecer dessa maneira por toda a eternidade. Amava a maneira que as curvas de



Shaye encaixavam contra ele. Como a última peça de um quebra-cabeças, casavam perfeitamente.

Ela bocejou.

—Que convidados? —Perguntou, acariciando seu peito com o fôlego.

—Vampiros. Ajudaram-nos com os dragões e nos trouxeram um pouco de alívio.

—Deveria sair correndo e gritando desse quarto, mas estou muito cansada para me assustar com vampiros. Inclusive com vampiros que estão na mesma casa que eu — riu entre dentes. — preocupa-se por está os ignorando?

—Deslizou a ponta do dedo pela cordilheira de seu estômago.

—Para mim é um grande prazer ignorá-los — respondeu rouco, excitado pelo toque e as palavras.

Ela estava se adaptando à vida dali. Talvez, até mesmo começando a amá-la como ele ansiava.

Seu dedo se enredou através do anel de seu mamilo, e ela riu de novo. Gostava do som daquela risada, deu-se conta de que realmente nunca a tinha escutado antes.

—Quantos anos tem? —Perguntou, querendo conhecer tudo a respeito dela.

—Vinte e cinco. Quantos você tem?

—Muito velho — respondeu secamente. — Centenas de anos mais velho. O queixo dela caiu.

—Impossível.

—É verdade.

—Assim vai, o que, viver para sempre? Nunca vai envelhecer?

—Envelheço, só que mais lento que os humanos.

Seu corpo inteiro se retesou.

—Está me dizendo que se permanecer aqui envelhecerei, enquanto você continuará assim?

—Agora está em Atlantis, amor. Seu processo de envelhecimento também se tornará lento.

—OH — pouco a pouco relaxou. — Então está bem.

—Sente falta de sua vida na superfície como fazia antes? —encontrou-se perguntando.

Uma intensa tranquilidade a invadiu.

—Essa é uma pergunta difícil de responder.

—Tudo o que peço a você é um sim ou um não.

Não queria que sentisse saudades de sua antiga vida. Queria que fosse



completamente feliz, com ele. Se ela sentisse saudades... O que faria? Seus dois maiores desejos ficariam em guerra um com o outro; o desejo de mantê-la com ele, e o desejo de velar por sua felicidade. Sempre. Sem importar o custo para si mesmo.

Um gemido escapou dela.

—Não tenho certeza de sentir falta ou não. Quero dizer, não sou muito unida a minha família. Nunca fui, realmente, mas teria sido agradável uma despedida.

—Exatamente, por que não era muito unida? —Não podia imaginar tal coisa com seu irmão, se Verryn estivesse vivo.

—Queriam que fosse algo que não era — respondeu.

—O quê?

—Doce.

Ele bufou.

—É doce. Você gosta de aparentar o contrário, mas definitivamente é o mais doce bocado que alguma vez provei.

Shaye o golpeou no ombro e o lambeu fazendo desaparecer a dor. Este homem via dentro de sua alma, via a mulher que sempre, secretamente, quis ser. Algo que sua própria mãe não foi capaz de fazer.

—Como sua família não pode ver quão doce é? Sinto por eles.

Ela levantou a cabeça, cobrindo sua face com as mãos.

—Obrigado por isso.

O peito de Valerian se dilatou. Está mulher possuía seu coração, disso não tinha dúvida. Agora ele queria o dela.

—Foi capaz de fazer seus anti-cartões aqui?

—Sim.

—Se fosse fazer um para mim, O que diria?

—Bem... deixe-me ver — descansou a cabeça sobre seu ombro. Passou um minuto, logo outro. —Está seguro de que quer saber?

—Sim.

—Se fosse escrever e mandar um cartão para você, poria... —Fez uma pausa franzindo o cenho— Diria, estou confiando que não quebrará meu coração. Se receber um só arranhão, quebrarei sua cara.

Seus lábios se curvaram.

—Quebrará minha cara?

—OuvIU-me.

Quebraria sua cara se quebrasse seu coração... seu coração. Valerian ficou quieto, registrando finalmente o significado do que ela disse. Inclusive



seu sangue deixou de bombear. Sua respiração se congelou nos pulmões. Uma onda de enjôo o golpeou, ao mesmo tempo em que se sacudia em seu interior emoção detrás emoção.

— Está confiando seu coração a mim? — Quase tinha medo de perguntar, temeroso de haver entendido mal.

Ele, um guerreiro que riui do perigo toda sua vida, estava com medo de que aquela pequena e pálida mulher não o quisesse.

— Mais ou menos — respondeu. — Não estou dizendo que amo você, ou algo parecido — um manto de pânico cobriu as palavras —, mas vou confiar em que não ficará com ninguém mais enquanto esteja comigo. Isso significa nenhuma outra mulher.

— Lua, não desejo a nenhuma outra salvo você.

— Agora não o faz. Mas, o que acontecerá depois, quando a novidade sobre eu desaparecer?

Enquanto falava ele escutou sua vulnerabilidade. Girou-a sobre as costas, e olhando para baixo a ela.

— É minha companheira. Já lhe disse isso, mas não acredito que entenda o que isso significa. Nenhuma me excita salvo você. Nenhuma me tenta. Nenhuma me atrai. Só você. Quando um nymph toma uma companheira, é assim que funciona. Agora e sempre.

O olhar dela se suavizou, e soube que queria acreditar nele.

— Eh, bem — respondeu. — Veremos o que acontece nos seguintes dias.

— Então, quer ficar comigo?

Irradiando vulnerabilidade, sussurrou.

— Sim.

A alegria explodiu por dele, enchendo-o, mas não por completo. Não ainda.

— Quer ficar comigo, mas não me ama?

— Correto. O amor é complicado e desordenado.

— Amo a maneira que seus mamilos pressionam meu peito. Isso não é complicado.

Seus lábios se apertaram.

— Não era a isso que me referia, e sabe. Amar alguém dá permissão a ele de fazer coisas más, porque sabe que o perdoará.

— Que tipo de coisas más aqueles a quem amou fizeram a você? — Formulou a pergunta de maneira tranqüila, letal. Mataria a qualquer, homem ou mulher, que tivesse se atrevido a machucar sua mulher.

— Fui abandonada, rechaçada, desprezada e esquecida — respondeu,



fazendo que ele se retesasse. — Além disso, vi a forma que afastou às mulheres que teve antes de mim.

— Não a esperava, lua. Foi uma surpresa. Não posso desfazer o que fiz no passado. Mas tem minha palavra de honra de que nunca me cansarei de você. Com o tempo, você se dará conta por si mesma — intencionalmente fez uma pausa. — Sei que disse que ficaria, mas eu gostaria de sua palavra. Prometa-me que me dará tempo para provar isso a você, e minhas intenções.

Os olhos dela procuraram sua cara, sondando. O que fosse que viu em sua expressão devia tê-la confortado, porque deu um lento sorriso para ele e assentiu.

— Tem minha palavra.

Ele soltou um suspiro de alívio e renovada alegria. Inclinando-se para baixo, roçou os lábios com os dela. As mãos procuraram e encontraram as dela, e entrelaçou os dedos antes de segurá-los sobre sua cabeça. Isso elevou o torso dela, apertando os seios mais profundamente nele. Lambeu os lábios dela e suas pálpebras descenderam.

— Enquanto você só viu o lado ruim do amor, eu vi o melhor. Minha mãe e meu pai eram companheiros, completamente fiéis um ao outro.

— Onde estão seus pais?

— Morreram há muitos anos. Meu pai morreu em batalha, e a tristeza de minha mãe a levou não muito tempo depois.

Meu Deus, pensou Shaye. Ser tão fiel a alguém que realmente morreria sem ele. Simplesmente perder a vontade de viver. Era algo saído de um filme. Entretanto, a parte dela que não queria conhecer compreendeu tal devoção. Estava assustada, mas pela primeira vez, totalmente excitada pela perspectiva.

— Sinto que os tenha perdido — respondeu suavemente.

— Uh-OH. Está mostrando seu lado doce de novo.

Ela sorriu.

— Como se atreve a dizer tal coisa? Sou uma cadela de coração duro.

— E odeia as coisas que faço a você.

— Odeio — concordou com uma gargalhada.

Seu fôlego entrou em seu ouvido, seguido pela língua. As mãos dela se enredaram em seus cabelos ao mesmo tempo em que tremia.

— Da mesma forma que me odeia — disse.

Ela não podia lhe dar as palavras que queria, assim lhe deu outras em seu lugar.

— Sim — sussurrou. — Odeio você muitíssimo.

— Bom. Porque vou odiar você até que não possa imaginar a vida sem



mim.

Muito tarde, sussurrou sua mente ao mesmo tempo em que ele deslizava dentro dela.

CAPÍTULO 26

Deixar Shaye adormecida em sua cama — A cama dos dois, corrigiu-se Valerian — foi a coisa mais dura que já tinha feito. Suas tranças suaves, claras sobre os lençóis violetas, tão etéreas como um sonho. Suas feições estavam relaxadas, a extensão arenosa de seus cílios sombreava as maçãs do rosto. Seus lábios estavam cheios e rosados por seus beijos.

Ele já tinha se vestido, precipitadamente se enfiou em uma camisa preta e calça antes de perder a determinação de sair. Como líder daquele palácio, era seu dever atender a seus convidados. Mas mais que isso, queria ocupar-se das defesas do palácio e assegurar-se que estava bem fortificado, forte o suficiente para resistir ao mais violento dos ataques.

Esta trégua temporária que os vampiros lhes tinham dado não duraria muito, sabia. Darius voltaria. Valerian só esperava que fosse mais tarde que cedo. Quanto mais tempo tivesse para assegurar sua união com Shaye, melhor.

Ele não pôde resistir a colocar um beijo casto sobre a ponta do nariz dela, o que foi um erro. Ela resmungou em voz baixa, um aéreo gorjeio de palavras ininteligíveis. Uma delas podia ter sido seu nome. Ficou repentinamente duro como uma pedra por ela, tão excitado como se nunca a tivesse possuído. *Sai. Agora. Antes que não possa.*

Forçar-se a colocar um pé diante do outro requereu toda sua concentração. Mas o fez, seus longos passos rapidamente aumentando a distância. Agora que Shaye tinha decidido ficar, ele sabia que ela começaria a construir o lar deles, dotando-o com pequenos toques de sua personalidade.

Provavelmente as flores encheriam os cômodos, e ele se deleitaria procurando-as para ela. Pinturas, pedras coloridas, almofadas enfeitadas com contas. Levaria ela a cidade e compraria tudo o que ela quisesse, tudo o que necessitasse. Todas as coisas que as mulheres usavam para fazer de uma casa, bom, um lar. Ela podia querer tudo, que ele lhe concederia cada desejo.

Ele sorria abertamente enquanto entrava no refeitório. Os vampiros



rodeavam a mesa. A maioria das taças que seguravam estava cheia de algum tipo de sangue, tinha certeza. Vários nymphs estavam ali, embora muitos estivessem a serviço e se não estivessem a serviço, amando a uma mulher. Não havia fêmeas presente.

Layel, quem tinha reclamado a cabeceira da mesa, o avistou e fez um gesto para ele.

—Já está agindo como o rei do lugar? —disse Valerian com um sorriso aberto. Ele se deixou cair de repente no lugar vazio ao lado do amigo.

—É obvio. —Layel bebeu de sua taça. —Não acredito ter visto você alguma vez tão satisfeito, Valerian.

—Minha companheira de vida chegou a um acordo comigo.

Uma cortina de tristeza revoou sobre a expressão de Layel.

—Lembro bem disso, a companheira de vida.

Layel tinha perdido sua companheira anos atrás. Era uma humana, provinha daqueles que os deuses baniram da superfície e deixaram cair na cidade por castigo. Um vil grupo de dragões a violou e queimou. Não Darius, e sim um contingente dos homens de seu tutor. Não importava para Layel que Darius fosse inocente. O rei vampiro desprezava todos os dragões e os queria destruídos.

Valerian recordava bem a devastação que Layel tinha suportado quando descobriu os restos chamuscados de sua amante. Sua dor tinha sido severa e tinha retorcido suas vísceras.

—Os dragões capturaram um grupo de fêmeas nymphs — disse Valerian—, e isso é algo que não posso permitir.

—Seria um prazer recuperá-las para você — disse o rei vampiro com deleite.

—Não. Não farei seus vampiros irem atrás deles. Eu gostaria de enviar meus homens, mas se fizer isso, precisarei compensar a perda aqui.

—Deseja que fiquemos?

Ele assentiu.

—Se for capaz.

Layel não vacilou.

—Você nos necessita, ficamos. Não há mais nada a discutir.

Layel sempre foi dessa maneira. Leal. Dando de si mesmo e seu tempo. Era por isso que Valerian apreciava sua amizade como o fazia. Não havia muitos homens tão dispostos a ajudar a uma raça além da deles.

Aqueles que ganhavam a fúria do rei vampiro, entretanto, eram inimigos para toda vida. Layel vivia para seu sofrimento. Ele nunca esquecia uma



ofensa.

—Obrigado, amigo. —Valerian bateu nas costas dele. —Se alguma vez me necessitar, aqui estou.

A face de Layel era tão pálida quanto a de Shaye, mas uma corrente de cor impregnou seu rosto.

—É um amigo estimado, Valerian.

—Como o é você — parou. — Toma quão animais necessite. Se tiver necessidade de mulheres, o que estou seguro que ocorrerá, terá que conseguir as da Cidade Exterior por si mesmo, temo. Estiveram se escondendo de nós.

Layel lhe dirigiu uma risada florescente.

—Isso quer dizer que são inteligentes.

Valerian bufou. Não ofereceu a ele o uso das mulheres humanas, e Layel não pediu a honra. Um nymph podia compartilhar suas amantes com outros nymphs, mas não com outras raças. As mulheres então levariam o aroma da criatura e nenhum varão gostava do aroma de outro ser em sua amante. Bem, isso não era inteiramente verdade. Ele podia recordar de vários de seus homens que se excitavam com isso.

—Falaremos outra vez logo — disse—. Agora devo me ocupar do palácio.

—Conheço você, Valerian. Poderá se ocupar do palácio, mas sua meta verdadeira é retornar a sua cama.

Sorriu maliciosamente.

—Sim, conhece-me muito bem.

Uma dura e calejada mão, esmagou-se sobre a boca de Shaye. Ela despertou instantaneamente, um grito se alojou em sua garganta. Emergiu nada mais que um murmúrio calado. Sabia que a mão não pertencia a Valerian. Cheirava diferente, não tão erótico, e sim a uma tormenta a ponto de cair. Não acendeu a consciência dentro dela.

Vampiro, possivelmente? Valerian tinha mencionado que os vampiros estavam dentro do palácio. Assustada, balançou seu punho e se conectou com algo sólido. Seu captor grunhiu.

—Não se mova outra vez, mulher. Não a machucaremos.

Sem alterar-se, ela se agitou e chutou.

—Não a machucaremos — essa voz profunda, acentuada disse—: Por favor, fique quieta.

Nós? Lançou seu olhar para todos os lugares na escuridão. O que ela não teria dado por uma lanterna naquele momento.



Improvise isso. Uma pistola de descarga elétrica ou uma faca era o que ela necessitava. Envolveu os dedos ao redor do pulso do homem e deu um puxão.

—Se for obrigado, deixarei você inconsciente e nenhum de nós gostará da maneira que vou fazer isso.

Ela se acalmou, sabendo que ficar inconsciente era perder completamente aquela batalha. Se pudesse libertar-se, poderia correr, gritar e encontrar Valerian.

—Bom — disse o homem. Vampiro?—Agora, vou tirar minha mão. Se atrair seu amante até aqui, o mataremos sem titubear. Compreendeu?

Um assentimento afirmativo. Por dentro, ela gritou e gritou e gritou. *Não. Não!* Valerian era forte, mas era também carne e sangue. Não sabia quantos homens estavam dentro do quarto. Não sabia que armas possuíam.

Tinha que o advertir sem atraí-lo a uma emboscada. O que poderia fazer? *Pense, Shaye, pense.*

Como prometeu o homem, eliminou o agarre em sua boca.

Ela inspirou um trêmulo fôlego.

—Quem é? O que quer?

—Somos dragões, e vamos levar você para casa.

Dragões. O inimigo. Querido Deus. *Raptarão você e a queimarão*, havia dito Valerian. Ela sacudiu a cabeça, mechas de cabelo esbofeteando suas bochechas.

—Estou em casa.

—Isso foi o que disseram as demais, mas não nos dissuadiram de nosso propósito.

—Não pode me levar. Não deixarei. —*Prometi a Valerian que ficaria.* Valerian! Gritou sua mente. Lentamente seus olhos se ajustaram à escuridão. Contou quatro silhuetas, cada uma maior que a outra. Armas de todas as formas e tamanhos estavam amarradas aos seus corpos.

—Podemos fazer tudo que quisermos — disse um dos homens com diversão. — Endireite-se. Lentamente.

Ela fez o que ele instruiu, e o lençol caiu a sua cintura. O ar fresco beijou sua pele nua. Ofegante, sacudiu o lençol para cima.

—Estou nua.

Não tinha tido a intenção de soltar as palavras em voz alta, mas a compreensão a havia transtornado. *Estúpida. Idiota! Por que simplesmente não pede a eles que a violem.*

—Aqui — disse outro deles. Ele estava a sua esquerda. —Ponha isto.

Um punhado de tecido foi empurrado sobre sua cabeça, assombrando-a.



— Por que está fazendo isto? — ela exigiu, rapidamente puxando-a para baixo. Era uma túnica, suave e transparente, mas uma cobertura não obstante.

— É a vontade dos deuses — foi a resposta calma. — Levante-se. Mantenha os braços aos lados.

Ela avançou lentamente da cama tão lentamente quanto foi possível, esperando que não sentissem sua posição exata. A porta estava à esquerda, e avançou pouco a pouco um passo, então dois. Então irrompeu em uma total corrida. Braços firmes se ancoraram ao redor dela antes que alcançasse a cortina, fazendo-a parar em seco.

— Maldito seja — resmungou, golpeando. — Deixe-me ir.

— Mulher, a adverti.

Sabendo que ele tinha a intenção de pô-la fora de combate, Shaye incrementou sua luta. Ela o arranhou com as unhas, puxou os cabelos de seu captor, e deu murros em seu estômago.

— Vou pedir aos deuses que o amaldiçoem!

— Já o fizeram. — Um suspiro pesado. — Sinto fazer isto, mas não me deu escolha.

Alguém resmungou uma série de palavras ininteligíveis e uma onda de letargia a varreu. Suas pálpebras foram à deriva até fecharem-se, tão pesadas que ela não pôde mantê-las abertas. O sono a chamou, tão atraente quanto qualquer nymph. Ajudem-me, tentou gritar, sabendo que deviam tê-la adormecido para afastá-la de Valerian. Ela necessitava de mais tempo com ele.

Dormir... dormir... não. Ela sacudiu a cabeça. Grita. Abriu a boca, mas nenhum som emergiu. E ainda o sono a chamava, fazendo gestos para ela. Arrulhando.

— É uma lutadora — disse alguém pasmo.

— Nunca vi algo similar.

— Deveria ter caído a estas alturas.

— Durma, mulher. Amanhã, não recordará nada disto.

A força abandonou suas extremidades, lentamente, rapidamente. Não tinha certeza. O tempo deixou de existir. Absoluta escuridão arrastou os dedos nodosos dentro de sua mente. *Briga... briga... b...*

Ela não soube de nada mais.



Com as atividades da noite cumpridas, a manhã aproximando-se rapidamente, o palácio fortalecido e seus convidados atendidos, Valerian correu de volta a seu quarto. A urgência o enchia. Desejava Shaye de novo. Estava faminto por dela. Quanto mais tempo passava com ela, mais a necessitava. Quanto mais tempo passava sem ela, mais a necessitava.

Simplesmente a necessitava.

E sentia que ela necessitava dele. Um momento antes, tinha escutado sua voz em sua mente, chamando-o. Apressou o passo, acelerando através do corredor, através da cortina que o separava de seu quarto. Ele se despiria, depois engatinharia sobre a cama para o lado de Shaye e a despertaria com a boca entre suas pernas. Ela gritaria seu nome, os sons ecoando entre eles...

Deteve-se abruptamente. Parou na beira da cama, dourados raios de luz ondeavam sobre sua vacuidade. Só restavam os lençóis amassados.

—Shaye — chamou.

Quando o silêncio o recebeu, virou-se, procurando. Não estava na banheira; A teria visto quando passou.

—Shaye?

De novo, só silêncio. Espesso e apavorante silêncio. Aonde tinha ido? Não a queria vagando sozinha pelos corredores. Não queria dar por certo nada no que à segurança de Shaye concernia. Não se permitiria aterrar-se – ainda. Sua essência cobria as paredes, penetrando em seus sentidos. Mas ali havia outra essência... seu nariz se enrugou e franziu o cenho, esperando que simplesmente sentisse o cheiro dos que tinham vivido ali antes dele.

Entrou no banheiro, depois no corredor. Durante vinte minutos procurou nas áreas principais: o refeitório — recebendo olhares curiosos — o salão de treinamento, a sala de armas no caso dela ter se perdido. Tinha sido descuidado em seu dever para com ela. Devia ter ensinado a ela a divisão do palácio.

A todos que encontrou, perguntou se a tinham visto. Ninguém tinha feito isso. De fato, vários guerreiros também estavam procurando suas mulheres.

—Não consigo encontrar Brenna — disse Joachim, a preocupação aparecendo em sua voz.

Então, Joachim tinha tomado Brenna de Shivawn — ou talvez Shivawn a tivesse dado ao homem. Valerian não sabia e nesse momento não se preocupava. Tudo o que importava era Shaye.

—Não consigo encontrar minha companheira de cama — disse outro.



—Não consigo encontrar à minha — disse mais outro.

Escutando isto, Valerian finalmente se permitiu dar rédea solta a seu medo. Dirigiu-se a gruta. Certamente Shaye não o tinha deixado, não tinha dirigido a todas as mulheres para o portal. Tinha prometido ficar. Havia dito a ele que desejava um tempo com ele. Tinha estado tão perto de lhe dar seu amor. Tinha mudado de parecer?

Tinha mentido?

O suor gotejava de sua pele. A tensão golpeava e pulsava. Ela o tinha enganado? Ganhou sua confiança para que assim a deixasse sozinha, sem custódia, de modo que pudesse reunir às outras humanas e...

Não, disse a si mesmo. *Não*. Não o teria deixado voluntariamente. Ela não tinha mentido. A última vez que a viu, tinha uma expressão suave e saciada. A vulnerabilidade tinha cintilado em seus olhos ao mesmo tempo em que ela jurou confiar nele. Havia dito que desejava fidelidade por parte dele e aquelas não eram palavras de uma mulher que tinha intenção de partir.

Bateu seu punho contra a parede. Quando a sustentou em seus braços, tinha havido sinceridade entre eles.

Isso significava só uma coisa. Tinham levado ela. Mas para onde? E por quem? Tinha sentido o cheiro de dragão em seu quarto. Seus inimigos tinham retornado mais rápido do que ele tinha antecipado? Se assim fosse, por que levaram as mulheres e não mataram a um só nymph?

Maldição! Por Hades o que tinha acontecido? Deu a volta e voltou para o andar superior, deixando a frieza da gruta para trás. Encontrou-se com Broderick.

—Onde estão as mulheres? — perguntou Broderick. — Estou precisando de uma amante.

—Foram raptadas. Ocorreu durante as últimas horas, assim há uma boa chance de que ainda estejam aqui. Continue procurando — entretanto, não havia mais onde procurar e ele sabia. Ele tinha percorrido o palácio de cima a baixo.

Caminhou para o refeitório. Layel ainda estava sentado à mesa, olhando para o vazio, a tristeza consumia suas feições. Os dentes de Valerian rangeram. Se as mulheres tivessem sido levadas para fora do palácio e levadas para a Cidade Exterior... Não era um lugar para mulheres desarmadas. Os demônios as comeriam facilmente, já que subsistiam do medo e da carnificina. Veriam as mulheres como um succulento convite.

—Layel — disse. Não pensava que o vampiro ou sua gente fossem os responsáveis. O sangue teria tingido o chão, as camas, algo. — Necessito de



sua ajuda.

Seu amigo se sobressaltou.

— É sua.

— Você e sua gente podem resistir à luz?

— A maioria de nós.

— Podem farejar aos humanos como ninguém mais. Leve seus vampiros pelo bosque e dentro da cidade e procurem nossas mulheres. Alguém as levou.

Em um movimento tão fluido que foi quase imperceptível, Layel se levantou.

— Farei como pediu. Ficará ou irá?

Valerian não sabia o que fazer. Se ficasse e Shaye estivesse na cidade, ela não reconheceria Layel e brigaria com ele, talvez resultando ferida no processo. Mas se Valerian fosse, e ela ainda estivesse dentro do palácio, talvez escondida e retida contra sua vontade, ele nunca se perdoaria por deixá-la.

A indecisão e a frustração o consumiam. O medo e a esperança se escorregavam por ele. *Ir? Ficar?*

— Irei — disse finalmente. — Prepare seus homens.

Layel assentiu e partiu precipitadamente.

Valerian correu para o quarto e recolheu o medalhão de dragão que tinha jogado para um lado quando estava fazendo amor com Shaye. Guardou-o em seu bolso antes de procurar por Broderick, que tinha um pequeno contingente de guerreiros armados percorrendo cada cômodo, perguntando a outros nymphs e vampiros.

— Vou à cidade. Envie um mensageiro se as encontrar... o que seja que encontre — acrescentou desoladamente.

Broderick assentiu.

Sozinho, Valerian se deixou cair sobre os joelhos e rezou. Pela primeira vez em sua vida, rezou. Suplicou aos deuses, rogando a eles que rodeassem Shaye em um círculo de amparo, que a trouxessem de volta a ele, sã e salva.

— Trocaria minha própria vida pela dela. Com prazer — disse aos céus.

O silêncio irrompeu dentro, cru e frenético. Levantou-se e correu para fora. Os vampiros possuíam uma velocidade sobrenatural. Eles se moveriam muito mais rápido sem ele, e embora quisesse ser o primeiro a encontrar Shaye, não os atrapalharia.

Nas portas externas, os vampiros se reuniam, preparando-se para a busca.

— Não permita que eu o atrase — disse a Layel. — Mova-se tão rápido



quanto puder, e eu o farei a minha maneira. Junte a qualquer mulher humana que encontre.

Os olhos de Layel resplandeceram brilhantes, com um vívido azul.

—Nós a encontraremos, Valerian.

Valerian se afastou antes que se quebrasse, apenas caiu de joelhos e soluçou. As perdas não eram novas para ele, mas esta perda o mataria.

—Vá — a simples palavra saiu rouca, arranhando sua ardente garganta.

—Vá.

Os vampiros entraram em ação; um momento estavam ali, no seguinte já não estavam. Valerian entrou no estábulo e montou o mesmo centauro que tinha levado a ele e a Shaye à cidade há apenas um dia atrás. Correram ao redor de árvores e areias movediças, ao mesmo tempo em que gritava o nome de Shaye. Detendo-se, tentando escutar qualquer sinal dela.

Não estava no bosque.

Tampouco estava na Cidade Exterior. Nenhuma das humanas estava. Passou todo o dia procurando, até que o crepúsculo caiu novamente. Ardentes emoções pulsavam através dele. Medo. Tanto medo. Onde ela estava? Não estava... morta. Sequer podia pensar na odiosa palavra. Sentiria. Como sua companheira, saberia. Tal e como soube quando seu gêmeo tinha morrido, todos aqueles anos atrás. Não é assim?

Deixou Layel e seu exército na cidade com instruções de continuar a busca, logo retornou ao palácio. Quando alcançou as portas, desmontou e correu para dentro sem dizer uma palavra. Ao mesmo tempo em que corria, tirou o medalhão de dragão de seu bolso. A porta de cristal se abriu e fechou detrás dele.

O palácio estava assustadoramente silencioso, não via nenhum de seus homens em nenhum lugar.

—Broderick — chamou. — Joachim. Shivawn — Parou.

Os finos cabelos de detrás de seu pescoço se arrepiaram em atenção, e encontrou a mesma leve essência que tinha cheirado em seu quarto. Rapidamente tirou a espada da bainha em seu flanco.

—Seus homens estão ocupados — disse uma voz sobre ele.

Uma voz de dragão. A voz de Darius.

Com os lábios afinando-se em uma feroz careta, Valerian olhou para cima. Ali, rodeando-o do segundo andar, estava o exército dragão por completo.

—O que fez com minha mulher?

—Nós a enviamos para casa, nymph. Nós a enviamos para casa.



CAPÍTULO 28

— Levante-se, Shaye — a sacudiram. — Levantem-se.

Shaye ouviu a voz de um túnel comprido e escuro. *Sim*, pensou. *Deveria. Levantar-se. Vamos.* Os problemas estão por perto. Problemas para ela e para Valerian. Gradualmente a consciência penetrou através de sua mente, deixando fora à escuridão.

— Desperte.

Lentamente abriu as pálpebras. A luz do sol brilhava intensamente sobre ela e alguns pontos dourado alaranjados dançavam ante seus olhos. Sua boca estava como um algodão seco. A areia e o sal cobriam seu corpo todo. Suas roupas estavam rígidas, como se tivessem sido molhadas e secado com ela dentro. O som das tranquilas ondas chegou a seus ouvidos, reconfortante, familiar. Mesmo assim... errôneo. Os aromas tampouco eram os corretos. *Sim*, ela sentia o cheiro do sal, mas sem as orquídeas. Sem Valerian.

— Valerian — disse. Sentia sua garganta em carne viva, áspera. — Valerian.

— Não. Sou eu.

Sua atenção se voltou para o orador. Ela...

— Mãe? — esfregou os olhos. — O que está fazendo aqui?

— Estive rondando a praia desde que foi seqüestrada. Está bem...? — sua mãe engoliu saliva. — Fizeram mal a você?

— Estou bem.

Pelo canto do olho, viu Kathleen passar por ela, com os cabelos escuros pendurando emaranhados ao redor de seu rosto cheio de areia.

— O que aconteceu? — perguntou-lhe Shaye.

— Fomos trazidas de volta à superfície — disse, sem desacelerar.

Trazidas de volta... A compreensão abriu passagem. *Sim*. Os dragões invadiram o quarto de Valerian, ameaçaram levá-la à superfície e, então, a deixaram inconsciente. Levantou-se. Não podia manter o equilíbrio e cambaleou. Sua mãe envolveu um braço ao redor de sua cintura.

— Tem certeza de que está bem?

— *Sim*. Estou bem — disse Shaye, massageando as têmporas para deter o enjôo.



Quando o mundo se endireitou, verificou os arredores. A areia como ouro branco se estendia até onde os olhos podiam ver. As ondas formavam cristas até a praia, deixando espuma de mar em seu despertar. O sol resplandecia brilhante, sem indícios de cristal.

Havia um grupo de homens com equipamentos de mergulho sentados perto, um aviso do tempo em que Valerian saiu à superfície. Contemplavam a praia confusos.

— Não estava aqui quando chegaram — explicou sua mãe, dando-se conta da direção de seu olhar. — Mas os interroguei quando despertaram. Não podem recordar seus nomes, por que estão aqui nem como vieram.

Os dragões tinham apagado suas lembranças, também? *Durma, mulher*, disseram a ela. *Amanhã, não recordará nada disto*. Mas recordava. Tudo. Kathleen também parecia recordar.

— Ainda há um bote escondido ali — sua mãe apontou à direita. — Os homens de dentro tampouco sabem de nada, mas vi as siglas do OBI em alguns papéis, ou o que seja que isso queira dizer.

— Ainda não sei por que está aqui — disse Shaye, imobilizando-a com um olhar carrancudo.

A expressão da Tamara se tornou torturada.

— Depois que desapareceu, a polícia chegou à tenda. Não acreditaram em nós quando dissemos a eles o que aconteceu. Riram de nós, disseram que provavelmente vocês tinham se aborrecido e ido embora. Tudo em que podia pensar era que você tinha partido, nunca a veria outra vez, e as últimas palavras entre nós tinham sido duras.

— Eu... — não sabia o que dizer, compreendeu Shaye.

Sua mãe nunca tinha mostrado a ela um lado tão vulnerável, arrependido.

— Não fui uma boa mãe. Sei — se apressou angustiada. — E sei que as coisas provavelmente nunca serão muito agradáveis entre nós. Só me alegro de que esteja bem.

As lágrimas arderam nos olhos de Shaye enquanto envolvia os braços ao redor de sua mãe.

— Obrigado por isso — tinha querido a aproximação e, agora, tinha conseguido.

Tamara devolveu o abraço deixando sair um fôlego trêmulo.

— Assim, está feliz? — perguntou Shaye.

— Sim — sua mãe se afastou e enxugou as lágrimas com o dorso do pulso. — Acredito que Conner é o amor de minha vida de verdade e Preston



parece gostar de mim. Estão nos extremos da praia, distribuindo pôsteres com sua foto e perguntando se às pessoas a viram.

Uau. Pela primeira vez em sua vida, Shaye teve a impressão de que tinha uma família de verdade. Uma família honesta, Por Deus. Mas...

—Tenho que retornar, mamãe — queria..., não, necessitava de Valerian.

Ele provavelmente pensava que o tinha deixado de propósito. Se não estivesse... Não! Não pensaria nele como se tivesse morrido. Era forte, o homem mais forte que já tinha conhecido. Teria reunido seu exército e teria derrotado os dragões.

—Tenho que retornar — repetiu.

—Retornar para onde, exatamente?

Não tinha tempo para explicações.

—Apenas... encontre Conner e Preston e diga a eles que estou bem. Diga a Preston que lamento a forma que me comportei no casamento. Retornarei se puder. Se não, saberá que sou feliz e que também encontrei o homem de meus sonhos.

—Mas...

—Confie em mim. Por favor.

Shaye deu um último abraço em sua mãe e se virou para a água. Rodeando-a por completo, as mulheres em túnicas Atlantes estavam despertando. Qualquer banhista, provavelmente, assumiria que tinham vindo de uma festa a fantasias, tinham bebido e nadado depois.

—Vai voltar? —perguntou Kathleen, repentinamente ao seu lado.

—Sim.

—Quero ir com você.

Todo mundo poderia ir se quisesse. Não se importava, com tanto que ela pudesse retornar. Amava Valerian. Ali estava, tinha admitido. Fazia isso. Amava-o com todo seu coração, um coração que uma vez pensou que era muito frio para se importar com alguém. Mas não podia negar seus sentimentos nunca mais.

O medo a havia feito fazer isso, compreendeu agora. Mas confrontar a escolha de viver sem Valerian... não havia maior temor que esse. Ele a amava, também. Não duvidaria mais dele. Amava-a exatamente por quem era. Não queria que mudasse.

A água lambeu seus tornozelos, escorrendo areia entre seus dedos. Elevando-se, mais e mais, o líquido frio logo bateu em suas panturrilhas e coxas. Se aqueles dragões machucaram seu homem de algum jeito, seguiria seus rastros e os destruiria.



Nadou até onde pôde, todas as mulheres com ela, então mergulhou sob a água. Como não viu o portal, veio à tona por ar. As horas passaram, mas não deixaram sua busca. O corpo de Shaye estava cansado, seus pulmões ardiam.

—Por que estamos fazendo isto? —ofegou Kathleen enquanto batia na água ao lado dela—. Eu... não consigo me lembrar.

—A Atlântida — Shaye engoliu um bocado de líquido salgado—. Os Nymphs.

—Os quem? —a cara da Kathleen se enrugou pela confusão.

Todas as demais fizeram o mesmo, exceto Brenna. Ela possuía uma aura de determinação, justamente como Shaye.

—Odeio nadar — disse uma das mulheres. — Vou para casa.

—Eu, também.

—Isto é estúpido.

—Nem sequer sei como cheguei até aqui. Não estava em um casamento? —resmungavam sem parar enquanto nadavam de volta à praia.

Elas tinham esquecido deles, exatamente como os dragões tinham prometido, e Shaye teve medo que repentinamente ocorresse o mesmo com ela. O rosto de Valerian já estava impreciso em sua mente.

—Não me esquecerei — disse em meio à respiração penosa.

—Temos que retornar — Brenna respirava com dificuldade.

Nadaram para baixo e para cima durante mais uma hora. Naquele momento, Shaye tremia de fadiga. As lágrimas fluíram por sua face, lágrimas de frustração e fúria. Se não voltasse para a costa, se afogaria ali. Brenna, também. A necessidade de retornar para... qual era seu nome?

Não me esquecerei. Valerian. Sim! Isso. Seu nome era Valerian e ela o amava.

—Mais um mergulho — disse a Brenna.

Brenna ofegava, mas assentiu com a cabeça.

—Necessito dele. Joachim.

Se fracassassem em encontrar o portal desta vez, nadariam de volta à praia e fariam outra tentativa amanhã. Tentariam todos os dias até que tivessem êxito. Quando Shaye mergulhou, o sal ardeu em seus olhos. Mas se empurrou para mais longe que alguma vez antes com Brenna a seu lado.

O fundo do oceano permaneceu fora da vista.

Os braços e pernas de Shaye tremiam violentamente.

Os peixes roçavam contra ela. Maldição, mentalmente chorou. Brenna deixou de se mover, suas mãos e pés aquietando-se, e Shaye se agarrou a ela. Mudou de direção, em ângulo ascendente. Mas era muito tarde. Tinha se



empurrado muito longe e não teve forças para cruzar a nado o restante do caminho de volta.

Ao princípio entrou em pânico, agitando-se violentamente e abrindo a boca, desesperada por encher seus ardentes pulmões de oxigênio. Em lugar disso engoliu mais água. Ainda assim, manteve o agarre sobre sua amiga, tentando levar ambas à superfície.

Um estranho negrume, mais espesso que alguma outra escuridão que alguma vez tivesse encontrado, começou a ondear através de sua mente. Então, um brilho de luz faiscou em sua linha de visão. Uma bolha flutuou em frente dela, crescendo, crescendo, até que rodeou completamente a ela e a Brenna.

Cuspiu água e ofegou. Milagrosamente, aspirou ar de verdade. Os cabelos molhados grudaram em seu rosto, mas não o penteou para um lado. Não podia. Estava sonhando? Morta? Deixou-se cair sobre os joelhos ante Brenna, quem jazia inconsciente. Ela nunca havia feito o RCP, mas tinha visto fazê-lo e imitou os movimentos.

—Vamos — ofegou. —Vamos.

Depois de um longo tempo de bombear e respirar por sua amiga, Brenna tossiu. Seus olhos permaneceram fechados, mas fez uma inalação de ar. Esgotada, Shaye caiu ao lado dela.

—Humana idiota — uma voz profunda e ensurdecadora grunhiu. — Por que está fazendo isto? Quase morreu. E para quê?

Seus olhos exaustos olharam em volta da bolha. A água se agitava ao redor dela, mas não podia ver ninguém, dentro ou fora.

—Onde está? Quem é?

—Sou Posêidon, Deus do mar.

Um deus. Um alucinante deus.

—Leve-me para Valerian — exigiu.

Ele riu.

—Uma ordem de uma humana. Seu senso de humor me agrada. Infelizmente, seu amante já está morto.

—Não — o feroz desespero tentou afundar as garras afiadas dentro dela—. Não. Não pode ser.

Faíscas de cores apareceram exatamente em frente a ela, solidificando-se em uma forma masculina. Era bonito, em grau maior até que Valerian. Os cabelos brancos emolduravam um rosto completamente masculino. Seus olhos eram tão azuis quanto o oceano, como cristais líquidos, completamente hipnóticos. Eram quase néon, resplandecentes, pulsando com energia e poder.



—Valerian desobedeceu às leis de Atlântida. Trouxe humanas para dentro da cidade.

—Ele não merece morrer por isso — grunhiu para ele, tentando reunir forças para levantar-se. Mas só podia fazer ali.

Posêidon sorriu para ela, uma contorção divertida de seus sensuais lábios.

—Tinha me esquecido do quanto os humanos podem ser ferozes quando alguém a quem amam é ameaçado. É realmente divertido.

—Leve-me para Valerian. Agora mesmo!

Ele perdeu rapidamente seu sorriso.

—Tem o desejo de morrer? A cada palavra sua, suplica-me que a mate violentamente.

—Por favor — quase se enroscou em um montão soluçante. —Só quero Valerian.

Posêidon estudou seu rosto durante um longo tempo, então estudou o de Brenna. Sua expressão nunca se suavizou.

—Já disse a você, ele já está morto.

—Não. Não acreditarei em você até que me mostre isso. Saberá se estivesse morto. Sentiria.

Silêncio. Inclusive a água se recusava a fazer ruído.

—Então, o que me daria se a deixasse vê-lo? Ir com ele?

—Qual quer coisa. Tudo.

Uma enorme baleia branca e negra nadou para perto dela, com seu corpo majestoso consumindo a área. Observou assombrada como baixava sua cabeça ante Posêidon.

—Sua vida? —perguntou o deus.

—Sim.

Ele piscou surpreso.

—Alguma vez se apaixonou? —perguntou Shaye. —Alguma vez desejou tão ardentemente outra pessoa que preferiria morrer sem ela?

—Não — ele admitiu. — O conceito é ridículo, no melhor dos casos.

Lentamente ele a rodeou, seus cabelos como uma cortina, feito fitas no ar. Seu corpo era fluido, ondulante como as ondas.

Ela manteve o contato visual.

—Não sou um deus ruim, mas levá-la de volta para Atlântida e deixar os nymphs viverem me faria parecer suave. Minha gente continuaria infringindo a lei.

A alegria tamborilou através dela porque, com suas palavras, tinha



confirmado que os nymphs ainda não estavam mortos, que ainda havia tempo.

—Ou — respondeu ela—, acreditarão que você é compassivo, cantarão seus louvores e serão felizes obedecendo a cada um de seus desejos.

Seus olhos se estreitaram, mas não antes que visse faíscas de prazer brilhando em suas profundidades.

—Você acredita que é muito esperta, não é verdade?

—Só quero estar com meu homem.

Houve uma longa pausa.

—Observar alguém como você lutar com o rei Nymph poderá ser divertido — disse distraidamente.

Ele queria divertir-se, não é mesmo?

—Não darei nenhum problema a você — prometeu ela. — Porei sua vida de pernas para o ar. Criarei um caos absoluto.

Enquanto falava, a expressão do deus se tornou cada vez mais excitada. As visões de problemas vindouros rondavam sua mente. Ela podia ver isso em seus olhos.

—Muito bem — disse a ela, e havia deleite em seu tom. — Deixarei você retornar à Atlântida.

Sua alegria era tripla, uma avalanche de força incomparável.

—Obrigado, muito obrigado. Brenna, também, não é verdade?

—Suponho — ele suspirou.

—Não lamentará, prometo isso a você.

—Entretanto — continuou como se ela não tivesse falado—, não deterei o curso que estabeleci. Deixarei que os Destinos decidam o que ocorrerá aos Nymphs. Os dragões ainda os têm a sua mercê, uma misericórdia que não possuem.

A bolha explodiu no instante seguinte e as lágrimas repentinamente a afligiram. Tentou alcançar Brenna, mas não pôde encontrá-la. A água se disparou dentro de suas fossas nasais, sua boca e seus pulmões. Um vazio escuro foi envolvendo-a, fazendo-a girar em todas as direções. As estrelas piscavam dentro e fora. Então a água foi absorvida para fora, deixando só um túnel.

Ela tossiu e bateu a mãos e pés na água enquanto caía, caindo de cabeça em um abismo. Não tinha medo, entretanto. Sabia que Valerian a esperava no outro extremo.

Valerian. Seu amor, sua vida.

Repentinamente seus pés bateram no chão sólido, sacudindo-a até os



ossos. Cambaleou, endireitando-se. Abriu ligeiramente os olhos. Nunca tinha visto um panorama mais bem-vindo. As paredes sombrias da caverna foram se aproximando dela, tingidas de carmim e decoradas com aqueles belos murais. O ar fresco serpenteava de cada esquina.

Casa. Ela estava em casa.

Ouviu uma mulher gemer e moveu os olhos para baixo. Brenna estava deitada desengonçada no chão e mal abrindo os olhos.

—Conseguimos — disse Shaye. Não podia deixar de sorrir. — Conseguimos.

Com os olhos iluminando-se, Brenna ficou em pé.

O som de vozes furiosas, familiares e masculinas bombardeou seus ouvidos, e ela olhou ao redor. Os Nymphs deviam estar presos nas celas. Fez sinais para Brenna ficar em silêncio e sua amiga assentiu com a cabeça.

No caso dos dragões estarem protegendo a área, moveram-se cautelosamente ao longo das paredes. Brenna andou nas pontas dos pés atrás dela. Ficaram nas sombras. Inclinando-se para frente, entreviu a cela. Estava superlotada, transbordante de Nymphs. Procurou por Valerian, mas não o viu. Mesmo assim, não se permitiu alterar-se. Ele estava ali e estava vivo. Sabia.

Havia só um dragão guardião, provavelmente porque quantos menos homens estivessem fora da cela, menos teriam quem a pudesse abrir. Recolheu a maior rocha que pôde encontrar e gesticulou para Brenna que corresse para a cela e libertasse os homens. A ansiedade dançou através dela enquanto, silenciosamente, ia levantando seus dedos. Um. Dois. Três. Irromperam dentro. Shaye surpreendeu o guarda e bateu a rocha contra a tábua dele.

Ele rugiu, mas não caiu. Ao mesmo tempo, Brenna tocou as barras. Desvaneceram-se e os Nymphs se dispersaram saindo, derrubando o guarda.

—Brenna! — gritou uma voz masculina.

Brenna uivou feliz e se lançou para frente. Joachim envolveu seus grandes braços ao redor dela. Shaye foi em busca de Valerian. *Ele está aqui, ele está aqui, ele está aqui.* A aglomeração de Nymphs se separou, mas não o viu.

—Valerian? Valerian!

Onde ele estava?



CAPÍTULO 29

—Valerian!

Ele a escutou gritar seu nome e seu estômago se contraiu. A voz de Shaye. Levantou rapidamente a cabeça, com a boca aberta.

—Shaye? Onde está? —antes que a última palavra o deixasse, avistou-a em frente à cela. Ele se deteve e seus olhos se encontraram.

Um sorriso dividia seu rosto todo, jubilosa. Radiante.

—Retornou.

Ele empurrou para frente, passando por seus homens. Sentiu que as lágrimas ardiam em seus olhos (coisa que não admitiria nunca em voz alta). Pensou que possivelmente Broderick tivesse ido libertar os nymphs da outra cela, mas não tinha certeza. Só se preocupava em alcançar Shaye.

Encontraram-se na metade do caminho.

Agarrou-a, beijando-a e mordiscando seu rosto.

—Pensei que tinha perdido você — disse, e sua voz tremeu.

Seus braços se fecharam ao redor dela, levantando-a do chão. Ela envolveu suas pernas ao redor da cintura dele, beijando-o com a mesma intensidade que ele revelava em seu reencontro.

—Prometi ficar, não? —disse ela.

Valerian aspirou profundamente sua essência, deixando que o enchesse, o fortalecesse.

—Planejei ir atrás de você. Ia ajudar meus homens a recuperar o palácio e depois ia procurar você. Viver com você lá encima. Um dia com você é melhor que uma vida sem você.

—Eu o amo tanto.

—Graças aos deuses — Seus braços se retesaram ao redor dela. — Amo tanto você, meu doce Raio de Lua. Não posso acreditar que voltou para mim.

—Sempre.

—E as outras? —perguntou Broderick.

Valerian se afastou para um lado.

—Elas também voltaram?

—Não. Só Brenna e eu — disse Shaye, parecendo pesarosa. — Sinto muito.

Broderick deu de ombros.

—OH, bem. Sua presença seria agradável já que estamos a ponto de ir lutar.



Valerian se virou para seus homens, mas não soltou Shaye. Não estava preparado para deixá-la ir, não podia evitar tocá-la.

— É hora de reclamamos o palácio — disse Shaye antes que ele pudesse falar. Vários guerreiros sorriram para ela.

Valerian dirigiu a ela um sorriso de sua parte.

— Assim é. Os dragões têm às mulheres nymphs, assim não ficará sem uma mulher por muito tempo, Broderick — Posou um beijo nos suaves lábios de Shaye, detendo-se muito mais do que deveria, saboreando seu sabor, depois suspirou.

— Vai chutar traseiros de dragão, não é verdade? — perguntou ela.

— Definitivamente — sorriu. Apesar de seu humor, uma implacável determinação se agitava dentro dele.

— Onde estão os vampiros? Eles poderiam nos ajudar.

— Enviei-os à cidade. Mas quando retornaram, os dragões já tinham recuperado o controle e proibiram a entrada deles. — Seu olhar se tornou duro, penetrante. — Quero deixar você aqui embaixo.

— Não — disse ela.

— Shaye.

— Valerian.

— É a rainha — disse Broderick, claramente divertido. — Não será capaz de governá-la.

Valerian suspirou.

— Prometa-me que se agachará e esconderá quando a briga começar.

— Prometo — disse ela.

Sua mão se fechou na dela. Deuses, amava senti-la.

— Homens, vamos com força e rapidez.

— Como Broderick faz com suas mulheres — brincou alguém.

Abundaram risadas masculinas.

— Onde está Shivawn? — perguntou Brenna.

— Ninguém o viu — replicou Joachim, abraçando Brenna. — Provavelmente deixou o palácio antes que os dragões chegassem e está dormindo pelos excessos da noite.

— Bastardo sortudo — murmurou Broderick, mas estava sorrindo. Todos estavam felizes por estarem fora das celas.

— Tentem não matar os dragões — disse Shaye. — Poderiam ter nos matado — e a vocês — mas nos deixaram na superfície sem nos fazer mal e apenas os prenderam. Devem a eles a mesma consideração.

— Minha companheira é muito inteligente — disse Valerian. — Escutem



Depois de confiná-los nas celas, Darius o tinha olhado nos olhos e havia dito:

—Os deuses me ordenaram executar a todo nymph já criado. Talvez atraia a ira dos deuses sobre minha própria cabeça, mas não acredito que sua raça mereça a aniquilação. Você permanecerá aqui até que decida o que fazer com você.

Um homem honorável como aquele não merecia morrer.

Tão rápido quanto foi possível, subiu as escadas, Shaye detrás dele, o exército detrás dela. Estavam desarmados, mas eram decididos. Este era seu lar, e não iriam renunciar a ele.

—Separem-se — sussurrou Valerian quando alcançaram o topo.

Os homens se dispersaram em todas as direções. Joachim também tinha mantido Brenna com ele, notou Valerian. A surpresa era sua maior vantagem agora. Seus passos soavam levemente, mal ecoando pelas paredes. As tochas se acenderam, esquentando o ar, iluminando o caminho.

—Por aqui — Valerian dirigiu seu contingente para dentro do refeitório. Um grupo de dragões ficou à vista. Estavam à mesa, discutindo o melhor curso de ação.

—Vamos matá-los e teremos terminado com isso — grunhiu um deles. — Não desejo a ira de Posêidon sobre minha família.

—Se deixarmos que as ameaças de Posêidon nos afetem, daremos a ele completo controle de nossas vidas — disse Darius. —O que faremos se amanhã desejar que matemos nossas próprias mulheres?

—Se o desobedecermos, poderemos não viver o suficiente para saber.

—Há uma razão pela qual os deuses nunca nos mataram, uma razão pela qual nos enviaram de volta ao palácio em lugar de destruir os nymphs eles mesmos — falou Darius de novo.

—Que razão?

—Não sei, entretanto sei que a razão nos dá um pouco de poder. Tudo o que estou dizendo é que se o fizermos, nos converteremos em serventes e colocaremos nossa própria raça em perigo. Se os deuses destruírem uma, o que os impedirá de destruir as outras?

—Nada — respondeu Valerian. Seu sinal.

Desarmados, os nymphs avançaram. Valerian teria desejado aos deuses ter A Caveira, mas não podia pospor esta briga. Ondas de fogo saíram dos dragões no momento em que perceberam que estavam sendo atacados. Valerian empurrou Shaye para trás do lado de uma pequena mesa e saltou para frente. Ele e Darius se encontraram no meio do ar. Que o rei dragão



mantivesse sua forma humana queria dizer que não estava enfurecido. Ainda.

Lutaram corpo a corpo até o chão. Valerian deu um duro murro no rosto de seu oponente. O sangue gotejava da boca de Darius, embora o corte sarasse rapidamente. Os dragões possuíam uma cura acelerada, o que os dificultava a ir mais devagar. Deu-lhe outro murro e girou, logo lhe dirigiu um pontapé, golpeando o estômago de Darius.

Darius foi lançado para trás, mas imediatamente se endireitou. Girou. Sua cauda brotou e essa mesma cauda cortou o rosto de Valerian, cortando profundamente. Ele sentiu a dor disso, mas não deixou que o afetasse.

Ao redor deles, nymphs e dragões guerreavam. Seus grunhidos penetravam o ar.

—Estou de acordo com o que disse a respeito dos deuses — Valerian arremeteu e golpeou. Fazendo contato.

—Então não é tão idiota como acreditei — Darius chutou de novo, e seu pé golpeou o flanco de Valerian.

Girando continuamente, ele arremeteu contra Darius. Dirigiu-lhe quatro golpes sucessivos.

—Não renunciarei a este palácio. Pertence-nos. Você já tem um lar.

—Pela segurança de Atlantis, o portal deve ser custodiado. Como posso confiar em que o faça? Que não o usará para seu próprio benefício?

Valerian se deteve.

Darius fez o mesmo.

Olharam um ao outro, ambos ofegando.

—Quando recuperarmos as mulheres nymphs que você têm, não teremos mais necessidade do mundo da superfície.

Darius respondeu:

—Posêidon disse que de acordo com as leis, só os Guardiões podem usar os portais para viajar a superfície, qualquer outro merece ser castigado. Se você fosse um Guardião...

—Cumpriria meu dever — Valerian estudou o rosto de Darius. Aquela cicatriz desenhada de sua sobrancelha até seu queixo. Seus olhos, de um confuso azul, determinados a matar se devesse, mas esperando encontrar outro modo.

—O portal que custódio dirige-se à selva na superfície. O portal daqui dirige-se a um oceano na superfície, como estou seguro de que já sabe. Se ficar aqui — continuou Darius—, os viajantes humanos o atravessarão. Na maioria das vezes, simplesmente nadam muito profundo e são inocentes, mas deverá destruí-los. A Cidade Exterior será sua para ser custodiada. Estou preparado



para renunciar a este dever já que nunca ia ser meu. Tenho bastante dirigindo a Cidade Interior.

— Eu a protegerei com minha vida — jurou Valerian. - Este é o único lar que alguma vez conhecemos.

— Então se ajoelhe.

Valerian se ajoelhou sem vacilar. Olhou para cima ao Darius, que produziu um fino corte para baixo no centro de seu peito, e ofereceu um juramento de sangue de sempre custodiar o portal, de manter a cidade a salvo.

Ao redor deles, os homens finalmente detiveram a briga para escutar e observar. Shaye se aproximou do lado de Valerian, e ele se levantou. Deveria ter reclamado com ela por abandonar a segurança da mesa, mas gostava muito dela da maneira que era.

Os olhos de Darius posaram nela, e ele os arregalou surpreso.

— Disse a você que não o deixaria — disse ela com uma orgulhosa inclinação de seu queixo.

Os lábios do Darius se curvaram.

— Minha Grace faria o mesmo.

— Podemos confiar um no outro, dragão? — Valerian aguardou impaciente a resposta. Tudo o que alguma vez quis estava a seu alcance.

O olhar de Darius se tornou penetrante.

— Sim — disse finalmente. — Podemos confiar um no outro. E lutaremos contra os deuses juntos, se tivermos que fazê-lo.

Valerian estendeu a mão. Darius a olhou por vários segundos antes de apertá-la com a sua. A trégua estava selada, e Valerian não sabia como a explicaria a Layel.

— Permita-nos esperar viver o suficiente para nos arrepender disto. — virou-se para Shaye e a agarrou em seus braços, onde pertencia. Onde planejava mantê-la por toda a eternidade.

— Isto é o mais infeliz que alguma vez estive — disse ela, sorrindo. — Simplesmente o odeio muito.

Suavemente, ele beijou seus lábios.

— Nem perto do tanto que eu a odeio.

OH, mas iam ter uma feliz e longa vida juntos.



EPÍLOGO

—Quanto custa este?

—Esse custará a você um beijo. Um grande e úmido. Provavelmente um beijo francês de dez segundos.

Valerian afastou a cesta de laranjas que sempre mantinha em seu quarto e estudou o cartão que Shaye fazia. “Sem você, sou nada” lia-se. A cada dia que passava, seus cartões se tornavam mais poéticos. O que era uma coisa boa, uma vez que seus homens necessitavam dos cartões dela para afastar as mulheres nymphs de sua vaidade ferida. Parecia que elas não estavam muito felizes por terem sido deixadas com os dragões por tanto tempo.

Mas os cartões doces também significavam que Shaye estava deixando para trás suas feridas do passado. Estava se adaptando a vida dali admiravelmente, ela se divertia criando e vendendo os cartões a ele, a seus homens e aos residentes da Cidade Exterior, onde tinha montado um negócio. Sempre protegida dos demônios e outras forças, é óbvio. Inclusive os dragões os compravam quando vinham visitá-los. Darius tinha necessitado de um para sua esposa grávida. Os vampiros, também os compravam, embora não os visitassem freqüentemente. Layel estava zangado pela aliança entre os nymphs e os dragões. Valerian estava determinado a unir as duas raças.

Até agora Posêidon e os outros deuses não tinham retornado. Ou melhor, não tinham se deixado ver. Talvez o fizessem logo, talvez não. Valerian tinha Shaye e isso era tudo o que importava. Ele poderia dirigir todo o resto que ocorresse. Inclusive prometeu a Shaye que encontraria uma maneira de levá-la para ver sua mãe. E o faria. O que Shaye quisesse, Shaye obteria.

A vida, no momento, era tudo o que alguma vez tinha sonhado. Joachim estava emparelhado com Brenna e a pequena mulher se transformou na melhor curadora do exército. Ela enfaixava os homens depois de cada sessão de treinamento e batalha, e o fazia com um sorriso, seguido de um sermão a respeito de “agir como um bebê” quando os audazes guerreiros choramingavam ante a visão de uma agulha.

Shivawn era sua única razão de preocupação. O humor do homem se tornou mais e mais negro, e estava passando mais tempo no campo vampiro, muito provavelmente dormindo com Alyssa (apesar de ter tantas mulheres nymphs entre as quais escolher) e se não o estava fazendo, para lá se dirigia. OH, bem. O guerreiro encontraria seu caminho. Disso Valerian tinha certeza.

—Bem, você gostou? —perguntou Shaye, apontando para o cartão na mão de Valerian.



— Eu adorei. Mas um beijo é um preço muito baixo, Lua — Ela estava sentada detrás de uma mesa e ele se inclinou sobre esta, posando nariz com nariz. — Deveria exigir sexo e nada menos.

Ela riu.

— Seus homens comprariam mais se o fizesse, estou disposta a apostar.

— Eu pagarei as dívidas de meus homens — grunhiu ele simulando ferocidade. — De fato, devo isso a você pelos vários que Joachim comprou e é tempo de pagar.

Seus braços se envolveram ao redor do pescoço dele.

— Leve-me para cama, Valerian.

— Esse será meu prazer.

— E o meu, amor. E o meu.

Fim

